UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

LIGA DE FUTEBOL MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA: TERRITÓRIO, MOBILIDADE E CULTURA - *YVY RUPA, DJAGUATÁ HA'E NHANDEREKO*

Dissertação de Mestrado



GABRIEL PEREIRA

Presidente Prudente–SP
2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LIGA DE FUTEBOL MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA: TERRITÓRIO, MOBILIDADE E CULTURA - *YVY RUPA, DJAGUATÁ HA'E NHANDEREKO*

Dissertação de Mestrado apresentada à mesa avaliadora selecionada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente–SP, como parte das exigências à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Mestrando: Gabriel Pereira
Orientadora: Neide Barrocá Faccio

Presidente Prudente–SP
2024

P436l

Pereira, Gabriel

Liga de futebol Mbya Guarani de Santa Catarina : território, mobilidade e cultura - yvy rupa, djaguatá ha'e nhandereko / Gabriel Pereira. -- Presidente Prudente, 2024

190 p. : fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientadora: Neide Barrocá Faccio

1. Futebol Guarani. 2. Futebol Indígena. 3. Geografia do Futebol. 4. Território Guarani. 5. Redes Guarani. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: "Liga de Futebol Mbya Guarani de Santa Catarina: Território, Mobilidade e Cultura – *Yvy Rupá, Djaguatá há'e Nhandereko*"

AUTOR: GABRIEL PEREIRA
ORIENTADORA: NEIDE BARROCÁ FACCIO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Geografia, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. NEIDE BARROCÁ FACCIO (Participaçao Virtual)
Departamento de Planejamento Urbanismo e Ambiente / Faculdade de Ciencias e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/Unesp

Prof. Dr. FRANCISCO ANTUNES CAMINATI (Participaçao Virtual)
Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente / Faculdade de Ciencias e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/Unesp

Prof. Dr. ORIVALDO NUNO JUNIOR (Participaçao Virtual)
Departamento de Planejamento Territorial / Universidade Estadual de Santa Catarina

Presidente Prudente, 02 de fevereiro de 2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, nosso pai (*Nhanderu*), pela saúde física e mental que permitiram a realização deste trabalho, além de permitir cruzar pessoas incríveis por esse caminho.

Gostaria de agradecer a toda a comunidade Guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos, por aceitarem participar deste projeto e por sempre me receberem tão bem em suas casas e *tekoa kuery* (aldeias). Um agradecimento especial a Kerexu Yxapyry, Jekupé Mawe, Elizandro, Eliziane, Ara Mirim, Rayanna, Natan (meu professor de língua guarani e tradutor do resumo), Kennedy Karai, Ita Mirim, Wera, Alex, Karai, Yva, Raissa, Kuaray, Nico, Cariapé, Everton, Juninho, Marlinho, Kyu e tantos outros.

Um agradecimento especial também a todos do meio acadêmico que me ajudaram nessa caminhada, a destacar a Professora Livre Docente Neide Barrocá Faccio, por aceitar orientar um tema tão desafiador; aos Doutores Francisco Caminatti e Orivaldo Nunes Junior (Nuno Nunes), que aceitaram participar das bancas de qualificação e defesa com boas orientações e direcionamentos; aos amigos que me ajudaram a ingressar no programa de pós-graduação, como Julia Araujo Carvalho, Diana Mirela da Silva Toso, Thiago Moraes dos Passos, Eduardo Pereira Matheus e Lucas Souza Silva; e também ao professor Titular Raul Borges Guimarães, pela confiança no projeto de pesquisa *Nheamboaty Mirim*, que deu origem a esse trabalho (ver na introdução).

Agradeço também ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, que em alguns momentos foi um suporte na realização da pesquisa. Em especial, um agradecimento ao Pimenta, a Mariana, a Morgana, ao Lucas, ao Matheus, e ao Pena.

Agradeço a toda minha família pelo apoio e suporte emocional, em especial meus pais, Miguel Pereira Filho e Rosimeire Silva Pereira, mas também as minhas irmãs e sobrinhos, Shirley, Juliana, Rafael, Isabella e Alice.

Por fim, agradeço às agências de fomento que financiam e permitiram a realização deste trabalho: o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 (Número do processo: 88887.675670/2022-00); pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG), através do edital 20/2021; e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (número do processo: 2022/08108-4).

RESUMO

A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina é um campeonato de futebol de sete jogadores, pensado e organizado por e para a comunidade Mbya Guarani do litoral de Santa Catarina, que circulam entre aldeias a cada rodada do campeonato, promovendo integração, conexão, lazer, saúde e alegria. O objetivo central deste trabalho foi mapear tal campeonato e compreender seu papel na mobilidade (*guatá*) e nos encontros (*nheamboaty*) que conectam pessoas e seus modos de vida (*nhandereko*) no extenso, e atualmente fragmentado, território Guarani (*Yvy Rupa*). Além disso, outros objetivos foram: compreender o "futebol" pré-colonial Guarani (conhecido na literatura como *Manga Ñembosarái*) relatado por missionários jesuítas antes mesmo da criação do futebol moderno inglês; e, identificar meios de, através do futebol, trazer visibilidade a existência, a resistência e a cultura Guarani. Para isso, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico, levantamento documental em documentos jesuítas, matérias de jornais e vídeo-documentários, observação participante, entrevistas livres e semiestruturadas, transcrição de entrevistas, além de buscar criar um trabalho participativo e anticolonial. Os principais resultados apontaram que a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina tece uma rede de relações entre as aldeias, conectando-as e construindo a própria concepção de território Guarani. Além disso, os resultados apontam que o "futebol" pré-colonial Guarani, trata-se de um modelo singularmente similar ao futebol moderno "inglês", provavelmente tendo-o influenciado.

Palavras-chave: Futebol Guarani; Futebol Indígena; Geografia do Futebol; Território Guarani; Redes Guarani.

AYU MBOAPY[1]

Ko Liga Mbya Guarani SC má oin peixa oxaúka vã jaoga vaé kuery pé, mbaé xapa jaraá nhande rekoá rupi javyá porã vã. Peixa vy haema joapy mémé jaraá ko javyaá pavê revé. Kovaé mbíapó regua má oin ojexaúka vã ko yvy mbya rekoá regua guí (aguatá) jaexá porã vã mbaeixa pá (Nhanhemboaty) ha'e vy py oin haé kuery ikuaía, ha'e kuery rekoá py (nhandereko). Haé guí má oin havi jaexavã: mbaexatu rakaé kuêve oin jaoga reguá, oin haé py kuri *mangá nhembosarai,* Ha'e py jurua mboaé kuery omõmbeú kuri. Haé pyaé manjê oin rakaé jaoga regua, oxauka vã nhande mbaraeté rêgua mbya kuery mbaé. Haé py má ojejapó kuri: O mpambaé ojejapó ko kuatiá para py oin havã, haé guí ko oxauka eté avã. Oin havi rakaé jurua kuery oikuaá pota vã nhande reko regua guí, haé vy py nhande rentarâ kuery omombeú porã mbaéxatu rakaé. Haé vy má oin porã kuri mbaeixa heteí pá Liga mbya guarani SC oxaúka nhande rekó, mbaexá pá jaraá ko nhevangáa tekoá rupi. Haé vy py oxauka porã havi mbaé heteí pá jaraá ko jaoga reguá jurua kuery pé.

Ayvu nhemoexakã: Nhevangá jaogaá rupi Guarani mbya; Jaogá regua; Manga Ñembosarái; Yvyrupa; Kya Guarani.

[1] Resumo traduzido pelo professor Natan Almeida Evaristo (Karai Popygua), do *tekoa* Tataendy Rupa, Terra Indígena Morro dos Cavalos.

RESUMEN

La Liga Mbya Guaraní de Santa Catarina es un campeonato de fútbol de siete jugadores, diseñado y organizado por y para la comunidad Mbya Guaraní de la costa de Santa Catarina, quienes viajan entre pueblos en cada ronda del campeonato, promoviendo la integración, la conexión, el ocio, salud y alegría. El objetivo central de este trabajo fue mapear este campeonato y comprender su papel en la movilidad (guatá) y los encuentros (*nheamboaty*) que conectan a las personas y sus formas de vida (*nhandereko*) en el extenso y actualmente fragmentado territorio guaraní (*Yvy Rupa*). Además, otros objetivos eran: comprender el "fútbol" guaraní precolonial (conocido en la literatura como *Manga Ñembosarái*) relatado por los misioneros jesuitas incluso antes de la creación del fútbol inglés moderno; e identificar formas para, a través del fútbol, visibilizar la existencia, la resistencia y la cultura guaraní. Para ello se utilizaron los siguientes procedimientos metodológicos: levantamiento bibliográfico, levantamiento documental de documentos jesuitas, artículos periodísticos y video documentales, observación participante, entrevistas libres y semiestructuradas, transcripción de entrevistas, además de buscar crear espacios participativos y anticoloniales. trabajar. Los principales resultados mostraron que la Liga Mbya Guaraní de Santa Catarina ha tejido una red de relaciones entre los pueblos, conectándolos y construyendo su propia concepción del territorio guaraní. Además, los resultados indican que el "fútbol" guaraní precolonial es un modelo singularmente similar al fútbol "inglés" moderno, y probablemente haya influido en él.

Palabras-clave: Fútbol Guaraní; Fútbol Indígena; Geografía del Fútbol; Territorio Guaraní; Red Guaraníes.

ABSTRACT

The Mbya Guarani League of Santa Catarina is a seven-player football championship, designed and organized by and for the Mbya Guarani community on the coast of Santa Catarina, who travel between villages in each round of the championship, promoting integration, connection, leisure, health and joy. The central objective of this work was to map this championship and understand its role in mobility (*guatá*) and encounters (*nheamboaty*) that connect people and their ways of life (*nhandereko*) in the extensive, and currently fragmented, Guarani territory (*Yvy Rupa*). Furthermore, other objectives were: to understand pre-colonial Guarani "football" (known in literature as *Manga Ñembosarái*) reported by Jesuit missionaries even before the creation of modern English football; and identify ways to, through football, bring visibility to the existence, resistance and Guarani culture. For this, the following methodological procedures were used: bibliographical survey, documentary survey of Jesuit documents, newspaper articles and video documentaries, participant observation, free and semi-structured interviews, transcription of interviews, in addition to seeking to create participatory and anti-colonial work. The main results showed that the Mbya Guarani League of Santa Catarina has woven a network of relationships between the villages, connecting them and building their own conception of Guarani territory. Furthermore, the results indicate that pre-colonial Guarani "football" is a model singularly similar to modern "English" football, probably having influenced it.

Keywords: Guarani Football; Indigenous Football; Football Geography; Guarani Territory; Guarani Networks.

SUMÁRIO

RESUMO **6**
1 INTRODUÇÃO **8**
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA **15**
2.1 Apresentação e problematização do método 16
2.2 Levantamento e análise bibliográfica 18
2.3 Levantamento e análise documental 20
2.4 O campo: observações e conversas 21
2.5 Transcrição e escrita 25
2.6 Mapeamento da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina 28
2.7 Análise dos resultados 30
2.8 Divulgação/socialização dos resultados 31
3 TERRITÓRIO E MOBILIDADE: *YVY RUPA ha'e DJAGUATÁ* **34**
3.1 Os Guarani 35
3.2 *Guatá Porã*: Belo Caminhar 41
3.3 *Yvy Rupa*: Território e Territorialidade Guarani 49
3.4 *Ka'aguy Porã*: Mata atlântica, a agrofloresta Guarani 52
3.5 *Mongu'e Mbarete*: Movimentos de resistência 57
4 OS GUARANI INVENTARAM O FUTEBOL? **66**
4.1 Jogos, esportes e seus significados nas ciências humanas 67
4.2 Futebol, uma história multicultural? 70
4.3 *Manga Ñembosarái*: o futebol pré-colonial Guarani 75
4.3.1 Produções sobre o futebol pré-colonial Guarani 75
4.3.2 Quem são e o que relataram os jesuítas dos séculos XVII e XVIII 88
4.3.3 Terminologia do jogo 95
4.3.4 O que dizem os Guarani na atualidade? 97
4.3.5 Dança do *Xondaro* e *Manga Ñembosarái*, aproximações 103
5 LIGA MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA **107**
5.1 Mapeamento e histórico da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina 109
5.1.1 Primeira edição (2018–2019), a origem e a construção da Liga 109
5.1.2 Segunda edição (2019–2021) e os impactos da pandemia 116
5.1.3 Terceira edição (2021–2022), renascimento pós-pandemia 123
5.1.4 Quarta edição (2022–2023): a ascensão 129
5.1.5 Quinta edição (2024) e o futuro 138
5.2 *Mbarete kunhangue*: a força das mulheres na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina 140
5.3 *Tekó*: Cultura e cosmovisão na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina 150
5.4 *Djaguatá, nhemboaty ha'e vy'a*: mobilidade, encontros e alegria 162
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS **175**
7 REFERÊNCIAS **180**

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 - Campo de futebol próximo ao mar, *tekoa* Yynn Moroti Whera, Biguaçu.



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023) - adaptada.

"É bastante compreensível a reação de estranhamento provocada em quem se depara pela primeira vez com o 'inusitado' casamento entre os esportes e a geografia", como já apontava Gilmar Mascarenhas de Jesus (1999, p. 4), considerado o pai da chamada Geografia dos Esportes no Brasil. Creio ser ainda mais compreensível o estranhamento do casamento entre futebol, geografia e território/territorialidade indígena - como várias vezes presenciei ao longo destes dois anos de pesquisa. No entanto, como o próprio Mascarenhas (1999) aponta, há diversas potencialidades ainda não exploradas sobre tais temáticas.

É bem verdade que já existem outros trabalhos sobre o futebol indígena, sobretudo do campo da Educação Física, Antropologia e História, a destacar Fassheber (2006) com o trabalho "Etno-desporto indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang", Vianna (2008) com o trabalho "Boleiros do cerrado: índios[1] xavantes e o futebol", Rodrigues (2014) com "A prática do futebol entre indígenas de Dourados–MS" e Nascimento (2015), com o trabalho "Futebol Munduruku: um jogo estratégico nas relações interétnicas e interculturais em Juara–MT" entre outros.

Outros pesquisadores e pesquisadoras também já relataram relações entre o cotidiano Guarani e o futebol, mesmo em trabalhos cujo objetivo central de pesquisa era outro. No entanto, este parece ser o primeiro trabalho do Brasil cujo foco da pesquisa é justamente o futebol Guarani em intensa conexão com práticas culturais e espaço-territoriais destes sujeitos - portanto de caráter geográfico. Além disso, diferente deste trabalho, todos os trabalhos brasileiros anteriores parecem classificar o futebol como um elemento não tradicional na cultura indígena, inclusive Guarani. Este trabalho aponta para outro rumo, afirmando que o futebol - ou ao menos um jogo de bola com os pés muito similar - já era praticado entre os Guarani antes da invasão europeia.

O leitor, no entanto, pode se perguntar: "mas, qual a importância de estudar futebol nas Ciências Humanas?". A resposta é simples, afinal, nenhum outro esporte ou manifestação cultural de qualquer natureza tem o poder de reunir a atenção e o interesse de um número tão grande de pessoas em um tão curto intervalo de tempo. O futebol, portanto, é um gatilho de interesse público mundial, e como gatilho de atenção, tornou-se um espaço comercial - dentro da lógica capitalista - e, ao mesmo tempo, um espaço de disputas

[1] Índio é um termo genérico e depreciativo oriundo de um erro histórico no processo de colonização. Neste trabalho, exceto em citações diretas, utilizarei o termo "Indígenas", cuja etimologia, do latim, refere-se a originários do lugar onde habitam.

econômicas, sociais e políticas de todos os âmbitos, espectros e naturezas, como muito bem já apontam Eduardo Galeano (1995), Franklin Foer (2005) e Aldo Rebelo (2010), por exemplo. Gilmar Mascarenhas (1999) ainda aponta o potencial de gerar fluxos e identidades territoriais. Ocupar esse espaço é importante e necessário, buscando, através do futebol, despertar a atenção para assuntos pertinentes e necessários, neste caso, a valorização da cultura e das práticas espaciais e territoriais Guarani. Com isso em mente, podemos prosseguir.

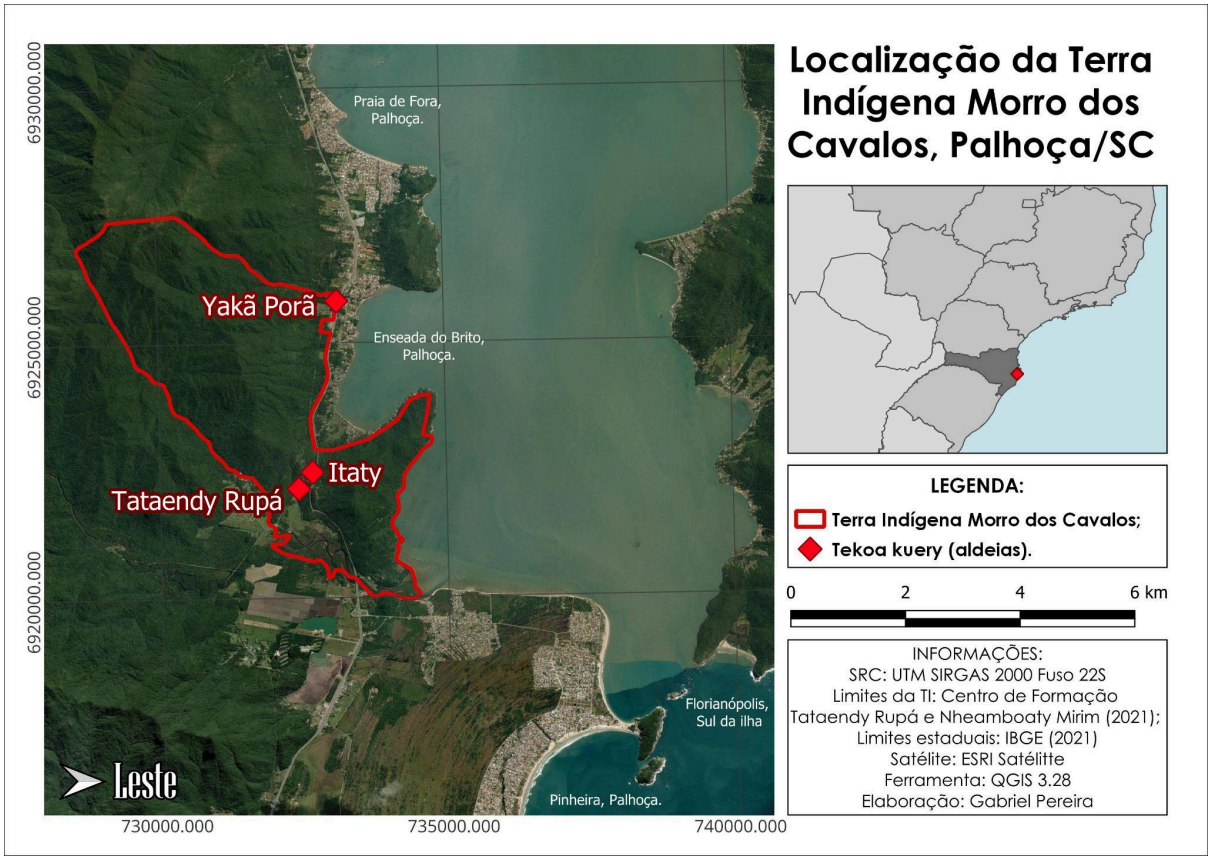
Tudo começou quando conheci a Terra Indígena (TI) Morro dos Cavalos, em Palhoça, Santa Catarina (**Figura 2**), em agosto de 2021, durante a realização de um trabalho de campo do projeto de pesquisa '*Nhemboaty Mirim*: um sistema de vigilância e monitoramento saudável e sustentável do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e da TI Morro dos Cavalos (SC), com base em geotecnologias e mapeamento participativo'. Durante os trabalhos de campo e reuniões na qual buscávamos coletivamente identificar e mapear as áreas de invasões de conflitos da TI, comecei a observar como o futebol está presente na *tekó* (cultura) e *nhandereko* (modo de vida) de crianças e adultos, incluindo homens e mulheres da comunidade, que além de frequentemente falarem sobre o esporte, vestem-se cotidianamente com os uniformes dos times locais guarani, muitos deles repletos de nomes, grafismos, simbologias e significados que remetem a cultura Guarani.

Durante uma das reuniões do projeto supracitado, no Centro de Formação Tataendy Rupa, *tekoa* (aldeia) Tataendy Rupa, TI Morro dos Cavalos, a conversa foi interrompida por um jovem que entrou no salão utilizando um destes uniformes. Após o fim da reunião, conversei com Jekupé Mawe, uma das lideranças da TI, também praticante do esporte. Jekupé, com bastante entusiasmo, me relatou que naquele momento, na Terra Indígena Morro dos Cavalos, havia três equipes masculinas e duas equipes femininas. Surpreso, perguntei se essas equipes disputavam o campeonato amador de Palhoça; mas para uma surpresa ainda maior, Jekupé me contou sobre a existência da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, formada por e para os Mbya Guarani de várias aldeias do estado de Santa Catarina, com jogos rotativos em várias aldeias.

Já muito interessado em aprender/descobrir as relações e as geograficidades envolvidas neste campeonato, perguntei se já havia algo escrito ou produzido sobre o campeonato. Ele respondeu que ainda não, afinal, ainda era um campeonato novo, com sua segunda edição recém-encerrada. Perguntei então se haveria o interesse em escrevermos e publicarmos sobre a Liga e Jekupé respondeu que seria legal divulgar a Liga. O pontapé

inicial havia sido dado.

Figura 2 – Mapa de Localização da Terra Indígena Morro dos Cavalos



Organização: Autor, 2024.

Minha primeira curiosidade foi se seria possível relacionar a Liga de futebol Mbya Guarani de Santa Catarina e os deslocamentos proporcionados por ela, com a territorialidade e a chamada *guatá* (caminhar) Guarani. Diversos autores clássicos e contemporâneos, *juruá* (não-indígenas) e Guarani, apontam que o território Guarani, chamado de *Yvy Rupa* (berço da terra ou leito terrestre), é um território não estático e sem fronteira, aparentemente fragmentado na visão ocidental, mas fortemente conectado devido à conexão das pessoas e seu intercâmbios culturais e com o território, a partir da *guatá* (caminhar). A *guatá* não se restringe ao caminhar com os pés no chão, mas é a plasticidade, a fluidez pelo território que conecta pessoas e *tekoa kuery* (aldeias) (IVARRA ORTIZ E MACHADO, 2018).

Motivado em escrever um projeto de pesquisa sobre o futebol Guarani, passei a pesquisar o "estado da arte" do tema a partir de palavras-chave. Para minha surpresa, um grande amigo pesquisador Thiago de Moraes dos Passos, tão entusiasmado quanto eu com a

possibilidade e temática de pesquisa, me apresentou um vídeo-documentário paraguaio intitulado: *"Los guaraníes inventaron el fútbol"* (YBAÑEZ, 2014). Esse documentário apresentou uma teoria até então não conhecida por mim: a teoria de que os Guarani são os verdadeiros inventores do futebol, como afirma Bartolomeu Meliá, por exemplo, baseado em escritos de missionários de Reduções Jesuítas como Montoya (1639), Cardiel (1771) e Peramás (1793) que nos séculos XVII e XVIII, relataram a confecção de "pelotas" de borracha e a prática de um jogo de bola com os pés, singularmente similar ao futebol atual, entre os Guarani do Paraguai e norte da Argentina. Esse, portanto, foi o segundo grande subtema de interesse que passou a compor os objetivos da pesquisa.

Portanto, esse trabalho foi realizado a partir da seguinte hipótese de pesquisa: teria o futebol – enquanto atividade cultural e possivelmente ancestral na *teko* (cultura) Guarani, desde seu formato pré-colonial conhecido na literatura como "*Manga Ñembosarái"*, até sua organização e prática contemporânea por meio de ligas e campeonatos Guarani, como a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina – contribuído para a manutenção da *guatá* (caminhar Guarani), e da constante construção de uma rede de relações e intercâmbio cultural que a partir da mobilidade e fluidez formam a própria concepção de território Guarani (*Yvy Rupa*)?

O objetivo geral do trabalho, portanto, foi pesquisar, analisar e discutir o futebol Guarani em dois momentos, o *Manga Ñembosarái* (jogo de bola com os pés) pré-colonial Guarani e a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, a partir da relação com a Terra Indígena Morro dos Cavalos, Palhoça–SC, a fim de compreender sua relação com o território (*Yvy Rupa*), deslocamentos/integração cultural (*guatá*) e cultura/modo de vida Guarani (*Nhandereko*).

Mas especificamente, busquei sintetizar informações históricas a respeito do *Manga Ñembosarái* (jogo de bola com os pés) Guarani, para compreender a relação cultural e, possivelmente, ancestral dos Guarani com o futebol;

Busquei ainda analisar a Liga de Futebol Mbya Guarani de Santa Catarina do ponto de vista de sua distribuição espacial e mapeá-la, a fim de compreender seu papel nos caminhamentos e intercâmbios culturais Guarani que formam a própria concepção de *Yvy Rupa*, o território ou berço terrestre Guarani.

Outro objetivo foi identificar elementos culturais do *Nhandereko* (modo de vida guarani) presentes ou que se relacionem com o futebol Guarani e com a Liga Mbya Guarani

de Santa Catarina, a fim de discuti-los no contexto das práticas esportivas, desde os escudos das equipes até mesmo as atividades extra campo que envolvem o campeonato.

E por fim, busquei examinar a Liga de Futebol Mbya Guarani de Santa Catarina e suas potencialidades a fim de identificar meios de promover visibilidade à existência, à resistência e à cultura Guarani através da visibilidade e curiosidade despertada pelo futebol.

Os capítulos foram organizados da seguinte forma: no capítulo 2, será apresentada a fundamentação teórico-metodológica do trabalho. O capítulo 3, abordará a concepção de Território e Mobilidade, que inclui o caminhar (*guatá*) e os seus possíveis motivos que envolvem cosmologia e uma extensa rede de caminhos, além de abordar questões de manejo ambiental e luta territorial. No capítulo 4, abordaremos o chamado "*Manga Ñembosarái"*, o "futebol" pré-colonial Guarani, suas aproximações com a Dança do *Xondaro,* além de apresentar outros esportes com bola pelo mundo, e o significado destes esportes nas ciências sociais e nas relações humanas. No capítulo 5, abordaremos finalmente a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, que inclui seus objetivos, seu histórico, a força feminina presente na Liga, um pouco da cultura e cosmovisão presente na Liga, além dos deslocamentos e encontros proporcionados por ela. Por fim, o capítulo 6, apresentará as considerações finais do trabalho.

"Quando a gente fala caminhando, as palavras se movem"

Kerexu Yxapyry (Eunice Antunes)[2], 2023[3].

[2] Kerexu Yxapyry (Eunice Antunes) será apresentada no capítulo 5.2, denominado *"Mbarete Kunhangue*: força feminina na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.

[3] Frase proferida na abertura da Semana Cultural Indígena da Escola Indígena Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos, em abril de 2023.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Figura 2 - Jovem fumando seu *petyngua* (cachimbo) a beira do campo.



Fonte: o autor (2022).

Neste capítulo serão apresentados e discutidos elementos teóricos e metodológicos que fundamentam a pesquisa e orientam o trabalho do pesquisador. Em um primeiro momento, haverá uma apresentação e problematização do método, e na sequência a descrição de procedimentos metodológicos tais como a análise documental e bibliográfica, os procedimentos metodológicos do trabalho de campo, do processo de escrita e da análise e divulgação dos resultados. Para o pleno cumprimento da pesquisa, que envolve uma multidisciplinaridade, recorremos a bases teórico-metodológicas não só da Geografia, mas também da Antropologia e da História.

2.1 Apresentação e problematização do método

Partiremos de três bases teórico-metodológicas fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho: abordagem fundada na Geografia Cultural, Metodologia Qualitativa e procedimentos participativos pautados nos princípios da Pesquisa-Ação. Além dessas, outras abordagens, cuidados e conceitos metodológicos serão importantes para a realização da pesquisa, como a negação da neutralidade científica, visão e busca de uma abordagem anticolonial e a delimitação de premissas científicas e éticas para a realização da pesquisa.

Segundo Amparo (2007, p. 265), "todo geógrafo que atua junto a comunidades indígenas realiza um trabalho de Geografia Cultural". Isso porque, segundo o autor, para compreender a lógica do espaço estudado, é necessário realizar um mergulho na dimensão territorial da cultura, isto é, adentrar o mundo de representações da comunidade em questão (AMPARO, 2007).

A Geografia Cultural, nada mais é do que o "estudo da cultura e suas manifestações no espaço, com foco no protagonismo dos homens e mulheres como agentes da transformação do espaço, envolvendo, por isso, os fenômenos da identidade e da diferença, suas éticas, estéticas, lugares e territórios" (AMPARO, 2007, p. 255). Seria impossível estudar de modo satisfatório culturas por meios matemáticos ou estatísticos, logo, as metodologias qualitativas foram aplicadas.

Além de adotar a metodologia qualitativa, visei adotar também um método de investigação participativo, no qual a construção do conhecimento se deu, em alguns momentos, de maneira horizontal e coletiva, e havendo constante troca de saberes entre o

pesquisador e os sujeitos de pesquisa. Algo que na literatura pode ser classificado como pesquisa-ação. Segundo Cambria (2011), a pesquisa-ação pressupõe o processo de conhecer e intervir de modo simultâneo na pesquisa, ou seja, os sujeitos envolvidos na pesquisa devem estar envolvidos simultaneamente no estudo e na ação, transformando os participantes em agentes pesquisadores (CAMBRIA, 2011). A Pesquisa-Ação:

> Não é constituída apenas pela ação ou participação. Com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. Parte das informações geradas é divulgada, sob formas e meios apropriados, no seio da população. Outra parte da informação é estruturada em conhecimentos. Estes são divulgados pelos canais próprios as ciências sociais e também por meio dos canais próprios a esta linha de pesquisa. (THIOLLENT, 1947, p.24)

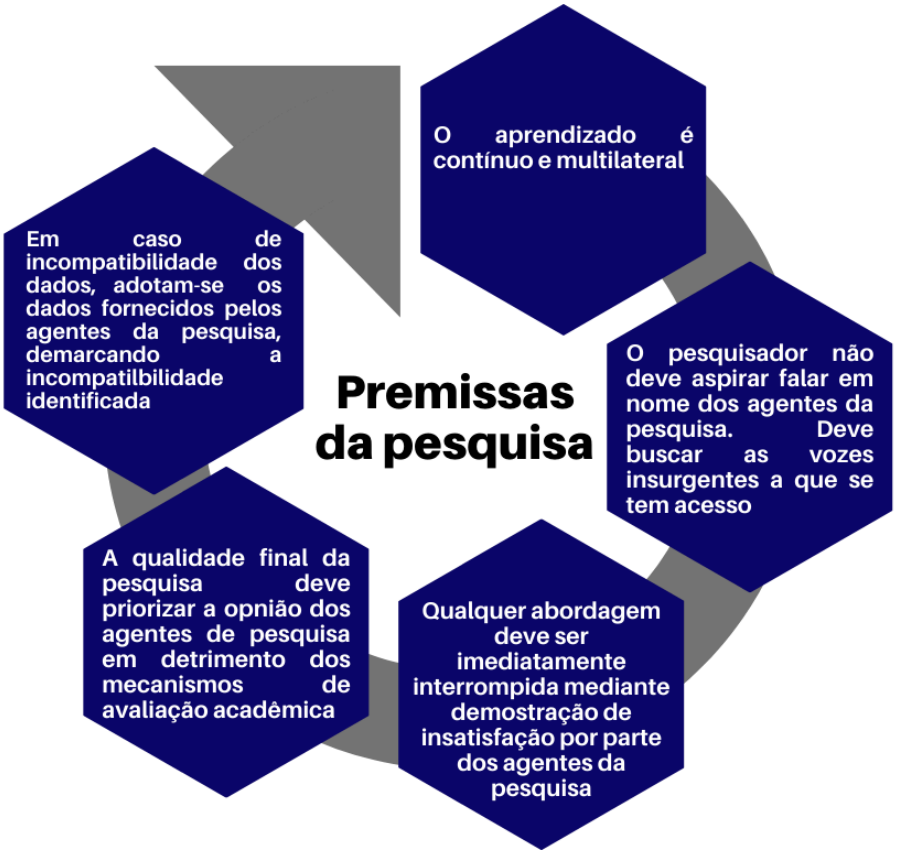
Por fim, é importante pontuar que não acredito na ideia de neutralidade científica. Considero que não se posicionar em situação de injustiça nada mais é do que ser conivente com o lado do opressor. Portanto, visei assumir uma postura política frente às injustiças históricas e, infelizmente, ainda presentes na questão indígena Guarani e de tantos outros povos originários da América Latina.

Com base em Yves Lacoste (1976), afirmamos que a geografia não pode se limitar à simples localização e descrição dos fenômenos e paisagens, mas é necessário incluir seu caráter político. Assumi, portanto, uma postura anticolonial - dentro dos limites possíveis na universidade, a saber, um espaço também colonial - que vai à contramão do discurso histórico hegemônico que oculta as vozes tradicionais. Pelo contrário, busquei dar voz e visibilidade a essas vozes através da construção conjunta de conhecimento. Nesse sentido, Carvalho (2023) foi uma referência importante.

Para evitar que o pesquisador cometa desvios metodológicos, silencie os atores sociais envolvidos ou reproduza a visão colonial e eurocêntrica, um conjunto de premissas foram adotadas, com base em Carvalho (2023). Essas premissas serão apresentadas na **Figura 3.**

Tais premissas poderiam ser sintetizadas em ouvir, respeitar e transmitir a opinião dos agentes sociais envolvidos em todas as fases do desenvolvimento da pesquisa, considerando-os não só como sujeitos passivos, mas como agentes pesquisadores, priorizando a satisfação de tais agentes sociais em detrimento dos mecanismos de avaliação acadêmica, se necessário, garantindo, assim, um verdadeiro trabalho participativo e anticolonial.

Figura 3 - Premissas da pesquisa



Fonte: adaptado de Carvalho (2023).

2.2 Levantamento e análise bibliográfica

O levantamento e análise bibliográfica e documental, apesar de se tratarem de metodologias fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas, nem sempre recebem o devido cuidado metodológico e de sistematização. Isso acontece, dentre outras razões, pelo fato de serem metodologias tão recorrentes e iniciais, que passam a ser entendidas como algo pré-estabelecido, ou até mesmo como uma pré-pesquisa (CARVALHO, 2023).

O levantamento e a revisão bibliográfica, segundo Alvez-Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p. 180), são importantes para a "familiarização com a literatura já produzida, que evita o dissabor de descobrir mais tarde (às vezes, tarde demais) que a roda já tinha sido inventada". Trata-se de um processo quase de "garimpagem" do que já foi produzido no campo acadêmico sobre determinado assunto a fim de estabelecer um ponto de partida, uma complementação ou até mesmo, em alguns casos, uma crítica e uma desconstrução. Não há dúvidas de que se trata de uma etapa fundamental e orientadora da

pesquisa, inclusive orientando os próprios procedimentos metodológicos que serão empregados na pesquisa.

Os levantamentos bibliográficos realizados nesta pesquisa têm priorizado artigos, livros, monografias, dissertações e teses de autores guarani, ou de apoiadores com participações diretas dos mesmos, em detrimento de autores não-indígenas. Trata-se de uma forma não só de minimizar as possibilidades de erros e desvios na pesquisa, mas também de valorizar os saberes dos próprios sujeitos da etnia a qual venho trabalhando. Alguns desses autores, inclusive, tive o prazer de conhecer ao longo da pesquisa.

Para tanto, é necessário um cuidadoso trabalho de levantamento em bibliotecas virtuais e repositórios específicos, como o repositório da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a biblioteca digital do Centro de Trabalhos Indigenista (CTI), ou o acervo digital do Instituto Socioambiental (ISA), por exemplo. Adquirir livros impressos na comunidade também se mostrou um ótimo caminho.

Trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores não-indígenas também são importantes para a constituição da pesquisa. Neste caso, as pesquisas são realizadas em repositórios específicos e gerais, como a Biblioteca Ludopédico e o Google Acadêmico, a partir de palavras-chave em língua portuguesa, espanhola, guarani e até mesmo em italiano e inglês em alguns momentos. Entre as palavras-chave utilizadas estão: futebol guarani, território guarani, territorialidade guarani, cultura guarani e futebol indígena; *fútbol guaraní* e *balompié guaraní; manga ñembosarái, guatá, yvy rupa*, *teko, nhandereko*; *calcio guarani* e *gioco guarani; soccer guarani e football guarani.*

Até o momento que iniciei a pesquisa, já havia encontrado alguns poucos trabalhos com pequenos trechos citando o futebol Guarani em diferentes momentos históricos, mas não havia encontrado nenhum trabalho acadêmico especificamente sobre esse assunto, ainda mais em português e sob um ponto de vista geográfico e com relação à territorialidade Guarani.

Além de auxiliar na elaboração do projeto e seus objetivos, tal procedimento metodológico é fundamental até mesmo para guiar os demais procedimentos metodológicos, como veremos a seguir.

2.3 Levantamento e análise documental

Apesar de a pesquisa bibliográfica e documental possuírem eventualmente o mesmo objetivo, elas não são sinônimos. Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindan (2009), a pesquisa bibliográfica concentra-se no levantamento e análise do material acadêmico já produzido, que inclui livros, artigos, monografias, dissertações e teses, entre outros. A pesquisa documental, por sua vez, levanta e analisa informações a partir de documentos que vão além dos documentos escritos. Documento, é um termo que pode ser entendido como "qualquer suporte que contenha informações registradas formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo, ou prova" (APPOLINÁRIO, 2009, p. 61), ou qualquer informação fixada em um suporte, segundo a Associação de Arquivistas Brasileiros (1990).

A análise documental, portanto, consiste em uma metodologia de pesquisa que se utiliza de fontes primárias de informação como relatórios, tabelas, cartas, legislações, documentos oficiais, fotografias, vídeos, entre outras formas de documentos, bem como suas possíveis traduções, e pode ter entre seus objetivos a identificação de informações factuais, esgotar todas as pistas capazes de informação, analisar documentos que ainda não sofreram nenhum tratamento analítico acadêmico ou consultar as fontes primárias, apesar de já analisadas por outros pesquisadores, a fim de reduzir a possibilidade de influência/intervenção de outros na interpretação da informação e consequentemente na pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 1986, CELLARD, 2008, SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Essa metodologia requer uma análise cuidadosa em duas etapas: a) Pré-análise: essa etapa consiste no levantamento e análise a partir de algumas perguntas como: quem é o autor do documento? Qual o contexto histórico? Qual o universo sócio-político? Estou interpretando o documento sob uma perspectiva moderna/contemporânea? A quem se destina sua produção? O autor fala em nome próprio ou de um grupo/coletivo? O autor é testemunha direta ou indireta das informações? Como e por que esse documento chegou até nós? O documento passou por copistas e/ou tradutores? O autor poderia estar mentindo ou omitindo informações, e por quê? Entre outras. b) Análise: Neste momento, o pesquisador irá de fato analisar o documento conforme seus objetivos, mas atentando-se a revelar sutilezas, interpretar e sistematizar tendências, observar peso relativo atribuído a determinados assuntos

em detrimento de outros, construir tipologias das informações, e se possível realizar inferências. Com esses cuidados, as possibilidades de erro, incluindo o anacronismo nas interpretações, são ligeiramente reduzidas. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, CELLARD, 2008, SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Neste trabalho, o levantamento e análise documental vem sendo realizado em documentos jesuítas, a saber, Montoya (1639), Cardiel (1771) e Peramás (1793), além dos documentários em vídeo *"Los Guaraníes Inventaron el Fútbol"* e "*Manga Ñembosarái: Los Guaraníes Inventaron el Fútbol - parte II"* dirigidos por Ybañez (2014 e 2015), da *Ordenanza n.º 39/2017 da Municipalidad de San Ignácio Guazú, Misiones, Paraguay, "Por lá qual se declara a la ciudad de San Ignácio Guazú misiones como "cuna del balompié mundial""*, e dos dois artigos de Gianpaolo Romanato, publicados em 2010 no jornal *L'Osservatore Romano*, do Vaticano.

Algumas obras são de difícil acesso na íntegra pela internet, com grande dispêndio de tempo. Este último documento, inclusive, após longas pesquisas, o consegui somente mediante contato via correspondência eletrônica diretamente com a sede do periódico, situado no Vaticano. Outros documentos, no entanto, não tive a mesma sorte e não foram possíveis de acessar em tempo hábil para a pesquisa.

Com essa metodologia, espera-se cumprir satisfatoriamente o objetivo específico 'A' apresentado acima, ou seja, realizar o levantamento histórico e uma descrição do *Manga Ñembosarái*, o "futebol" pré-colonial Guarani.

2.4 O campo: observações e conversas

Considerando que esta pesquisa trata-se de uma pesquisa participativa, também conhecida na literatura como pesquisa-ação, é possível compreender como a pesquisa/trabalho de campo são fundamentais neste trabalho. Segundo Fassheber (2010), no entanto, o trabalho de campo necessita de um rigoroso treinamento em teoria antropológica.

Um estágio elementar para a realização do trabalho de campo é a compreensão de que "vemos a vida dos outros através de lentes que nós próprios polimos e que os outros nos vêem através das deles", como já afirmava o antropólogo Clifford Geertz (2001, p. 66). A partir desta compreensão, é possível entender que "parte dos nossos resultados são análises de

nós mesmos nesta relação com o Outro", como afirma Fassheber (2010, p. 28). Portanto, é preciso saber olhar, ouvir e escrever.

O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1996) aponta que o "olhar" e "ouvir" estão tão familiarizados na pesquisa que passaram a ser considerados triviais ao ponto de não serem devidamente problematizados. Resumidamente, segundo o autor, o olhar deve ser um "olhar etnográfico", isto é, um olhar instrumentalizado pela teoria e bibliografia disponíveis. O autor aponta ainda que há de saber ouvir: o pesquisador, "há de se entender (...) como sendo ocidental, constituído minimamente pela sobreposição de suas subculturas: a brasileira (...) e aquela na qual fomos treinados como antropólogos e/ou cientistas sociais" (OLIVEIRA, 1996, p. 20). Portanto, há de saber ler as diferenças entre os "idiomas culturais", a fim de, no ato de ouvir, buscar evitar exercer posição de poder - subjacente às relações humanas - sobre o "informante". Oliveira (1996) aponta ainda que, desde que o pesquisador possua habilidade para ouvir e ser igualmente ouvido pelo "informante" desenvolvendo um diálogo teoricamente "de iguais", pode transformar um "confronto" em um verdadeiro encontro.

> Mesmo porque acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver numa doce ilusão… Trocando idéias e informações entre sí, etnológo e nativo, ambos igualmente guindados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodológicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante (OLIVEIRA, 1996, p. 21)

De maneira similar, Tim Ingold (2016, p. 406), imaginando um trabalho de caráter antropológico com conversas, perguntas, histórias e observações, afirma: "Se se é considerado competente e capaz o suficiente, pode-se juntar a elas. Não há nada de especial ou incomum nisso: é afinal o que as pessoas fazem o tempo todo quando se encontram."

Essa interação ou encontro desejado, segundo Oliveira (1996), envolve em regra a observação-participante, que, por sua vez, necessita de uma aceitação ótima, ou no mínimo digerível, do pesquisador pela comunidade observada. A observação-participante pode ser entendida como uma técnica antropológica de observação realizada em "contato directo, frequentemente prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa" (CORREIA, 2009, p. 31). No mesmo sentido, Fassheber (2010), aponta que para descrever o "Outro", é preciso minimamente conhecer suas lógicas, no entanto, naturalmente há um obstáculo entre o "nós" e o "eles", obstáculo esse que só pode ser superado após algum tempo de participação.

Ingold (2016, p. 407) aponta que "às vezes, supõe-se que participação e observação estejam em contradição. Como é possível observar e participar simultaneamente?". O autor, no entanto, aponta que essa contradição não é verdadeira, sendo a participação e o "saber esperar", elementos fundamentais no processo de observação:

> "Observar significa ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas. Assim como o encontro, a observação participante antropológica só difere em grau daquilo que as pessoas fazem o tempo todo, especialmente as crianças. Mas as crianças têm a vida inteira pela frente para aprender. Para o antropólogo adulto, que chega como um noviço, com pouco tempo à disposição, os obstáculos são significativamente maiores. (...)
> Pois observar não é objetificar; é atender[4] as pessoas e coisas, aprender com elas, e acompanhá-las em princípio e prática. Com efeito, não pode haver observação sem participação – ou seja, sem uma composição íntima, na percepção como na ação, entre observador e observado (INGOLD, 2000, p. 108). Assim, a observação participante não é, em absoluto, uma técnica à paisana para coleta de informações das pessoas, sob o pretexto de estar aprendendo com elas. É, antes, a contemplação, em ato e palavra, daquilo que deve ao mundo pelo próprio desenvolvimento e formação. É isso que se entende por compromisso ontológico (INGOLD, 2016, p. 407)

Segundo a autora (CORREIA, 2009), a observação participante é usualmente completada com entrevistas semiestruturadas e livres. Segundo Colognese e Melo (1998), entrevistas semiestruturadas são aquelas que, apesar de um roteiro - mais ou menos - previamente estruturado com questões orientadoras, a entrevista pode caminhar para novas questões, questionamentos, e mesmo abrindo espaço de fala para os atores sociais envolvidos. As entrevistas semiestruturadas e conversas livres são fundamentais, uma vez que podem até mesmo direcionar a observação para pontos que talvez o pesquisador não tenha notado ou não havia julgado tão relevantes.

Neste trabalho, realizei 3 entrevistas semiestruturadas com auxílio de notas e gravador. A primeira delas foi realizada com Jekupé Mawe (Wesley Santos dos Santos), em julho de 2022, às vésperas da final da terceira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina; a conversa durou cerca de 40 minutos. As duas outras entrevistas aconteceram em abril de 2023, no contexto da Semana Cultural Indígena da Escola Indígena Itaty, TI Morro dos Cavalos; nesta ocasião, entrevistei os irmãos Elizandro Antunes (Karai) e Eliziane

[4]Nota de rodapé do texto original: "N. da T.: Não há um verbo equivalente em português que abarque todos os sentidos de attend evocados por Ingold neste e em outros textos: comparecer, acompanhar, servir, cuidar, estar atento, e, finalmente, atender (a um pedido, um cliente) são alguns deles. Optou-se pelo termo "atender" como tradução padrão, mas que pode variar dependendo do contexto da frase".

Antunes (Ara Mirim); cada entrevista durou cerca de 20 minutos.

As entrevistas, ou melhor, as conversas livres aconteceram naturalmente em momentos e atividades cotidianas com os interlocutores, como nos cafés da manhã, almoço, jantares, às margens do campo de futebol, alguma trilha ou caminhada, pescaria, durante algum trabalho no qual acompanhei, além de diversas outras atividades. Aprendi muito nessas ricas conversas ao ponto de julgar não ser necessário realizar mais entrevistas formais semiestruturadas, além do que essas exigem um longo tempo e trabalho de transcrição, conforme veremos adiante.

Estar presente na comunidade com certa frequência foi fundamental para criar e manter vínculos de confiança com os demais agentes envolvidos na pesquisa. Diversas outras atividades foram realizadas nesses momentos para além das entrevistas, conversas e o futebol, como trilhas de monitoramento, levantamentos aéreos com drones, serigrafia em camisetas, participação na semana cultural indígena, pescaria, participação no manejo ambiental de outros projetos, participação em roda de conversa com uma turma de universidade que visitou a comunidade, cerimônias na *opy* (casa de reza) entre outras.

Sobre essas experiências me vêm à mente dois pensadores: o primeiro, Zeca Pagodinho (2002): *"deixa a vida me levar, vida leva eu"* e novamente o antropólogo escocês Tim Ingold (2016, p. 409), quando afirma:

> Se o método da antropologia envolve um trabalho prático com pessoas e materiais, então sua disciplina está no engajamento observacional e educação perceptual que permite ao praticante acompanhar e responder àquilo que acontece. Mas isso está longe do que se convenciona chamar de método segundo os protocolos da ciência normal, em que implementá-lo é executar uma sequência de passos preestabelecidos e regulados rumo à consecução de uma meta determinada. Pois os passos da observação participante, como os da própria vida, dependem das circunstâncias, e não avançam rumo a um fim preestabelecido. E envolvem modos de levar a vida e de ser por ela levado, de viver uma vida junto com outros – humanos e não humanos – que reconhecem o passado, atentam para as condições do presente e se abrem especulativamente a possibilidades futuras.

Em um primeiro momento, o cronograma de execução do projeto de pesquisa previa a realização de ao menos quatro trabalhos de campo, sendo um por semestre. No entanto, as relações de amizade, a boa receptividade, além do interesse crescente em estar presente para aprender e participar do cotidiano, me levaram a realizar mais campos do que o previsto.

No entanto, diferente do que Geertz (1988) apontava em sua época - cujas

investigações marcadas pela metodologia antropológica/etnografia clássica se dividiam em duas etapas: o "estando lá" (*being there*), e o "estando aqui" (*being here*), sendo a primeira de levantamento de dados e a segundo de escrita - atualmente, já não existe tão claramente esta distinção, se é que ela existe. Muitas conversas e aprendizados foram possíveis e facilitados por conversas via internet, em plataformas de correio eletrônico, reuniões ao vivo e conversas por aplicativos de mensageria, isso sem falar nas diversas informações coletadas nas páginas de *Instagram* e *Facebook* da Liga. O trabalho "lá" e "aqui" se confundem e se sobrepõem, do mesmo modo que a escrita e a observação. "A etnografia não é um prelúdio para a antropologia nem o trabalho de campo uma preliminar da escrita" (INGOLD, 2016, p. 409).

2.5 Transcrição e escrita

Apesar de as atividades de campo e de escrita se confundirem, a escrita - pelo menos para mim - ainda se mantém a que necessita de maior esforço cognitivo. Não é fácil organizar e sintetizar os diferentes conhecimentos e aprendizados de múltiplas fontes (documentos, textos acadêmicos, entrevistas, conversas, observações, entre outros), de forma simples, sucinta e compreensível a todos os públicos, incluindo a população Guarani, que na sua maior parte, apesar de bilíngue e fluente em língua portuguesa/brasileira, esta linguagem não é sua linguagem nativa. Escrever de forma simples e sucinta foi uma das difíceis missões que visei encarar neste trabalho.

Gostaria de poder apresentar os resultados da pesquisa no formato de vídeo-documentário. Creio que este formato traria duas grandes vantagens em relação à escrita: a) o formato de vídeo é muito mais acessível a diferentes públicos, a assimilação do conhecimento é mais veloz, e poderia ser facilmente reproduzido em diferentes ambientes, incluindo as escolas. b) No formato de vídeo-documentário, as entrevistas e os relatos gravados trariam uma valorização muito maior da oralidade, pois a oralidade é muito mais que palavras: entonações, pausas, suspiros, expressões faciais, entre outros elementos, se perdem na transcrição dos relatos ao papel. Segundo Whitaker (2000, p. 152), "o real se insinua até nas entrelinhas do discurso: cada pausa, cada palavra com alta frequência num determinado momento, cada interrupção ou truncamento, cada idiossincrasia tem um significado".

Além disso, é importante ressaltar que a imposição da escrita como única ou pelo menos a mais importante forma de representação do saber, trata-se de uma característica colonial que a universidade carrega até os dias atuais, afinal, a escrita desde os séculos passados tem funcionado muito bem como uma forma de distinção de classes e de raças como uma espécie de tecnologia colonial. Sobre essa questão, lembro-me da filósofa indiana Vandana Shiva, que na obra *Monoculturas da Mente* (2003), aponta que a diferença entre o saber "científico" e o não-científico é menos uma relação de saber e mais uma relação de poder, e esse poder, é o poder colonial. Infelizmente, o tempo de pesquisa no mestrado não torna exequível os dois formatos, mas sigo (juntamente com os organizadores e organizadoras da Liga) objetivando tal realização em pesquisas e momentos futuros.

Voltando à escrita, um dos cuidados a se tomar é em relação às transcrições de entrevistas. Segundo Whitaker (1996; 2000), muitos pesquisadores, a partir de um suposto respeito à fala do entrevistado, tornam as transcrições caricaturadas e reforçado alguns estereótipos. Isso porque, nas suas transcrições, tentando reproduzir a fonética do discurso obtido, perpetua uma série de erros ortográficos.

Segundo a autora, "O alfabeto que utilizamos em qualquer atividade, acadêmica ou não, não é um alfabeto fonético. Não dá conta, portanto, dá imensa variedade de pronúncias", logo, "Quando o sujeito fala, ele está falando, não escrevendo. Não está assim, cometendo erros ortográficos. Diríamos até que não está cometendo erro algum" (WHITAKER, 1996, p. 155). A autora ainda completa:

> muitos pesquisadores se esquecem que quando as pessoas falam não estão escrevendo, logo não podem cometer os erros ortográficos que lhes são atribuídos na transcrição. E o mais curioso é que tais transcrições supostamente fonéticas só atingem as falas dos sujeitos das camadas sociais vulneráveis. Quando o pesquisador reproduz a fala de seus pares o faz com perfeita ortografia requerida (2000, p. 149)

A autora, tentando evitar o que ela chama de texto "violentado", "delinquência acadêmica" e "caráter etnocêntrico e egocêntrico das transcrições" (WHITAKER, 2000, p. 149), desenvolveu algumas metodologias para a transcrição. Resumidamente essas metodologias são: 1) a correção ortográfica da fala, evitando a linguagem caricatural como "O homê chegô e num deu prá falá"; 2) a não correção de palavras e expressões características da pessoa ou do grupo, no entanto, sinalizá-las; 3) a não correção da concordância verbal e de forma geral, respeitar a sintaxe do discurso do entrevistado; 4) a indicação de risos, gestões e

expressões significativas em parênteses; 5) sinalizar interrupções de terceiros; 6) sinalizar contrações verbais como o "né?". Neste caso a autora recomenda o emprego da escrita n/é?; 7) Pausas no discurso, hesitação ou interrupção no pensamento devem ser seguidas de reticências; 8) a transcrição da entrevista deve ser feita pela pessoa que a colheu, ou por um pesquisador que conheça o contexto e possua as mesmas preocupações (WHITAKER, 1996).

Para facilitar o processo de transição, utilizei ferramentas de Inteligência Artificial. A saber, o *Whisper*, da *OpenIA*. Essa ferramenta é executada dentro do *Google Colaboratory* através do seguinte comando em linguagem *Phyntom 3*: *"!pip install git+https://github.com/openai/whisper.git !sudo apt update && sudo apt install ffmpeg*". Após a instalação do *Whisper* no *Google Colaboratory*, é necessário subir o arquivo de aúdio que se deseja transcrever e executar a transcrição a partir do seguinte comando: "*!whisper '(nome do arquivo)' – model medium*". Após essa primeira transcrição, que naturalmente apresenta erros, as correções são feitas pelo pesquisador seguindo os procedimentos metodológicos supracitados.

Ainda sobre a escrita, Carvalho (2023) aponta outros cuidados necessários no processo. Segundo a autora, o pesquisador pode em algum momento, por conveniência própria ou comodidade, ocultar dados importantes, ou mesmo expor informações desnecessárias, que nada agrega nem para a pesquisa, nem para a comunidade. Para evitar esse tipo de equívoco, Carvalho (2023) aponta a necessidade de se apegar ao rigor metodológico, às avaliações constantes aos objetivos do projeto, bem como reuniões orientadoras com busca coletiva de resolução de problemas.

Geertz (1988) aponta ainda que o texto de caráter antropológico é tecnicamente difícil não apenas pelo fato de trabalhar e descrever sobre a vida ou vidas alheias, mas também por seu caráter moral, político e epistemológico delicado. O pesquisador, no momento da escrita, deve ter muita consciência disso, e saber selecionar as informações a serem divulgadas e até mesmo cada palavra utilizada no desenvolvimento da redação. Justamente por conta disso, optei por não expor as entrevistas na íntegra, afinal, uma frase mal interpretada ou descontextualizada poderiam trazer complicações.

Outra preocupação, ou melhor, consciência, que o pesquisador deve possuir no momento da escrita, segundo Oliveira (1996) e Carvalho (2023), é de que todos os dados obtidos na pesquisa de campo são, na verdade, interpretações pessoais moldadas a partir da

subjetividade do próprio pesquisador, construída através da cultura, sistema de crenças, classe social, entre outros aspectos, somados ao treinamento metodológico.

Por fim, cabe apontar o cuidado com o tempo verbal utilizado na escrita. Oliveira (1996) defende a escrita em primeira pessoa do singular como um possível procedimento metodológico. Segundo ele, isto não significa necessariamente que o texto produzido seja um texto intimista:

> Deve significar simplesmente - e nisso creio que todos os pesquisadores podem estar de acordo - que o autor não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: "nós". É claro que sempre haverá situações em que esse "nós" pode ou deve ser recorrido pelo autor. Mas ele não deve ser o padrão na retórica do texto. Isso me parece importante porque, com o crescente reconhecimento da pluralidade de vozes que se compõem a cena de investigação etnográfica, essas vozes têm de ser distinguidas e jamais caladas pelo tom imperial e muitas vezes autoritário de um autor esquivo escondido no interior dessa primeira pessoa do plural (OLIVEIRA, 1996, p. 27).

2.6 Mapeamento da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina

O primeiro mapa deste trabalho (**Figura 1**), apresentado já na introdução, trata-se de um mapa de localização da Terra Indígena Morro dos Cavalos com destaque a seus três *tekoa kuery* (aldeias) habitadas durante o desenvolvimento do trabalho: Yakã Porã, Itaty e Tataendy Rupa. Como este é um mapa relativamente simples, enfatizarei a produção dos demais.

Os mapas apresentados no Capítulo 5 do presente trabalho (**Figuras 32, 39, 47 e 54**), por sua vez, são uma espécie de síntese da pesquisa, uma vez que, eles apresentam os *tekoa kuery* (aldeias) e equipes que participaram em cada uma das 4 edições da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina realizadas até a publicação do presente trabalho. A partir deste mapeamento, é possível ter uma dimensão espacial da Liga, além de imaginar deslocamentos de algumas equipes para estar presentes em outras aldeias em rodadas da Liga.

Todos os mapas foram elaborados no programa QGIS 3.28. Os mapas sínteses, contaram com várias etapas. A primeira delas, foi a identificação de todas as equipes que participaram de cada uma das edições, bem como encontrar o nome, e o escudo de cada uma delas. Para isso, a página do *Facebook* da Liga Mbya Guarani de SC foi fundamental. A página pode ser considerada um arquivo histórico da Liga, e foi completamente vasculhada pelo pesquisador, até sua primeira publicação em 2018.

O segundo passo foi identificar o *tekoa* (aldeia) de cada uma das equipes, bem como suas coordenadas geográficas em *Universal Transversa de Mercator* (UTM). Essa etapa foi bastante trabalhosa e contou com o apoio do programa *Google Earth Pro* e o próprio *Google Maps*. As informações foram organizadas em Planilhas Google e *Microsoft Excel* para posteriormente serem salvas em formato de Valores Separados por Virgulas (CSV), a fim de permitir a inserção das informações no QGIS.

Todos os mapas foram elaborados a partir da projeção SIRGAS 2000 / UTM 22S. Apenas no mapa da quarta edição (**Figura 54**), com a participação de duas equipes do estado de São Paulo, foi necessário inserir coordenadas da zona UTM 23S. Além disso, devido à dimensão espacial e ao maior número de equipes na quarta edição, a elaboração do mapa em orientação retrato (folha de pé) se tornou mais agradável em comparação à orientação paisagem (folha deitada) dos três primeiros mapas.

Como alguns *tekoa kuery* (aldeias) possuíam mais de uma equipe, foi necessário puxar uma linha vermelha ligando os escudos aos *tekoa kuery*. Em algumas áreas, com a proximidade entre alguns *tekoa kuery*, foi necessário ampliar a área reduzindo a escala. É o caso, por exemplo, da Terra Indígena Morro dos Cavalos e do *tekoa* Pirá Rupa/Massiambu, em Palhoça–SC, na qual foi necessário em todos os mapas. Outras áreas ampliadas foram no município de Biguaçu e de Araquari, conforme a necessidade dos mapas. Nestes casos, utilizei linhas pontilhadas para demonstrar essa ampliação.

Ao longo destes mais de cinco anos de Liga até o momento, é natural que algumas equipes tenham trocado de escudo ou até mesmo de nomes. Nestes casos, busquei inserir nos mapas os escudos corretos de cada edição. No entanto, na primeira edição, aparentemente algumas equipes sequer tinham uniformes e escudos. Nestes casos, busquei inserir os escudos que primeiro apareceram nas edições subsequentes.

Outra questão com a qual me deparei foi em como representar equipes masculinas e femininas no mesmo mapa, distinguindo umas das outras. Visei evitar reproduzir distinções da "cultura ocidental" como os "símbolos de gênero", ou as cores rosa e azul. Neste caso, optei por elaborar uma espécie de símbolo circular com a representação da pata da saracura para facilitar a identificação das equipes femininas - que em todas as edições, possuíam menos equipes e assim, "poluiria" menos a visualização do mapa com muitos objetos. Na cultura Mbya Guarani, a saracura é uma ave muito importante para as mulheres, estando presente em uniformes, pinturas faciais e até cerimônias religiosas.

A seta de orientação de todos os mapas foi orientada para a direção Leste, ou *Karai Ambá* (morada de *Karai* - divindade Guarani), como diriam os próprios Guarani. Esta orientação foi escolhida, pois segundo autores como Ladeira (2001) e Nunes (2022), a direção Leste (ou *Karai Ambá*), é a principal direção de orientação para os Guarani. Isso porque segundo Nunes (2022), os Guarani, assim como outros povos/etnias indígenas, usam o nascimento do sol como principal fator de orientação. O próprio altar da *Opy* (casa de reza) é orientada nessa direção, além de ser, segundo Ismael de Souza, a principal direção do *guatá* (caminhar), que veremos no capítulo 3.

Além do logo principal da organização da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, inserido no cabeçalho dos mapas, foram inseridos no rodapé outros seis logos. O primeiro da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Logo depois vieram os logos das 3 instituições que financiaram essa pesquisa ao longo dos dois anos de mestrado, a destacar: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP (PROPG) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além destes, dois foram os logos de grupos parceiros, a saber: Centro de Formação Tataendy Rupa da Terra Indigna Morro dos Cavalos e do Grupo de Estudos de Geografia e Futebol ‘Gilmar Mascarenhas’, da UNESP de Presidente Prudente.

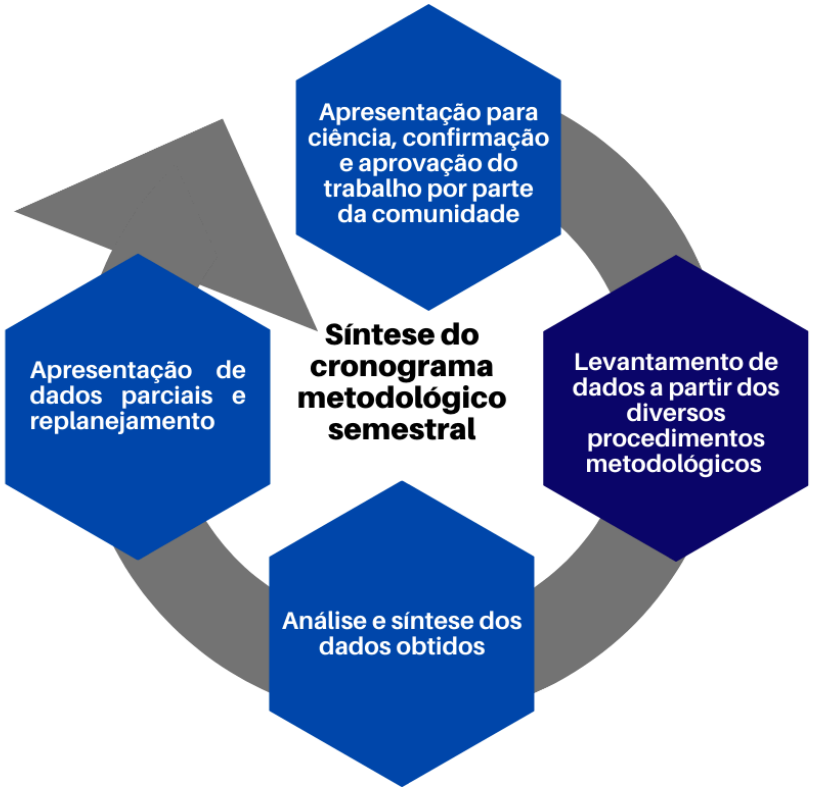
2.7 Análise dos resultados

Considerando o caráter participativo desta pesquisa, os resultados obtidos passaram por análise para aprovação por parte dos agentes sociais envolvidos na pesquisa. Portanto, a efetividade da pesquisa foi julgada, priorizando a análise dos sujeitos em relação aos parâmetros acadêmicos.

Diante do quadro, notam-se procedimentos metodológicos relativamente cíclicos e semestrais, que consistem, basicamente, em apresentação e aprovação por parte da comunidade, levantamento de dados, análise e síntese de dados obtidos, apresentação de dados parciais e replanejamento, antes de iniciar o novo ciclo (**Figura 4**). Apenas no último semestre, a sistematização produziu este documento final a partir de todas as informações já levantadas e sistematizadas.

Com isso, espera-se que os resultados obtidos, bem como a análise dos mesmos resultados e conhecimentos, estejam o mais próximo possível da expectativa e dos interesses da comunidade participante da pesquisa, minimizando os equívocos por parte do pesquisador.

Figura 4 - Síntese do cronograma metodológico semestral



Organização: autor, 2024. Adaptado de Carvalho (2023)

Pretendia, inclusive, ser oficialmente avaliado por uma liderança Mbya Guarani na banca de defesa de dissertação. Infelizmente, devido uma recomendação do Ministério Público, o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia afirmou estar impedido de reconhecer notórios saberes para avaliações na pós-graduação. Neste caso, busquei um pesquisador vinculado e de confiança da comunidade. A indicação que recebi foi de Orivaldo Nunes Junior (Nuno Nunes), que participou das fases de qualificação e defesa com boas contribuições.

2.8 Divulgação/socialização dos resultados

Entendo que os resultados da pesquisa e o conhecimento produzido não devem

ficar restritos ao círculo acadêmico. Dito isso, considero importante que tal conhecimento seja levado aos ambientes escolares (sobretudo às escolas indígenas), seja divulgado em museus, seja divulgado em redes sociais, e sobretudo, retorne aos sujeitos e às comunidades que possibilitaram esse trabalho acontecer.

Sobre o retorno do conhecimento à comunidade, mesmo ao longo da pesquisa, parte do material produzido foi disponibilizado aos organizados da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, para que eles optassem pela divulgação ou não do material. Além disso, nas oitavas de final da 4ª edição (2022–2023) da Liga, levei impresso um mapa síntese em lona em tamanho A1 dos *tekoa kuery* (aldeias) e equipes participantes. Ao contrário do que eu imaginava, esse mapa chamou mais a atenção das crianças do que dos adultos, e possivelmente será utilizado como material didático na Escola Indígena Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos, Palhoça, Santa Catarina. Além disso, reservei boa parte da Reserva Técnica da bolsa FAPESP para impressão de exemplares da dissertação a serem entregues nas comunidades.

Por fim, como já descrito acima, há ainda desejo, não apenas meu, mas também de alguns organizadores e jogadores da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, de produzir um vídeo-documentário como forma de divulgação mais acessível e de maior alcance.

"A palavra é igual a uma planta,
ela cria raízes, folhas, frutos..."
Kerexu Yxapyry[5] (Eunice Antunes)[6].

[5] Kerexu Yxapyry (Eunice Antunes) será apresentada no capítulo 5.2, denominado "*Mbarete Kunhangue*: força feminina na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.
[6] Apud Giassi (2017).

3 TERRITÓRIO E MOBILIDADE: *YVY RUPA ha'e DJAGUATÁ*

Figura - Perimetral fechada por protestos vira campo de futebol para crianças Guarani e Kaiowá de Dourados.



Fonte: Ademir Almeida (2014) - adaptada.

Neste capítulo, realizaremos uma breve apresentação sobre a etnia/povo Guarani e seus subgrupos, com destaque para os Mbya Guarani, para posteriormente abordamos a mobilidade - que inclui cosmovisão, busca pela *Yvy Marae y* (terra sem males) e uma extensa teia (*kya*) de caminhos cujo tronco principal ficou conhecido como Peabiru - o território e territorialidade, a relação do território Guarani com a floresta, mas especificamente a floresta do bioma que conhecemos hoje como da Mata Atlântica, e por fim, as lutas e resistências territoriais Guarani.

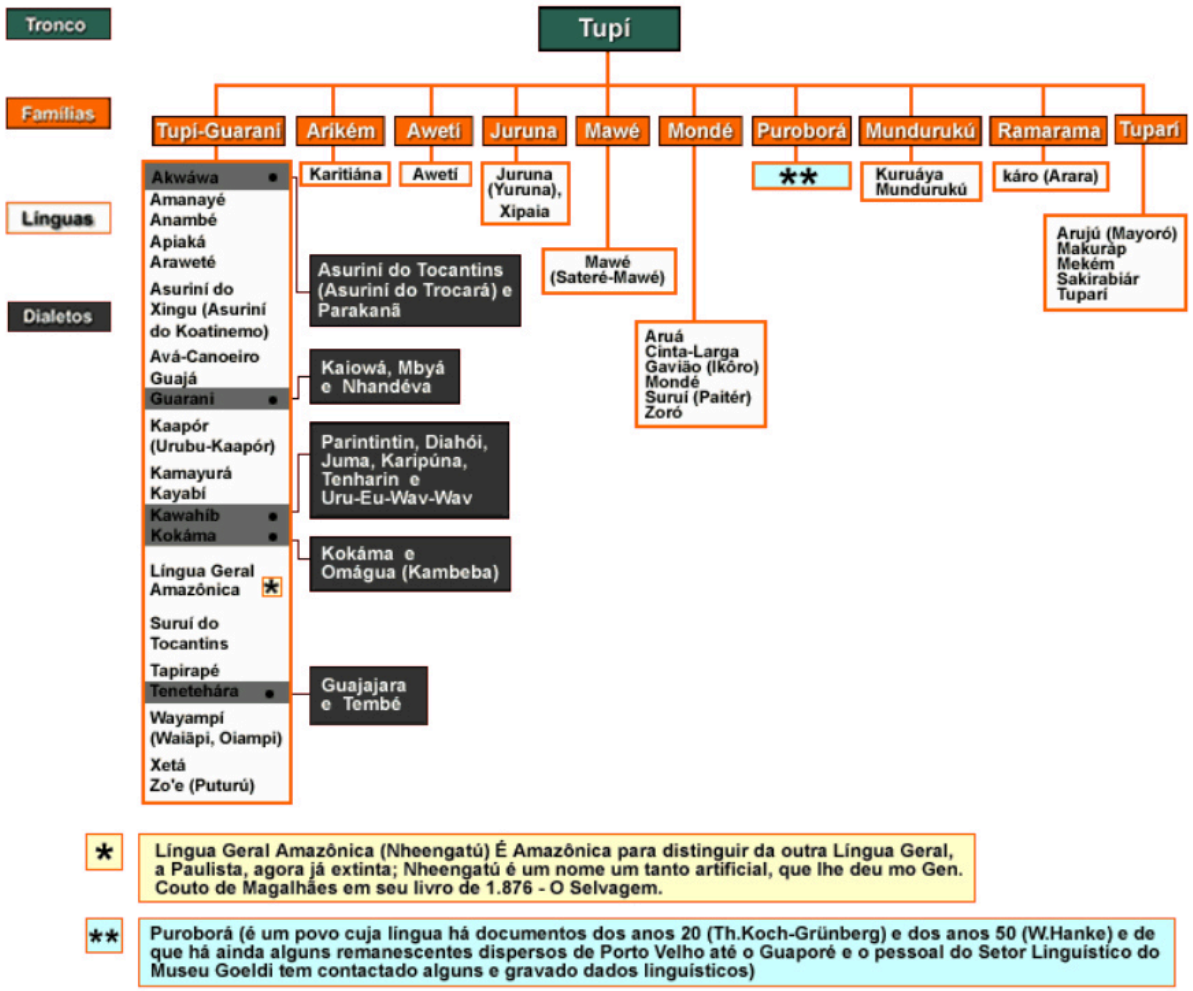
3.1 Os Guarani

Se enganam aqueles que pensam que todos os povos indígenas carregam as mesmas crenças, cosmovisão, culturas, técnicas e sabedorias. No Brasil, ainda hoje, existem 305 etnias indígenas, falantes de 274 línguas e dialetos (ISA, 2023). Esses povos/etnias indígenas carregam consigo sabedorias ancestrais e riquezas multiculturais inestimáveis e heterogêneas.

Os Guarani, são uma etnia/nação indígena originária da América do Sul, possuidores de uma língua própria, com alguns dialetos entre regionalidades e subgrupos étnicos. A língua guarani, tem sua origem na família linguística Tupi-Guarani, que por sua vez compõe o tronco linguístico Tupi, conforme mostra a **Figura 5**.

Segundo Noelli (1993), a partir de estudos linguísticos e arqueológicos, existem diversas hipóteses sobre o centro e as rodas de dispersão e a ramificação dos falantes do tronco Tupi e, por consequência, da família linguística Tupi-Guarani. Entre elas, uma das mais aceitas na atualidade é a proposta por Pedro Inácio Schmitz. Segundo Schmitz (1991), o centro de origem dos Tupi seria na região Amazônica, ao sul do Rio Madeira, no entorno de onde hoje é o estado brasileiro de Rondônia. Deste núcleo, uma parte teria se dispersado por extensas áreas amazônicas, sempre à margem direita do Rio Amazonas e seus afluentes. Outra rota teria se dispersado rumo ao sul, atingindo a bacia do Rio Paraná, até o litoral do Uruguai, e a partir desta região, dispersando-se rumo ao norte pelo litoral brasileiro (**Figura 6**).

Figura 5 - Tronco linguístico Tupi



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA, 2023)

A partir destas rotas de dispersão e ramificação, segundo Brighenti (2012), vestígios arqueológicos comprovam a presença dos Guarani no litoral de Santa Catarina a pelo menos 400 anos antes da invasão europeia, ou seja, cerca de 900 anos antes do presente. Segundo o autor, a princípio, os Guarani do litoral catarinense eram conhecidos como Carijós.

Figura 6 - Modelo de dispersão do tronco Tupi, defendido por Schmitz



Fonte: Cruz (2008).

Esta questão será tratada mais adiante, mas desde já, é importante dizer que tais movimentos de dispersão não devem ser associados a "migrações", nem ao nomadismo. Ladeira (2012), fala, por exemplo, em mobilidade em seu próprio território. Segundo Pereira (2008, p. 53).

> grandes deslocamentos humanos, da nossa pré-história brasileira, não se tratam de migrações, porque na medida em que esses grupos humanos saíram desses espaços os mesmos não ficaram vazios; pelo contrário, a população residente continuava crescendo ao ponto de obrigar novas saídas (PEREIRA, 2008, p. 53).

Existem diversas versões sobre a origem do termo "Guarani". Montoya (1876, p. 130), afirma que *Guariñi* significa "Guerra", e *Guariñi hára*, "guerreiro". De modo similar,

Roulet (1993, p. 14) aponta que o termo Guarani, na língua nativa, significaria "gente de guerra", e que esta seria uma autodenominação do grupo registrada em documentos desde 1528. No entanto, há outras versões.

Azara (apud ROULET, 1993, p.14) também relaciona com a guerra, mas de maneira um pouco diferente. Segundo o autor, a designação deriva de *"Guaraní-epitá"* nome do local onde ocorreu a batalha de Lambaré, o primeiro encontro armado entre indígenas e espanhóis. Como havia muitos povos falantes da mesma língua, por analogia e de maneira genérica, toda a nação passou a ser chamada desta forma. O mesmo autor aponta ainda que, antes da batalha, esta nação era conhecida como carios (ou carijós).

Segundo Brighenti (2001), o termo "*guarani*" não tem relação com a guerra, mas sim com a organização territorial e territorialidade: derivaria do termo "*Guára*", que na literatura varia entre uma espécie de "província" ou aldeamento que compunha a grande nação em Susnik (1982) e o próprio território como um todo em Ivarra Ortiz e Machado (2018). Brighenti (2001, p. 24), que parece adotar a concepção de Susnik aponta que: "dada a unidade lingüística dos diferentes dialetos que compunham os vários *Guára*, além da estreita relação na organização sociopolítica e nas manifestações culturais, receberam o nome genérico Guarani, que perpetua até os dias atuais".

Em minha experiência na Terra Indígena Morro dos Cavalos, durante uma conversa cotidiana em que fazia algumas perguntas sobre a língua guarani, uma das interlocutoras da pesquisa me apresentou um distinto e curioso significado para o termo "*guarani*". Segundo ela, os mais velhos a haviam ensinado que guarani, deriva das palavras *guará,* mais *né'i*, que poderia ser traduzido como guará (animal) fedido, usado originalmente pelos indígenas para se referir aos invasores europeus, que exalavam mau cheiro ao chegarem após dias de navegação com roupas cabelos e barbas inapropriados para o clima local.

Nunes (2022, p. 154) aponta que "há versões de que a nominação "Guarani" se originaria da língua quíchua falada pelos Incas nos Andes". Segundo o autor, os povos do Império Inca utilizavam uma vestimenta do ventre até as coxas denominada de "*Wara*", que, segundo Torrealba (2012, p. 119), pode ser traduzida como tanga ou calças. Ainda segundo o mesmo autor, tal vestimenta era recebida após uma espécie de ritual de passagem da juventude à maturidade denominado *Warachicuy*, até hoje realizado entre povos indígenas do Peru. No *Warachicuy*, os jovens eram submetidos a uma série de testes e provas físicas, como

lutas e resistências. Quem conseguia passar pelas provas, além de receber o *Wara* (“tanga”, “calça”), ainda recebia uma posição social de guerreiro.

Segundo Nunes (2022), por os Guarani utilizarem vestimenta similar aos “*Waras*” do Império Inca, eram denominados de forma genérica e depreciativa como “postadores das tangas”, ou em Quíchua, “*Warayuh*”. O autor cita Ramirez:

> (wara “tanga”, -yuq/-yuh “portador de”), o wara-yuh é antes de tudo um etnônimo genérico e depreciativo, dado pelos moradores do império incaico a qualquer índio portador de tanga. Assim eram chamados os ferozes guarani provindos do Brasil e que, desde o fim do século XV, atravessavam o Chaco e subiam os Andes (RAMIREZ, 2010, p. 22).

O termo “Guarani”, portanto, pode ter surgido da vocalização incorreta do termo em Quíchua “*Warayuh*”. Provavelmente provém daí também a assimilação entre os “Guarani” a guerreiros, como demonstrado acima.

Além de Guarani e Carijós, outra nomenclatura que aparece na bibliografia é *Ka’ayguá*. Segundo Susnik (1965), esse termo, que significaria “habitante das matas”, foi usado de maneira pejorativa aos indígenas que não se submeteram aos encomendadores espanhóis nem às reduções jesuíticas, preferindo manter seu modo tradicional de vida.

O que todos parecem concordar é que “Guarani”, assim como os outros termos apresentados, trata-se de uma nomenclatura genérica, que não exprime a totalidade desta grande nação, que provavelmente possuía subgrupos e/ou “clãs”. Ladeira (2001, p. 53-54) aponta que “parece que os Guarani não se autoidentificam com essas denominações, embora passem a adotá-las, sobretudo nas suas relações com os brancos”.

Os Guarani que vivem no Brasil são atualmente subdivididos e classificados pela bibliografia etnográfica em três grupos: Kaiowa (ou Kaiova), Nhandéva (ou Xiripa) e Mbya. Mas essas nomenclaturas também podem variar: No Paraguai, os Kaiowa são conhecidos como Pai ou Tavyterã e os Nhandéva / Xiripa, como Ava-Xiripa, por exemplo. Há ainda outras denominações como Guajaki, Tapiete, Guarayos, Chiriguanos e Izozeños entre o Paraguai e a Bolívia. Tais subdivisões levam em conta pequenas diferenças dialetais, cosmológicas, culturais e ritualísticas (LADEIRA, 2001).

Não é nosso objetivo nesse momento aprofundar ou esgotar a questão dos subgrupos, ou “clãs” Guarani. No momento, apenas falaremos um pouco mais dos Mbya

Guarani, grupo predominante na Liga (de Futebol) Mbya Guarani de Santa Catarina. Segundo Ladeira (2001, p. 61):

> Os Mbya estão presentes em várias aldeias na região oriental do Paraguai, no nordeste da Argentina (província de Misiones) e norte do Uruguai. No Brasil, encontram-se em aldeias situadas no interior e no litoral dos Estados do Sul – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – e em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo em várias aldeias junto à Mata Atlântica do litoral. Também na região Norte do país, encontram-se famílias Mbya originárias de um mesmo grande grupo e que vieram ao Brasil após a Guerra do Paraguai; separam-se em grupos familiares e, atualmente, vivem no Pará (município de Jacundá), em Tocantins, em uma das áreas Karajá de Xambioá, além de poucas famílias dispersas na região Centro-Oeste.

Mais uma vez, a bibliografia disponível apresenta variações sobre o significado de "*mbya*". Segundo Schaden (1974, p. 3), "Mbuá" significaria "gente". Segundo Dooley (1982, p. 112), "mbya" poderia ser traduzido como "estrangeiro, estranho, aquele que vem de fora, de longe", ou "muita gente em um lugar só". Ladeira (2001, p. 66), por sua vez, diz que os Mbya se reconhecem coletivamente como "nhandéva ekuéry (todos os que somos nós)", graças à unidade linguística e religiosa, além do uso comum do mesmo tipo de *tambeao* (veste de algodão que os antigos teciam).

Nas conversas e experiências que obtive, no entanto, por mais de uma vez, diferentes participantes me afirmaram que Mbya significa "sentimento" e que os Mbya Guarani eram o povo do sentimento por suas funções espirituais exercidas na grande nação Guarani. De maneira similar, Nunes (2022) aponta que Mbya significa "Gente que sente". Mbyá vem de "*Py´a*" que significa estômago, onde se sente, mas também pode ser traduzido como "pensar", "gene", "que pensa". Segundo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos (MORRO DOS CAVALOS, p. 6):

> Antigamente os *Mbya* eram os rezadores da comunidade, não podiam matar ou fazer trabalhos, eram os transmissores do conhecimento das divindades e passavam boa parte do tempo na *Opy.* Ou seja, na comunidade havia pessoas com suas funções e as funções eram dadas por Nhanderu pela autorização que a divindade nos dava nos afazeres do cotidiano. Acreditamos que os nossos antigos xondaro, guerreiros, eram os Tupinambá[7] que foram dizimados pelos brancos e nos ajudaram a sobreviver pois tivemos uma linha de defesa para recuar e fugir, já que os *Mbya* não eram autorizados por Nhanderu a matar nenhuma vida.

[7]Os Guarani consideram os Tupinambá seus parentes e pertencentes da grande nação e do grande território Guarani. Segundo relatos que ouvi na Terra Indígena Morro dos Cavalos, até mesmo os cantos são os mesmos ou carregam familiaridades. Além disso, em Guarani, o "clan" dos guerreiros é chamado de *Kere'ymba*, muito similar a nomenclatura genericamente atribuída aos tupinambá. *Kere'ymba* também é o nome de uma equipe de futebol que disputa a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, como veremos no capítulo 5.

Além dos Mbya não se envolverem em guerras devido à sua função espiritual, o PGTA da TI Morro dos Cavalos (p. 6) também afirma que essa etnia também não possuía lideranças políticas, como caciques, antes da invasão europeia:

> A organização de cacicagem surgiu pós-invasão. Uma liderança que cuidaria de toda a comunidade inclusive sendo superior aos líderes espirituais, isso é contraditório na nossa vivência de antigamente, e temos ao longo dos anos rediscutido as hierarquias internas com suas funções. Porém, o papel de pessoas que discutam a organização política e façam o diálogo com os juruá, pessoas não indígenas, é fundamental para nossa sobrevivência e fortalecimento de toda comunidade nesse sistema criado pelos invasores.

Ou seja, segundo o PGTA da TI Morro dos Cavalos, a organização de cacicagem surgiu entre os Mbya Guarani como uma forma de organização política de resistência cultural e territorial. Abordaremos logo adiante o território e a resistência territorial Guarani. Neste momento, cabe destacar um elemento fundamental na vivência espacial e territorial Guarani, sobretudo Mbya Guarani: o caminhar (*guatá*), ou também poderíamos dizer, a mobilidade e a fluidez.

3.2 *Guatá Porã:* Belo Caminhar

Vários autores, desde clássicos a contemporâneos, apontam que as, "migrações", mobilidades, circulações, deslocamentos, caminhamentos, caminhar, *oguatá* ou *guatá porã,* como diriam os próprios Guarani, são elementos fundamentais na *nhandereko,* modo de vida Guarani, apontados desde Susnik (1980), Nimuendaju (1987), Meliá (1991) Noelli (1996) Ladeira (2001), por exemplo, até autores Guarani contemporâneos, como Ivarra Ortiz e Machado (2018), Marcos Tupã (2018), Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Morro dos Cavalos (2021), ou na coletânea de relatos Guarani organizados no livro Guata Porã: Belo Caminhar (RAMO Y AFFONSO; LADEIRA, 2015).

Esse tipo de deslocamento não pode ser confundido com nomadismo, afinal, era comum que apenas parte da comunidade realizasse o deslocamento, mantendo a base territorial do grupo. Além disso, era comum, em alguns casos, a circulação e a volta às suas antigas aldeias. Por essa razão, Noelli (1996) aponta que o termo "migração" seria um termo inadequado à compreensão do caminhar (*guatá*) Guarani. Neolli (1996) chega a argumentar a favor do emprego do termo "expansão". Ivarra Ortiz e Machado, usam os termos flexibilidade

e plasticidade, enquanto no PGTA da TI Morro dos Cavalos, com frequência são utilizados os termos mobilidade e fluidez.

Todos esses autores, Guarani ou não, apontam uma série de hipóteses sobre os motivos deste caminhar: superpopulação, calamidades naturais, novas áreas de plantio, novas áreas de caça, novas áreas de pesca, expansão do território, rivalidades internas ou externas, libertar cativos, visitar familiares e amigos, trocas culturais, troca de sementes, busca de metais preciosos, e motivos religiosos, como a busca da *Yvy Marãe Y* (terra sem males), ou a crença de que deslocar-se em contato com a natureza, sagrada na visão Guarani, era um dos desejos de *Nhanderu* (nosso pai), que segundo algumas cosmovisões Guarani, teria criado o mundo caminhando. Há, inclusive, relatos de caminhamentos até os *Yvytyguá* (moradores da montanha), referindo-se aos povos no império Inca (IVARRA ORTIZ; MACHADO, 2018).

Em Ladeira (1992) encontramos um depoimento interessante:

> Quando Nhanderu Tenonde (nosso pai primeiro) construiu esse mundo, ele disse: meus filhos que vão estar no mundo vão ter que se separar. O mundo é muito grande. Por isso vão ter que se separar e deverão caminhar... Eles andaram para o bem. E se separaram, cada um com suas companheiras, cada um com suas famílias (Depoimento de Davi da Silva, retirado de LADEIRA, 1992, p. 153).

A *Yvy Marãe Y,* geralmente traduzida na literatura etno-histórica como "terra sem males", segundo Ladeira (2001, p. 126), poderia ser traduzida como "terra que não acaba, não esgota, não adoece". Seria, portanto, uma espécie de paraíso onde nada tem fim, com grande abundância de elementos naturais como vento, água e alimentos. Além disso, seria o *Yvyju mirim*, a terra dourada onde nasce *Kuaray*, o sol: uma terra de pureza e inocência como uma criança, sem maldade. Ou ainda poderia ser chamada de *Nhanderu retã,* ou *Amba* a morada de *Nhanderu Tenonde* (nosso pai primeiro), onde as almas dos *Nhanderu kuery* se reúnem.

De modo geral a *Yvy Marãe Y,* é o paraíso cosmológico Guarani, localizado além do oceano atlântico, cujas almas retornam após a morte nesta *Yvy vai* (terra imperfeita), mas que também se visa alcançar em vida, por meio de locais sagrados de passagem, geralmente localizados na litoral, ou "borda da terra". Na cosmovisão Guarani, as pessoas boas e espiritualizadas que conseguem fazer essa passagem em vida, se tornam *Nhanderu Mirim kuery*, ou seja, espécies de divindades conhecidas como nossos pais "pequenos/precisos"[8].

[8] A palavra "mirim", muito utilizada no português-brasileiro, é de origem tupi-guarani (família linguística). Entre os Guarani, essa palavra significa ao mesmo tempo pequeno, frágil, sensível, mas também algo muito precioso e que precisa de cuidado. Um exemplo é a palavra e nome próprio "Ita Mirim", que pode ser traduzido como "pedra preciosa".

Estes lugares sagrados de passagem para o *Yvy Marãe Y,* eram chamados de *Táva*[9]. Para encontrar uma *Táva*, os seres humanos deveriam caminhar, realizar o *guatá porã*, o belo caminhar. Os *Nhanderu Mirim kuery*, a partir do *Amba*, a terra celeste, os ajudariam iluminando seus caminhos. Considerando que a *Yvy Marãe Y,* a terra sem males, ou terra que nunca se acaba, estava para além do oceano atlântico, o caminhar com esse objetivo geralmente acontecia na direção Leste. Segundo o jovem Guarani Ismael de Souza (2020)[10], essa é direção mais sagrada, direção onde nasce o sol, direção de consagração do petyngua (cachimbo), "é o caminho de Nhamandu", divindade responsável por trazer o brilho do sol até nós diariamente. Outros relatos apontam:

> Acreditamos que para além do oceano existe a ***Yvy Mara'ẽyn***, a terra sem males, e a chegada nessa terra é a caminhada de nossas vidas. Por isso precisamos nutrir a terra de diversidade, movimentar e plantar nosso alimento, nos alimentar do que plantamos. Dessa forma, nutrimos a plenitude do espírito para que em nossa partida possamos atravessar o oceano na passagem para a Terra sem Males (MORRO DOS CAVALOS, p. 20)

> Quem não se põe a caminhar, não poderá alcançá-la e quem estiver caminhando e aplicar as regras do modo de ser tradicional Mbya, enfrentará provações, inclusive alimentares. Somente àqueles que, apesar das provas, permanecerem fiéis, somente a esses que protagonizaram um *oguata porã* (boa caminhada), será revelada a direção que devem seguir para chegar a terra sem males (IVARRA ORTIZ; MACHADO, 2018, p. 253)

Segundo relatos que ouvi na Terra Indígena Morro dos Cavalos, o litoral de Santa Catarina possui alguns destes locais sagrados de passagem para *Yvy Marãe Y.* Um destes lugares é a Ilha do Campeche, Florianópolis–SC. Segundo relatos de seus filhos, Karai Tataendy (Adão Karai), importante liderança política e espiritual Guarani de *tekoa kuery* (aldeias) de Santa Catarina, antes de deixar esse mundo imperfeito, teria sonhado que se fosse até lá, seu *nhe'e* (espírito-nome) retornaria ao *amba* (morada de divindades), realizando sua passagem em vida. No entanto, Karai Tataendy preferiu viver o restante dos seus dias com sua família, preparando-os para assumir o seu papel de liderança na comunidade.

> Os mais velhos contam que, antes de nossos parentes irem à ilha de Santa Catarina esperar o transporte de Apyka, em um ritual de passagem no qual o corpo purificado consegue ser transportado para Yvy Marãe' ỹ, terra sem males, passavam pelo Morro dos Cavalos visto que era um centro de comunicação entre grupos que deixavam mensagens e objetos, além de fazer encontros e rituais (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 31)

[9] Em Santa Catarina, há um *tekoa* (aldeia) e um time de futebol que disputa a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina chamado Tava'i.

[10]Graduado pela programa de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O caminhar em busca da *Yvy Marãe Y*, inclui uma rede de caminhos pré-coloniais conhecido popularmente como Peabiru. Segundo Rosana Bond (2004; 2009), o Peabiru era uma "estrada" transcontinental que percorria mais de três mil quilômetros indo do Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, cortando matas, rios, cataratas, pântanos e cordilheiras, passando por territórios que hoje compõem o território brasileiro, paraguaio, boliviano e peruano. Possivelmente este caminho possuía um tronco principal que se conectava há vários outros ramais secundários, formando uma verdadeira rede, tanto no território Guarani, quanto no território andino (**Figura 7**).

Figura 7 - Possível tronco principal do caminho do Peabiru



Fonte: Adaptado de Bond e Finco (2004). Org.
Ana Paula Colavite (apud COLAVITE; BARROS, 2009).

Rosana Bond (2004), aponta que o tronco principal do caminho possuía em média oito palmos de largura (aproximadamente 1,4 metros) e 0,40 metros de profundidade, forrado com gramíneas, possivelmente a fim de evitar erosão e degradação do caminho, além de facilitar o caminhar. Além disso, trechos mais difíceis recebiam pavimentação com pedras e sinalizações com artes rupestres, mapas, símbolos e pedras no entorno.

Segundo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos:

> Algo muito significativo na nossa Terra Indígena é que o famoso caminho do Peabiru, rota da América do Sul pré-colombiana que vai do Atlântico ao Pacífico com cerca de 3,8 mil km até o Peru e 4,3 mil km até o Chile, em uma linha sudeste–noroeste–sudeste, passa pela nossa terra. O caminho acompanhava o movimento aparente do Sol, nascente–poente–nascente, e fazia a conexão de várias comunidades de diferentes civilizações, ligava o povo Guarani com o povo Inca. No Brasil começava, ou terminava, em três pontos: litoral de Santa Catarina, litoral do Paraná e litoral de São Paulo e atravessava grande parte do Morro dos Cavalos.
> (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 14)

Durante uma trilha de monitoramento territorial que acompanhei juntamente com lideranças da Terra Indígena Morro dos Cavalos e um agente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) (**Figura 8**), passamos por um trecho na mata identificado pelas lideranças como um possível trecho do caminho do Peabiru. Este trecho parecia ser planificado por uma faixa de largura similar a descrita por Bond (2004), possuía algumas pedras em seu entorno como uma possível forma de delimitação, além de sua vegetação ser menos densa e com árvores menos espessas do que seu entorno, como se a vegetação houvesse sido suprimida e rebrotado tempo depois, sem, porém atingir o mesmo estágio do seu entorno.

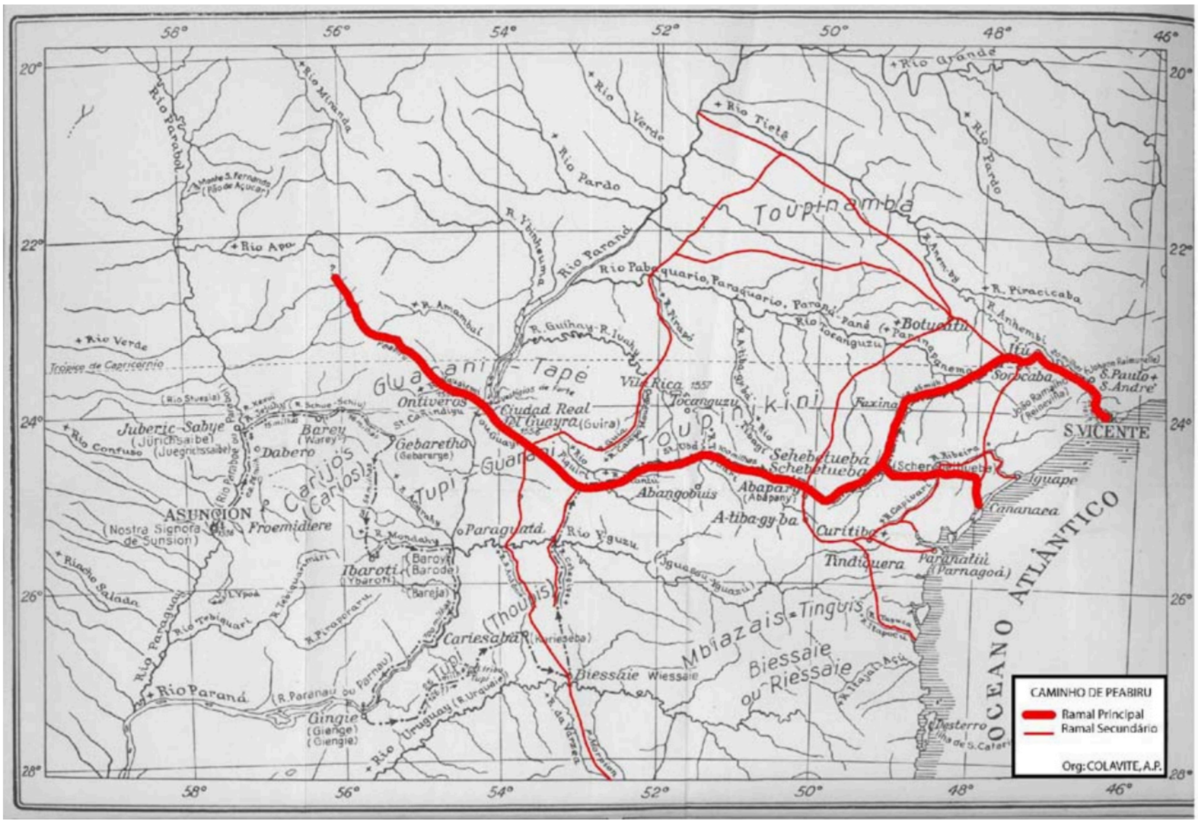
Figura 8 - Trilha de monitoramento na Terra Indígena Morro dos Cavalos



Fonte: autor (2023).

Segundo Corrêa (2010), o caminho do Peabiru chegou a ser usado por exploradores, missionários e bandeirantes. Aleixo Garcia, por exemplo, foi um explorador português que, juntamente com uma comitiva de dois mil indígenas Carijós (Guarani), teriam partido do litoral de Santa Catarina, chegando ao império Inca no Peru, em 1524. Em 1531, Pero Lobo e Francisco das Chaves, realizaram uma expedição sob determinação da Capitania de São Vicente que objetivava atingir as riquezas de Potosi, na Bolívia, no entanto, os dois foram mortos por indígenas na passagem do Rio Paraná. O Peabiru também foi percorrido por Ulrich Schmidel em 1553 (**Figura 9**) e Cabeza de Vaca, por volta de 1540, também guiado por indígenas Guarani, sendo esse último, o que deixou maiores relatos escritos e detalhes do caminho. Os jesuítas, posteriormente, batizaram o caminho de "Caminho de São Tomé" em suas ações missionárias, e os bandeirantes paulistas como Antônio Raposo Tavares posteriormente utilizaram as vias já construídas para atacar missões jesuíticas e capturar indígenas.

Figura 9 - Itinerário de Ulrich Schmidel com o Caminho de Peabiru em destaque



Fonte: Adaptado de Maack (2002). Org.: Ana Paula Colavite (apud COLAVITE; BARROS, 2009).

O padre jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, que também caminhou pelas picadas indígenas em suas missões, foi o primeiro a utilizar o termo Peabiru para se referir a essa estrada na obra "História da conquista do Paraguai: Rio da Prata e Tucumam", de 1873, (BOND, 2004). Peabiru, provavelmente, é um termo "aportuguesado" e/ou "espanholizado" a partir da vocalização equivocada da língua guarani. Há diversas versões e hipóteses sobre o seu significado. Uma delas que ouvi em conversas, é que seu significado seria algo como "o caminho do criador", provavelmente a partir da junção das palavras *Tape* (caminho) e *Rú* (pai, criador). Ou seja, essa versão estaria diretamente ligada à cosmologia guarani na busca da *Yvy Marâe Y*, terra sem males.

No entanto, há outras hipóteses. Segundo Corrêa (2010) para Ruy Dias de Guzmán, *Peabeyú* significa "caminho antigo de ida e volta" ou "por aqui corre o caminho antigo"; para Mansur Guérios, *Piapyrú*, pode significar "pegada do caminho"; para Ramon Cardoso, poderia significar "caminho batido", "caminho pisado" ou "caminho amassado"; e para Guimarães Costa, Tape Avirú, significaria "caminho terraplanado" ou "caminho estofado", entre outras versões. Nunes (2022) utiliza o termo Tape Aviru, caminho macio e Ivarra Ortiz e Machado (2018, p. 247) apresentam o termo *Pea Apynru*, que pode ser traduzido para "nele coloco os meus pés".

Independente da nomenclatura, esse caminho, ou essa rede de caminhos, parece ter sido utilizada pelos Guarani para muitos outros motivos para além da busca da *Yvy Marae Y* , a terra sem males. Muitos destes motivos já destacados no início deste subcapítulo: relações externas com outras nações indígenas, expansão territorial e integração cultural e territorial, entre outros. O caminhar, a mobilidade e a fluidez parecem fazer parte do *nhanderekó*, modo de vida Guarani, não só na sua espiritualidade, mas também em sua relação de parentesco, integração cultural, em sua relação com o espaço e em sua territorialidade.

Kilza Setti (1995, p. 81, apud LADEIRA, 2001) ao estudar o sistema musical entre os Mbya Guarani, observa que os deslocamentos Mbya, não provocam rupturas territoriais ou culturais "Ao contrário, esses espaços consolidam a ordem cultural e garantem a circulação dos cantos e práticas musicais sagradas".

Ivarra Ortiz e Machado (2018, p. 260) falam sobre

> Uma rede de caminhos, trajetórias, sonhos que interagem e potencializam o modo de ser Mbya [Guarani] (...) O caminhar é uma forma de se aproximar e estar com

> aqueles que nos são caros, com os quais nos sentimos bem, que tem significado para nós, uma ligação, interação, que é mais sentida do que explicada, tanto com os parentes terrenos, como os que estão no ambá (morada celeste).

O mesmo autor chega a afirmar que muitas vezes, o que move a *guatá*, é a vontade de encontrar familiares e amigos, além da vontade de conhecer novos lugares e novas pessoas. Segundo o Plano de Gestão Territorial (2021) e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos:

> Buscamos manter nossos processos culturais através da circulação nas terras, havendo mudanças e trocas de e entre pessoas cotidianamente. Isso faz com que os laços de parentesco sejam conectados sem fronteiras e a ligação das pessoas com o vasto território seja intensa, principalmente para os mais velhos que passam por várias terras durante suas vidas e visitam parentes por todo o território (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 14).

Ismael de Souza (2020, p. 12), aponta que os mais velhos são como árvores que falam, cravadas ao chão após percorrerem longos caminhos e desenvolverem muito conhecimento, enquanto "os mais jovens são ainda como sementes que voam ao vento procurando encontrar seu lugar para germinar". Ismael diz: "quando ouvi isso pela primeira vez, imaginei uma semente a voar, mas depois analisando, percebi que é nosso próprio caminho" . Ou seja, o caminhar Mbya Guarani, também se realiza em busca de sabedoria e de um lugar para criar raízes e desenvolver novas sementes quando mais velho.

Neste sentido, Ladeira (2021, p. 106) aponta que "os movimentos dos Guarani se operam em um continuum em que as relações sociais antigas e novas interagem-se, integrando o passado e o futuro como condição do presente".

Ivarra Ortiz e Machado (2018) apontam que, ao contrário do que muitos pensam, ainda hoje os Guarani realizam a *guatá* (caminhar), mesmo diante da fragmentação, destruição e criação de limites rígidos em seus territórios. Além disso, segundo o autor, a *guatá* (caminhar), não se resume ao caminhar com o pé ao chão, mas também é percorrer, conhecer lugares e acontece de barco, de carro, de ônibus e de avião. Pois conforme Meliá (1990, p. 43) "(...) no fundo, não é a migração em si que define os Guarani, mas sim o modo particular de viver a economia de reciprocidade".

"A filosofia de vida Mbya Guarani insiste no caminhar e vai reproduzir-se sempre", pois para os Mbya Guarani, "caminhar é a marca da sua liberdade" (IVARRA ORTIZ; MACHADO, 2018, p. 249).

3.3 *Yvy Rupa*: Território e Territorialidade Guarani

Território é um conceito fundamental para a Geografia. Trata-se de um conceito polissêmico, isto é, possuidor de diversos significados e interpretações. É necessário ter em mente que este conceito, assim como suas diversas derivações - territorialidade, desterritorialização, reterritorialização, entre outros - são "categorias analíticas criadas pelas ciências sociais para instrumentalizar o estudo das relações da humanidade com o espaço" (CAVALCANTE, 2013). Sendo assim, a vivência e as práticas espaciais de determinados grupos humanos, nem sempre se enquadram perfeitamente nos conceitos da academia. Portanto, não pretendo desenvolver uma aprofundada discussão teórica, nem mesmo uma longa revisão sobre o assunto. Buscarei, sobretudo, revisitar e evidenciar a noção de território e territorialidade Guarani, segundo seus próprios sujeitos.

Com base em Raffestin (1993, p. 143), podemos entender que o território é uma categoria que se inscreve em um campo de poder, formada a partir da apropriação do espaço, por determinados atores e grupos sociais que a partir de seu uso "territorializam o espaço" ao se projetar trabalho, energia e informação. O território, portanto, é produto e meio de produção, definido por relações tridimensionais entre sociedade-espaço-tempo.

Um conceito interessante quando se coloca em questão os territórios indígenas, é o conceito de "Territórios Ontológicos" de Arturo Escobar (2010). Os Territórios Ontológicos referem-se a espaços geográficos nos quais diferentes ontologias, ou seja, formas de existência, de saberes, e de modos de vida coexistem, desafiando as visões dominantes que buscam impor uma única perspectiva para o conceito. Ainda segundo o autor, muitas vezes a existência de um determinado grupo produz e, ao mesmo tempo, depende da existência do território para sua própria existência enquanto grupo social, como é caso dos Guarani na sua relação com a Mata Atlântica, que veremos no próximo subcapítulo.

Essa perspectiva, nos leva ao conceito de territorialidade. Podemos entender a territorialidade como "o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu "território"" (LITLLE, 2002, p. 3). Esse esforço coletivo para ocupar, usar, identificar e integrar espaços e transformá-los em territórios, como aponta Little (2002), entre os Guarani, está diretamente relacionado à ideia de livre circulação, através da mobilidade, fluidez e caminhar (*guatá*).

Nesse momento, é necessário diferenciar "Terra Indígena" de "Território Indígena". Com base em Gallois (1997), entendemos que "Terra Indígena" é uma categoria jurídica, definida por meio de legislação e refere-se ao processo político-jurídico conduzido pelo Estado na delimitação, demarcação e criação de limites a pequenas partes dos territórios ou espaços indígenas. Território, no entanto, é aberto, fluido e remete à identificação do próprio grupo social a partir de sua vivência culturalmente variável; é a relação entre uma sociedade específica e sua base espacial.

Ou seja, o território Guarani, não se restringe aos *tekoa kuery* (locais de morar) ou as Terras indígenas por si só. O território Guarani, *Yvy Rupa*, contempla todos os *tekoa kuery* (locais de morar), todas as Terras Indígenas, além de todas as áreas de plantio, de caça, de pesca, de extração de recursos, os caminhos, os espaços sagrados, e os sítios arqueológicos, mesmo distante dos locais de morar. Segundo Ladeira (2001, p. 99), a noção de território "está associado a uma noção de mundo" e é "formado por incontáveis pontos de passagem e parada, e por aldeias que se interagem por meio das dinâmicas sociais e políticas e das redes de parentesco que implicam permanente mobilidade".

Segundo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) da Terra Indígena Morro dos Cavalos, "a percepção de território, ***Yvy Rupa***, para nós está ligada com a ideia de livre circulação em espaços onde cabem o ***Nhandereko***, modo de vida Guarani" (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 13). E, "a ancestralidade Guarani circula há milhares de anos pelo ***Yvy Rupa*** (...) em uma extensa rede com nossos parentes, com intercâmbio, reciprocidade e cominucação".

Sendo assim, o *Yvy Rupa*, território Guarani, possui uma grande dimensão espacial que vai do norte da Argentina e do norte do Uruguai, até o sul da Bolívia e norte do Brasil (Pará, Tocantins e Maranhão), passando pelo Paraguai, e os estados brasileiros de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul.

Uma boa forma de compreender visualmente o *Yvy Rupa*, território Guarani, é através do Mapa Guarani Digital (2022). Trata-se de um mapa dinâmico que permite visualizar espacialmente a disposição de *tekoa kuery* (locais de morar/aldeias), terras indígenas e sítios arqueológicos Guarani, trazendo assim a dimensão territorial do grupo. Este Mapa, em sua versão *online*, possui zoom interativo e permite a sobreposição de algumas camadas cartográficas (**Figura 10**).

Figura 10 - Captura de Tela do Mapa Guarani Digital



Fonte: Projeto Mapa Guarani Digital (Coord. PERRI, 2024)[11]

Pode parecer, aos olhos coloniais ou colonizados, que o *Yvy Rupa*, território Guarani, é descontínuo e desconectado, no entanto, segundo o PGTA da TI Morro dos Cavalos (2021, p. 51) "Nossas andanças fazem com que nossos laços de parentesco sejam conectados, sem fronteiras e a ligação com o território intensa, principalmente para os mais velhos que no decorrer de suas vidas passam por várias terras e visitam parentes por todo território" Ivarra Ortiz e Machado (2018, p. 249), no mesmo sentido apontam que "todas as caminhadas dos parentes mbya têm formatado um *Guará* (grande território)" e "nesse entendimento, o espaço do território deve ser caminhado, pois é cultivado, ocupado, humanizado, guaranizado".

Portanto, o *Yvy Rupa*, berço terrestre e território Guarani, pode ser entendido como um território não estático, sem limites rígidos em linhas imaginárias e aparentemente descontínuo na visão ocidental, na qual, no entanto, o parentesco, a reciprocidade, a

[11] O projeto Mapa Guarani Digital tem sua coordenação atribuída a Daniel Calazans Perri, mas trata-se de um trabalho conjunto entre o Centro de Trabalhos Indigenistas (CTI), a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Acesse em: https://guarani.map.as/#!/

mobilidade, a fluidez e o intercâmbio cultural através das *guatá* (caminhar), seja pela mata, pela terra, pela água, pela rodovia ou pelo ar, mantém uma rede de contatos e relações que faz com que todos os *tekoa kuery* (locais de morar/aldeias) Guarani se conectem em um único território que abriga o *Nhandereko* (modo de vida Guarani).

3.4 *Ka'aguy Porã*: Mata atlântica, a agrofloresta Guarani

"Nosso território, ***Yvy Rupa***, é a floresta Mata Atlântica, regada pelo oceano Atlântico" (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 16) , é o que aponta a comunidade Guarani da TI Morro dos Cavalos.

Antes de prosseguirmos, é preciso entender que, do ponto de vista geográfico-científico, mata-atlântica, é um termo genérico utilizado para se referir a uma multiplicidade de ambientes, paisagens e fisionomias geográficas, que podem ir do nível do mar ao topo de serras, planícies e planaltos, que incluem florestas ombrófilas densas (chove o ano todo), floresta ombrófila mista, florestas estacionais (possui estação seca), floresta de araucárias, além de estepes, restingas e manguezais.

> "Nós reconhecemos a Mata Atlântica como ***Yvy Rupa***, o território tradicional Guarani. São pelo menos 2000 anos antes do presente em diversos pontos deste território, comprovados pelos registros arqueológicos, que nunca foram abandonados, pois permanecem na memória do nosso povo. Ao longo deste tempo estabelecemos profundas relações com o ambiente, desenvolvemos nossos meios de produção e consumo, e reconhecemos diversos elementos do ambiente, como espécies e paisagens, conectando as relações do mundo natural com o espiritual.
> Para o nosso ***Nhandereko*** e a manutenção dos costumes, os ambientes naturais são fundamentais. Isso permeia os motivos das migrações em busca de um bom lugar para estabelecer nosso ***Nhandereko***. Ambientes florestados fornecem o essencial para saúde e alegria, água e terra boas, fonte de alimentos e medicinas e o contato direto com as divindades (MORRO DOS CAVALOS, p. 33–34)

Essa relação com a mata (*ka'aguy*), e tudo que nela há, não é só uma relação de subsídio de necessidades, muito menos de buscar interesses econômicos ou interesses particulares. Segundo Descola (2000), p. 152–153), nas sociedades indígenas o que chamamos de natureza seria um "sujeito de uma relação social", e não um objeto a ser explorado. Trata-se, portanto, de uma relação de respeito e reciprocidade com cada elemento e ser vivo.

> No nosso entendimento, quando ocupamos o espaço físico não ocupamos apenas onde pisamos. Estamos nos relacionando diretamente com o que está acima e o que está abaixo de nós, assim como com todos os donos e seres que vivem no local. A nossa mobilidade no território é ligada com uma antena no céu, no espaço (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 40).

Essa relação entre os Guarani, a mata (*ka'aguy*), a água (*yy*), a terra (*yvy*), o ar (*yvytu*), os animais (*mymba*), e outros elementos e seres, é tão intensa que segundo Ladeira (2001), não existe, na língua guarani, uma palavra para "natureza". Isso porque, não existe distinção entre "natureza" e seres humanos ou entre "natureza" e cultura, na visão Guarani. Toda "natureza" é manejada por pessoas e toda pessoa depende da "natureza" para extrair e reproduzir sua subsistência e cultura. Trata-se de uma relação de simbiose.

> A Mata Atlântica mantém a maior quantidade de plantas ameaçadas no Brasil. O manejo do ambiente é a estratégia segura para a manutenção do ***nhandereko*** não só para os humanos como também para os outros seres com quem se compartilha o território. O nosso conhecimento construído nesse território há milhares de anos está aos poucos sendo reconhecido pela comunidade científica. Diversos estudos têm sido realizados junto a povos indígenas que apontam sobre a etnotaxonomia de espécies e ambientes no Brasil, e o manejo agroflorestal, ou seja manejo tradicional (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 34)

> As estratégias do nosso cultivo com manejo específico não só colaboram para a manutenção, como também enriquecem os ecossistemas promovendo a biodiversidade. A diversidade do conhecimento botânico Guarani já foi estudada por muitos pesquisadores, como pode ser observado no levantamento bibliográfico de Votre et al., (2017) de trabalhos realizados para plantas úteis de uso Guarani em diferentes pontos do território tradicional. Os autores registraram o total de 956 espécies, pertencentes a 131 famílias botânicas (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 34)

Um dos pesquisadores que observaram a biodiversidade e o manejo florestal entre comunidades tradicionais foi Descola (2000). O autor, ao estudar a floresta amazônica, contesta que esta floresta seja um ambiente virgem de qualquer ação humana. Segundo Descola (2000, p. 150) a natureza amazônica seria "muito pouco natural, podendo ser considerada, ao contrário, o produto cultural de uma manipulação muito antiga da fauna e da flora", a partir saberes e técnicas indígenas de uso e manejo do ambiente habitado, ou melhor, territorializado. Segundo o autor:

> Tal ação pode ser observada na [...] abundância dos solos antropogênicos e sua associação com florestas de palmeiras ou de árvores frutíferas silvestres que sugerem que a distribuição dos tipos de florestas e de vegetação na região resulta, em parte, de vários milênios de ocupação por populações, cuja presença recorrente nos mesmos sítios transformou profundamente a paisagem vegetal.

Ainda segundo Descola (2000), a territorialização da floresta por povos tradicionais é significativa "sobretudo no que diz respeito à taxa de biodiversidade, mais elevada nas porções de florestas antropogênicas do que nas porções de florestas não modificadas pelo homem" (DESCOLA, 2000, p.150).

Da mesma forma, o pesquisador Antonio Carlos Diegues (1996), aponta sobre o "Mito moderno da natureza intocada". Segundo o pesquisador, a política "preservacionista" instituída no Brasil e em outros países da América Latina, se baseiam em um mito criado e difundido nos Estados Unidos, na qual, a presença humana é considerada essencialmente nociva a ambientes naturais, vistos de forma mitológicos como paraísos "selvagens" e intocados. Essa concepção impulsionou a criação de parques, reservas e unidades de conservação de restrição de uso de recursos naturais e expulsão de povos tradicionais.

Diegues (1996, p. 21), defende, no entanto, que, ao contrário desta concepção, os povos tradicionais, a partir de suas sabedorias e técnicas, são verdadeiros protetores das florestas, e que, portanto, "biodiversidade e cultura devem caminhar juntas".

No *nhanderekó*, modo de vida Guarani, várias são as espécies vegetais da Mata Atlântica identificadas como culturalmente importantes. A partir do PGTA da TI Morro dos Cavalos (2021, p. 41–42) listarei algumas delas, sem, no entanto, a intenção de esgotar o assunto:

- *Yvyra pyru* - Garapuvu (popular) - *Schizolobium parahyba* (científico): Árvore de madeira leve utilizada para confecção de canoas;
- *Amba'y guaxu* - Embaúba (popular) - *Cecropia sp* (científico): utilizada para confecção de instrumentos como *mbaraká mirim*, pau-de-chuva, que emitem sons da cobra cascavel e afastam os males, além de fazer parte de altares nas *opy kuery*, casas de reza;
- *Kurupa'y xĩ* - Angico (popular) - *Anadenanthera sp* (científico): Lenha sagrada por segurar o fogo (tata) por mais tempo. Além disso, seu chá é utilizado para fins medicinais;
- *Aguaí* - Aguaí (popular) - *Chrysophyllum gonocarpum* (científico): suas sementes são utilizadas para confecção de colares de proteção e fortalecimento em momentos de dificuldades;
- *Yary* - Cedro (popular) - *Cedrella fissilis* (científico): árvore muito importante utilizada no *Nhemongarai* (batizado), além da confecção de instrumentos sagrados como o *petyngua*, o cachimbo de conexão com as divindades, o *popygua*, espécie de varinha

utilizada para afastar males em cerimônias na *opy*, além de partes dos próprios altares nas *opy kuery* (LADEIRA, 2001);

- *Ka'á* - Erva Mate (popular) - *Ilex paraguariensis* (científico): "A erva-mate representa o ser vegetal e concebe a energia para nosso povo (MORRO DOS CAVALOS, 2001, p. 42). É utilizado no *Nhemongarai* (batizado), além de ser consumido cotidianamente. Ainda segundo o PGTA da TI, "A cultura de tomar mate foi incorporada pelo povo *juruá* (não-indígena) por onde habita a nação Guarani: sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina".
- *Pindó owy* - Jerivá (popular) - *Syagrus romanzoffiana* (científico): Esta provavelmente é a espécie vegetal mais importante:

> o nosso povo tem sua base nutrida por um vegetal, o ***Pindo owy*** (Jerivá), a planta sagrada que carrega a ancestralidade em nossa cultura. Quando um ***Pindo owy*** (Jerivá) morre, ele não rebrota, mas é uma planta muito resistente. Na criação, o ***Pindo owy*** (Jerivá) é o coração de ***Nhanderu***, que bate e se conecta com todas as divindades. Quando algumas pessoas morrem, plantamos um Pindó, porque assim a pessoa renasce em forma de Pindó e assim, sua presença contínua na comunidade (MORRO DOS CAVALOS, p. 19)

> Utilizamos todas as parte do Pindó. Com a raiz lavamos a boca para dores de dente. O tronco é madeira para fazer lança e se tira o palmito que é um alimento medicinal. O fruto é despolpado no pilão para tomar e o caroço se seca no sol e tira a castanha que também é medicinal para doenças respiratórias. Com o cacho da planta podemos fazer a farinha e tiramos o nosso sal dessa farinha. Quando a planta apodrece atrai a larva ***yxo*** que é medicinal para doenças respiratórias. Além disso, sua gordura evita o crescimento dos pelos (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 42)

A partir desta breve apresentação de espécies diretamente relacionadas ao *nhandereko*, modo de vida Guarani - nem sequer falamos de espécies diretamente relacionadas a alimentação - é possível compreender que possivelmente essas comunidades plantavam, ou no mínimo selecionavam e dispersavam as sementes mais interessantes para seu modo de vida, realizando assim o manejo ambiental e ecológico dos espaços territorializados. Entre minhas breves experiências na TI Morro dos Cavalos, ouvi relatos de que árvores e plantas frutíferas deveriam ser plantadas nas trilhas, pois assim, as crianças teriam frutas para comer enquanto caminham e brincam pelo território.

Além disso, a seleção artificial de sementes a partir de características mais interessantes ao seu modo de vida, pode ter criado variedades e espécies novas, literalmente aumentando a biodiversidade das florestas em ambientes territorializados. Os Guarani da TI Morro dos Cavalos são conscientes disso, ao ponto de não usarem o termo espécies nativas

simplesmente, mas sim o termo “espécies nativas-indígenas” em alguns momentos do seu Plano de Gestão Territorial e Ambiental (p. 57).

Atualmente no Centro de Formação Tataendy Rupa, da TI Morro dos Cavalos, há um viveiro de mudas que mantém a prática do manejo ambiental. Esse manejo ambiental acontece sobretudo, na supressão de espécies invasoras e de grande potencial de dispersão e impacto ambiental, a destacar o Pinus (*Pinus elliottii Engelm*) - que foi amplamente semeado na região pela atividade madeireira do passado - e no reflorestamento com espécies nativas/indígenas como o Jerivá, o Cedro e a Embaúba, por exemplo (**Figura 11**). Além disso, há o monitoramento frequente com drones e geotecnologias a fim de mapear as áreas que necessitam de reflorestamento.

Figura 11 - Viveiro de mudas: Centro de Formação Tataendy Rupa, Terra Indígena Morro dos Cavalos



Fonte: autor (2023).

Esse viveiro de mudas nativas/indígenas do Centro de Formação Tataendy Rupa, é importante não só para a Terra Indígena Morro dos Cavalos, mas para toda a região de Palhoça, Santa Catarina. Em 2019, quando incêndios, possivelmente criminosos, em áreas de restinga do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro destruíram mais de 500 hectares de área de preservação (G1, 2019), foi o Centro de Formação Tataendy Rupa, da Terra Indígena Morro dos Cavalos que doou mudas de espécies nativas/indígenas para o reflorestamento da área. Essa atitude foi vista com bons olhos pela direção do parque, que por muito tempo, possuía uma relação conflituosa com a comunidade indígena por conta de uma sobreposição territorial entre TI e Parque Estadual.

A TI Morro dos Cavalos não é o único exemplo. Na fotografia aérea do *tekoa* Yvapuru, por exemplo, é possível observar como essa Terra Indígena assume um papel de preservação da biodiversidade, contrastando com a malha urbana ao fundo da imagem (**Figura 12**).

Figura 12 - *Tekoa* Yvapuru, Araquari, Santa Catarina, com destaque a sua importância na manutenção da biodiversidade.



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Ladeira (2001, p. 97), aponta que para os Guarani, "a questão do território contém a perspectiva de manutenção de seu mundo, ou está nela contida". Enquanto a comunidade da TI Morro dos Cavalos (MORRO DOS CAVALOS, p. 37) afirma que "os territórios ricos em biodiversidade, são também, historicamente, construídos por nós, comunidades originárias".

3.5 *Mongu'e Mbarete*[12]: Movimentos de resistência

Atualmente, quase todo o território Guarani - que vai muito além dos *tekoa kuery* (locais de morar, aldeias), mas inclui caminhos, áreas de pesca, áreas de caça, áreas de plantio

[12] Segundo o professor Natan Almeida Evaristo (Karai Popygua), a palavra *mbarete* pode significar força e resistência a depender do contexto. *Mongu'e*, por sua vez, significa "movimentar-se", e em alguns contextos refere-se a movimentos políticos e de resistência (SANTOS, 2021).

de roças, área de plantio de agrofloresta, extração de materiais (como rochas ou argila), entre outros espaços - foi devastado e dividido em propriedades particulares, a fim de sustentar interesses econômicos. Espaços onde no passado havia o manejo agroflorestal tradicional, foram suprimidos pelo predomínio do agronegócio latifundiário e monocultor de soja, milho, cana-de-açúcar, arroz, pinus, eucalipto e pastagens, sobretudo nas regiões mais continentalizadas e de geomorfologia menos acidentada. Esse processo inclui a apropriação indevida de terras mediante posses e grilos em documentos fundiários, conforme aponta Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1999).

> O território capitalista brasileiro foi produto da conquista e destruição do território indígena. Espaço e tempo do universo cultural índio foram sendo moldados ao espaço e tempo do capital [...]. Talvez, estivesse aí o início da primeira luta entre desiguais. A luta do capital em processo de expansão, desenvolvimento, em busca de acumulação, ainda que primitiva, e a luta dos 'filhos do sol' em busca da manutenção do seu espaço de vida no território invadido (OLIVEIRA, 1999, p. 11).

Segundo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Morro dos Cavalos:

> Como reflexo da ocupação e da exploração desordenada dos bens naturais nos últimos séculos - acelerada nas últimas três décadas - os remanescentes florestais da Mata Atlântica encontram-se reduzidos em 8% de sua cobertura original, que se estende [principalmente] pela faixa litorânea (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 32, adaptado).

Ladeira (2001, p. 51), por sua vez, aponta que a Mata Atlântica, "em razão do modelo de civilização que levou ao extermínio de populações indígenas inteiras e ao confinamento das comunidades atuais", foi reduzida a cerca de 8% de sua área original. A autora aponta ainda que a reprodução cultural Guarani "só podem acontecer por meio da Mata Atlântica" logo, "o interesse dos Guarani na conservação das matas é um interesse vital, pois este é ainda o único espaço para, enquanto sociedade, viverem seu modo de vida segundo sua cosmologia".

A região costeira, onde se concentram os últimos remanescentes de Mata Atlântica - provavelmente devido ao interesse tardio a essas áreas em razão do relevo acidentado com morros e serras consideradas no passado inapropriados, ou onerosas demais para a atividade econômica - atualmente é palco de disputas entre latifundiários, pequenos proprietários, posseiros, madeireiros, pela especulação imobiliária urbana, por interesses turísticos e por "preservacionistas" e unidades de conservação. Essa última, que muitas vezes se sobrepõe aos territórios e terras indígenas e, conforme Diegues (1996), apresenta uma

concepção mítica de natureza intocada e de presença essencialmente nociva de seres humanos, incluindo comunidades tradicionais, expulsando-as de suas áreas.

Diante destes conflitos, apesar de contraditório na cosmologia, territorialidade e *nhandereko*, modo de vida Guarani, a demarcação se tornou a única opção de resistência e sobrevivência, a fim de garantir o direito a terra nos poucos remanescentes de mata e de bons *tekoa kuery* (locais de morar). Brighenti (2010, p. 263), aponta:

> As terras Guarani são formadas por espaços descontínuos mas interligados pelas relações sociais estabelecidas pelo parentesco, pela reciprocidade e pelas visitas. A integração desenvolvida pelos Guarani, de viver sem fronteiras não condiz com as propostas praticadas pelos Estados de desintegração, sobretudo pela sedentarização, dificultando e forçando a quebra do elo entre as terras Guarani espalhadas pelo amplo território (BRIGHENTI, 2010, p. 263).

Segundo Raffestin (1993), a demarcação de terras e o confinamento total ou parcial/relativo de um grupo étnico minoritário (população) ou minorizado (em relação ao poder), pelo grupo predominante, dominante ou detentor do poder, como ocorre com as populações indígenas, é uma estratégia que se insere na Geografia do poder. Nas palavras do autor:

> [...] numa sociedade multirracial ou multiétnica, há, potencialmente todo um conjunto de dispositivos possíveis para que um grupo aumente seus trunfos, em detrimento de outros grupos [...]. Uma primeira discriminação pode ser de natureza espacial. O grupo A (majoritário) pode impor ao grupo B (minoritário) uma localização determinada, uma certa região do território, um bairro específico na cidade, etc. Na prática, a discriminação espacial tende a interditar, aos membros do grupo B, o acesso a outras partes do território, de uma forma total ou parcial. Podem-se imaginar numerosas variantes: em caráter individual, os membros do grupo B podem ter acesso a todo o território, mas um deslocamento coletivo é impossível; estão assim, de uma certa forma, estacionados, podendo mesmo ser interditados os deslocamentos individuais, salvo em certas condições. Trata-se portanto de isolar o grupo B, para melhor controlá-lo e dominá-lo. Melhor dizendo, as relações do grupo B com o espaço são determinadas pelo grupo A. Essas relações não são autônomas e as coisas se passam como se fronteiras invisíveis fossem traçadas em torno do grupo B. O raio de ação do grupo B é limitado, o que implica, em geral, que ele é mantido ali desde que se dedique a atividades consideradas possíveis no território em que se instalou e de onde não pode sair, ou só dificilmente poderá fazê-lo. Trata-se, portanto, de uma relação dissimétrica com o espaço; relação imposta do exterior pelo grupo A, que disso tira todas as espécies de vantagens, uma vez que limita a concorrência do grupo B na maior parte do território. Pode-se também imaginar, por diversas razões, que o grupo B imponha a si mesmo uma localização precisa, de maneira a conter a empresa do grupo A, para resistir a uma eventual perseguição (RAFFESTIN, 1993, p. 132).

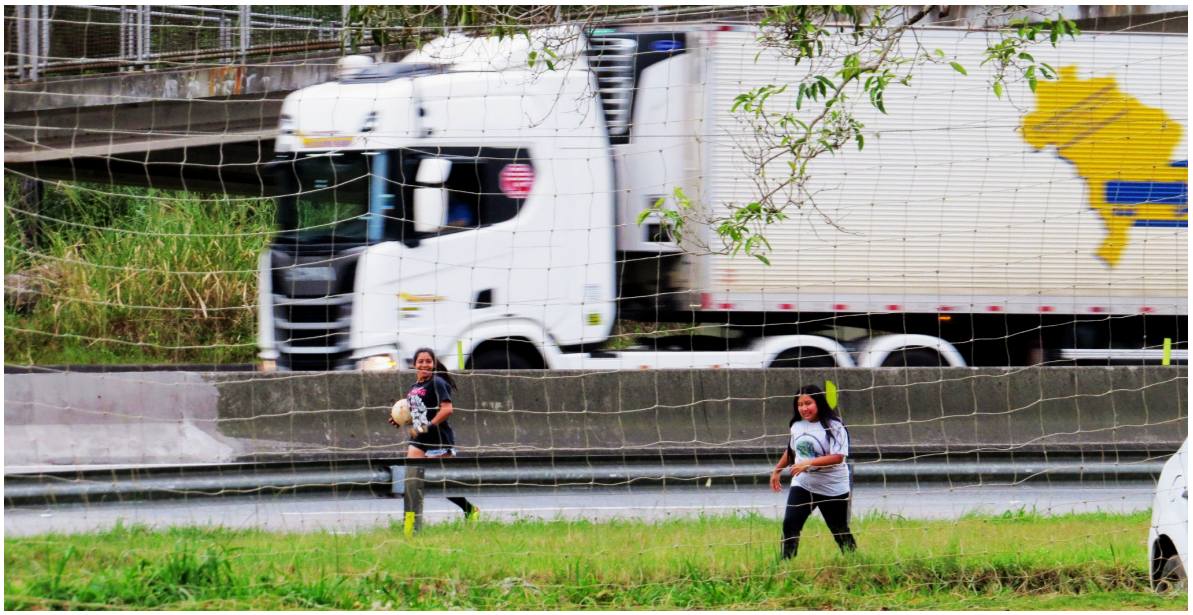
De fato, como afirma Raffestin (1993), as demarcações impossibilitam um deslocamento coletivo, e mesmo os deslocamentos individuais passam por essas fronteiras invisíveis de violência e discriminação. As populações Guarani, estão cientes desta forma de

controle, no entanto, no momento não há outra opção que garanta o mínimo de segurança que não seja a imposição a si mesmo, de uma localização precisa - isto é, a demarcação - para conter ou resistir a uma eventual perseguição. “Para os Guarani, a demarcação significa a retalhação de seu território e o seu próprio confinamento, porém estão conscientes de que, no mundo atual, esta é a única alternativa” (LADEIRA, 2001, p. 42). O Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Morro dos Cavalos (2021) traz alguns importantes relatos sobre essa questão:

> A percepção de território, ***YvyRupa***, para nós está ligada com a ideia da livre circulação em espaços onde cabem o ***Nhandereko***, modo de vida Guarani. A terra são pequenas partes desse vasto território. Hoje essas terras precisam ser homologadas para uma garantia da existência de tekoas e do ***Nhandereko***, para que consigamos circular pelas tekoas com certa segurança, na tentativa de uma vida sem violências vindas de ***juruá*** (não-indígena) (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 15).

> Segundo os mais velhos do território, acreditávamos que colocar cerca para dividir territórios era desrespeitar as divindades que os criaram para usufruto de todos os seres. No caso da comunidade do Morro dos Cavalos, a percepção dos mais velhos foi adaptada em 1960 quando a rodovia BR-101 foi construída. Isto trouxe muitos riscos à comunidade e alterações no território. A partir daí passou a ser de extrema importância para acesso a territórios a demarcação da Terra Indígena (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 16) (**Figura 13**).

Figura 13 - Rodovia BR-101 rasgando a Terra Indígena Morro dos Cavalos e oferecendo diversos riscos ao bem viver, incluindo o risco de vida



Fonte: o autor (2023).

À demarcação e proteção de Terras Indígenas no Brasil é competência da União, prevista na Constituição Federal de 1988, no Artigo 231, conforme segue: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos

originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens" (BRASIL, 1988, Artigo 231)

No entanto, na prática, com base no Decreto 1775/96 (BRASIL, 1996), esse processo que inclui estudos de identificação, aprovação do relatório pela FUNAI, contraditório, encaminhamento do processo administrativo de demarcação pela FUNAI ao Ministério da Justiça, decisão do Ministério da Justiça, Homologação mediante decreto da Presidência da República e registro (ISA, 2024), além das possíveis fases de identificação de ocupação de não-indígenas e pagamento de indenizações e retiradas, geralmente, levam um longo tempo até ser concluídas.

Pior do que isso, se algum desses órgãos como FUNAI, Ministério da Justiça e o próprio Presidente da República não forem favoráveis ao processo demarcatório e ao direito constitucional indígena, esses atores podem usar de seu poder para atrapalhar, atrasar, ou mesmo sabotar o processo demarcatório. Isso ocorreu, por exemplo, durante o governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019–2022), que cumprindo suas perversas promessas de campanha, em quatro anos de mandato, não homologou um centímetro de Terras Indígenas em todo o país mesmo com 12 processos já na fase final.

A Terra Indígena Morro dos Cavalos, é uma dessas terras que, já na fase final, a anos vive a esperança da homologação da demarcação:

> Após alongados estudos de delimitação da Terra Indígena, no ano de 2008, foi publicada no Diário Oficial da União a Portaria Declaratória da Terra Indígena do Morro dos Cavalos, assinada pelo Ministro da Justiça. Em 2010 a demarcação física foi concretizada e desde então esperamos indenizações referentes às benfeitorias de boa fé dos posseiros para deixarem a terra Guarani e esperamos a assinatura presidencial para a esperada homologação de nossa Terra Indígena (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 17).

Até o momento, já são treze anos de espera pela homologação. Havia dentro da comunidade uma expectativa muito grande que o presidente Luiz Inácio (Lula) da Silva, a homologasse no primeiro ano de seu terceiro mandato como presidente da república (2023–2026), conforme fez com outras seis Terras Indígenas. No entanto, o demasiado tempo de espera, tornou necessária a implementação de novos estudos antes da tão sonhada homologação. Consequentemente, há continuidade da luta pelos *xondaro kuery* e *xondaria kuery*, guerreiros e guerreiras da comunidade (**Figura 14**).

Figura 14 - Faixa vermelha escrito: “LULA CUMPRA A PROMESSA HOMOLOGA MORRO DOS CAVALOS”, em marcha durante o Acampamento Terra Livre (ATL) de 2023 em Brasília.



Fonte: Conexão Itaty (2023).

Além disso, Morro dos Cavalos não é a única Terra Indígena aguardando pela tão sonhada demarcação. Esta é uma luta coletiva de várias outras Terras Guarani e inclusive de outras etnias/povos indígenas. Diversas estratégias de lutas vêm sendo tomadas, a fim de chamar a atenção a esse tema. Uma delas, é o domínio da língua portuguesa. Outra de grande relevância, é a constituição da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)[13], uma organização fundada em 2006, congregando coletivos Guarani das regiões Sul e Sudeste na luta pela terra. Com assembleias anuais e subdivisão em 20 coordenações regionais, promove mobilização e articulação dos movimentos de luta e resistência.

Outro exemplo interessante de estratégias de movimentos e lutas, aconteceu, inclusive, no espaço do próprio futebol profissional mundial. Para ser mais exato, na abertura da Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA de 2014, no Brasil. Neste grande evento no qual o mundo todo direcionava suas atenções a Copa, um jovem Guarani que havia levado escondido uma faixa vermelha escrito “Demarcação já”, a estendeu durante a cerimônia de abertura atraindo a atenção dos jogadores e árbitros reunidos no centro do gramado, além de fotógrafos e espectadores (**Figura 15**).

As demarcações de Terras Indígenas, conduzidas pelo Estado, apesar de fundamentais e desejadas pelas comunidades Guarani, na maioria das vezes, sobretudo nas regiões Sul e Sudeste, não contemplam espaços suficientes para a manutenção do modo de vida dos povos tradicionais, comprometendo a disponibilidade de recursos e a qualidade de

[13] Saiba mais em: https://www.yvyrupa.org.br/

vida. Isso porque, no processo demarcatório, muitas vezes é considerado apenas o número atual de habitantes, mas não a expectativa de crescimento, e muito menos as demandas destes habitantes de forma que possam reproduzir sua cultura e o seu sustento na própria terra. Muitas vezes, essa parece ser até mesmo uma estratégia para obrigar a população indígena a trabalhar fora da terra, transformando-se em mão-de-obra barata, no seu entorno, dentro da lógica de trabalho capitalista de exploração de mais-valia.

Figura 15 - Jovem Guarani com faixa "DEMARCAÇÃO JÁ", na abertura da Copa do Mundo de 2014.



Disponível em: Peleja (2021).

A forma adotada para superar esse confinamento e essa restrição espacial, que destruiu quase todo o território tradicional, é conectando os *tekoa kuery* (locais de morar) e as Terras Indígenas através da plasticidade, flexibilidade, mobilidade e fluidez, ou seja, através do caminhar (*guatá*) pelos remanescentes do território, integrando-o pela cultura, pela reciprocidade e parentesco. Mas, até mesmo o caminhar está prejudicado pelas cercas e pelos muros, pelos espaços que se tornaram privados, pela quase total destruição da rede de caminhos e toda lógica fronteiriça com o mundo não-indígena.

> Antigamente, antes da invasão colonial, não tínhamos restrição nas andanças pelo ***Yvy Rupa*** (território). Atualmente, buscamos manter nossos processos culturais de circulação nas terras dos nossos parentes em mudanças de tekoas, comunidades, formação de famílias com pessoas de diferentes terras que acabam mudando e

> estimulando outras mudanças em núcleos familiares. Assim, de maneira natural mantemos nosso modo de vida no ***Yvy Rupa***, território, mesmo com toda a lógica fronteiriça dos ***juruás***, não indígenas (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 51).

O desenvolvimento de novas estratégias, a fim de manter a conexão entre as terras e pessoas, mantendo a cultura e o *nhandereko*, modo de vida Guarani, ainda vivos com respeito, parentesco e reciprocidade foram fundamentais. Entre essas estratégias está a realização da *guatá* (caminhar) de outras formas que incluem os modernos meios de transporte e comunicação; está na realização de eventos que reúnem e conecte as pessoas como acampamentos, marchas, manifestações, semanas culturais, festas e até mesmo partidas e campeonatos de futebol, como abordaremos adiante. Tudo isso mantém a territorialidade viva e o território, *Yvy Rupa*, conectado.

"A terra é mãe e mãe não se divide"

Kerexu Yxapyry[14] (Eunice Antunes)[15]

[14] Kerexu Yxapyry (Eunice Antunes) será apresentada no capítulo 5.2, denominado *"Mbarete Kunhangue*: força feminina na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.

[15] Apud Giassi (2017).

4 OS GUARANI INVENTARAM O FUTEBOL?

Figura 16 - Bola ao céu durante uma partida de futebol no *tekoa* Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos.



Fonte: o autor (2022).

Bartolomeu Meliá (apud YBAÑEZ, 2014) afirma que sim, "*los Guaraníes inventaron el fútbol*" e de fato aponta registros históricos que embasam essa teoria, no entanto, antes de afirmarmos algo sobre a questão, vamos discorrer sobre alguns assuntos. Neste capítulo apresento uma reflexão sobre o significado dos jogos e dos esportes nas ciências e nas sociedades humanas, além de um breve levantamento sobre alguns esportes/jogos praticados em diferentes espacialidades e temporalidades, que demonstram a multiculturalidade da história dos jogos com bola, para finalmente focarmos no *Manga Ñembosarái*, o jogo de bola com os pés pré-colonial Guarani, considerado por Meliá e por outros autores, como a origem do futebol moderno.

4.1 Jogos, esportes e seus significados nas ciências humanas

Jogos e esportes, segundo o antropólogo e educador físico Fassheber (2010), são coisas distintas. Para o autor, o jogo (tradicional), possui maior espontaneidade na sua realização, com organização informal e implícita na cultura, normas simples e orais baseadas na tradição, padrões maleáveis, alto nível de tolerância física e baixo controle emocional, entre outras características. O esporte, por sua vez, segundo o mesmo autor, caracteriza-se pela rigidez nas regras, organização institucionalizada, normas formais e escritas, padronizações burocráticas, nível baixo de tolerância física e alto controle emocional. O autor ainda afirma que os "esportes modernos advém do processo de esportivização dos jogos tradicionais" (p. 87), e essa formalização permitiu disciplinar os corpos e comportamentos dos praticantes.

Em Gilmar Mascarenhas de Jesus (1999), vemos que os jogos e esportes, bem como o entendimento do uso do corpo, passaram por diferentes interpretações durante a história "ocidental": valorizados na Grécia Antiga, inclusive com a realização das olimpíadas clássicas, perderam seu prestígio no final do Império Romano e no período medieval. Em 349 d.C., o imperador romano Teodósio, proibiu a continuidade dos jogos olímpicos, graças uma mentalidade cristã de renúncia e controle severo corpo e instintos carnais para elevação espiritual, além de considerar as olimpíadas um evento pagão (MASCARENHAS, 1999).

Esta concepção começa a mudar na era renascentista[16]. O próprio termo "renascimento", se referia a um renascimento do pensamento e dos ideais clássicos gregos e romanos. Nesse sentido, o antropocentrismo assume caráter central, e com ele a valorização do corpo e da atividade física, que segundo Mascarenhas (1999), esteve presente inclusive no pensamento de Leonardo da Vinci, Montaigne e Francis Bacon. Esta valorização da atividade física cresce, ainda, no período Iluminista. Segundo Mascarenhas (1999), no século XIX, a educação física se consolidou nas *public schools* da elite inglesa como meios de promover o desenvolvimento e a saúde física e mental.

Segundo Soares (2004), todas as sociedades humanas, antigas e atuais, precisaram e ainda precisam de algo similar ao desporto moderno como forma de suprir a necessidade simbólica presente e expressa nessas atividades, como o controle das emoções, o prazer, a dor, o sofrimento, a felicidade, a ira, entre outras.

Elias e Dunning (1992, p. 81) apontam que "o desporto permite às pessoas a experiência da excitação total de uma luta sem seus perigos e riscos (...)" permitindo "que o prazer do confronto se desenvolva sem ferimentos ou mortes". Lopes (1995), resume o esporte para Elias e Dunning (1992), assim como o teatro para Aristóteles, ou seja, como uma espécie de simulação da guerra e dos dramas sociais.

Nascimento (2015) a partir dessas considerações, chega a associar a prática esportiva à 'rituais de passagens', presentes em diversas culturas, por serem ambos, segundo o autor, formadores de caráter. Nesse sentido, o "jogo limpo" o "*fairplay*", segundo Fassheber (2015), passam a ser cada vez mais difundidos como um poder de autocontrole das emoções.

Durkheim (1996, p. 414), por sua vez, apresenta a compreensão de que os jogos originam-se nas representações do ritual religioso. Segundo ele, o jogo, assim como o rito, "estranha a todo fim utilitário, fazem homens esquecerem do mundo real, transpondo-os a um outro em que sua imaginação está mais à vontade. Elas distraem". A própria religião para Durkheim (1996), possui elementos estéticos e recreativos, e sem esses elementos que divertem e aliviam o espírito fatigado da vida cotidiana, ela não possuiria a relevância social que possui hoje.

Apesar de toda essa significância simbólica, infelizmente a literatura disposta com dados etnográficos sobre práticas esportivas tradicionais indígenas ainda não é das mais ricas.

[16] O período renascentista pode ser entendido como o período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, tendo seu auge em meados do século XV.

Segundo Fassheber (2015, p, 75) “Em todo mundo, parece que cientistas sociais negligenciaram por muito tempo as descrições de práticas de jogos tradicionais, principalmente no Brasil. Tais práticas talvez não fossem vistas como elemento de análise entre os temas mais clássicos da etnologia”. Fassheber (2015) afirma ainda que a diversidade de jogos praticados pelos povos originários do continente é imensurável, e que o inventário seria muito maior se houvesse uma quantidade maior de publicações sobre o assunto em todo o continente americano. Essa afirmação é tão assertiva que, mesmo o autor desenvolvendo pesquisa sobre futebol indígena kaingang, e realizando um levantamento sobre jogos com bola na América e no mundo, não chega a citar o *Manga Ñembosarái*, o jogo de bola com os pés tradicional Guarani, como veremos adiante.

Mas o que são jogos tradicionais indígenas? Segundo Rocha Ferreira et. al., no Atlas do Esporte no Brasil (2005),

> Os jogos tradicionais indígenas são atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e, portanto congregam em si o mundo material e imaterial, de cada etnia. Eles requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou chances [sorte]. Geralmente, são jogados cerimonialmente, em rituais, para agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Visam, também, a preparação do jovem para a vida adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação de guerreiros. Os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores, não existem necessariamente ganhadores/perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio; a participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo. [...] (ROCHA FERREIRA et al., 2005, p. 33)

Com base em Cullin (1975) poderíamos dizer que a maioria dos jogos tradicionais indígenas são jogos de destreza. Isso significa que a maioria dos jogos possivelmente surgiram de funções práticas de destreza, de sobrevivência e do cotidiano, ao ponto que a posição social conferida aos mais habilidosos era desejada e, portanto, provada em competições. Além disso, possivelmente as competições serviam para incentivar o desenvolvimento de tais habilidades e resistências. Por fim, esses jogos poderiam surgir também, como apontado acima, como práticas recreativas de distanciamento da vida cotidiana e de exacerbação e controle de emoções.

Entre esses esportes de destreza poderíamos citar o arco e flecha nas suas diversas variações (mira, distância, objetos móveis e imóveis, entre outros), arremesso de lanças, lançamento de dardo, zarabatana, natação, canoagem, corridas, corridas com toras, corridas de maracás, danças e jogos de resistência, cabo de força, petecas e inclusive os jogos com bolas, entre outros. Alguns desses esportes, em especial os com bola, serão apresentados no subcapítulo a seguir.

4.2 Futebol, uma história multicultural?

O que é o futebol? Somente o que determina as regras oficiais da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA)? Caso adotemos essa concepção, institucional uma série de variedades de "futebóis" seriam deixadas de lado, como o futebol de areia, o futebol de salão, o futsal, futebol de sete jogadores, futebol de rua em suas diversas configurações, entre outros. A palavra 'futebol' origina-se da língua inglesa "*footbal*l", que pode ser traduzido como "pé na bola". Considero, portanto, futebol, ou "futebóis" todos os esportes com bola praticado majoritariamente com o pé e com restrições ao uso das mãos e dos braços. O futebol precisa ter gols? A meu ver, não. Há variedades de futebóis com outras formas de pontuação, ou mesmo sem pontuações, como o futevôlei, o futebol estilo livre (*freestyle*) o futmesa, a altinha ou a embaixadinha/balãozinho.

De fato, existem diversas formas de se praticar futebol ou os "futebóis" (ou ainda os "pés na bola"), a própria origem desse esporte é bastante diversa e possivelmente carrega heranças culturais de várias etnias/nações ao redor do mundo em diferentes espacialidades e temporalidades.

A versão hegemônica conta que o futebol moderno teria surgido na Inglaterra em meados do século XVII, nos colégios frequentados pela elite econômica, mais especificamente no colégio *Rugby School*, em 1845. No entanto, nesse período, o esporte ainda se confundia com o *Rugby*, e vários colégios permitiam, inclusive, o uso das mãos. Somente em 1863, algumas equipes de Londres reuniram-se para debater e criar regras próprias para esse esporte, através da *Football Association* (Associação de Futebol) (LEÃO, 2017; DUNNING, 1997).

Segundo Fassheber (2010), uma vez estabelecido nos colégios, o futebol alcançou o interesse da classe trabalhadora inglesa, se estendendo dos colégios às fábricas, onde

naturalmente possuía uma quantidade muito maior de pessoas. Com a popularidade em alta na Inglaterra, sua difusão para o mundo ocorreu facilmente em razão do poder que os ingleses exerciam em inúmeros territórios invadidos e colonizados, tanto pelos próprios ingleses, quanto por outros países aliados.

No Brasil, segundo a história hegemônica, o futebol moderno teria surgido por volta de 1895, introduzido por Charles Miller, brasileiro de ascendência inglesa e escocesa. Após uma de suas viagens a Inglaterra, país onde morou, estudou e inclusive jogou futebol por algumas equipes[17]. Miller, teria retornado ao Brasil com duas bolas de futebol, uma bomba para enchê-las, um par de chuteiras e um livro de regras. Além disso, teria contribuído na fundação de equipes e torneios no Brasil, por onde também jogou até 1910 (MUSEU DO FUTEBOL, 2022).

Há indícios, no entanto, que partidas do futebol moderno inglês já haviam sido realizadas em territórios brasileiros e argentinos anos antes. Segundo o Museu do Futebol de São Paulo (2022), já em 1864, no ano seguinte à oficialização das regras, o futebol moderno inglês teria sido exibido no Brasil e Argentina por marinheiros estrangeiros, sobretudo ingleses, que disputavam "peladas" pelo litoral de norte a sul. Em 1875, empregados brasileiros e ingleses de uma companhia inglesa se enfrentaram no campo do *Club Brazileiro de Cricket*, na rua Paysandu, Rio de Janeiro. Em 1876, empregados das companhias C*ity Company* e Leopoldina *Raiway Campany* disputaram uma partida no campo do *Rio Cricket and Athletic Association*, em Niterói, Rio de Janeiro. Em 1878, marinheiros ingleses do navio Criméia jogaram futebol no Rio de Janeiro, em frente a residência da princesa Isabel. Em 1882, em Jundiaí, São Paulo, operários da empresa ferroviária São Paulo *Railway* praticam o futebol em terreno da empresa. E, entre 1880 a 1887, em Itu, São Paulo, estudantes e padres-professores do colégio São Luís, praticavam um jogo de bate-bola contra a parede denominado de "bate-balão", a partir de duas bolas inglesas trazidas pelo padre José Mantero; posteriormente, teriam começado a praticar o futebol moderno inglês.

No entanto, há ainda uma disputa histórica e geográfica sobre a própria origem do futebol, na qual diversos países reivindicam a paternidade (ou maternidade) do esporte a partir de seus jogos tradicionais que envolvem bolas e/ou uso dos pés. Segundo Ferreira (2010) o *tsu-chu*, praticado na China por volta de 2.000 a.C., é o registro mais antigo sobre um dos

[17]A saber: *Banister Court School, Corinthian Football Club* e *St. Mary's,* atual *Southampton* (MUSEU DO FUTEBOL, 2022).

ancestrais do futebol moderno. Este jogo, que aparentemente começou com chutes em crânios decepados de adversários de guerra derrotados, teria posteriormente ganho adaptações, incluindo a utilização de bolas de couro em treinamentos militares.

No japão, o *tsu-chu* chinês, teria ganho adaptações e se transformado no *kemari*. O *kemari* japonês, no entanto, teria ganhado outra significação, sendo praticado principalmente pela nobreza imperial como um misto de cerimônia e divertimento. Neste esporte, os participantes não poderiam ter contato corporal e as bolas confeccionadas de fibra de bambu, não poderiam cair ao chão[18], além disso, as mulheres eram proibidas de participarem (FERREIRA, 2010).

Na Península do Yucatan, atual México, os Maias, por volta de 900 a 200 anos a.C., praticavam um jogo que utilizava uma bola borracha maciça. O objetivo do jogo, era passar a bola pelo interior de um anel ou arco, fixado na parede. Pode-se considerar, portanto, um dos esportes precursores tanto do futebol como do basquete. O esporte maia, no entanto, caracterizava-se como um jogo ritualístico, o que incluía em suas regras o sacrifício de um dos participantes da equipe perdedora como sacrifício a suas divindades (FERREIRA, 2010).

Nas florestas amazônicas da América do Sul, em aproximadamente 1.500 anos a.C., os habitantes locais, segundo Ferreira (2010), realizaram um jogo de caráter recreativo e ritualístico com bolas de borracha confeccionadas a partir da seiva de seringueiras. Nesta atividade, as bolas representavam o sol em uma cerimônia religiosa.

Nos cerrados brasileiros, os Pareci, entre outras etnias, praticavam o *Xikunahity*, também conhecido como futebol de cabeça. Este é outro jogo tradicional que antecede o futebol moderno com características parecidas a ele, como as dimensões dos campos e o número de participantes. No entanto, a bola, ao invés de ser conduzida e chutada com os pés, é empurrada somente com a cabeça. Este é um esporte praticado ainda hoje por algumas nações/etnias indígenas, existindo até mesmo campeonatos.

Os Mebêngôkre (Kayapós)[19], possuem um jogo tradicional com bolas e bordunas (espécies de tacos) denominado de *Rõkrã*. O objetivo do jogo é atravessar o campo adversário

[18]O que lembra a “altinha”.

[19]Apesar de mais conhecido na literatura como Kaiapós, essa etnia se reconhece como Mebêngôkre. Segundo o Instituto Socioambiental (2023), Kaiapó possivelmente foi um termo usado por outros grupos indígenas para se referirem à etnia e passou a ser usada na literatura, sendo que seu significado possivelmente seja "aqueles que se assemelham aos macacos", devido o uso de máscaras em cerimônias. Outra possível definição, que encontrei em conversas e pesquisas pessoais seria algo como “manejadores de ervas” a partir das palavras *ka’a* (erva) e *pó* (mão) em guarani.

e fazer a bola cruzar a linha de fundo com rebatidas de bordunas. O jogo é praticado em campos de terra em tamanhos similares aos campos de futebol, e praticados sempre com duas equipes de aproximadamente 10 participantes cada. É considerado um jogo violento, e tem grandes semelhanças com o *hockey* moderno, e com o *Lacrosse*, um esporte bastante popular no Canadá, e que possivelmente também tem origens indígenas (FUNAI, 2022).

Apesar de não usar bolas e se quer usar os pés, há dois jogos tradicionais Kaingangs que creio merecerem ser citados aqui: o *Kanjire* e o *Pinjire.* Fassheber (2015) traz uma série de relatos sobre esses jogos, que segundo o autor, simulavam um campo de batalha e era praticado inclusive como um treinamento de guerreiros. Dividido em duas equipes, o objetivo do jogo é permanecer por mais tempo no campo enquanto mutuamente são arremessados toras de madeira que causam grandes ferimentos e até mesmo mortes em alguns participantes. No caso do *Pinjire*, o jogo é praticado à noite com fogo nas toras. Os participantes que conseguiam resistir por mais tempo, eram considerados os mais fortes e mais valentes guerreiros. Apesar dos confrontos do jogo serem masculinos, as mulheres participavam juntando as toras para permitir que fossem novamente arremessadas, além de retirar os mortos ou gravemente feridos do campo (FASSHEBER, 2015). Em minha opinião, este jogo/esporte, lembra a "queimada", praticada nas escolas brasileiras com bolas ao invés de toras de madeira. O próprio termo "queimada", teria significado literal se considerarmos o *Pinjire*.

Na Europa, mas especificamente na Grécia Antiga, precursora dos jogos olímpicos e grande valorizadora dos esportes e práticas corporais, desenvolveu-se um esporte denominado *epyskiros*, que apesar de mais próximo ao *rugby*, traz semelhanças com o futebol moderno, sobretudo nas dimensões do campo e no número de participantes em cada equipe. Neste esporte, a bola era confeccionada a partir de uma bexiga de boi recheada com areia e ar. O objetivo do jogo era conseguir atravessar a bola sob o campo adversário, podendo utilizar as mãos sem qualquer restrição (FERREIRA, 2010).

O *epyskiros* dos gregos, provavelmente influenciou o surgimento do *harpaustum,* romano. Jogado por volta de 200 anos a. C., em campos retangulares divididos por uma linha central e com duas linhas como metas nas extremidades. A bola, conhecida como *follis*, era feita com bexiga de boi com uma capa de couro. Novamente, era um esporte mais parecido com o *rugby* do que com o futebol, e suas partidas, que poderiam durar horas, geralmente

eram bastante violentas e entendidas como um exercício físico-militar (MUSEU DO FUTEBOL, 2022).

Por sua vez, o *harpaustum* romano influenciou o surgimento do *calcio*, na atual Itália. O *calcio* era um jogo de bola desprovido de regras, cujo objetivo era 'conquistar' o campo adversário sob posse da bola. Neste jogo era permitido o uso das mãos para carregar a bola, o que novamente deixa muito mais próximo do *rugby* do que do futebol (FERREIRA, 2010). Além disso, era um jogo violento, com agressões e até mesmo mortes durante as partidas. Ferreira (2010) aponta que grupos inimigos ocasionalmente, deixando as armas de lado e resolviam diferenças políticas em uma partida *de calcio*. Na Itália, até hoje é comum se referir ao futebol moderno e inglês, como *calcio*, como veremos mais adiante.

Os primeiros registros de práticas semelhantes ao futebol moderno na Inglaterra, datam de aproximadamente 1175, em uma espécie de jogo/comemoração durante a *Schrovetide* (espécie de "Terça-Feira Gorda"), na qual habitantes e várias cidades saiam às ruas para comemorar a expulsão dos dinamarqueses e chutavam bolas de couro que simbolizavam a cabeça de um oficial do exército invasor (MUSEU DO FUTEBOL, 2022). Ou seja, apesar dos chutes em bolas, não se tratava exatamente de um jogo ou esporte[20].

Segundo o Museu do Futebol (2022), por volta de 1710, três colégios ingleses (*Covert Garden, Strand e Fleet Street*), foram os primeiros a adotar esportes similares ao futebol como atividade física. O esporte teria ganhado o gosto dos atletas de tal forma que no decorrer do tempo, esportes já tradicionais nesse período, como o tiro, esgrima, caça e equitação, foram gradualmente sendo deixados de lado. No entanto, como já dito no começo deste capítulo, essa modalidade em vários colégios ainda se confundia com o *rugby*, mais tradicional em toda Europa e com ancestrais mais próximos, como vimos acima. Somente em 1863 é que as regras foram padronizadas excluindo o uso das mãos.

Feita essa breve contextualização da história do futebol, citando diversos jogos, esportes, comemorações, cerimônias e treinamentos militares que trazer elementos similares ao futebol, que vão desde o uso de bolas, uso dos pés ou a ideia de conquista do campo adversário, podemos entender que o futebol, provavelmente, possua descendência em um multiculturalismo espacial e geográfico. No entanto, um jogo/esporte ancestral em específico, parece ter maior similaridade com o futebol da atualidade. No subcapítulo a seguir

[20]O que me faz lembrar do dia de "malhar" Judas, que acontece entre a Sexta-Feira Santa e o Sábado de Alelúia , próximo a Páscoa, na cultura cristã católica brasileira

apresentarei com mais detalhes, a partir de uma trabalhosa pesquisa bibliográfica e documental, o que de fato é o foco deste capítulo, o denominado *Manga Ñembosarái*, o "futebol" pré-colonial Guarani.

4.3 *Manga Ñembosarái*: o futebol pré-colonial Guarani

Nos últimos anos, a teoria de que os povos indígenas Guarani são os verdadeiros fundadores do esporte que conhecemos hoje como futebol, vem lentamente ganhando espaço em periódicos, jornais, documentários e publicações acadêmicas. Veremos, portanto, as principais publicações sobre o tema, o que de fato relataram os missionários jesuítas, questões sobre o nome do jogo e o que dizem os Guarani da atualidade sobre ele.

4.3.1 Produções sobre o futebol pré-colonial Guarani

A primeira publicação relativamente recente sobre o "futebol" pré-colonial Guarani data de julho de 1999, quando Bartolomeu Meliá, jesuíta, antropólogo, linguista, e o maior especialista em Missões Guarani no Paraguai publicou o artigo *Fútbol guaraní; de la prehistoria a la historia* (Futbol guarani: da pré-história a história), na revista *Acción* (Ação) de Assunção, Paraguai. Neste artigo, Meliá, aparentemente, pela primeira vez, reúne relatos de missões jesuítas que comprovam que os Guarani já jogavam um jogo de bola com os pés antes do futebol moderno inglês é muito similar a ele (MELIÁ, 1999, apud CORNELLI, 2016)[21].

No entanto, foi só a partir de 2010 que essa teoria ganhou ainda mais força, não apenas no Paraguai, mas atingindo outros lugares do mundo. Isto porque no dia 11 de junho de 2010 o renomado e centenário[22] *L'Osservatore Romano*, periódico oficial do Vaticano, publicou o artigo intitulado *Quando i guarani inventarono il calcio* (do italiano, "quando os guarani inventaram o futebol"), de Gianpaolo Romanato. Neste artigo, Romanato (2010) resgata os relatos das reduções jesuítas do Paraguai e Argentina para afirmar que o futebol,

[21] Apesar de longas pesquisas e até mesmo entrar em contato com a revista responsável pela publicação via correio eletrônico, até o momento não consegui ter acesso a publicação original completa.

[22] Publicado pela primeira vez em Julho de 1861.

conhecido por suas origens na Inglaterra, na verdade, teria começado do outro lado do canal[23] (**Figura 17**),

Figura 17 - Periódico *L'Osservatore Romano*, Vaticano, edição de 11 de junho de 2010, página 5.



venerdì 11 giugno 2010 L'OSSERVATORE ROMANO pagina 5

Gli antenati dei prossimi avversari dell'Italia ai mondiali e le origini del football moderno

Quando i guaraní inventarono il calcio

di GIANPAOLO ROMANATO

Sulle origini del gioco del calcio le ipotesi si sprecano. Che sia nato in Inghilterra nell'Ottocento è risaputo. Ma oltremanica iniziò il calcio moderno, mentre è ben noto che con una palla rotonda si è sempre giocato: nell'antica Roma, nell'America precolombiana, nell'Europa moderna. Le varianti, per quanto se ne sa, erano tante, più o meno simili alle specialità attuali: si giocava con le mani, con i piedi, utilizzando le anche, con una corda o una rete che divideva il terreno, con delle spatole, facendo passare la palla attraverso degli anelli circolari appesi ai muri. E il gioco aveva molte finalità, dalle ludiche alle rituali, spesso praticato in forme brutali, che lasciavano dolorante e talvolta seriamente ferito chi lo praticava. Nelle culture americane precedenti l'arrivo di Colombo questa pratica era diffusissima, testimoniata da ritrovamenti archeologici e da resti dei luoghi dove si giocava.

Ma abbiamo una testimonianza precisa e inequivocabile che ci dice che l'uso non di un generico gioco col pallone, bensì di un'attività singolarmente simile al calcio moderno fosse in uso, non in tempi remoti, ma con ogni probabilità nel Seicento e fino alla metà del Settecento. Dove? Proprio in Paraguay, il Paese la cui nazionale giocherà contro l'Italia campione del mondo la partita inaugurale del girone F dei mondiali sudafricani.

Ma andiamo con ordine e riferiamo innanzitutto la testimonianza. Che è la seguente: «Solevano anche giocare al pallone, che, anche se di gomma piena, era così leggero e veloce che, una volta ricevuto il colpo, continuava a rimbalzare per un bel pezzo, senza fermarsi, spinto dal proprio peso. Non lanciano la palla con le mani, come noi, ma con la parte superiore del piede nudo, passandola e ricevendola con grande agilità e precisione».

Dunque: giocavano con una palla di gomma leggera ed elastica tirandosela l'un l'altro con i piedi e non con le mani. Cioè, giocavano esattamente al calcio. Come noi. Ma chi si dilettava in questo modo? Gli indios guarani nelle *Reducciones* gesuite del Paraguay, fiorite dall'inizio del Seicento fino alla metà inoltrata del Settecento. E chi ce lo riferisce con tanta precisione? Un padre gesuita che trascorse diversi anni della sua vita nella riduzione di San Ignacio Miní, una delle trenta Riduzioni distribuite nel Paraguay coloniale, a sud della città di Asunción. Un religioso che conosceva il mondo guarani meglio della Spagna, dove era nato, e che poteva parlarne con assoluta sicurezza.

Si tratta di José Manuel Peramás, un catalano nato nel 1732, che studiò nel grande collegio dei gesuiti di Córdoba — le rovine del complesso oggi sono state dichiarate dall'Unesco patrimonio dell'umanità — e, dopo alcuni anni di servizio nelle missioni fra i guarani, fu colpito, con tutti i suoi confratelli, dal decreto di espulsione che le costrinse a lasciare per sempre il mondo indiano delle colonie spagnole d'America. Dopo un viaggio penoso, che si protrasse per mesi, approdò con moltissimi altri gesuiti espulsi nello Stato pontificio e fu sistemato a Faenza. Il racconto di questa odissea, *Diario del desterro*, ripubblicato nel 2008 dall'Editorial de la Universidad Católica de Córdoba, è un classico ben noto a quanti studiano la storia della Compagnia di Gesù.

A Faenza padre Peramás scrisse due libri in latino sulle Riduzioni. Il secondo si intitola *De vita et moribus tredecim virorum Paraguaycorum* e fu pubblicato nel 1793, pochi mesi dopo la sua morte. Nel lunghissimo prologo di quest'opera (apparso autonomamente, in traduzione spagnola, prima in Argentina e, più recentemente, in Paraguay con il titolo *Platón y los Guaraníes*, Asunción, Centro de Estudios Paraguayos «Antonio Guasch», 2004), compare, a pagina 97, l'inaspettato inciso citato, che descrive la pratica del gioco del pallone tra i guarani all'interno delle Riduzioni.

Resti della Riduzione di San Ignacio Miní in Paraguay

L'opera di Peramás, bisogna ammetterlo, ha uno scopo ben preciso: quello apologetico, fondata com'è sull'ipotesi che le trenta *Reducciones* fossero quasi l'applicazione storica concreta dello stato ideale vagheggiato da Platone nella *Repubblica* e nelle *Leggi*. Ma la finalità glorificatoria non impedisce al gesuita, durante il suo sofferto esilio faentino, di ricostruire fedelmente il modo di vita guaranitico di cui era stato guida e partecipe durante il suo lungo ministero pastorale, con osservazioni, segnalazioni e giudizi che sono stati ripresi da tutta la recente storiografia sull'argomento, tanto di lingua spagnola quanto di lingua portoghese. Il gesuita catalano, insomma, è una fonte che gli studiosi si guardano bene dal sottovalutare e che, piuttosto, citano con diligente attenzione. Uno studioso italo-canadese, Stelio Cro, colloca la sua opera nel genere utopico, ma poi si sente in dovere di aggiungere che «è unica in otto secoli di scritti utopici», perché non si basa sull'immaginazione ma su un fatto reale, accaduto, del quale l'autore che scrive era stato testimone di visu e protagonista in prima persona. Dunque, il cenno al gioco del pallone praticato dai guarani in forme incredibilmente simili al moderno gioco del calcio — usavano, dice, una palla di gomma piena che rimbalzava trascinata dal suo peso ed era passata da un giocatore all'altro con il collo del piede con grande abilità e precisione — non può non essere la fedele descrizione di ciò che aveva visto nella grande piazza centrale, davanti alla chiesa e alle abitazioni, che dominava ciascuna delle trenta Riduzioni.

«Non lanciano la palla con le mani ma con la parte superiore del piede nudo passandola e ricevendola con grande agilità e precisione»

Insomma, i guarani di tre secoli fa giocavano al pallone con sicura maestria. E allora, nella sua partita inaugurale di lunedì prossimo, l'Italia campione del mondo farà bene a non prendere sottogamba i giocatori paraguayani, eredi del mondo guarani delle Riduzioni. In fondo, sono i discendenti dei veri inventori del calcio.

Un gioco plurimillenario

Molti Paesi rivendicano la paternità del calcio: in Italia c'è ancora il calcio fiorentino, e già i romani praticavano l'*harpastum*. I greci avevano l'*episkyros*, la *feninda* e l'*appexaris*, i berberi la *koura*, i vichinghi il *knattleik*, gli olmechi giocavano alla *pelota*, di gomma dura e i vincitori venivano sacrificati. Per gli inglesi, come è noto, il football è nato il 26 ottobre 1863 nella Freemasons' Tavern — sì, proprio nella «taverna dei massoni» — di Londra. Quattromila anni prima c'era già il *cuju* cinese che già dal nome — *cu* significa calciare, *ju* si traduce palla — indicherebbe una primogenitura dello sport che si è poi diffuso in tutto il mondo. Fin qui i primordi, ma le testimonianze sui guarani sembrano dimostrare che le caratteristiche del calcio moderno siano molto più vicine al gioco praticato nelle *Reducciones* dove si utilizzava una palla di gomma leggera ed elastica «passandola e ricevendola con grande agilità e precisione».

Il calciatore della nazionale paraguayana Carlos Bonet

E l'11 giugno fischio d'inizio a Johannesburg

Con la partita Sud Africa - Messico che si terrà allo stadio Soccer City di Johannesburg, venerdì 11 giugno 2010, si apre la diciannovesima edizione dei Campionati mondiali di calcio — Coppa del Mondo Fifa 2010 — ospitata quest'anno dal Sud Africa.

Alla manifestazione, che si concluderà il prossimo 11 luglio, prenderanno parte le rappresentative di trentadue nazioni suddivise in otto gironi eliminatori di quattro squadre ciascuno. Il torneo, com'è noto, è organizzato ogni quattro anni e la prima edizione fu disputata per l'appunto 80 anni fa, nel 1930, in Uruguay e vide la vittoria della squadra di casa, la quale si ripetè nell'edizione del 1950. Tra le compagini nazionali vincitrici dei Mondiali di calcio predomina il Brasile con cinque titoli (1958, 1962, 1970, 1994, 2002), seguono l'Italia (1934, 1938, 1982, 2006), quindi la Germania (1954, 1974, 1990), poi l'Argentina (1978, 1986) e infine l'Inghilterra (1966) e la Francia (1998). In questa edizione del Mondiale sudafricano diverse squadre si presentano favorite per la vittoria finale: dalla Spagna al Brasile, dall'Argentina all'Inghilterra. Ma, come anche dimostra la più recente edizione del 2006, non sempre chi vince il campionato mondiale parte con i favori del pronostico.

Fonte: *L'Osservatore Romano* (2010).

Neste texto Romanato (2010) chega a trazer brevemente a tona, outros esportes antigos praticados com bolas (de maneira similar ao que fizemos no subcapítulo anterior), mas, ainda assim, o autor afirma que os depoimentos do jesuíta Peramás (1793), parecem comprovar que as características do futebol moderno são muito mais próximas do jogo disputado entre os Guarani com sua bolas de borracha, do que qualquer outro jogo ou esporte antigo: "*Cioè, giocavano esattamente al calcio. Come noi*." (Ou seja, eles jogam exatamente futebol. Como nós) (ROMANATO, 2010a, p. 5).

Além de publicado em um periódico respeitado mundialmente, dois elementos demonstraram a relevância conferida ao artigo, que provavelmente favoreceram a sua

[23] Em referência ao Oceano Atlântico.

visibilidade: Em primeiro lugar a data de publicação. Isto porque, dia 11 de junho de 2010, data da publicação, era exatamente o dia em que aconteceria o esperado jogo de abertura da Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA, realizado pela primeira vez no continente africano e cercado de muita cultura e entusiasmo. Naturalmente, boa parte da atenção mundial estava voltada ao futebol e aos cadernos esportivos dos jornais.

O segundo elemento, foi a própria edição/organização do periódico que conferiu certo destaque ao artigo. Este destaque é possível de ser observado pelo fato do texto de Romanato (2010a), anteceder até mesmo o texto de abertura da Copa, "*E l'11 giugno fischio d'inizio a Johannesburg"*(Em 11 de junho o pontapé inicial em Joanesburgo)*,* que veio logo na sequência. Além disso, o artigo tem seu título em destaque - tanto pelo tamanho da fonte, quanto por começar na parte superior da página - , destaca um trecho de um relato jesuíta em fonte superior à do texto comum, e traz duas imagens, a primeira do jogador paraguaio Carlos Bonet emoldurado pelo próprio texto, e a segunda das ruínas de edificações das Reduções Jesuíticas de San Ignácio Mini, norte da Argentina na fronteira com o Paraguai.

O texto, além de ser uma espécie de curiosidade histórica sobre a origem do futebol no contexto de Copa do Mundo, ainda despertava interesse especial dos italianos. Isto porque, três dias depois da publicação, mas especificamente no dia 14 de junho de 2010, aconteceria o primeiro jogo da Itália, atual campeã na Copa do Mundo masculina de 2006, justamente contra a seleção paraguaia. O próprio subtítulo do artigo foi "*Gli antenati dei prossimi avversari dell'Italia ai mondiali e le origini del football moderno*" (em italiano, algo como: os ancestrais dos próximos adversários na Copa do Mundo e as origens do futebol moderno). Romanato (2010a, p. 5), inclusive, termina seu artigo afirmando que os atuais campeões deveriam levar a sério a partida contra a seleção paraguaia, pois os paraguaios seriam os herdeiros do mundo Guarani e descendentes dos verdadeiros inventores do futebol, que já praticavam o esporte com domínio e segurança a pelo menos três séculos:

> Insomma, i guaraní di tre secoli fa giocavano al pallone con sicura maestria. E allora, nella sua partita inaugurale di lunedì prossimo, l'Italia campione del mondo farà bene a non prendere sottogamba i giocatori paraguayani, eredi del mondo guaraní delle Riduzioni. In fondo, sono i discendenti dei veri inventori del calcio.

Aparentemente o artigo publicado na abertura da Copa do Mundo repercutiu pelo mundo e causou polêmica. Tanto é que, um mês depois, mas especificamente na edição de 19 e 20 de julho de 2010, apenas 8 dias após o fim da Copa do Mundo masculina daquele ano,

Gianpaolo Romanato publicou um segundo artigo, complementar ao primeiro, no mesmo periódico. Este artigo foi intitulado como *"Del calcio inventarono anche le scommesse: I guaraní e le origini del football moderno"* (do italiano, algo como: eles inventaram o futebol e as apostas: os guarani e as origens do futebol moderno) (**Figura 18**).

Figura 18 - Periódico *L'Osservatore Romano*, Vaticano, edição de 19 e 20 de julho de 2010, página 5



lunedì-martedì 19-20 luglio 2010 — L'OSSERVATORE ROMANO — pagina 5

A cento anni dalla nascita

Hamman e i tesori dei Padri

di JEAN-ROBERT ARMOGATHE*

Sorprendente figura di francescano docente e ricercatore, Adalbert Hamman (1910-2000), di origine lorenese, apparteneva alla provincia di Strasburgo e visse per lungo tempo nella comunità di Besançon. Dopo una tesi su Guglielmo d'Ockham, insegnò a lungo nel Québec (università Laval) e poi a Roma (Augustinianum). Editore di Padri greci e latini, fu un professore instancabile e accattivante. Pubblicata nel 1995 (da Brepols), la sua autobiografia, *La vie est un long jour de fête*, frase di Aristotele ripresa dai Padri, testimonia la vitalità intellettuale cattolica, dall'ultima guerra, fra l'Europa e l'America, ma anche — e rinviamo qui la sua vocazione francescana — il suo ruolo di traghettatore di pace nell'Europa stessa, per la riconciliazione franco-tedesca.

Diffondendo la cultura e risvegliando le menti, come professore, come editore, come animatore di gruppi di riflessione, padre Hamman non lascia mai la curiosità insoddisfatta. Non necessariamente dando risposte, ma sempre aprendo orizzonti, indicando fonti nascoste, rivelando luoghi chiusi: le *Prières des premiers chrétiens* sono da quarant'anni un'inesauribile fonte di meraviglia per comprendere il cristianesimo delle origini, del quale ha così ben descritto la vita quotidiana. Autore di studi originali sulla storia della preghiera, ha utilizzato la ricchezza del patrimonio cristiano al servizio di un ecumenismo ben compreso: la Chiesa dei Padri è la casa comune di tutti i cristiani. Pur dirigendo più di un centinaio di volumi e pubblicando cinquemila pagine di supplemento al Migne latino, ha saputo restare disponibile, attento ai bisogni delle persone: l'insegnamento come passione, l'incontro dei popoli come convinzione, la scrittura come svago.

Il centesimo anniversario della nascita di padre Hamman ha dato luogo a un importante convegno internazionale organizzato presso la Fondazione Singer-Polignac dall'Associazione Migne, che ne continua l'opera. L'incontro parigino ha permesso di far rivivere questa affascinante figura, attraverso la testimonianza di un suo fratello francescano e di diversi allievi e colleghi. Si è insistito soprattutto sulla fecondità di un'intuizione, diventata una passione: far conoscere i Padri della Chiesa, vale a dire la tradizione vera, autentica, della Chiesa, nella sua ricchezza sia liturgica sia dottrinale e forse soprattutto nella ricchezza del suo insegnamento sociale.

Si è parlato molto in questo incontro (grazie al teologo maltese padre Scerri) di una piccola opera originale, *Vie liturgique*

I guaraní e le origini del football moderno

Del calcio inventarono anche le scommesse

di GIANPAOLO ROMANATO

Grazie a internet, ha fatto il giro del mondo l'articolo apparso su questo giornale l'11 giugno, alla vigilia dell'inizio dei mondiali di calcio. Un intervento che non aveva nulla di polemico, diciamolo subito, contrariamente a quanto si legge in qualche sito, ma solo uno scopo informativo: una semplice curiosità per gli appassionati del calcio e un suggerimento erudito per gli storici, proposto mentre stava per aprirsi la manifestazione che avrebbe monopolizzato l'attenzione planetaria per un mese intero. L'informazione era la seguente: nel Paraguay coloniale, fra Seicento e Settecento, i Guarani che vivevano nelle missioni organizzate dai gesuiti, le celebri Riduzioni, avevano l'abitudine di giocare a un gioco singolarmente simile al calcio moderno. Giocavano con una palla di gomma che rimbalzava sul terreno e che si tiravano l'un l'altro con i piedi e non con le mani.

Ora che i mondiali sono finiti e le passioni sono rientrate nella normalità, riprendiamo allora quell'articolo con qualche precisazione ulteriore, non senza far notare che i calciatori della nazionale paraguayana, eredi o non eredi che siano degli inventori del calcio, hanno fatto onore al loro antenati guarani giocando un ottimo campionato, eliminando l'Italia campione uscente e sfiorando la semifinale, battuti di misura solo dalla squadra destinata poi al successo finale, cioè dalla Spagna.

Torniamo dunque al Paraguay di tre secoli fa, una terra silenziosa, ricoperta di boschi e di pascoli, senza il frastuono delle odierne ciminiere calcistiche, dove sorgevano, a sud della città di Asunción, nel territorio oggi diviso fra Paraguay, Argentina e Brasile, le trenta Riduzioni, all'interno delle quali viveva una popolazione di etnia guarani calcolata in circa centocinquantamila persone. La fonte da cui proveniva l'informazione che abbiamo riferito è un missionario spagnolo, José Manuel Peramás. Questi fu destinato dai superiori alle missioni d'America, completò la preparazione a Córdoba, visse alcuni anni nella Riduzione di San Ignacio Miní (oggi in Argentina) e morì poi a Faenza, in Italia, nel 1793.

È all'inizio della sua opera *De vita et moribus tredecim virorum Paraguayorum*, apparsa a Faenza poco dopo la morte dell'autore, che leggiamo l'inciso che oggi suscita la nostra curiosità. Il passaggio completo, che nel precedente articolo avevamo accorciato, è il seguente: nelle Riduzioni, «nei giorni di festa, dopo la messa della sera, gli uomini organizzano una finta battaglia in piazza, scagliando frecce contro un bersaglio. Sono talmente abili in quest'arte, che tanto correndo dietro un animale, quanto dietro un uccello in volo, quasi mai falliscono il bersaglio. Sollevano anche giocare al pallone, che, anche se di gomma piena, era così leggero e veloce che, una volta ricevuto il colpo, continuava a rimbalzare per un bel pezzo, senza fermarsi, spinto dal proprio peso. Non lanciano la palla con le mani, come noi, ma con la parte superiore del piede nudo, passandola e ricevendola con grande agilità e precisione».

I calciatori della nazionale paraguayana eredi dei guarani

L'informazione è talmente precisa che ha sempre colpito gli studiosi di Peramás. Il canadese Stelio Cro che ha pubblicato una traduzione italiana commentata e annotata dello studio del missionario nella rivista «Canadian Journal of Italian Studies» (XVII, 1994, n. 48-49, p. 104) precisa in nota che *this is the first documented description of soccer or football as the English call it*. Ma è a Bartolomeu Melià, gesuita anch'egli, probabilmente il maggior studioso vivente della lingua e della cultura guarani, che dobbiamo le informazioni più precise sulla loro abitudine di *jugar a la pelota*. In un articolo scritto tra il serio e il faceto per «Acción», la rivista dei gesuiti paraguayani (giugno 1999, pp. 20-22), Melià ricorda che Peramás non è l'unico a parlare di questa pratica.

Un altro noto missionario, spagnolo anch'egli, attivo nelle Riduzioni e poi esiliato a Faenza come il confratello, dove morì nel 1781, José Cardiel, ne scrisse prima di lui. In un manoscritto redatto nel 1771 e poi pubblicato in Spagna nel 1913 da Pablo Hernández (*Breve relación de las misiones del Paraguay*) fornisce la medesima notizia ma con qualche particolare in più. Il testo in spagnolo di Cardiel è il seguente: «Después de la misa se reparten las faenas de toda la semana, y se van a comer y a jugar a la pelota, que es casi su único juego. Pero no la juegan como lo españoles: no la tiran y revuelven con la mano. Al sacar, tiran la pelota un poco en alto, y la arrojan con el empeine del pie del mismo modo que nosotros con la mano: y al volverla los contrarios lo hacen también con el pie: lo demás es fálta. Su pelota es de cierta goma, que salta mucho más que nuestras pelotas. Juntanse muchos a este juego y ponen sus apuestas de una y otra parte...». Dunque: alla domenica, dopo la messa, giocano a pallone con una sfera di gomma molto elastica, che rimbalza e che tirano con il collo del piede e mai con la mano. Il pubblico assiste, si appassiona e scommette.

Non c'è dubbio, commenta Melià, che si tratta di vero e proprio gioco del calcio. Qualche anno dopo Cardiel, come abbiamo già scritto, fu Peramás a riprendere l'informazione e rilanciarla nell'opera prima citata, scritta in latino. Questa le esatte parole latine del missionario, trascritte dall'originale dallo stesso Melià, che le riropone quasi come una civetteria erudita: «Ludebant item pila compacta e gummi sic saltitanti, et tremulo, ut concepto simul impetu pergat diutissime subsilire, omnis motae, et quietis impatiens, repetitisque e casu ipso altis plagis. Pila autem Guaraní non (ut nos) manu, sed superiore parte nudis pedis mittunt remittuntque, idque expeditissime, ac dexterrime».

La domenica sera
dopo la messa
e l'organizzazione del lavoro
mangiavano e giocavano a pallone

Ma da chi avevano appreso questa pratica i Guarani? Forse dagli spagnoli? Oppure dai gesuiti stessi? Assolutamente no. Era un passatempo con cui si dilettavano per proprio conto, senza averlo imparato da estranei. Compulsando il *Tesoro de la lengua guaraní* e poi il relativo *Vocabulario*, due opere pubblicate a Madrid nel 1639 e 1640 dal padre Antonio Ruiz de Montoya, un creolo peruviano che fu il più convinto difensore delle Riduzioni — è l'autore della *Conquista espiritual*, un classico della letteratura ispano-americana del tempo, mentre oggi porta il suo nome l'Università cattolica di Lima — Melià ha trovato l'indicazione che nella lingua guarani esistevano già le parole *pelota*, *pelotear* e *botar la pelota*. E poiché oggi tutti i linguisti concordano nel riconoscere a Montoya il merito di avere raccolto e salvato le parole originarie della popolazione guarani, così come erano usate ben prima dell'arrivo di spagnoli e missionari, non c'è alcun dubbio, secondo Melià, che questi *peloteaban, se pasaban la pelota de uno a otro jugando y se la enviaban haciéndola botar*, indipendentemente dagli europei e antecedentemente al loro arrivo nel nuovo mondo.

Insomma: Montoya ci dice nei primi decenni del Seicento che i guarani praticavano il gioco del calcio prima di entrare nelle Riduzioni, Cardiel e Peramás confermano che continuavano a giocarlo nella seconda metà del Settecento, quando le Riduzioni stavano per finire il loro ciclo. Nessuna di queste fonti precisa in che cosa consistesse il gioco, se la palla di gomma dovesse essere infilata in un qualche contenitore paragonabile alle porte del calcio odierno. D'altronde, perché avrebbero dovuto darci questa informazione dal momento che le regole attuali erano ancora di là da venire? Ma il cenno alla passione con cui il pubblico seguiva la partita e incitava «l'una o l'altra parte», non lascia dubbi circa il fatto che nella piazza delle Riduzioni, la domenica dopo la messa, due squadre si affrontassero giocando al pallone con i soli piedi e che, siccome una perdeva e l'altra vinceva, il gioco dovesse avere qualche contenuto agonistico definito.

Concluderemo queste note sulla falsariga di Melià, il quale chiude argutamente il suo articolo scrivendo che la partita passa ora agli studiosi: grazie agli elementi disponibili, adesso tocca a loro provare a fare gol, ma con la testa e non con i piedi! Dunque, palla al centro.

Fonte: *L'Osservatore Romano* (2010)

Gianpaolo Romanato (2010b) já começa o segundo artigo afirmando que graças a internet, seu artigo publicado um mês antes, havia circulado ao redor do mundo e causado polêmicas. Por esse motivo, o autor irá, neste segundo artigo, detalhar ainda mais a prática do futebol pré-colonial Guarani, trazendo relatos não só de Peramás, mas também dos jesuítas Cardiel (1771) e Montoya (1639) - que veremos em breve -, além de Meliá (1999) e o italiano Stelio Cro (1994)[24]. Mas antes de chegar lá, o autor primeiramente afirma que o futebol

[24] Stelio Cro (1994) aparentemente não teria escrito um artigo sobre o futebol Guarani, mas citado descrições de Peramás sobre o jogo em nota de rodapé.

Guarani era singularmente semelhante ao futebol moderno inglês e parabeniza a seleção paraguaia pela boa Copa do Mundo realizada, segundo o autor, honrando seus ancestrais.

O autor (ROMANATO, 2010b, p. 5) ainda afirma, baseando-se em Montoya (1693), que com certeza não foram os espanhóis das reduções que introduziram o jogo nem a bola nesses espaços. Pelo contrário, se surpreenderam com as práticas e regras do jogo e relataram a confecção das "pelotas" pelos próprios Guarani: *"Ma da chi avevano appreso questa pratica i Guaraní? Forse dagli spagnoli? Oppure dai gesuiti stessi? Assolutamente no. Era un passatempo con cui si dilettavano per proprio conto, senza averlo imparato da estranei*" (Mas com quem os guaranis aprenderam esta prática? Talvez do espanhol? Ou pelos próprios jesuítas? Absolutamente não. Era um passatempo que eles desfrutavam sozinhos, sem terem aprendido com estranhos).

Por fim, Romanato (2010b) termina seu artigo citando Meliá, que por sua vez teria afirmado no final de seu artigo de 1999, que feito esse resgate de relatos históricos de reduções jesuítas entre os Guarani, o jogo passava agora para os estudiosos que deveriam, a partir dos elementos disponíveis, marcar gols com a cabeça.

Os artigos de Gianpaolo Romanato (2010a; 2010b) no periódico *L'Osservatore Romano*, rodaram o mundo destacando o futebol Guarani pré-colonial. No entanto, é em junho de 2014, novamente nas proximidades da Copa do Mundo de futebol masculino da Fifa (desta vez realizada no Brasil), é que esta teoria provavelmente chega ao apogeu. Isso porque, a Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai, com apoio da *Municipalidad de San Ignacio Guazú* e da *Ciudadela Cultural* do mesmo município, apresentaram um vídeo-documentário dirigido por Marcos Ybañez que contou com a participação do antropólogo e linguista, Bartolomeu Meliá, do pároco de San Ignácio Guazú, António Betancor SJ, do professor e pesquisador Rámon Silva, de um dos guias do museu jesuítico de San Ignácio Guazú, Julio Galeano, do provincial dos jesuítas do Paraguai Pa'í Alberto Luna SJ, e dos ex-jogadores de futebol Rámon Ángel Hicks e Chiqui Arce[25]. O vídeo-documentário foi intitulado como: *"Los guaraníes inventaron el fútbol"* (Os guarani inventaram o futebol) (**Figura 19**).

O vídeo-documentário, dirigido por Marcos Ybañez (2014), é aparentemente dividido em 4 capítulos, separados por subtítulos e interludios. O primeiro deles, que leva o mesmo nome da própria produção, *"Los guaraníes inventaron el fútbol"*, tem como destaque a leitura de trechos das obras de Montoya (1639), Cardiel (1771) e Peramás (1793) realizada

[25]Chiqui Arce jogou no Brasil e fez história pela S.E. Palmeiras, da cidade de São Paulo.

por Bartolomeu Meliá. "*Nos podrían preguntar, ¿entonces son los inventores del fútbol? Claro qué sí"*, afirma Meliá. O pesquisador ainda afirma que por volta do século XVII e XVIII, era praticamente desconhecido o jogo de bola com os pés na Europa.

Figura 19 - Capa atribuída ao vídeo-documentário *"Los guaraníes inventaron el Fútbol"*. Dirigido por Marcos Ybañez, 2014[26].



Fonte: Secretaría Nacional de Cultura, Paraguai (2014).

"Manga, pelota para jugar fútbol" (*Manga*, a bola para jogar futebol) é o título do segundo capítulo do vídeo-documental. Meliá, afirma que deste 1639 está documentado que os Guarani possuíam *"pelotas de goma"* (bolas de borracha) que se chamavam "*manga*". O pesquisador ainda afirma que esteve no Brasil em aldeias de recente contato[27] e viu essas "pelotas" sendo confeccionadas com um punhado de areia úmida, goma de borracha e ar; após pronta, a bola saltava *"enormemente"*. No mesmo sentido, Betancor afirma que a bola de resina dá muitos rebotes e que, portanto, necessita de muita habilidade. Galeano, por sua vez, mostra a árvore que era utilizada, e explica a retirada da resina (YBAÑEZ, 2014).

O terceiro capítulo, denominado de *"Paraguay, país del fútbol"*, tem início com imagens da seleção masculina de futebol paraguaia em alguns momentos gloriosos para

[26] A capa do video-documentário apresenta uma escultura aparentemente em pedra em que um guarani segura uma bola em uma de suas mãos. No entanto, não encontrei informações sobre autoria ou datação.
[27]Sem mais informações, Meliá deixa dúvidas sobre a localização de tal aldeia.

afirmar que o Paraguai é o país do futebol. Neste capítulo, o mais importante é a breve descrição do jogo, realizada pelo pároco Betancor. Ele afirma que o jogo é praticado em dois grupos, e a bola é conduzida exclusivamente com os pés com grande habilidade até que uma das equipes se canse e desista do jogo, sem que haja arcos/traves e sem que haja qualquer contagem de pontos como os gols; perde a equipe que primeiro se cansa, podendo, portanto, levar horas um único jogo (YBAÑEZ, 2014).

O quarto e último capítulo do vídeo-documental, dirigido por Ybañez (2014), chama-se *"San Ignácio, la ciudade del futbol"* (San Ignácio, a cidade do futebol). Nesta parte, Meliá novamente afirma que os Guarani são os inventores do futebol, mas o que realmente chama a atenção são as falas de Betancor e de Luna. O primeiro afirma que em San Ignácio, se praticava futebol desde o primeiro momento, e que o futebol, não começa na Inglaterra, começa em San Ignácio Guazú. Luna, por sua vez, sustenta que o futebol, esporte hoje mundial, nasceu nas Reduções Jesuíticas do Paraguai, em San Ignacio de las Missiones. No entanto, essas duas últimas informações não me parecem corretas.

Primeiramente, considero válida a observação de Romanato (2010b), ao sustentar que com certeza não foram os missionários jesuítas que levaram as bolas nem o futebol aos Guarani, pelo contrário, eles relatam sua surpresa ao verem o esporte, logo, o futebol Guarani não nasceu nas Reduções Jesuíticas do Paraguai - como afirma Luna - apenas teve seus primeiros registros documentais nesse momento. Além disso, como vimos no capítulo anterior, o *Yvy Rupa*, território Guarani, é muito extenso, e completamente conectado por redes de caminhos e pela mobilidade e plasticidade espacial, que por sua vez formam uma espécie de rede que integra a cultura Guarani. Por essa razão, é impossível determinar o local exato da fundação do esporte - como propõe Betancor - podendo ele ter sido desenvolvido em qualquer espaço da *Yvy Rupa*, que inclui áreas não só do Paraguai, mas também da Argentina, Uruguai, Bolívia e Brasil, sem falar que a rede de caminhos do território Guarani estava conectada a outras redes de caminhos andinos e amazônicos.

Apesar da grande importância deste vídeo-documentário na divulgação deste conhecimento por muito tempo esquecido, por ele ter sido financiado pela Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai, pela Municipalidad de San Ignácio Guazú e pela Asociación Ciudadela Cultural do mesmo município, possivelmente ele foi produzido não só com interesses de levar informações históricas, mas também de criar uma narrativa que fortaleça o turismo na região, pois como já afirmado na introdução deste trabalho, o futebol é um grande gatilho de atenção mundial. Outra crítica importante a se fazer, é em relação ao chamado

‘lugar de fala’ da produção do vídeo-documentário. Mesmo o documentário abordando um assunto de interesse para a cultura Guarani, aparentemente nenhum dos participantes, tanto da produção, quanto das falas, é de fato desta etnia/cultura.

De qualquer forma, o vídeo-documentário (YBAÑEZ, 2014), provavelmente atingiu um público maior do que as publicações de Romanato (2010a; 2010b), repercutindo em diversas páginas de noticiários na rede mundial de computadores. “*¿Quién inventó el fútbol: los ingleses o los guaraníes?*” (SMINK, 2014) e “*Vea partes del documental "Los guaraníes inventaron el fútbol"*”, publicou o BBC News Mundo (2014); “Jesuítas dizem que índios guaranis inventaram futebol no século XVII”, publicou a revista Exame (2014); “*¿Y si los guaraníes inventaron el fútbol?*” (ROFFO, 2014), publicou o jornal argentino Clarin; *“Los guaraníes inventaron el fútbol, según un documental*” publicou Diário de Navarra (2014); “Documentário paraguaio defende que índios Guaranis inventaram o futebol”, publicou o ESPN (2014); “Filme mostra invenção do futebol pelos guaranis; diretor tenta convencer Fifa”, publicou o Portal R7 (2014), Et si les Guarani avaient inventé le football ? (E se os Guarani tivessem inventado o futebol?), publicou o jornal francês Le Monde (2014), entre vários outros. Até mesmo a Confederação Sulamericana de Futebol (CONMEBOL)[28] publicou em setembro do mesmo ano a matéria intitulada *“Guaraníes jugaban al fútbol cuando llegaron los jesuitas en el siglo XVII”*.

Muito provavelmente em razão da grande repercussão e talvez até mesmo em razão de algumas críticas, no ano seguinte, 2015, Marcos Ybañez, juntamente com uma equipe maior, produziram um novo e mais longo (37 minutos) vídeo-documental intitulado *“Manga Ñembosarái: los guaraníes inventaron el fútbol - parte II*” (**Figura 20**).

Esta produção contou com o apoio da *Secretaría Nacional de Cultura (SNC)*, do *Ministerio de Educación y Cultura, Dirección General de Educación Indígena*, da *Secretaría Nacional de Deportes*, do *Instituto Paraguayo del Indígena* (INDI), e da *Asociación Ciudadela Cultural de San Ignacio Guazú*, todos do Paraguai. Além de Ybañez, a produção contou com participações importantes como da historiadora Margarita Miró, e da mulher guarani e diretora geral de educação indigena do *Ministério de Educación y Ciencias* (MEC), Alba Eiragui Duarte. Segundo a página da Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai, este documentário chegou a ser entregue ao Papa Francisco, ou melhor, para seu porta-voz, o Presbítero Federico Lombardi, que se encarregou de realizar a entrega (**Figura 21**).

[28] Instituição organizadora de campeonatos profissionais importantes como a Copa Libertadores da América, Copa Sulamericana, Recopa Sulamericana e Copa América de Seleções.

Figura 20 - Capa do vídeo-documentário “Manga Ñembosarái: los guaraníes inventaron el fútbol - parte II, dirigido por Marcos Ybañez, 2015.



Fonte: Secretaría Nacional de Cultura, Paraguai (2015).

Figura 21 - Entrega do vídeo-documentário “Manga Ñembosarái: los guaraníes inventaron el fútbol - parte II” ao porta-voz do Papa Francisco, Presbítero Federico Lombardi



Fonte: Secretaría Nacional de Cultura - Paraguai (2015).

Apesar de em vários momentos esse documentário (YBAÑEZ, 2015) reafirmar que os povos Guarani são os verdadeiros fundadores do futebol - como faz, por exemplo, a historiadora Margarita Miró -, ele possui claramente outra proposta em relação ao primeiro (Ybañez, 2014). Neste documentário, o objetivo parece ser muito mais retratar o futebol Guarani na atualidade, o que inclui a participação em campeonatos amadores locais, a cobertura do primeiro *Campeonato Nacional de Pueblos Originários del Chaco Paraguayo* (2015), bem como a formação da primeira seleção paraguaia indígena (2015). Meliá, grande referência sobre o futebol pré-colonial Guarani se quer participou deste segundo

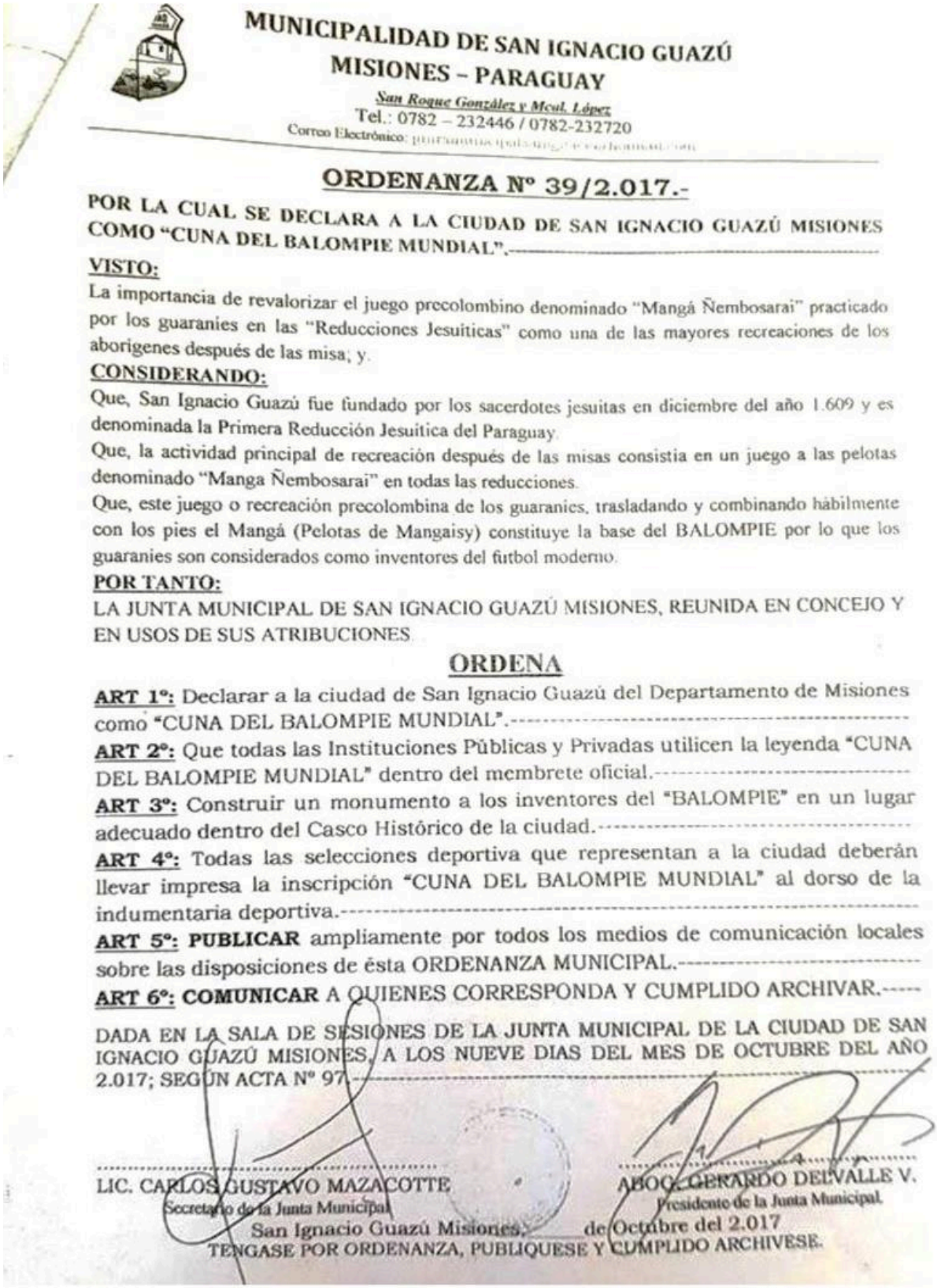
documentário, e não há em nenhum momento a citação direta de trechos escritos pelos missionários jesuítas Montoya (1639), Cardiel (1771) e Peramás (1793), tão destacados no primeiro documentário.

De qualquer forma, o *"Manga Ñembosarái"* (YBAÑEZ, 2015), corrige algumas falhas da primeira produção, sobretudo, trazendo o protagonismo aos próprios indígenas Guarani que vivenciam este esporte. Há uma diversidade de ricos relatos e registros da vivência Guarani no contexto dos jogos de futebol. Entre os relatos, o da discriminação, da falta de acesso de jogadores indígenas no futebol profissional, e da falta de representação pela própria seleção nacional, além disso, há relatos sobre a importância do futebol na diversão e integração social, bem como relatam também sobre a origem do futebol, como o caso do Mbya Guarani, Isadoro Romero (apud YBAÑEZ, 2015): "*Este juego nosotros comenzamos, nuestros antepassados dieron origen al Manga Ñembosarái (...) los brancos fueran viendo y aprendiendo de nuestros el juego y le llamaram pelota"*. Por fim, sobre esse protagonismo, vale a pena citar que a trilha sonora principal, produzida especialmente para esse documentário, ficou por conta do grupo de Rap Guarani-Kaiowa do Brasil, Bro MC's, como a música *Oñembosarái*.

Em nove de outubro de 2017, a *Municipalidad de San Ignacio Guazú*, Paraguai, entusiasmada com a teoria de que o futebol poderia ter nascido onde hoje se encontra o município, se autodeclarou, através de sua junta municipal, *"cuna del balompié mundial"* (berço do futebol mundial), através da *Ordenanza* Municipal número 39 de 2017. (**Figura 22**).

Tal *Ordenanza* (Portaria), além de declarar a cidade de San Ignacio Guazú como berço do futebol mundial (Artigo 1º), ainda estabelece outras medidas: o Artigo 2º estabelece que todas as instituições públicas e privadas do município, no cabeçalho oficial, utilize a legenda *"cuna del balompié mundial"*; o Artigo 3º, prevê a construção de um monumento aos inventores do futebol em lugar adequado do centro histórico da cidade; o Artigo 4º, prevê que a inscrição *"cuna del balompié mundial"*, também esteja presente no dorso do uniforme de todas as equipes esportivas que representam a cidade; o Artigo 5º, determina a ampla publicação da *Ordenanza* em todos os meios de comunicação locais; o Artigo 6º, por fim, comunicar aos interessados e arquivar.

Figura 22 - *Ordenanza 39/2017 por la cual se declara a la ciudad como "cuna del balompíe mundial". Municipalidad de San ignácio Guazu.*



MUNICIPALIDAD DE SAN IGNACIO GUAZÚ
MISIONES – PARAGUAY
San Roque González y Mcal. López
Tel.: 0782 – 232446 / 0782-232720
Correo Electrónico:

ORDENANZA Nº 39/2.017.-

POR LA CUAL SE DECLARA A LA CIUDAD DE SAN IGNACIO GUAZÚ MISIONES COMO "CUNA DEL BALOMPIE MUNDIAL".----------

VISTO:

La importancia de revalorizar el juego precolombino denominado "Mangá Ñembosarai" practicado por los guaranies en las "Reducciones Jesuiticas" como una de las mayores recreaciones de los aborigenes después de las misa; y.

CONSIDERANDO:

Que, San Ignacio Guazú fue fundado por los sacerdotes jesuitas en diciembre del año 1.609 y es denominada la Primera Reducción Jesuitica del Paraguay.

Que, la actividad principal de recreación después de las misas consistia en un juego a las pelotas denominado "Manga Ñembosarai" en todas las reducciones.

Que, este juego o recreación precolombina de los guaranies, trasladando y combinando hábilmente con los pies el Mangá (Pelotas de Mangaisy) constituye la base del BALOMPIE por lo que los guaranies son considerados como inventores del futbol moderno.

POR TANTO:

LA JUNTA MUNICIPAL DE SAN IGNACIO GUAZÚ MISIONES, REUNIDA EN CONCEJO Y EN USOS DE SUS ATRIBUCIONES

ORDENA

ART 1º: Declarar a la ciudad de San Ignacio Guazú del Departamento de Misiones como "CUNA DEL BALOMPIE MUNDIAL".----------

ART 2º: Que todas las Instituciones Públicas y Privadas utilicen la leyenda "CUNA DEL BALOMPIE MUNDIAL" dentro del membrete oficial.----------

ART 3º: Construir un monumento a los inventores del "BALOMPIE" en un lugar adecuado dentro del Casco Histórico de la ciudad.----------

ART 4º: Todas las selecciones deportiva que representan a la ciudad deberán llevar impresa la inscripción "CUNA DEL BALOMPIE MUNDIAL" al dorso de la indumentaria deportiva.----------

ART 5º: PUBLICAR ampliamente por todos los medios de comunicación locales sobre las disposiciones de ésta ORDENANZA MUNICIPAL.----------

ART 6º: COMUNICAR A QUIENES CORRESPONDA Y CUMPLIDO ARCHIVAR.-----

DADA EN LA SALA DE SESIONES DE LA JUNTA MUNICIPAL DE LA CIUDAD DE SAN IGNACIO GUAZÚ MISIONES, A LOS NUEVE DIAS DEL MES DE OCTUBRE DEL AÑO 2.017; SEGÚN ACTA Nº 97.----------

LIC. CARLOS GUSTAVO MAZACOTTE
Secretario de la Junta Municipal

ABOG. GERARDO DELVALLE V.
Presidente de la Junta Municipal

San Ignacio Guazú Misiones, de Octubre del 2.017

TENGASE POR ORDENANZA, PUBLIQUESE Y CUMPLIDO ARCHIVESE.

Fonte: Departamento de Cadastros, Municipalidad de San Ignacio, 2017 (apud MARTINEZ, 2017).

De 2017 até 2024 (ano em que publico esta pesquisa) consideramos que seja válido citar mais algumas publicações. Também em 2017, a página digital da *La Liga*, campeonato nacional de primeira divisão espanhol, publicou uma matéria com o seguinte título: *"Los guaraníes y el origen del fútbol: el 'manga ñembosarái': La Universidad de Salamanca repasa el origen del fútbol en varios juegos de pelota que practicaban pueblos indígenas americanos"* (Os guarani e a origem do futebol: *o manga ñembosarái*: A Universidade de Salamanca revisa a origem do futebol em vários jogos com bola que povos indígenas americanos praticavam).

Nessa matéria, a *La Liga* cita descrições do jesuíta José Manuel Peramás sobre o jogo e aponta algumas de suas regras, como, por exemplo, destaca que o bola quicava muito, necessitando de muita habilidade, domínio e controle de bola, além disso, que o jogo não tinha gols ou qualquer sistema de pontuação, ao invés disso, o objetivo do jogo, segundo Peramás, era manter a pose da bola pelo maior tempo possível, cansando assim o adversário e forçando-o a desistir da partida. A partir dessas observações, a *La Liga* (2017) afirma *"Podrá discutirse si los guaraníes inventaron el fútbol, pero lo que está claro es que el tiquitaca se lo debemos a ellos"* (Pode-se discutir se os Guarani inventaram o futebol, mas o que está claro é que devemos a *tiquitaca* a eles).

Tiquitaca ou tik-taka, é uma estratégia de jogo praticada no futebol moderno que consiste em ter a posse da bola pelo maior tempo possível mediante toques e passes rápidos entre os jogadores do mesmo time, como os ponteiros do relógio (tic-tac), fazendo com que os adversários se esforcem para recuperar a bola e consequentemente se cansem mais rápido. Um dos maiores exemplos de *tiquitaca*, foi o *Futbol Club Barcelona* (Catalunha, Espanha), entre 2008 e 2012, durante o período em que foi treinado por Pep Guardiola e encantou o mundo.

De volta as publicações, no ano de 2020, o jornal suiço *Le Temps*, publicou um artigo bastante completo escrito por Bastien Poupat, intitulado "*Les Guaranis ont-ils inventé le football?*" (do francês, Os Guarani inventaram o futebol?). Esse artigo traz não só citações jesuítas, mas também um breve resumo da própria instituição jesuítica instaurada na América Latina e seus conflitos com bandeirantes brasileiros, por exemplo. Traz, também, características do jogo já destacadas. Mas o trecho mais marcante do artigo, é quando o autor (POUPAT, 2020) se pergunta: *"Mais comment savoir si ce ne sont pas les jésuites eux-mêmes qui ont enseigné cette activité aux Guaranis?"* (Mas como saber se não foram os próprios jesuítas que ensinaram essa atividade aos guarani?). O autor responde, com base em Isabelino

Martinez, que a prova irrefutável de que os Guarani inventaram essa forma de jogar futebol, foi a descoberta de uma aldeia no Brasil, de recente contato, que ainda praticava o *Manga Ñembosarái* exatamente da forma relatada séculos passados[29]. Ainda no mesmo parágrafo e com base no mesmo pesquisador, Poupat (2020), cita a hipótese dos ingleses teriam observado os Guaranis jogando *Manga Ñembosarái*, na Espanha, após a assinatura do tratado de limites:

> La preuve irréfutable que les Guaranis sont les premiers à avoir pratiqué ce jeu de ballon au pied est venue depuis le Brésil à la suite de la découverte d'une tribu qui pratiquait exactement de la même façon le Manga ñembosarái. Et cette tribu n'avait jamais eu de contact avec d'autres civilisations auparavant", souligne Isabelino Martinez, professeur d'histoire et chargé du fonctionnement du Musée d'arts jésuites. "Par la suite, il y a également cette hypothèse qui évoque la possibilité que les Anglais auraient eu l'idée d'inventer le football après avoir observé des Guaranis jouer au Manga ñembosarái en Espagne, après la signature du traité des limites… (POUPAT, 2020)

Por fim, vale a pena citar os artigos do historiador e diplomata brasileiro Philippe Raposo. Em 2021, o autor publicou na revista digital Latinoamérica21, o artigo intitulado "Manga Ñembosarái: os guaranis inventaram o futebol", artigo republicado pela Folha de São Paulo com o título "Paraguai reivindica a paternidade do futebol". Neste artigo, o autor novamente descreve práticas do jogo e cita relatos jesuítas. O diferencial em relação a algumas outras publicações, como Meliá (1999), Romanato (2010a; 2010b) e os documentários de Ybañez (2014; 2015), é que o autor não trata com tanto entusiasmo a hipótese de que os Guarani sejam os verdadeiros fundadores do futebol, na visão de Raposo, a contribuição dos Guarani, é equivalente a tantos outros jogos com bola:

> É razoável concluir que o *manga ñembosarái* guarani não explica a totalidade da história do futebol. Ainda assim, é um legítimo precursor do futebol contemporâneo, tal como outros mencionados (...), além de um legado histórico da admirável cultura guarani. Seria impreciso atribuir a paternidade do futebol a um povo específico. Se não foram os paraguaios que inventaram o futebol, tampouco foram os britânicos. Australianos, chineses, esquimós, gregos, italianos, japoneses, mesoamericanos e norte-americanos, entre inúmeros outros, concorrem positivamente para a construção dessa história, da qual os guarani-paraguaios também fazem parte. Longe de ser produto exclusivamente guarani ou britânico, o futebol apresenta múltipla e interminável paternidade. O Paraguai é mais uma peça desse elenco (RAPOSO, 2021).

[29] Da mesma forma que Meliá, no vídeo-documentário *"Los guaraníes inventaron el fútbol"* (YBANÊZ, 2014), não apresenta maiores detalhes sobre nome ou localização da aldeia guarani a qual se referem.

Ou seja, apesar de pouco conhecido e pouco explorado no Brasil, de fato, sobretudo a partir de 2010, surgiram diversas publicações mundo afora, sobretudo de caráter jornalísticas sobre o chamado '*Manga Ñembosarái'*. Obviamente, elas se baseiam nos poucos, mas ricos relatos dos séculos XVII e XVIII. Mas o que de fato eles revelam e quem foram as pessoas que os escreveram?

4.3.2 Quem são e o que relataram os jesuítas dos séculos XVII e XVIII

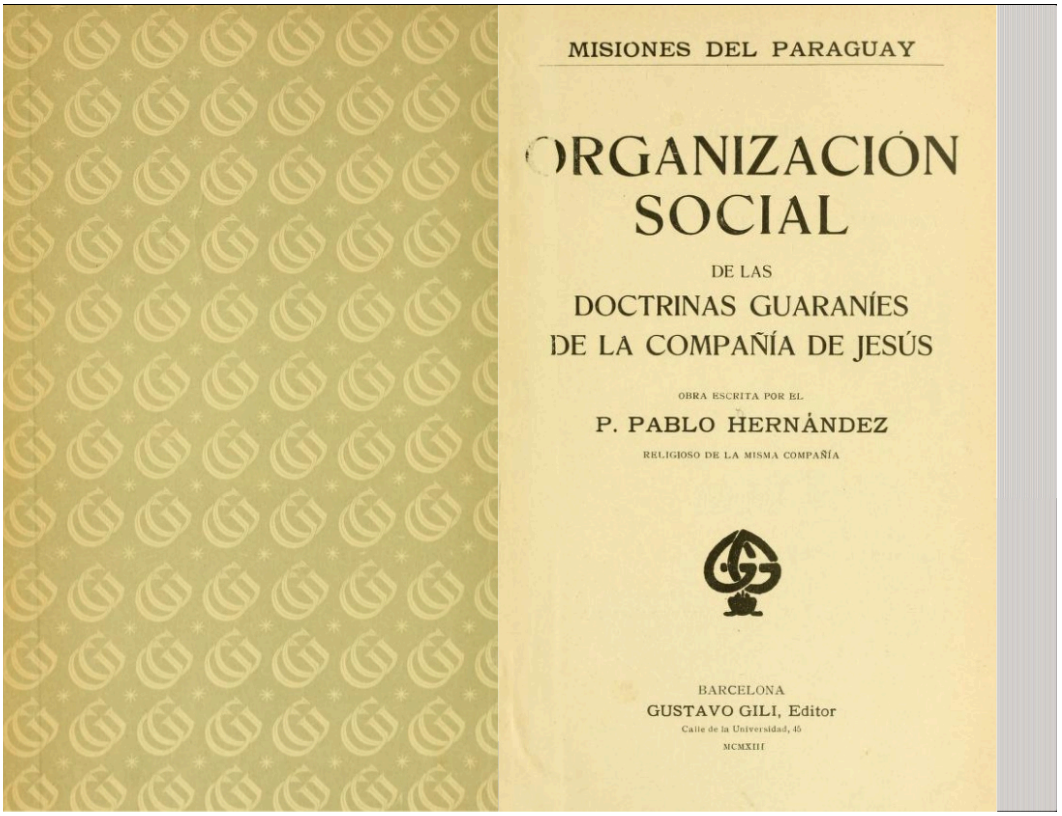
O primeiro a descrever o jogo de bola com os pés entre os Guarani, incluindo detalhes da atividade, foi o missionário jesuíta José Cardiel. Cardiel nasceu em 1704 na Espanha, entrou para a Companhia de Jesús em 1720, e em 1729, aos seus 25 anos foi enviado à América como missionário. Esteve em solo americano por quase 40 anos, habitando o Paraguai, Buenos Aires, Tucumám, Magallanes e a Patogonia, além de exercer contínuas viagens. Foi uma das vozes de dentro da Companhia que mais decididamente se opôs ao Tratado de Limites (1750) que culminou na Guerra Guaranítica (1753–1756). Foi expulso da América, juntamente com toda Ordem Jesuíta, após o Decreto Real de Carlos III em 1767, sendo um dos mais renomados, curiosos, enérgicos e obstinados missionários (MARTINS, 2009).

Em Faenza, Itália, onde foi exilado, escreveu um manuscrito em 1771, com o título *Breve relación de las misiones del Paraguay,* publicado somente muitos anos depois, em 1913, na Espanha, por Pablo Hernández, no livro intitulado *Organización social: doctrinas guaraníes de la compañía de Jesús* (**Figura 23**).

Nesse manuscrito, Cardiel relata elementos históricos, geográficos, econômicos e sociais das Missões. Entre esses relatos, no subcapítulo *"el domingo"*, do capítulo *"Gobierno Religioso"*, Cardiel relata algumas práticas lúdicas e recreativas que aconteciam após a missa de domingo, entre elas, o jogo de bola com os pés praticado pelos Guarani, ancestral do futebol moderno:

> Después se reparten las faenas de toda la semana, y se van a comer y a jugar a la pelota, que es casi su único juego. Pero no la juegan como lo españoles: no la tiran y revuelven con la mano. Al sacar, tiran la pelota un poco en alto, y la arrojan con el empeine del pie del mismo modo que nosotros con la mano: y al volverla los contrarios lo hacen también con el pie: lo demás es falta. Su pelota es de cierta goma, que salta mucho más que nuestras pelotas. Júntanse muchos a este juego y ponen sus apuestas de una y otra parte". (CARDIEL, 1771, apud HERNANDEZ, 1913, p. 570) (**Figura 24**)

Figura 23 - Contracapa do Livro *"Oraganización social: doctrinas guaraníes de la compañia de Jesus"*, publicado por Pablo Hernandez em 1913



Fonte: Hernandez (1913)

Figura 24 - Trecho de texto de José Cardiel sobre o "futebol" Guarani em *"Oraganización social: doctrinas guaraníes de la compañia de Jesus"*, publicado por Pablo Hernandez em 1913, página 570.

segunda para los convalecientes, é impedidos en la primera. Después se reparten las faenas de toda la semana, y se van á comer y á jugar á la pelota, que es casi su único juego. Pero no la juegan como los españoles: no la tiran y revuelven con la mano. Al sacar, tiran la pelota un poco en alto, y la arrojan con el empeine del pie del mismo modo que nosotros con la mano: y al volverla los contrarios lo hacen también con el pie: lo demás es falta. Su pelota es de cierta goma, que salta mucho más que nuestras pelotas. Júntanse muchos á este juego y ponen sus apuestas de una y otra parte. A la tarde se ejercitan en la plaza al blanco con flechas, y con esco-

Fonte: Cardiel (1771), apud Hernandez (1913).

A partir desse curto trecho, é possível extrair algumas informações preciosas: I) É possível notar uma certa surpresa por parte do autor ao afirmar que eles não jogam bola com as mãos como os europeus, mas exclusivamente com os pés, como se ele, José Cardiel, nunca tivesse visto nenhum esporte parecido que pudesse ser comparado no continente europeu; II) O fato do jogo possuir algumas regras bem delimitadas, como a falta no caso de toque da bola nas mãos; III) é possível notar que havia uma divisão entre as equipes; IV) a bola utilizada no

jogo era uma bola de "goma", ou borracha, que saltava muito mais que as bolas de couro presentes na Europa naquele período; V) os Guarani não só jogavam bolas com os pés, mas esse era quase seu único jogo; VI) A atividade atraia a atenção de muitas pessoas que assistiam e realizavam apostas sobre o jogo.

Outra observação pertinente, é que o texto demorou quase duzentos anos para ser publicado após a escrita de Cardiel, o que provavelmente contribuiu para esse quase apagamento histórico da prática do "futebol" Guarani por muitos anos. Mas José Cardiel não foi o único a descrever esse jogo.

José Manuel Peramás (ou Josephi Emmanuelis Peramás), nasceu em Matarò, Catalunha, Espanha, no ano de 1732. No ano de 1755, aos 22 anos, embarca para o continente americano, chegando ao Rio de la Plata, entre Argentina e Uruguai no mesmo ano. Ainda estudante, Peramás passou 3 anos estudando na cidade de Córdoba, Argentina, até ser enviado como missionário para as Reduções Guarani do Alto Paraná. Após um ano e meio cumprindo sua ordenação sacerdotal no Alto Paraná, é chamado de volta a Córdoba para ocupar a cátedra de retórica na Universidade, onde permanece até 1767, quando também é obrigado a fugir para Faenza, Itália, em razão da expulsão dos jesuítas da América (CORNELLI, 2016).

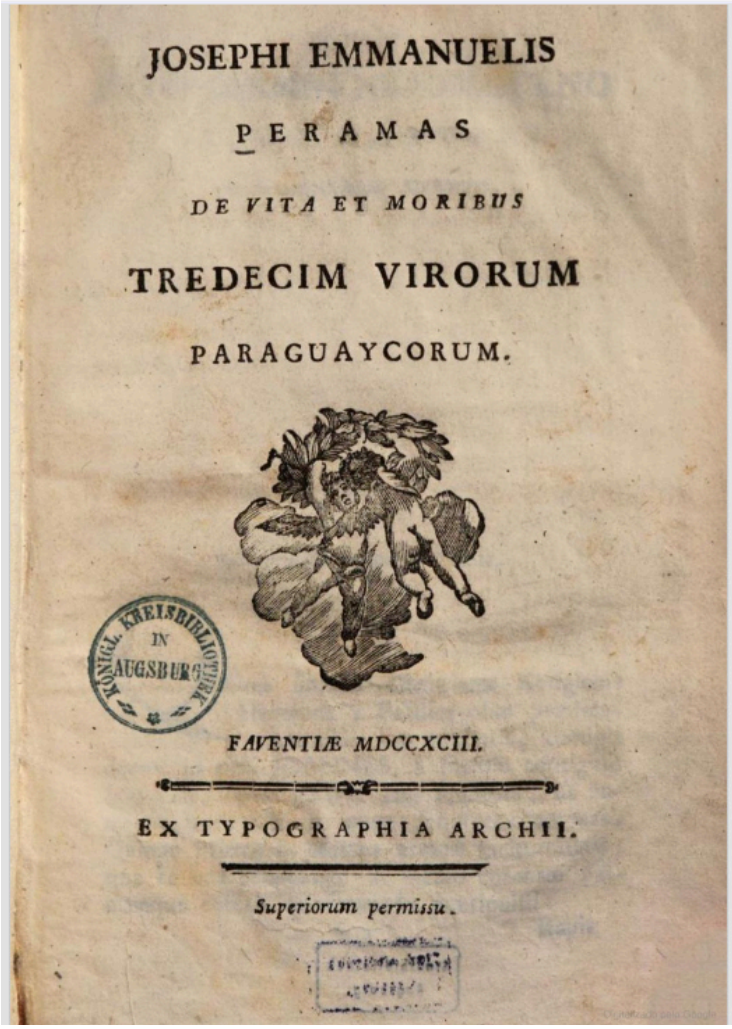
Em Faenza, segundo Cornelli (2016), Peramás viverá dias e sentimento de desterro. Em 1773, ano de sua morte, já estava pronta sua obra chamada originalmente intitulada *De vita et moribus tredici virorum paraguaycorum* (do latim, "Sobre a vida e a morte de treze paraguaios), mais conhecida com "A República de Platão e os Guaranis" ou simplesmente "Platão e os Guaranis" que seria oficialmente publicada em 1793 (**Figura 25**).

Ainda segundo Cornelli (2016), este livro é cercado de polêmicas, pois Peramás, relaciona a vida política e a organização social das Reduções Jesuítas com obras de Platão como A República e d'As Leis, citando até mesmo um certo regime parcial de comunhão de bens. Em partes, essa relação feita por Peramás poderia ser explicada como a resposta a críticas recebidas pelos missionários, como acusações de escravização dos indígenas, por exemplo. De qualquer forma, seu texto fornece uma rica descrição de algumas práticas culturais e vida cotidiana Guarani entre as reduções, entre elas, a descrição do jogo de bola com os pés Guarani[30]:

[30]O próprio Cornelli (2016), apesar de dizer que a obra de Peramás é repleta de polêmicas, reconhece a importância dos relatos sobre o jogo de bola com os pés, nas palavras de Cornelli (2016, p. 127) "O texto serve de fonte para uma notícia extraordinária: o futebol nasceu entre os Guaranis das Missões da região do Paraguai e do Brasil".

> En los días festivos, despues del ofício de la tarde, hacian los hombres um simulacro de guerra en la plaza (**Figura 26**), lanzando flechas a un blanco. Son tan diestros en este arte que, ora persigan a una fiera en su carrera, ora a una ave en su vuelo, casi nunca yerran el tiro. Solían jugar también a la pelota, la cual, aunque de goma maciza, era tan liviana y ligera que, una vez recíbido el impulso, seguía dando botes por un buen espacio, sin pararse, y repitiendo los saltos a rebotar por su proprio peso. Los guaraníes no lanzan la pelota con la mano, como nosotros, sino con la parte superior del pie descalzo, enviándola y devolviendo com gran ligereza y precision (Peramás, 1973 apud Peramás 2004[31], p. 93).

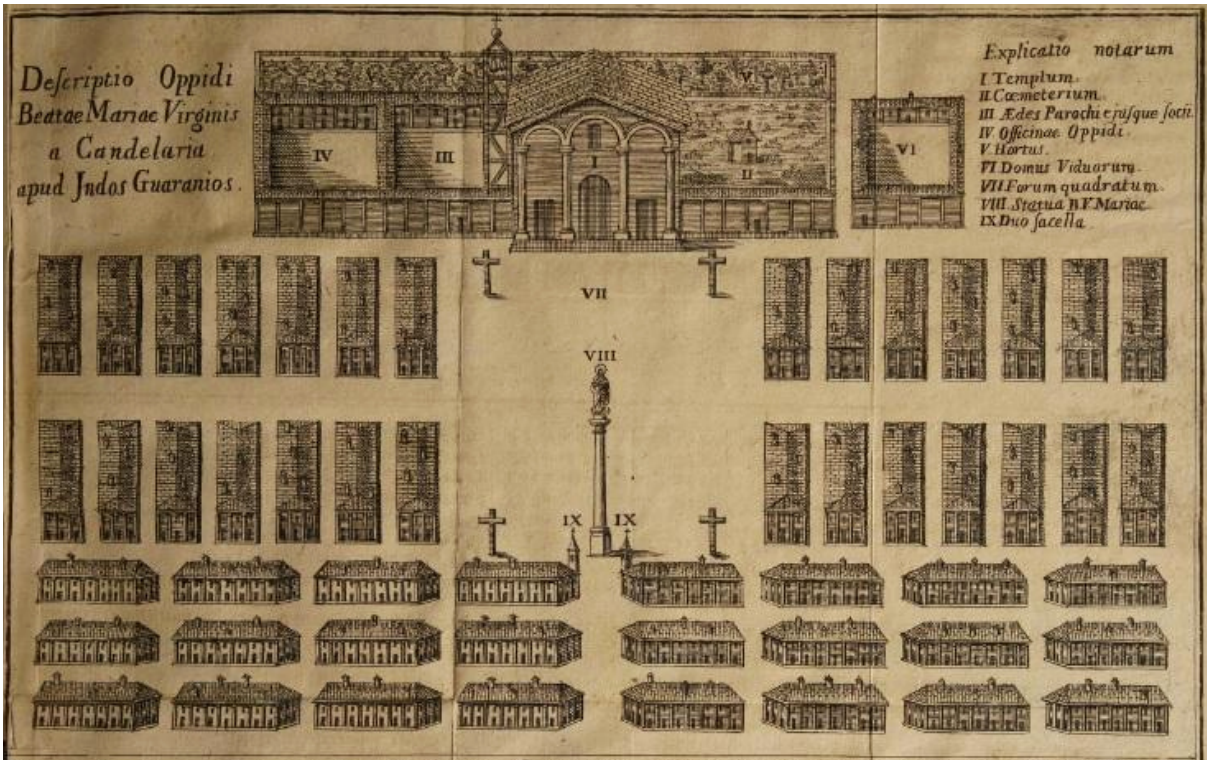
Figura 25 - Contracapa *De vita et moribus tredici virorum paraguaycorum* de José M. Peramás, 1793.



Fonte: Peramás (1793).

[31]Data da edição do livro a qual foi retirado.

Figura 26 - Planta de uma redução jesuítica com destaque a praça central.



Fonte: Peramás (1793, in Internet Archive, 2023).

Mais uma vez, apesar de curto, esse relato apresenta uma grande riqueza de informações, entre elas: I) Os guaranis sabiam jogar com bola com a parte de cima dos pés descalços, diferente dos espanhóis que jogavam com as mãos; II) a bola era de borracha maciça, leve e rápida, ao ponto de uma vez golpeada, continuar em movimento, quicando, por muito tempo empurrada pelo seu próprio peso; III) passavam e recebiam a bola com muita agilidade e precisão, apesar da bola ser de difícil domínio, o que mostrava muita técnica e habilidade por parte dos jogadores.

Esses dois relatos observados são do século XVIII, com as Reduções Jesuíticas em curso nas regiões entre Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil a mais de cem anos[32], e apesar dos textos deixarem muito evidente que o jogo praticado entre os Guarani era muito diferente dos jogos de bola praticados na Europa no mesmo período, o leitor mais cético poderia questionar se não foram os próprios missionários que introduziram esse tipo de jogo ou a própria "pelota" na cultura Guarani. Em primeiro lugar, é importante afirmar que jogos com bolas, de diferentes formas, em diferentes etnias, eram comuns em quase toda a América, como já citado no capítulo 4.2. Além disso, o relato do missionário Montoya de 1639, cem anos antes dos escritos por Cardiel e Peramás é importante para responder essa questão.

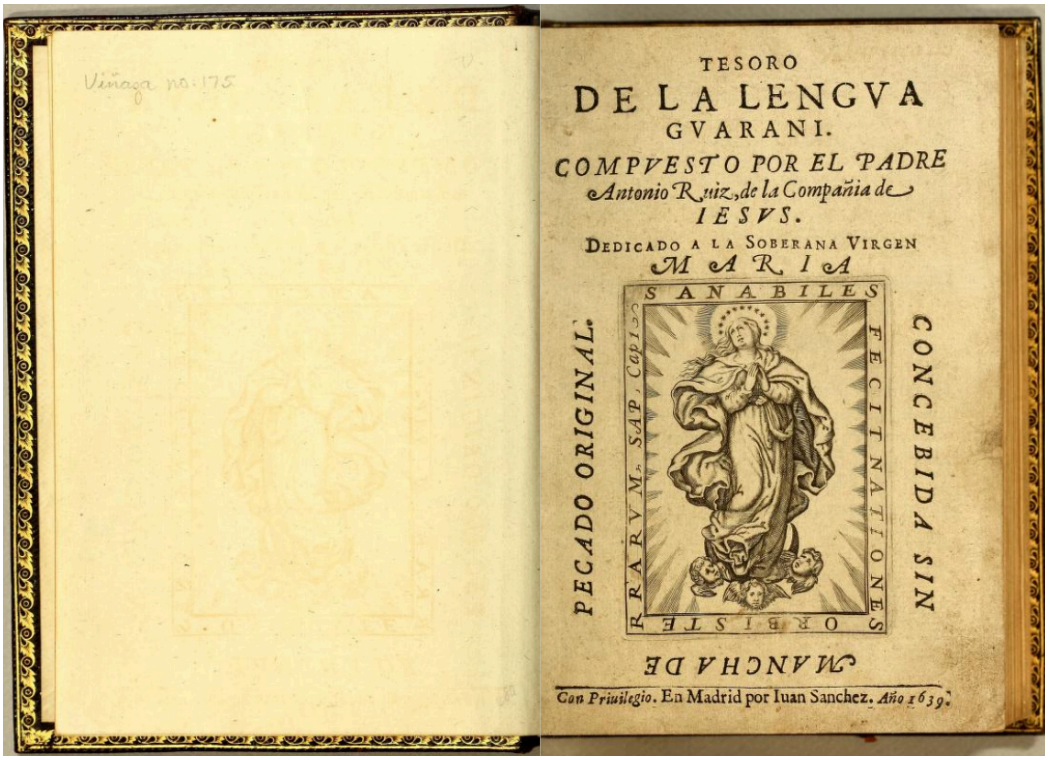
[32]As Reduções Jesuíticas tiveram início na América em 1609.

O primeiro registro escrito que aponta para a prática de jogos de bola entre os Guarani da região das Missões entre Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil, foi realizado pelo sacerdote jesuíta peruano Antonio Ruiz de Montoya. Nascido em 1585 em Lima, no Peru, mas de ambos pais espanhóis, ficou órfão de mãe aos 5, e órfão de pai aos 8 anos. Seus tutores o matricularam no educandário jesuíta Real Colégio de San Martin, em Lima. Após uma juventude turbulenta na qual abandonou os estudos, voltou a estudar em 1605, passando por alguns colégios católicos e realizando algumas viagens pela América do Sul. Em 1612, foi até Assunção, Paraguai, e de lá enviado para as recém-fundadas Reduções da região do Guayra. Como membro das reduções, realizava missões volantes que o permitiu conhecer diferentes aldeias e etnias indígenas, sobretudo Guaranis (MOURA, 2013).

Entre 1622 e 1628, Montoya se tornou superior das reduções de sua região. Entre 1628 e 1631, com os ataques de bandeirantes paulistas, as Reduções Jesuíticas objetivando capturar e escravizar indígenas, Montoya organizou uma fuga com cerca de 12 mil indígenas que migraram até o Uruguai, a princípio pelos rios Paranapanema e Paraná, e a pé após a região das 7 quedas. Cerca de 4 mil pessoas sobreviveram e ajudaram a formar novas Reduções. Com novos ataques bandeirantes entre 1637 e 1638, Montoya, já nomeado Superior de todas as Reduções, liderou uma nova fuga para as regiões do Paraná e Uruguai. Todo esse contexto fez com que Montoya fosse enviado a Madrid e a Roma para denunciar os crimes cometidos pelos bandeirantes e a conivência de autoridades coloniais. Durante o período na Europa em que aguardava por respostas e ações, escreveu uma breve história dos acontecimentos publicado como *Conqvista espiritval hecha por los religiosos de la Compañía de Iefus, en las Prouincias del Paraguay, Parana, Vruguay y Tape (1639),* além de outras publicações, incluindo o *Tesoro de la lengua guarani* de 1639 (**Figura 27**) (MOURA, 2013).

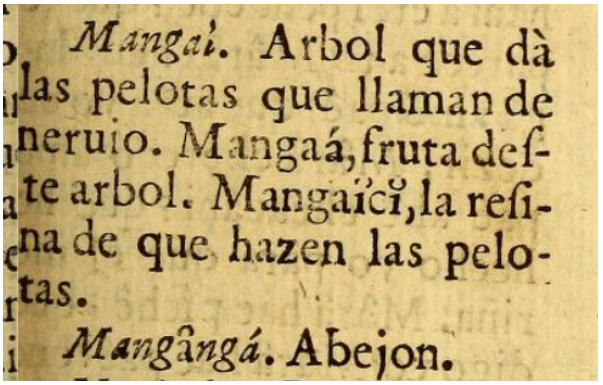
O *Tesoro de la lengua guaraní* foi o primeiro dicionário guarani-espanhol. Ele foi elaborado por Montoya graças a esses anos de muitas vivências com a população Guarani. Neste rico e extenso dicionário, aparece os verbetes *Mangaí, Mangaá* e *Mangaici*, sendo o primeiro o nome de uma árvore, o segundo a fruta dessa árvore, e o terceiro a resina/borracha dessa árvore utilizada para confeccionar "pelotas", ou seja, bolas. Nas palavras de Montoya: "*Mangaí. Arbol que dà las pelotas que llaman de neruio. Mangaá, fruta defte arbol. Mangaici, la refina de que hazen las pelotas"* (1639, p. 429) (**Figura 28**).

Figura 27 - Contracapa do livro Tesoro de la lengua guaraní de Antonio Ruiz de Montoya, 1639.



Fonte: Montoya (1639 in Internet Archive, 2023).

Figura 28 - Verbete *Mangaí*, Tesoro de la lengua guaraní, Antonio Ruiz de Montoya, página 429



Fonte: Montoya (1639, in Internet Archive, 2023).

De fato, Montoya não faz nenhuma descrição sobre o uso das “pelotas”, da prática do jogo Guarani, de suas regras, seus objetivos e seus significados. Até porque, o *Tesoro de la lengua guaraní* (MONTOYA, 1639), não tem um caráter etnográfico ou antropológico propriamente dito, mas sim um caráter linguístico. Seu objetivo era divulgar os conhecimentos linguísticos adquiridos por ele no contato com os Guarani, provavelmente até buscando facilitar o envio de novos missionários às Reduções, já que essa era uma de suas reivindicações na resistência contra os bandeirantes paulistas.

De qualquer forma, a presença destes verbetes, sobretudo o *Mangaici,* no dicionário, demonstram duas coisas: a primeira é que desde o século XVII, já logo nos primeiros anos de contato entre missionários jesuítas e guaranis, eles já confeccionavam "pelotas" ou bolas de borracha a partir de um processo que não é nada simples, que necessita de emprego de sabedoria, tempo e técnica. Além disso, é provável que o *Tesouro de la lengua guaraní* tenha começado a ser escrito muito antes de sua publicação, afinal, dificilmente o autor conseguiria escrever um dicionário tão denso em apenas um ano na Europa, sem a presença dos Guarani e com as tecnologias da época. O segundo elemento, é que o próprio Montoya já havia notado a importância cultural destas "pelotas" na cultura Guarani, ao ponto de julgar válido a introdução do verbete no seu dicionário.

Ou seja, Montoya já nos primeiros anos de século XVII, já havia deixado provas de que os Guarani da Região de Missões confeccionavam bolas de borracha e que provavelmente essas bolas eram importantes culturalmente, no entanto, não realizou descrições sobre o uso das bolas, do jogo e seus significados, até porque não era este o caráter da publicação. José Cardiel e Peramás, complementam a informação, desta vez realizando descrições muito ricas e interessantes sobre o uso desta mesma bola de borracha em jogos de bola com pés, singularmente similares ao futebol moderno e que de fato possivelmente influenciou o seu surgimento no século seguinte.

4.3.3 Terminologia do jogo

Os relatos de Cardiel (1771) e Peramás (1793), apesar de descreverem o jogo de bola com os pés pré-colonial Guarani, não apontam qual seria o nome deste jogo. Montoya (1639), descreve em seu dicionário o nome da resina/borracha usada na confecção de bolas, mas também não descreve o nome do jogo praticado com ela. Romanato (2010a; 2010b), nos artigos publicados no Periódico *L'Osservatore Romano*, também não cita qual seria o nome atribuído ao jogo de bola com os pés Guarani. Nos trabalhos de campo realizados para essa pesquisa entre a comunidade Guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos, Santa Catarina, Brasil, tão pouco as pessoas com quem conversei conheciam o termo *Manga Ñembosarái*.

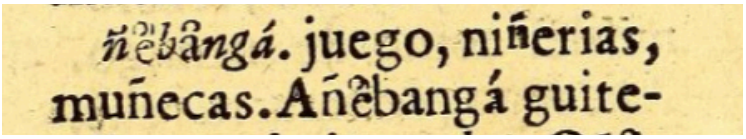
O termo *Manga Ñembosarái,* atribuído ao jogo de bola com os pés pré-colonial Guarani, parece ter aparecido pela primeira vez no vídeo-documentário "*Los guaraníes inventaron el fútbol"* dirigido por Marcos Ybañez (2014). Ele aparece brevemente em uma

das falas, e posteriormente no final do documentário, antes dos créditos finais como uma espécie de síntese do conteúdo, mas sem qualquer explicação. O termo aparece novamente, e com maior destaque e frequência, no segundo vídeo-documentário dirigido por Ybañez (2015). Neste documentário o termo passa inclusive a ser o título da produção tendo sido citado ao longo do filme por várias pessoas, incluindo indígenas Guarani.

Ambas as produções, no entanto, carecem de uma explicação adequada, sobre este termo, como seu significado, sua origem, se é o nome original do jogo já usado pelos Guarani dos séculos passados ou se foi criado pela própria produção do documentário como uma síntese. O que há de fato, no primeiro documentário (YBAÑEZ, 2014), é a explicação do termo *Manga*, que segundo os participantes, com base em Montoya (1639) seria o nome da *"pelota de goma"* produzida com a resina, *Mangaici,* da árvore *Mangaí.*

Em relação à palavra *Ñembosarái*, que compõe o termo utilizado, alguns dicionários atuais, como o próprio Google Tradutor (2023), traduz a palavra *ñembosarái* como "jogar, lançar ou apostar"; o dicionário Avañe'e (2023) traduz como "jogo, esporte, brincadeira, travessura, passatempo, entretenimento." Neste sentido, *Manga Ñembosarái* poderia ser traduzido como "jogo de bola", "brincadeira com bola" ou "passa-tempo com bola". Após pesquisa documental, no entanto, não encontrei a palavra *Ñembosarái* no dicionário de Montoya (1639). A palavra/verbete mais próxima que encontrei foi *ñêbângá*, que segundo o dicionário também pode ser traduzida, a depender do contexto, como jogo ou brincadeira (**Figura 29**). De modo similar, o termo "brincar" aparece como "*nhemboarai*" no dicionário Léxico Guarani, Dialeto Mbya do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) (DOOLEY, 2006) e "*nhevanga*" em Darella et. al. (2018).

Figura 29 - Verbete "*Ñebangá*", Tesoro de la lengua guaraní, Antonio Ruiz de Montoya, página 508


ñẽbângá. juego, niñerias,
muñecas. Añẽbangá guite-

Fonte: Montoya (1639, in Internet Archive, 2023).

Em conversas pessoais com Orivaldo Nunes Junior (Nuno Nunes)[33], o pesquisador me apontou uma possível tradução para o termo. Na sua interpretação, poderia ser traduzido como "brincar com bola para esquecer", da língua guarani dialeto mbya

[33] O mesmo pesquisador citado como NUNES (2022).

"*Nhevangá Mboexarai*", sendo "*Nhevangá*" = brincar e "*Mboexarai*" = fazer esquecer[34]. "Esquecer", neste sentido, poderia ser entendido como um esquecer dos problemas, dos afazeres da vida cotidiana, como apontado por Durkheim (1996) e exposto no Capítulo 4.1. Ou seja, uma espécie de jogo ou brincadeira para entretenimento, para aliviar o espírito fadigado.

Esta não é a única variação. No próprio documentário *Los guaraníes inventaron el fútbol* (YBAÑEZ, 2014), Rámon Silva, aponta que uma possível terminologia seria algo como *"manga pykua"*, que segundo ele, poderia ser traduzido como chutar a bola, ou pé na bola, portanto, quase que uma tradução literal ao *football* do inglês

Outra variação aparece no documentário *Manga Ñembosarái*: *los guaraníes inventaron el fútbol - parte II* (YBAÑEZ, 2015), onde aparece o termo *Vakapipopo,* que, inclusive, parece ser mais usual para se referir ao futebol entre os Guarani do Paraguai na atualidade:

> Ahora nosotros le damos el nombre de *Vakapipopo Ñembosarái*, es el nombre nuevo que la dieron al juego de la pelota, pero nosotros antiguamente le llamábamos *Manga Ñembosarái* (...) Un conocimiento ancestral no se puede olvidar por eso permanece (...). Solo que se cambia algum nombre, evoluciona la humanidad comó todas las cosas (...), muchas palabras cambiaron al mezclar el castellano con el guaraní (Dário Benjamim Salas, 2015 apud YBAÑEZ, 2015).

Apesar das variações encontradas e de alguns Guarani *Mbya* de Santa Catarina, Brasil, com que tive contato, não reconhecerem a terminologia, optei por utilizar o termo *Manga Ñembosarái* - pelo menos até que se encontre um termo melhor - pelo fato deste termo já ter ganho visibilidade, não só no Paraguai, mas em outros lugares do mundo a partir dos documentários dirigidos por Ybañez (2014; 2015). Com isso, creio que a pesquisa poderá ser mais facilmente encontrada e atingir seus objetivos após sua publicação.

4.3.4 O que dizem os Guarani na atualidade?

A voz dos Guarani não aparece diretamente nos relatos de Montoya (1639), Cardiel (1771) e Peramás (1793). Também não está presente nos textos de Romanato (2010a; 2010b) e no primeiro documentário dirigido por Marcos Ybañez (2014) intitulado *Los guaraníes inventaron el fútbol*. A voz guarani só vai aparecer diretamente no segundo

[34] Tais verbetes estão presentes no Dicionário de Léxico Guarani, dialeto Mbya do Summer Institute of Linguistics Internacional (SIL) (DOOLEY, 2006).

documentário dirigido por Ybañez (2015), intitulado *Manga Ñembosarái: los guaraníes inventaron el fútbol - parte II.*

Neste documentário, alguns relatos guarani chamam a atenção: *"Este juego nosotros comenzamos, nuestros antepasados dieron origen (...) Los blancos fueran viendo y aprendiendo nuestro jogo y le llamaran pelota (...) antes jugábamos sem arco, los de fueran vieron y copiaran"* afirma o Mbya Guarani Isidoro Romero (apud YBAÑEZ, 2015). "*El manga ñembosarái, el balompié que se jugaba y se está rescatando según la historia. Los indígenas crearon"*, afirma Dario Benjamim Salas (apud YBAÑEZ, 2015), locutor de uma rádio local. "*No me parece correcto que al ser los indígenas los creadores del fútbol, no podamos ascender a las ligas profesionales"*, é o que afirma *Kunã Jeju* (apud YBAÑEZ, 2015).

Não fica muito nítido, no entanto, se essa memória do futebol pré-colonial guarani se manteve viva século após século, geração após geração, ao ponto dos entrevistados carregarem essa memória recebida através de seus parentes ou, pessoas mais velhas de suas comunidades, ou se esse conhecimento é fruto de um "despertar" mais recente, fruto dos estudos de pesquisadores como Meliá, Ramon Silva, Miró e Ybañez que podem ter favorecido uma rearticulação da memória coletiva.

Importante destacar que a cultura é viva, ativa, não estática, sempre mais vivida do que teorizada. Portanto, seria perfeitamente possível que os Guarani mesmo sem nunca ter deixado de jogar/brincar com "pelotas"/bolas, tivessem aceitado modificações graduais em suas práticas, introduzindo bolas industrializadas, traves (balizas) e contagens de gols em sua prática, e com isso, tenha gradualmente "adormecido" o modelo pré-colonial de jogar "futebol" até se cansar. Não como uma perda de cultura ou uma aculturação, mas sim adaptações naturais e graduais que ocorrem em todas as práticas em culturas.

Cabe, neste momento, fazer um parêntesis. Isto para visitarmos o pensamento de Jera Poty Mirĩ (Giselda Pires de Lima), uma importante liderança Guarani da TI Tenondé Porã, de São Paulo. (2018), que destaca o "adormecer" e o "despertar" da cultura, fornecendo uma contra leitura ao conceito de "aculturação". Segundo a autora, os conhecimentos Guarani não surgem do vazio, tampouco desaparecem por completo, mas são ativados ou inativados, adormecidos ou despertados a depender de contextos sociais-espaço-temporais. Fecha parênteses.

Durante os trabalhos de campo desta pesquisa na Terra Indígena Morro dos Cavalos, realizarei 3 entrevistas, nas quais, nenhum dos entrevistados afirmou ter conhecimento sobre o termo *Manga Ñembosarái*, ou mesmo sobre a teoria de que os Guarani teriam inventado o futebol a partir de seus jogos com bola pré-coloniais relatados por missionários jesuítas. No entanto, todos eles afirmam, que a prática do futebol sempre foi muito comum. Ara Mirim (Eliziane Antunes), afirmou, por exemplo, que, seu pai, Karai Tataendy (Adão Antunes) já dizia que o futebol fazia parte da cultura Guarani:

> Gabriel: Você considera… Se você já considerava, considerou ou considera, o futebol uma cultura de *juruá*?
>
> Ara Mirim: Agora eu acho que é cultura dos Mbya.
>
> Gabriel: Você acha que é cultura do Mbya? Mas você já achava isso?
>
> Ara Mirim: Sim. Porque bem antes, a gente conversava muito com o meu pai (Karai Tataendy)... E ele sempre falava isso. Tipo, agora já faz parte, porque você não consegue ver uma aldeia onde não tenha futebol. Tipo, meio que uma identidade já dos Mbya. Tipo, você ia a um lugar e já tinha futebol.
>
> Gabriel: Você participou também da organização da Semana Cultural [da Escola Itaty], né? E.. ia ter um dia só de futebol. Sempre foi assim… na Semana Cultural… inclusive com o título de jogos tradicionais? Então vocês já consideram [o futebol] um jogo tradicional?[35]
>
> Ara Mirim: Uhum.
>
> Gabriel: Mas vocês acham que sempre foi um jogo tradicional ou que chegou depois?
>
> Ara Mirim: Eu acho que chegou depois, eu não conheço a história.

Em uma das entrevistas que realizei com Jekupé Mawe[36], um dos organizadores da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, perguntei sobre a bola de "goma", e ele respondeu que não só conhece, como no passado, junto com outros jovens e crianças, confeccionavam

[35]Na Semana Cultural Indígena de 2023 da Escola Indígena Itaty, do tekoa Itaty, TI Morro dos Cavalos, na programação, previa-se dois dias de jogos tradicionais. Em um dia haveria jogos como arco-e-flecha, zarabatana e corrida com toras, entre outros, e o último dia, estava reservado apenas para o futebol. Infelizmente, devido à chuva, não aconteceu.

[36]Jekupé Mawe é indígena de dupla etnia. Nasceu na etnia Sateré-Mawe, na Região Norte do país, e desde 2015 vive entre os Mbya Guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos, tendo inclusive recebido o *nhe'ẽ,* nome espiritual Guarani. Atualmente é considerado uma das lideranças desta TI, atuando ativamente no monitoramento e defesa do Território e fazendo juz a seu nome espiritual, afinal Jekupé, pode ser traduzido como protetor.

esse tipo de bola. Segundo ele, não era tarefa fácil produzir essa bola, levava dias enrolando a borracha e esperando secar até chegar no tamanho ideal:

> Jekupé: Desde que eu me conheço por gente, eu já via futebol, né? Desde sempre, assim… A primeira vez que eu lembro de questão de bola, assim, a gente fazia, pelo menos, na região Norte [do Brasil] ali, né?... Tem a seringa, você deve conhecer, aquelas borrachas, né… A gente fazia bola disso. A gente fazia uma bola assim. Levava tempo, né? Vários dias lá ficava enrolando, enrolando [borracha] até ela…. E era uma bola assim [indicando tamanho com as mãos].
>
> Gabriel: E vocês fazem ainda?
>
> Jekupé: O pessoal faz até hoje…
>
> Gabriel: E vende? Quero uma bola dessas (risos)...
>
> Jekupé: Não, o pessoal usa ela pra brincar…. Como ela é uma borracha pura, ela tem uma elasticidade muito grande, assim, né? Então, tipo, se tu bater, vai cinco metros facinho assim, né? Então, tipo, assim, cada chance que te dá é uma velocidade que vai… É bem difícil, por exemplo, tu pegar ela, encaixar ela, ou tocar e a pessoa conseguir tocar de volta ou dominar, porque ela pula demais. Então, desde… Tipo, assim, desde sempre eu já ouvi isso, né? Nunca… Nunca… Eu nunca pensei que [o futebol] fosse, por exemplo, essa questão da criação que você tá falando, do não-indígena, né? Que fosse exclusivamente, por exemplo, dos não-indígenas, né? Sempre foi parte da cultura indígena. Acho que é o único esporte que tem em todos, desde sempre, assim de ter né… Acho que hoje é mais organizada, mas… Acho que acabou sendo incorporado na própria cultura, né? Como algo… Acho que é o único… O único esporte essencial, assim, que em qualquer lugar tá, assim, né, assim praticado. Porque os demais, por exemplo, a pessoa sabe, né? Como que é… Lá na região Norte, lá a pessoa até tentou um tempo fazer um time de vôlei que foi, depois pararam... Futebol não, futebol sempre…

Ele reforça ainda que a cosmovisão de que a bola, assim como outras brincadeiras, teria sido criadas pelo próprio *Nhanderu* (nosso pai), para a diversão e integração entre os Guarani, fazendo portanto parte da *teko* (cultura) e do *nhandereko* (modo de ser Guarani).

E apesar da Liga ser relativamente recente, como veremos no próximo capítulo, se engana quem pensa que os Guarani de Santa Catarina, diferentemente dos Guarani do Paraguai, não jogavam futebol e até mesmo não organizavam pequenos campeonatos e torneios. Jekupé Mawe e Elizandro Antunes contam que antes da fundação da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, apostas aconteciam quase todos os finais de semana. Segundo eles, um *tekoa* (aldeia) convidava, e outros *tekoa kuery* (aldeias) se deslocavam para participar desses pequenos torneios, geralmente de um único dia, envolvendo apostas entre os *tekoa kuery* (aldeias) e equipes. Com Jekupé (2022) a conversa foi:

> Gabriel: Antes desse campeonato [Liga] vocês já jogavam outros?

> Jekupé: Antes a gente fazia aposta assim, né?
>
> Gabriel: Aposta?
>
> Jekupé: É, todo final de semana a gente passava de uma aldeia para outra, n/é? Normalmente, por exemplo, uma aldeia falava: "ah, tal dia a gente vai fazer isso", aí por exemplo, se o pessoal falar "vai mais de dois times" aí vai todo mundo pra lá então, n/é?
>
> Gabriel: E era só aqui pertinho, tipo, Maciambu... ou viajava mesmo?
>
> Jekupé: Viajava mesmo. Aqui na região litoral sul, aqui, a gente ia. Agora a gente nunca foi pro litoral norte, isso era bem difícil de ir. Por causa da distância, n/é? Mas aqui era todo o final de semana.

Com Elizandro (2023), a conversa foi a seguinte:

> Gabriel: Você falou que antes já tinha, né? Festa e jogos e… Eu até conversei um pouco com o Jekupé, ele falou que tinha apostas... Como que era antes da liga?
>
> Elizandro: Geralmente era torneio. Torneio quando era uma festa grande… "a, vai ter uma festa aqui, no Morro dos Cavalos, vai vir de [aldeias de] São Paulo, do Espírito Santo do Rio de Janeiro, do Rio Grande [do Sul], vai vir muita gente", que é uma festa… E quando sai isso, geralmente a gente faz um torneio. Aí perdeu tá fora (eliminação) e ganhou passa [de fase]. Aí, tipo assim... Ia para os torneios, pagava uma quantia lá e quem ganhava… Quem ganhasse até a final, levava todo o prêmio...
>
> (...)
>
> Gabriel: E sempre teve?
>
> Jekupé: Tem ainda, até hoje.
>
> Gabriel: Mas assim, desde que você é criança, você lembra disso?
>
> Jekupé: Sim, desde… Desde que eu me conheço por gente. E a gente sabe, porque daí, tipo assim, daí tem os times mais organizados, né? Que já vai pensando já em ir para ganhar. Aí, tipo, o nosso time na época, quando era mais adolescente... A gente treinava o time bem mesmo, daí saia o torneio, por exemplo, lá no Rio Grande [do Sul], a gente ia lá pra ganhar. A gente ia lá pra tentar trazer o dinheiro. E aí tem esse time que são bem mais organizados, que treinam, que já tem esse espírito de ganhar, e aí tem aqueles times… "a, vamos fazer um time para brincar…" (risos)

O Antropólogo Sérgio Eduardo Carrera Quezada (2007), ao desenvolver sua pesquisa de mestrado - intitulada "A terra de Nhanderu: organização sociopolítica e processos de ocupação territorial dos Mbya Guarani em Santa Catarina, Brasil" - notou durante os trabalhos de campo e entrevistas, como o futebol é um elemento relevante na *Teko* (cultura)

Guarani. Ao entrevistar o Guarani Leandro Fernandes *Kuaray Miri*[37], o autor relata que ficou impressionado. Segundo o próprio Quezada (2007, p. 188): "tem um elemento que no seu depoimento me impressionou: o fato de ser o futebol não uma influência *juruá* (não-indígena), mas um elemento pertencente à tradição dos próprios Guarani".

Na entrevista em questão, Quezada e Leandro discutiam o *nhandereko,* o modo de ser Guarani. Leandro, o entrevistado Guarani, havia acabado de afirmar que segundo ele, *nhandereko* seria o sistema Guarani sem o contato do branco, e que para sua manutenção tradicional seria necessário ficar longe das "coisas do branco", inclusive energia elétrica. Foi nesse momento que Quezada perguntou "Nem futebol?", e Leandro respondeu "futebol pode ser" (QUEZADA, 2007, p. 188). Nas palavras do próprio Leandro:

> Muita pessoa diz assim. Diz que o filho de Nhanderu, parece que Tupã ou Karai, antes de partir, ou acho que Nhanderu Miri... eu acho, antes de partir, pro outro lado do oceano, eles brincavam de bola, mas só que a bola não é daquela, daquela que nós temos, comprada. Aquela é feita de mão mesmo, não sei do que é. E a peteca também. Diz que aquela é diversão para Ele mesmo, foi Ele mesmo quem transformou a bola pra gente (...) (Leandro Fernandes Kuaray Miri, apud: QUEZADA, 2007, p. 118).

Outro ponto de intersecção entre o futebol e a cosmologia Guarani está descrito em Quezada, 2007, página 118: "Unicamente [o futebol] é proibido durante a couvade, pois existe a crença que a palavra-alma[38] da criança acompanha o pai perto dos pés, de modo que um chute pode lesionar a criança".

Ainda Segundo Quezada (2007, p.118) "Confirmado por mim através de vários questionamentos entre os moradores, o futebol na explicação nativa é uma criação divina dos *Nhanderu Miri*". Não se sabe até que ponto Quezada (2007) acreditou na veracidade destes depoimentos, pois logo na sequência ele aponta que "este esporte sofreu uma re-significação para explicar sua prática" (QUEZADA, 2007, p. 118), e segundo seu trabalho, poderíamos entender a re-significação como uma mudança de significado de práticas culturais para se adequar a novos contextos, sobretudo, neste sentido, o contexto atual de invasão do branco e a alteração do *Yvy Rupa*, território Guarani, e do *Nhandereko*, modo de ser tradicional Guarani.

---

[37] Leandro Fernandes Kuaray Miri, nasceu em 1972 na aldeia Osório, Rio Grande do Sul. Durante sua vida viveu em TIs nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, como Paranaguá, Jacutinga, Itariri, Bracuí, Boa Esperança e Morro dos Cavalos. Em 2006, no momento da entrevista, residia no *tekoa* Marangatu, Santa Catarina (QUEZADA, 2007).

[38] *Nhe'ẽ* são os espiritos-nomes revelados a cada pessoa em cerimônias de *nhemongarai* (batizado). Em guarani pode significar ao mesmo tempo espírito/alma, como também palavra/nome.

No entanto, em nenhum momento o autor visita os relatos das missões jesuítas, por exemplo, que reforçam o depoimento dos entrevistados. Neste sentido, gostaria de deixar evidente que acredito, sim, no depoimento de Leandro Fernandes *Kuaray Miri*, que o futebol - ou ao menos um jogo de bola com os pés singularmente similar - está ligado à cultura e à cosmologia Guarani desde o período pré-colonial.

Durante as entrevistas que realizei, comentei com Jekupé e Elizandro sobre os relatos de Leandro Fernandes Kuaray Miri presentes no trabalho de Quezada (2007). Elizandro (2023), afirmou já ter ouvido sobre a história de criação divina da peteca, mas não da bola, além disso, sobre a bola afirmou: "Pô, queria ouvir essa história, faz muito sentido (risos)". Jekupé (2022), por sua vez, afirmou "Sim, tem tudo isso, né?... Todas, por exemplo, as invenções que eram feitas… Que, vamos dizer assim, que era algo de diversão de Nhanderu - de Deus, n/é? - Então, muitas que tipo… Que o ser humano acabou pegando para si, assim, n/é? De fazer e tudo mais. Mas teria que conversar com os meninos pra ver, n/é?".

4.3.5 Dança do *Xondaro*[39] *e Manga Ñembosarái, aproximações.*

A Dança do Xondaro[40], segundo Lucas Keese dos Santos (2021) e Jera Poty Mirĩ (2018), trata-se de uma atividade corporal tradicional Guarani que mescla entre a dança e a luta[41]. Esta atividade é realizada dentro da *opy* (casa de reza) ou em pátios abertos em seus arredores e acompanha o ritmo da música produzida pelos instrumentos musicais tradicionais como o *mbaraka mirim*, *mbaraka, rave* e *popygua*. A dança é realizada geralmente em roda e conduzida por um *xondaro ruxiva*, que ora lidera os movimentos a serem imitados, ora exerce tentativas de bloqueio da passagem e de ataques aos demais *xondaro kuery* da dança. Esses bloqueios e ataques podem ser realizados tanto com o próprio corpo, quanto com alguns instrumentos como o *mbaraka mirim* (chocalho) ou *popygua* (espécie de instrumento Guarani composto por duas varas amarrada em um dos lados)[42].

Estes bloqueios e ataques do *xondaro ruxiva*, apesar de realmente poderem acertar os participantes desatentos ou menos habilidosos, têm, na verdade, como objetivo produzir a

[39] Esta dança também é conhecida como Tangará, mesmo nome de um pássaro ágil e rápido.
[40] *Xondaro* é um termo provavelmente oriundo de uma corruptela da palavra "soldado" do português e espanhol. O seu uso na cultura Guarani pode, segundo Santos (2021), pode possuir diversos significados, entre eles os mais comuns são "guerreiro" e "auxiliar"(alguém que presta um bom serviço). De modo geral, em minha experiência, muitas vezes é usado quase até como um adjetivo positivo, como em "*Javyju, xondaro*" (bom dia, guerreiro).
[41] Lucas Keese dos Santos (2021) faz comparações com a Capoeira de Angola.
[42] O uso do *popygua* está associado ao afastar de maus espíritos.

esquiva[43], o desvio, induzindo o adversário ao erro[44]. Os mesmos autores apontam que o objetivo desta dança tradicional é levar as crianças, jovens e adultos participantes a uma leveza e agilidade, mas também a resistência física e a conexão com a espiritualidade, já que se acredita que as próprias divindades Guarani brincavam e praticavam a dança (SANTOS, 2021; MIRÎ, 2018).

Mas qual a aproximação entre a dança do xondaro e o chamado "*Manga Ñembosarái"*. A principal aproximação se dá na lógica da prática esportiva. Diferente da maior parte dos esportes modernos que estabelecem sistemas de pontuação (como futebol, basquete, vôlei, rugby, entre outros), ou uma determinada meta a se cumprir em um determinado tempo ou realização de uma prova em um tempo menor que os demais (corridas, canoagem, ciclismo, natação, entre outros), o futebol pré-colonial Guarani, assim como a dança do xondaro, não possui contagem de pontos, não possuem uma meta de tempo a ser alcançada ou batida, muito menos um tempo pré-definido para a conclusão da atividade. Ou seja, em ambas as práticas corporais, a atividade só termina quando os participantes se cansam.

Lucas Keese dos Santos (2021), aponta haver casos de levar os participantes à exaustão. O mesmo autor (2021, p. 76) ainda relata uma "busca por ser cada vez mais leve e incansável por meio da dança do *xondaro*". Essa busca pode ser analisada e agraciada com o recebimento de uma energia divina, inesgotável:

> Os *xondaro ruxiva* ensinam que se deve dançar "acreditando" e "respeitando profundamente", pois assim o corpo estará a caminho de alcançar esses atributo, e os Nhanderu (as divindades) olhando de suas moradas e reconhecendo a prática do *xondaro*, podem lançar sobre a pessoa que se esforça uma torrente de energia inesgotável (*tata'endy marã e'y*) a mesma com a qual se animam as danças nos pátios divinos. Tal energia é forte demais para os Guarani que não alcançaram a maturação de seus corpos (aguyje) (SANTOS, 2021, p. 75)

De forma similar, Elizabeth Pissolato (2018), aponta que em algumas danças e cantos surge "um clima tão intenso que costuma fazer "cair" ou "queimar" na dança algumas pessoas".

[43] Na obra "A esquiva do Xondaro: movimento e ação política Guarani Mbya" Lucas Keese dos Santos (2021), extrapola a dança e associa a esquiva da dança do xondaro a modos de resistência política e territorial, por exemplo. Além disso, segundo o autor, a esquiva, em seus diversos contextos, está presente na cultura Guarani, até mesmo na história cosmológica de *Kuaray* e *Jaxy*, os irmãos Sol e Lua.

[44] Santos (2021), aponta haver diversas variáveis da dança do xondaro, em algumas delas, a esquiva pode se converter em um ataque.

Apesar dessa seriedade com a dança, como também aponta Jera Poty Mirĩ (2018), que afirma que não se pode entrar rindo, a dança pode sim ser um instrumento também da integração, do riso, e da alegria. Pissolato (2018) afirma que o canto e dança tem um fator relacional no apaziguamento, na conexão de pessoas e no alegrar-se. Orivaldo Nunes Júnior (Nuno Nunes), me contou sobre um episódio em que um ancião foi dançar ao som de um CD player e, sem saber, disputou com o equipamento, despertando risadas da comunidade que fingia estar tocando instrumentos.

Esta similaridade na lógica da prática esportiva, pode ser considerada mais um - entre outros já apresentados - forte indício de que, ao contrário do que muitos ainda possam pensar, o chamado *Manga Ñembosarái* não tem origens nas reduções jesuíticas e no contato com os *juruá* (não-indígenas), mas trata-se de um esporte tradicional e pré-colonial Guarani.

Santos (2021, p. 46–47) faz uma consideração muito pertinente:

> Não é porque as relações históricas dos Guarani com a colonização e a cultura europeia foram tão extensas e evidentes, contribuindo, sem dúvidas, para as transformações nos seus modos de agir e pensar, que tais relações têm uma hegemonia causal sobre sua cultura, como se quase tudo que os Guarani são hoje derivasse ou tivesse suas razões de ser inevitavelmente monopolizadas pelas influências com os colonizadores e seu herdeiros.

Acrescentaria afirmando que, pelo contrário, muito do que nós, não-indígenas, também frutos da colonização, somos, pensamos e consumimos, possui forte influência indígena, em muitos casos Guarani. Essa influência se nota na alimentação (milhos, feijões, batatas, mandioca, peixes), no fumo do tabaco (*pyta*), no consumo da erva-mate (*ka'a*), na prática do churrasco, no dormir em redes, na linguagem (diversos nomes de cidades e animais, por exemplo) e provavelmente até na paixão sul-americana pelo futebol.

Retomando as aproximações entre futebol e dança do xondaro, - para finalizar - penso ainda que a lógica da esquiva, do induzir o adversário ao erro graças a movimentos corporais de leveza e agilidade, como aponta Santos (2021), na dança do xondaro, pode ter ligação direta com os dribles do futebol - tanto moderno como pré-colonial. Essa hipótese torna o *Manga Ñembosarái*, ainda mais similar - de modo ímpar - ao futebol que conhecemos e praticamos hoje, podendo ser seu legítimo e mais importante ancestral. Mas essa ainda é uma questão a ser melhor estudada e pode aparecer melhor em outros trabalhos.

"A bola salta em nossa cultura,
com os pés se passa, passa, passa.
No século XVI os Guarani jogavam com os pés,
os europeus jogavam com as mãos,
O futebol é daqui.
O futebol nasceu com os Guarani.
O futebol é daqui.
O futebol nasceu com os Guarani.

(...)

Este jogo é desta terra,
se joga com os pés,
não se joga com as mãos.
Escutem a voz dos Guarani:
O futebol é daqui.
O futebol nasceu com os Guarani.
O futebol é daqui.
O futebol nasceu com os Guarani.

(*Onhembosarái,* musica do grupo de RAP indígena Bro MC's apud YBAÑEZ, 2015 - tradução)

5 LIGA MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA

Figura 30 - Equipe masculina do *tekoa* Tarumã comemorando o título da 3ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.



Fonte: o autor (2022).

O futebol está muito presente na *teko* (cultura) Guarani contemporânea. Bergamaschi (2005), ao estudar o processo de escolarização nas aldeias Guarani aponta: "como em todas as aldeias Guarani que conheço, nessa também há um campo de futebol, na qual presenciei um jogo, no domingo" (BERGAMASCHI, 2005, p. 71). A mesma autora ainda aponta que "o futebol é especialmente apreciado (...), fazem deste esporte uma forma de integração dentro da aldeia com a sociedade envolvente" (BERGAMASCHI, 2005, p. 81).

No mesmo sentido, Santos et. al (2010) ao estudarem o brincar na natureza em populações Guarani do Estado do Paraná, apontam:

> O futebol tem grande importância entre os indígenas por permitir a interação entre índios de aldeias próximas, e também na interação com os não índios moradores de cidades vizinhas. Uma vez que rotineiramente os times de futebol das comunidades participam de amistosos e campeonatos envolvendo os times da região (SANTOS et al., 2010, p. 7)

Os mesmos autores, Santos et. al (2010, p. 7), apontaram ainda que o futebol é a atividade com mais adeptos entre crianças e adultos, inclusive entre as mulheres. Segundo os autores, "das terras indígenas visitadas, as únicas que não possuíam campo de futebol foram aquelas que não tinham espaço físico adequado".

Sobre a questão do espaço físico, ou melhor, geográfico, para a edificação de campos de futebol, é interessante destacar que em algumas aldeias os campos assumem uma posição de centralidade entre as moradias, como é o caso de Jaexa Porã (Boa Vista), em Ubatuba, São Paulo; em outras, ocupam as poucas áreas menos acidentadas geograficamente (terras mais planas) que poderiam ser os melhores espaços da aldeia para habitação e plantio, como o campo do *tekoa* Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos; ou menos, como no *tekoa* Pirá Rupa Massiambu, cuja área do campo foi comprada com recursos de compensação ambiental de grande obras que passam pela aldeia.

Atualmente existem diversos campeonatos e torneios em diferentes estados do Brasil, como Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, além de campeonatos no Paraguai, por exemplo. Em Santa Catarina há, além da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, outros torneios menores, como a Taça Guarani e a Taça *Tupã Nhe'e*, por exemplo, e até mesmo uma Liga menor, entre os *tekoa kuery* do norte de Santa Catarina, conhecida como Liga Mbya Guarani do Litoral Norte.

A Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina, que no passado já foi conhecida como Liga *Mbya* Guarani do litoral Sul de Santa Catarina, se expandiu se conectando até mesmo

com equipes e *tekoa kuery* (aldeias) de outros estados. É um campeonato de futebol de 7 jogadores (também conhecido como *society*) promovido e organizado por e para os próprios Guarani de diversos *tekoa kuery* (aldeias) de Santa Catarina. Atualmente a organização conta com presidente, vice-presidente, mesários, mídia, comunicadores "boca a boca", árbitros, entre outras funções, além de regulamento oficial e súmulas de todas as partidas. Segundo o próprio site[45] da competição, podemos entender que o seu objetivo é "promover o bom relacionamento entre as aldeias, os atletas e população em geral, proporcionando uma forma de lazer aos desportistas e oportunizar a formação do cidadão na sociedade" (LIGA MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA, 2022)

Neste capítulo será apresentada a história, a força das mulheres, um pouco de cultura e cosmovisão Guarani presente na competição, até pôr fim os deslocamentos e encontros proporcionados Liga de Futebol Mbya Guarani de Santa Catarina.

5.1 Mapeamento e histórico da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina

Apesar de estar apenas na sua quarta edição, a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina tem uma rica história marcada por encontros e desencontros, como dificuldades financeiras, rivalidades, chuvas que interrompem rodadas e até pandemia, mas acima de tudo, proporcionando muitos encontros, alegria, cultura e beleza.

5.1.1 Primeira edição (2018–2019), a origem e a construção da Liga

Segundo reportagem publicada pela página do jornal digital Cotidiano (BARBOSA, 2021), o campeonato foi idealizado em 2018 pelos então estudantes, Irineu Xunu[46] e Elizandro Antunes, hoje graduados em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Outras figuras importantes na criação da Liga foram Marco e Cris Tupã, cacique e vice cacique da TI Pira Rupa/Maciambu.

Elizandro (2023) me contou mais sobre os objetivos da criação da Liga, que além da integração entre aldeias e o espírito competitivo dos atletas de jogar uma competição mais estruturada, outro objetivo foi romper com o preconceito das festas entre as aldeias Guarani:

[45] Disponível em: https://www.ligaguaranisc.com.br/
[46] Atualmente Presidente da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina

> Então, quando eu tive esse pensamento, eu tive esse pensamento já há muito tempo de fazer [a Liga]. Mas era em questão, tipo assim, todas as festas que saem nas aldeias, sempre tem futebol. Podia sair uma festa lá… a primeira atração principal é o futebol. E aí eu vi… sai festas nas aldeias, mas é, tipo, sábado, só. Aí tipo, saia os jogo, daí no domingo o pessoal vem embora e já esquece tudo. E aí, eu comecei a ver isso, tipo, acabava lá, acabava, n/é? E aí ficava aquele espírito de jogo de futebol, n/é? Porque às vezes o time que perdia ficava "pô, perdemos, agora vamos ter que treinar mais". E aí a gente, eu e o Irineu foi fazer então, uma liga, n/é? Que aí, tipo assim, acaba lá, mas continua, n/é?
> E aí a gente criou, mas o objetivo mesmo, mais, foi já pra ter, como eu falo sempre, n/é?... Geralmente os não-indígenas olhavam para - olham ainda - para as nossas festas e eles falam muito mal, n/é? Tipo assim, sai uma festa aqui, por exemplo, no Morro [dos Cavalos], o que que vai acontecer? De dia, futebol, e de noite a galera vai dançar, n/é? um forrozinho, n/é? (risos) E aí a maioria dos não-indígenas sempre, usam isso: "a eles ficam fazendo bebedeira"... Até da própria aldeia, às vezes, uma festinha ali "a, estão fazendo bebedeira". Aí eu comecei a ver, assim… No meio dos não-indígenas também existia isso, n/é [festas]? E não via isso n/é [críticas]? Os caras fazem festa, tipo, festão, sai até na TV, n/é? A festa lá do *chopp*.. (em referência a OktoberFest) "nossa, é tão legal a festa do chopp" (em tom irônico). Mas é praticamente a mesma coisa, n/é? Os caras vão lá, vão beber, acho que tem até mais coisas…
> Organizado, isso fica uma coisa bonita, legal, bonitinha. E aí, que a gente comentou "então, vamos fazer [uma Liga]… vamos fazer para que não seja só a festa em si, n/é? Tipo, "a, os cara tão bebendo, tão fazendo bagunça". Mas eles vejam, por esse outro lado… "Não, é futebol…" Vai ser falado, mas isso, n/é? "É uma liga entre os times que estão disputando lá… Uma festa depois. A liga, a final da liga, pô, vai ter dois times que vão disputar, mas aí no final vai ter uma festa lá pra, pô, pra comemorar, n/é?" Ninguém vai julgar e falar assim: "pô, os caras vão fazer bebedeira", não. "Pô, legal, né?" E aí, mais pra isso que a gente pensou, acho que o objetivo maior mesmo é esse, n/é?

Segundo o jornal Cotidiano (2021), "a primeira edição da Liga foi anunciada em uma *live* no *Facebook*, transmitida de dentro da UFSC. Durante o sorteio dos grupos, uma caixinha de som tocava ao fundo a música da *Uefa Champions League*" (BARBOSA, 2021). Segundo Irineu Xunu, o próprio termo "Liga", que dá nome ao campeonato, seria uma referência a *Uefa Champions League,* ou Liga dos Campeões da Uefa, em português, campeonato de clubes continental mais importante da Europa, equivalente a Copa Libertadores da América, na América do Sul (BARBOSA, 2021).

O *Facebook* oficial da Liga foi criado em 2018. Este seria o meio de comunicação oficial entre organizadores, atletas e torcedores nos anos subsequentes, ainda hoje sendo utilizado para publicar os anúncios, registros fotográficos, resultados, chaveamentos, entre outras informações. Em 30 de outubro de 2018, publicava-se o logo do Liga recém-criada (**Figura 31**), e o seguinte anúncio: "Liga Mbya guarani é um campeonato para as aldeias guarani do litoral de Santa Catarina. Escreva o seu time e participe desse evento esportivo Mbya guarani." (LIGA MBYA GUARANI DE SC, 2018)

Figura 31 - Logo da primeira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2018).

No dia seguinte, também pelo *Facebook*, vieram informações sobre a premiação. Os 3 primeiros lugares, tanto do masculino quanto do feminino, iriam receber medalhas e troféus. Além disso, haveria uma premiação em dinheiro no valor de R$ 1.000,00 e R$ 250,00 respectivamente para a equipe campeã e a vice-campeã no feminino, e de R$ 2.000,00 e R$ 500,00 respectivamente para as equipes campeãs e vice-campeãs no masculino. Os artilheiros também iriam receber premiação. O valor da inscrição por equipe foi de R$ 250,00.

O calendário da competição previa o início das partidas ainda para o final de 2018, se estendendo durante alguns meses de 2019. Este calendário, segundo conversas que realizei com Elizandro Antunes e Jekupé Mawe, da Terra Indígena Morro dos Cavalos, também foi inspirado na *Champions League* europeia, cuja temporada tem início em um ano, e encerra-se no ano seguinte do calendário gregoriano ocidental[47]. Essa característica do calendário da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, manteve-se nos campeonatos subsequentes.

A primeira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina contou com 10 times masculinos divididos em duas chaves e 5 times femininos em chave única. Ao todo, 9 aldeias participaram. As equipes masculinas foram: Itaty, Tekoa Vy'a, Mymba Roka, Tarumã, Maciambu, Itanhae, Amaral, Yakã Porã, Mbiguaçu e Imarui. As equipes femininas foram: Mbiguaçu, Maciambu, Tataendy Rupa, Yakã Porã e Amaral. O escudo de cada uma das equipes, bem como sua distribuição espacial, é possível de ser visualizada no Mapa apresentado como **Figura 32**.

[47]O calendário Guarani é cíclico e só possui duas estações, ou melhor, dois tempos, o *Ara Yma*, tempo velho, e o *Ara Pyau*, tempo novo. O tempo novo tem início por volta do mês de agosto no calendário gregoriano, e sua transição é marcada por ventos fortes e o canto da cigarra, entre outras características. O *Ara Yma*, tem início por volta de fevereiro do calendário ocidental, e na cosmologia, é o tempo em que os deuses descansam mais.

Figura 32 - Mapa de localização dos *tekoa kuery* (aldeias) e equipes da 1ª edição (2018–2019) da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.



Fonte: o autor (2024).

O primeiro jogo da primeira edição da Liga ocorreu no dia 16 de dezembro de 2018, no *tekoa* Pirá Rupa (aldeia Maciambu), Palhoça. A primeira rodada já foi marcada por grandes jogos e sobretudo, por grandes encontros (**Figuras 33 e 34**).

Figura 33 - Jogo feminino na primeira rodada da primeira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2018).

Figura 34 - Torcedores na primeira rodada da primeira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2018).

A segunda rodada ocorreu em janeiro de 2019 no *tekoa* Marangatu (Imaruí). A terceira rodada ocorreu em março de 2019 no *tekoa* M'biguaçu. A quarta rodada da competição ocorreu em maio de 2019 no *tekoa* Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos. A última rodada, que incluía as semifinais, disputas pelo terceiro lugar e as grandes finais da primeira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, ocorreu em junho de 2019 novamente no *tekoa* Marangatu (Imaruí).

Para além dos jogos, a última rodada contou com uma grande festa no mesmo *tekoa*, que incluiu a cerimônia de premiação e música ao vivo com grupos de forró Guarani, como Eliara e Eliezer, Pankadão do Baile e Batidão dos Garotos. No feminino, Amaral ficou com o terceiro lugar, Mbiguaçu ficou com o segundo lugar e Maciambu foi a equipe campeã (**Figura 35**). No masculino, o terceiro lugar ficou com a equipe de M'biguaçu, o segundo lugar com Yakã Porã, os campeões foram os jogadores do Amaral (**Figura 35**).

A Primeira edição foi marcada pela construção coletiva das regras, afinal, elas ainda não estavam todas bem definidas. A mais marcante delas, provavelmente, foi a criação de uma cota por equipe que permite a participação de *juruá* (não-indígenas). Em conversa com Jekupé Mawe (2022), ele me explicou como surgiu essa regra, hoje no regulamento da competição, que para alguns é apelidada carinhosamente de "lei Fofão[48]":

Figuras 35 e 36- Cerimônia de premiação da primeira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina





Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2019).

> Gabriel: Eu lembrei do Forfão. Quando ele guiou a gente pela trilha, tinha acabado de ser a final naquela época (segunda edição da Liga). Ele falou bastante do futebol na trilha: que ele jogou por um time, que ele estava trocando de time agora, mas que ele tinha amizade com todo mundo…
>
> Jekupé: Então, como que se deu essa cota ai, né?… Na primeira edição, as regras eram construídas em cada partida. Quando tinha uma partida, no final da partida, os capitães se reuniam e avaliavam, o que deu certo, o que não deu, o que dava pra mudar… Então isso foi bom no processo, mas atrapalhou um pouco também, por exemplo, quem falava mais acabou sobrepondo os demais, n/é? Por exemplo, na primeira edição, quem falava mais era o [nome do jogador] aqui, n/é, do Maciambu. Ele acabou falando mais e colocando mais regras pra todo mundo. Como dizia o pessoal, 'quem cala consciente', n/é? Como ele falava e ninguém discordava, acabava levando isso com regra. Então, quando, por exemplo… Começou até com nós mesmo, a gente tinha umas amigas das meninas que sempre vem aqui e foram

[48]Fofão é o apelido de um pescador tradicional não-indígena que cresceu e viveu próximo e em contato com a aldeia Pirá Rupa Maciambu, em Palhoça, Santa Catarina.

> jogar lá, n/é? - porque na época não tinha essa questão de cota. Aí reclamam, porque não poderia… Tipo assim, 'porque colocaram não-indígena se a Liga era Mbya', n/é? Só que talvez eles não pensaram no Fofão, n/é? Porque eles tinham o Fofão na época… Quando falaram isso, o pessoal na hora falou "vocês tem o Fofão, né?". Aí falaram, "não, mas o Fofão já convive com a gente há muito tempo". Isso é verdade, o Fofão cresceu com os meninos ali, n/é? Com o Elizandro, o pessoal ali… Só que isso não faz ele ser Guarani, né? Aí ficaram nisso, né? Fala "não, mas já vive, já convive com a gente, então já é considerado da aldeia", só que não é, né?. Aí começou a ideia de fazer, então… pra manter ele, né? Até porque ninguém quer tirar ninguém, né? Da nossa parte, das outras aldeias… Porque se eles não tivessem, por exemplo… levantado essa questão aí de não indígena, talvez hoje não teria, por exemplo, uma cota, seria, tipo assim, livre, né? Cada aldeia organiza-se quantas vagas queria dar pra isso, n/é? Porque, tipo, você tem aldeias que não tem pessoas que jogam. Tem algumas que é isso, igual o Fofão, que a gente conhece, a gente vive já com eles, eles jogam, sempre jogou e, por tentar, por exemplo, questionar alguma coisa que talvez eles não tinham pensado neles, acabam levando pra esse lado, né? Aí o pessoal falou "ah, então, pra garantir ele, a única opção é, se ele vai jogar, então a gente abrir uma vaga pra todo mundo, né? Então, é obrigatório [aceitar] para todo mundo, pelo menos uma vaga, n/é?

Perguntei aos entrevistados o que eles achavam desta cota para não-indígenas. Jekupé (2022) respondeu que pretende deixar desta forma para pessoas não-indígenas que possuem vínculos com as comunidades possam participar, mas não planeja abrir demais, até porque segundo ele, principalmente no caso das meninas, as não-indígenas: "são maiores, né? Tipo assim, a questão corporal é maior. Então isso acaba intimidando também as meninas [guarani] que são pequenas, né? O pessoal tem medo também de se machucar e acabam ficando com esse receio, aí tem isso também".

Elizandro Antunes (2023), por sua vez afirmou gostar a abertura da cota, e que segundo ele, poderia até haver mais vagas:

> Elizandro: Eu acho legal (risos). Acho legal, porque tipo assim… Eles também estão interagindo, né? E eles vêem que não é um… Não é tipo assim, ah, coisinha simples, né? Eles também têm… eles jogam… Com responsabilidade, n/é? (...) A, claro, tem aquelas pessoas que jogam pra jogar também (risos).
>
> Gabriel: Mas você acha que o limite de um juruá por time é o ideal? Ou você acha… que por você podia ter até mais?
>
> Elizandro: Eu acho que podia ser um pouquinho mais, não muito, mas se fosse uns três, quatro por time eu acho que seria legal. Mas, mais que isso daí, já vai fazer um time só de…

Aproveitei para perguntar a Jekupé Mawe se os juruá (não-indígenas) costumavam participar das festa:

> Gabriel: E os juruá que participam [da Liga]? Eles participam das festas também?

> Jekupé: Normalmente não. Até porque são a minoria, e os que jogam, por exemplo, normalmente são os professores, ou o pessoal aqui próximo da aldeia, alguns amigos do pessoal aqui, e só vem pro jogo mesmo, n/é, faz o jogo e vão embora, pelo menos até hoje eu não vi nenhum ficar pra participar de festas.
>
> Gabriel: Mas se um deles falar, "posso ficar?", é tranquilo?
>
> Jekupé: Sim.

"A primeira edição da Liga foi um show, os times se organizando, um verdadeiro clima de um campeonato. Essa primeira edição foi um teste, foi um sucesso. A segunda temporada promete (...)", foi o que publicou Fabio Kuaray, e compartilhou o *Facebook* oficial da Liga. De fato, a primeira edição da Liga foi vista como um sucesso, atingindo seu objetivo principal, que segundo Jekupé Mawe, era o de divertir, interagir e integrar as pessoas de diferentes *tekoa kuery* (aldeias).

5.1.2 Segunda edição (2019–2021) e os impactos da pandemia

Muito aguardada, a segunda edição da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina teve início em novembro de 2019 no *tekoa* Conquista, município de Joinville. Esta edição contou com a participação de 12 equipes femininas (Biguaçu, Imarui, Marangatu, Jaboticabeira Yakã Porã, Maciambu, Kunha Guata Porã, Yva purú, Tataendy Rupa e Amaral) e 16 equipes masculinas (Yakã Porã, Tekoa Vy'a, Itaty, Tarumã, Amaral, Tava'i, Tekoa Roti, Yva purú, Mbiguaçu, Imarui, Jataity, Mymba Roka, Whera Tupã, Maciambu, Marangatu) de 13 *tekoa kuery*, além de uma equipe convidada formada por estudantes indígenas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É possível observar o nome das equipes, escudos, separação de grupos e distribuição espacial nas **Figuras 37, 38 e 39**.

Essa edição da Liga, contou com uma leve alteração no isologo da competição (**Figura 40**), assim como uma melhoria significativa na qualidade visual e na comunicação via *Facebook*, com fotos de todas as equipes antes de cada jogo, e publicações mais detalhadas sobre os resultados e situações das equipes na competição.

Figura 37 - Equipes e grupos femininos da 2ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2019).

Figura 38 - Equipes e grupos masculinos da 2ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2019).

Figura 39 - Mapa de localização dos *tekoa kuery* (aldeias) e equipes da 2ª edição (2019-2021) da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.



Fonte: O autor (2024).

Figura 40 - Isologo da 2ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2019).

A expectativa inicial era de que esta edição da Liga, iniciada em novembro de 2019, chegasse ao seu fim em meados de 2020. No entanto, ninguém esperava que um novo coronavírus batizado como COVID-19, descoberto inicialmente na China no final de 2019, iria provocar uma pandemia com diversos efeitos em todo o mundo nos anos seguintes.

No Brasil, a pandemia foi decretada oficialmente por volta de março de 2020 e aliada a gestão covarde, omissa e possivelmente corrupta do então presidente Jair Messias Bolsonaro (2019–2022), que desacreditou a comunidade científica e a gravidade da doença, propagou informações falsas, lutou contra o isolamento social, demitiu o então ministro da saúde que vinha trabalhando conforme os procedimentos recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e recusou por diversas vezes a oferta de milhares de doses de vacinas, chegou ao resultado de mais de 600.000 (seiscentas) mil vidas perdidas entre 2020 e 2022.

Diante de tais circunstâncias, após toda a alegria, celebração e encontros proporcionados pela abertura da Liga, e por mais duas rodadas que acontecem nos dias 12 de dezembro de 2019 no *tekoa* Vy'a, município de Major Gercino, e nos dias 14 e 15 de março de 2020 no *tekoa* Pirá Rupa Maciambu, em Palhoça (**Figura 41**), as partidas da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina tiveram de ser interrompidas.

No dia 14 de julho de 2020, 4 meses após a última rodada realizada, a página da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina no *Facebook* publicou um vídeo da disputa de pênaltis que havia acontecido na última rodada para decidir uma das vagas na etapa de quartas de finais. Na legenda do vídeo havia as seguintes frases: "Saudade daquele jogo bem disputado (...) Logo logo tudo vai voltar, mas por enquanto fiquem em casa para proteger nossos *Xeremôe* e *Xejaryi Kuery*" (avôs e avós). Novamente no dia 5 de março de 2021, a página

compartilhou uma publicação de conscientização com a legenda: “Vamos ter consciência, covid-19 mata sim”.

Figura 41 - Terceira rodada da 2ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, *tekoa* Pirá Rupa.



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2019).

Depois de um ano de interrupção, após o início da vacinação dos povos indígenas, as partidas da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina retornaram nas quartas de finais (início dos confrontos eliminatórios) no dia 10 de abril de 2021, mas ainda com bastante cautela e responsabilidade, afinal, a pandemia ainda não havia chegado ao fim. Nesse momento, a isologo da competição, foi novamente atualizada (**Figura 42**).

Figura 42 - Isologo atualizado da segunda edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2021).

Diferente das rodadas anteriores e até da edição passada em que cada rodada da Liga acontecia em um só *tekoa*, e em um ou dois dias apenas, proporcionando encontros e integração de muitas pessoas de vários *tekoa kuery* (aldeias), nas fases de quartas de finais e semifinais o que se viu foi uma fragmentação dos jogos em vários dias e até mesmo diferentes

tekoa kuery. Essa fragmentação provavelmente foi uma medida de segurança conforme as recomendações da OMS, que visava não gerar aglomerações para dificultar a proliferação do vírus, caso pessoas presentes, ainda que vacinadas, estivessem infectadas.

As quartas de finais começaram, portanto, no dia 10 de abril de 2021 com apenas dois jogos: Mymba Roka x Mbiguaçu (masculino) e Itaty x Tekoa Roti (masculino), ambos decididos nos pênaltis após empates de 0 a 0 e 1 a 1. No dia seguinte (11), aconteceram outros dois jogos: Imaruí 1 x 8 Maciambu (masculino) (**Figura 43**) e Amaral 2 x 3 Imaruí (feminino). No dia 21 de abril de 2021 ocorreram mais duas partidas no Tekoa Mymba Roka em Biguaçu, foram elas: Amaral 1 x 2 Tarumã (masculino) e Kunha Guata Porã 1 x 0 Tarumã (feminino). Restavam ainda duas partidas femininas a serem realizadas, em 08 de maio de 2021 tivemos Maciambu 5 x 0 Poty Djá, e por fim, no dia 15 de maio de 2021 tivemos Tataendy Rupa 3 x 1 Tekoa Vy'a.

Figura 43 - Partida entre Maciambu e Imaruí pelas quartas de finais da segunda edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2021).

As semifinais também foram fragmentadas. No dia 10 de julho de 2021 jogaram Maciambu 5 x 0 Tarumã (masculino). No dia seguinte, 11 de julho de 2021, jogaram Maciambu 1 x 0 Imaruí (feminino). Na semana seguinte, 18 de julho de 2021, mais dois jogos aconteceram: Tataendy Rupa 3 x 0 Kunha Guata Porã (feminino) e Itaty 3 x 2 Mbiguaçu - que mudou de nome para Ygua Porã - (masculino). Todos os jogos das semifinais ocorreram no *tekoa* Pirá Rupa (Maciambu), município de Palhoça.

As grandes finais e as disputas pelo terceiro lugar aconteceram em 7 de agosto de 2021 no *tekoa* Mymba Roka, município de Biguaçu. No feminino, a terceira colocação ficou com Imaruí, a segunda colocação com Tataendy Rupa, e as campeãs foram as mulheres do

tekoa Maciambu. No masculino, Mbiguaçu/Ygua Porã ficou na terceira colocação, Maciambu F.C. na segunda, e Itaty F.C. foi o campeão.(**Figuras 44 e 45**).

Figura 36 - Maciambu, equipe campeã da segunda edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina feminina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2021).

Figura 37 - Itaty, equipe campeã da segunda edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina masculina recebendo a premiação



Fonte: Facebook Liga Mbya Guarani de SC (2021).

As finais da segunda edição ficaram marcadas por uma grande rivalidade, que por algum tempo chegou a extrapolar as quatro linhas do gramado: as duas finais foram entre Maciambu e equipes da TI Morro dos Cavalos[49], mas especificamente Maciambu x Tataendy Rupa no feminino e Maciambu x Itaty no masculino. Segundo Jekupé (2022), no masculino, a equipe do Maciambu perdeu nos pênaltis para o Itaty, mas não aceitou a derrota. Eu havia perguntado:

[49]A Terra Indígena Morro dos Cavalos possui atualmente três aldeias (concentração de casas), sendo elas Itaty, Tataendy Rupa e Yakã Porã. Consulte o mapa da Figura 2, na Introdução do trabalho.

> Gabriel: E as rivalidades entre as equipes? Tem muita rivalidade entre elas ou não?
>
> Jekupé: É, tinha bastante com o Maciambu, n/é? Eles participaram até na segunda edição, depois deu problema com eles aí saíram… as finais foram com o masculino e o feminino daqui. O feminino ganhou de nós, daqui das meninas, e o [nosso] masculino ganhou do deles, né? Aí não aceitaram a derrota… Aí começou…
>
> (...)
>
> Gabriel: É por isso também que eles não participam mais?
>
> Jekupé: É, aí eles pediram pra sair. Eles mesmo falaram que não queriam entrar mais, só que a gente nem ia aceitar. Agora nessa [edição] (se referindo a quarta edição)… a informação que o pessoal estava passando é que eles estão querendo entrar de novo. Só que a gente já tem algumas cláusulas pra passar pra eles, em relação a isso, porque assim, a gente quer futebol, né, a gente não quer problema com ninguém.

Ou seja, em decorrência deste atrito, as equipes do Maciambu se quer jogaram a edição seguinte da Liga. No entanto, é importante ter em mente que conflitos como esse no mundo do esporte, seja amador ou profissional, são bastante comuns, e acontecem tanto entre os Guarani, quanto entre os *juruá* (não-indígenas). Após uma temporada fora da Liga, as equipes do Maciambu voltaram à Liga na quarta edição. Além disso, atualmente a rivalidade só se encontra em campo, eu mesmo já cheguei a jogar um jogo amistoso contra os meninos do *tekoa* Pirá Rupa Maciambu em uma das vezes que estava no Morro dos Cavalos, foi um jogo de clima bastante amigável incluindo pequenas apostas.

Voltando a Liga, a segunda edição, apesar de marcada por este conflito, também terminou em festa e celebração para a maioria dos envolvidos, deixando expectativa e ansiedade para a próxima edição.

5.1.3 *Terceira edição (2021–2022), renascimento pós-pandemia*

Uma semana após a final da segunda edição, já se anunciava a próxima edição. “Vem aí a terceira edição da Liga Mbya Guarani em 2021. Prepare para muita emoção” (LIGA MBYA GUARANI DE SC, 2021). A terceira edição marcou a criação de um canal no *YouTube*[50], uma página no *Instagram*[51] e um “*site*”[52] da Liga. Além disso, novamente a isologo da competição foi alterada (**Figura 46**) e novamente houve uma melhoria na comunicação e qualidade visual do evento, com publicações sobre jogos, resultados, classificação, cobertura

[50]https://www.youtube.com/@ligambyaguarani5567
[51]@ligambyaguaranisc
[52]https://www.ligaguaranisc.com.br/

fotográfica de todos os jogos, e até produção de vídeos, chamadas e de melhores momentos que incluem imagens aéreas com uso de drones.

Figura 46 - Isologo da terceira edição (2021-2022) da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani SC (2021).

Na terceira edição da Liga (2021–2022), participaram 10 equipes femininas (Tataendy Rupa, Imaruí, Kunha Guata Porã, Mymba Roka, Marangatu, Amaral, Jabuticabeira, Itaty, Ygua Porã, e Poty Dja), divididas em 2 grupos, e 16 equipes masculinas (Jabuticabeira, Yakã Porã, Tekoa Vy'a, Kyre Ymba, Whera Tupã, Amaral, Imaruí, Marangatu, Ygua Porã, Mymba Roka, Tataendy Rupa, Itanhae, Tarumã, Itaty, Harmonia, Tekoa Porã) divididas em 4 grupos. Diferentes *tekoa kuery* (aldeias) de Santa Catarina foram representados, conforme é possível observar no Mapa da **Figura 47**.

Devido à quantidade de equipes, as rodadas da primeira fase aconteceram sempre em dois dias, proporcionando muitos jogos, encontros e interações (**Figuras 48 e 49**). A primeira rodada aconteceu entre os dias 16 e 17 de outubro no *tekoa* Tarumã, Araquari. A segunda rodada aconteceu nos dias 30 e 31 de outubro na Terra indígena M'biguaçu, município de Biguaçu. A terceira rodada aconteceu nos dias 4 e 5 de dezembro no *tekoa* Marangatu, em Imaruí.

Figura 47 - Mapa de localização dos *tekoa kuery* (aldeias) e equipes da 2ª edição (2019-2021) da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.



Fonte: o autor (2024).

Figura 48 - Primeira rodada da terceira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, tekoa Tarumã, com destaque aos espectadores



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2021).

Figura 49 - Primeira rodada da terceira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2021).

Depois da primeira fase, as oito melhores equipes de cada categoria passaram a se enfrentar no formato de eliminatórias. As quartas de finais aconteceram no *tekoa* Yvapuru, em Araquari, no dia 1 de maio de 2022. As semifinais ocorreram no *tekoa* Mymba Roka, Biguaçu, no dia 05 de junho de 2022. E finalmente, a final ocorreu no dia 30 de julho de 2022, no *tekoa* Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos. No Feminino, Jabuticabeira ficou com o terceiro lugar, Tataendy Rupa com o segundo lugar, e Imaruí foi a equipe campeã. No

Masculino, Yakã Porã ficou com o terceiro lugar, Mymba Roka com o segundo, e Tarumã foi a equipe campeã (**Figuras 50 e 51**).

Figuras 50 e 51 - Campeões da terceira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina





Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2022).

Os campeões, além de troféus e medalhas, levaram uma boa premiação em dinheiro para casa. Foram R$ 5.000, reais para os campeões, R$ 2.000 para os segundos colocados e R$ 650,00 reais para os terceiros em ambas as categorias. Com o aumento no valor das premiações e do prestígio da Liga, houve também um aumento na competitividade do campeonato, com equipes treinando e se preparando melhor para os jogos. Segundo Jekupé (2022):

> Jekupé: O Amaral, que até no início da Liga era o favorito para ganhar todos, só que agora está caindo… Porque no início, como o pessoal não levava muito a sério futebol, embora gostavam de fazer, não tinha time preparado assim, né? O pessoal jogava por jogar mesmo, né? Aí depois começou a Liga, na primeira edição pra segunda começaram já a se organizar mesmo. Então hoje…
>
> Gabriel: Com uma premiação boa né?... (risos)
>
> Jekupé: Com uma premiação boa… (risos) Aí hoje não tem mais. Pelo menos agora, para a próxima edição, favoritismo não vai ter nenhum, n/é? Dessa edição mesmo agora, todos os favoritos, que eram favoritos antes de ter campeonato, caíram todos.

Elizandro Antunes (2023), também apontou algo similar, mas ressaltou que não chega a ser uma rivalidade e no fim tudo termina em festa:

> Gabriel: Na liga hoje, tem algum time assim que é feito pra ganhar? Quem entra pra ganhar?

> Elizandro: Tem. Acho que a maioria dos times. O menos que entra [pra ganhar] é o nosso [Tataendy Rupa] (risos). Só eles tão pra brincar… (risos). Mas os times mesmos de agora se preparam. Tem times fortes…
>
> Gabriel: Mas você acha que chega a virar uma rivalidade muito grande por causa... pra ganhar? Ou a festa ainda predomina nesses encontros?
>
> Elizandro: Eu acho que tem alguns times que… Que levam bem mais a sério, né? Mas não chega a ser uma rivalidade, eu acho, não chega a ser isso. É mais uma seriedade, né? Mas no final...Todo mundo é festa, se diverte, né?

A cerimônia de premiação e encerramento da terceira edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, sem dúvidas foi um dos momentos mais bonitos que pessoalmente presenciei. Durante a cerimônia, um orador fez falas de encerramento e convidou representantes do *tekoa* sede (Itaty), além de representantes das equipes masculinas e femininas que também realizarem falas de agradecimento. A maioria das falas foi realizada na língua guarani, e eu pouco consegui entender. Porém, as poucas falas em português, deixaram claro o sentimento de carinho e pertencimento pela Liga, e pela união e troca cultural entre os *tekoa kuery* (aldeias) proporcionada por ela.

"Somos todos campeões", foi uma das falas de Juninho, vice-cacique do *tekoa* Itaty. "Sintam-se privilegiados de estar nesse campo… é nois rapaziada… somos todos campeões", foi uma das frases do representante do *tekoa* Mymbá Roka. A representante do time feminino do Imaruí, começou sua fala agradecendo primeiramente a *Nhanderu* (nosso pai) "depois a organização… Agradecer também pela oportunidade de jogar bola, temos esse direito também… Não temos nada de diferente dos homens", enquanto as mulheres que a ouviam gritavam reafirmando sua fala.

As premiações começaram elegendo os melhores jogadores e jogadoras da Liga. Era chamado um jogador de cada equipe da final e a plateia elegeu os vencedores do prêmio. Nesse momento, mas uma vez foi possível observar o caráter amigável e de união do campeonato, quando no feminino, a vencedora do prêmio, ovacionada pela plateia, foi uma jogadora do Tataendy Rupa com nítidas limitações técnicas e físicas comparadas a outras excelentes jogadoras, mas que representa a superação e a interação.

Logo após, vieram as premiações para os artilheiros da Liga, Na sequência a entrega de troféus e medalhas para os terceiros colocados, vice-campeões e campeões. A mística da cerimônias foi criada não só com o palco e o semicírculo de pessoas reunidas no gramado, mas também com rojões, papel picado (confetes) e a sonoplastia que criava um

efeito emocionante com as oscilações de volume de músicas, Guarani entre as falas, convocações ao palco, premiações e comemoração das equipes (**Figura 52**).

Figura 52 - Cerimônia de encerramento da 3ª edição da Liga *Mbya* Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2022).

Após a cerimônia de encerramento, haveria ainda uma grande festa no salão do Centro de Formação Tataendy Rupa, no entanto, a abordarei adiante, no subcapítulo 5.4 quando abordarmos os deslocamentos e encontros.

5.1.4 Quarta edição (2022–2023): a ascensão

Antes mesmo do final da terceira edição, a página no *Facebook* da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, já anunciava a abertura de inscrições para a quarta edição. Em novembro de 2022, veio a confirmação das equipes que iriam participar e o sorteio dos grupos em uma chamada ao vivo (*live*) via *Facebook*, que por sinal, já apresentava a nova isologo da competição, agora com atletas reais da liga e um grafismo tradicional ao fundo (**Figura 53**).

No feminino, houve a inscrição de 12 equipes, divididas em 2 grupos: Itaty, Ygua Porã, Poty Dja, Jabuticabeira, Itanhaem, Jaexa Porã, Yakã Porã, Mymba Roka, Tataendy Rupa, Amaral, Maciambu e Aguatá Porã. No masculino, 20 equipes se inscreveram sendo divididas em 4 grupos. As equipes foram: Yynn Moroti Whera, Mymba Roka, Tarumã, Major Gercino, Maciambu, Itaty, Kuaray, Coqueiros, Yvy'a Poty, Jejy-ty, Amaral, Ygua Porã,

Tataendy Rupa, Takuaty, Yakã Porã, Tupã Nhe'e, Wherá Tupã, Tekoa Vy'a, Tava'i e Kyre Ymba.

Figura 53 - Isologo da 4ª edição (e atual) da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2022).

O mais interessante é que a quarta edição da Liga representou um grande reconhecimento e ascensão da competição. E não estamos falando apenas do número de equipes participantes, mas também da localização destas equipes. Nesta edição, a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina extrapolou os limites administrativos do Estado de Santa Catarina com a participação de equipes do Rio Grande do Sul e São Paulo. Do Rio Grande do Sul, se inscrevem as equipes Yvy'a Poty, do município de Camaquã, e Kuaray, do município de Osório, ambas masculinas. De São Paulo, se inscrevem as equipes Jejy-ty (masculino) do município de Iguape e Jaexa Porã (feminino) do município de Ubatuba.

Além disso, esta edição também contou com a participação de uma equipe não-Guarani. Trata-se da equipe Coqueiros, do município de Ibirama, Santa Catarina, formada por atletas da etnia/povo indígena Laklãno-Xokleng. Jekupé, um ano antes já havia informado que estava nos planos convidar equipes indígenas de outras etnias. Além disso, Elizandro Antunes, um dos idealizadores da Liga, afirma que acha legal a participação de equipes convidadas para o fortalecimento da Liga. Em outro momento, chegou a dizer que seu objetivo é organizar uma Liga Indígena de Santa Catarina, e não apenas Mbya Guarani:

> Gabriel: E esses times que estão vindo jogar aqui com vocês? Eu vi que tem dois de São Paulo, tem dois do Rio Grande do Sul. Como que aconteceu? Como que eles descobriram o campeonato? Vocês convidaram ou eles entraram em contato?
>
> Elizandro: Eles entraram [em contato], eles se convidaram… (risos). Quando nós fizemos a primeira Liga, e a segunda Liga, tipo assim, estourou geral nas aldeias, né? Nos outros estados, né? Fizemos aqui em Santa Catarina, vish, os estados "pô, também tem que fazer uma pra gente, n/é?".

(...)

> Gabriel: Então você nem conhecia o pessoal do Rio Grande do Sul, de São Paulo? E o que que está significando isso pra vocês conhecerem mais pessoas, mais *tekoas*? Você acha legal isso?
>
> Elizandro: Eu acho que isso, pra mim, é deixar a nossa Liga mais forte, n/é? Até os Xokleng, n/é? Claro, estão jogando, mas eles, pelo que eu vi, são um time meio que, bem organizado, n/é? Eles têm diretorias, eles tem tudo.

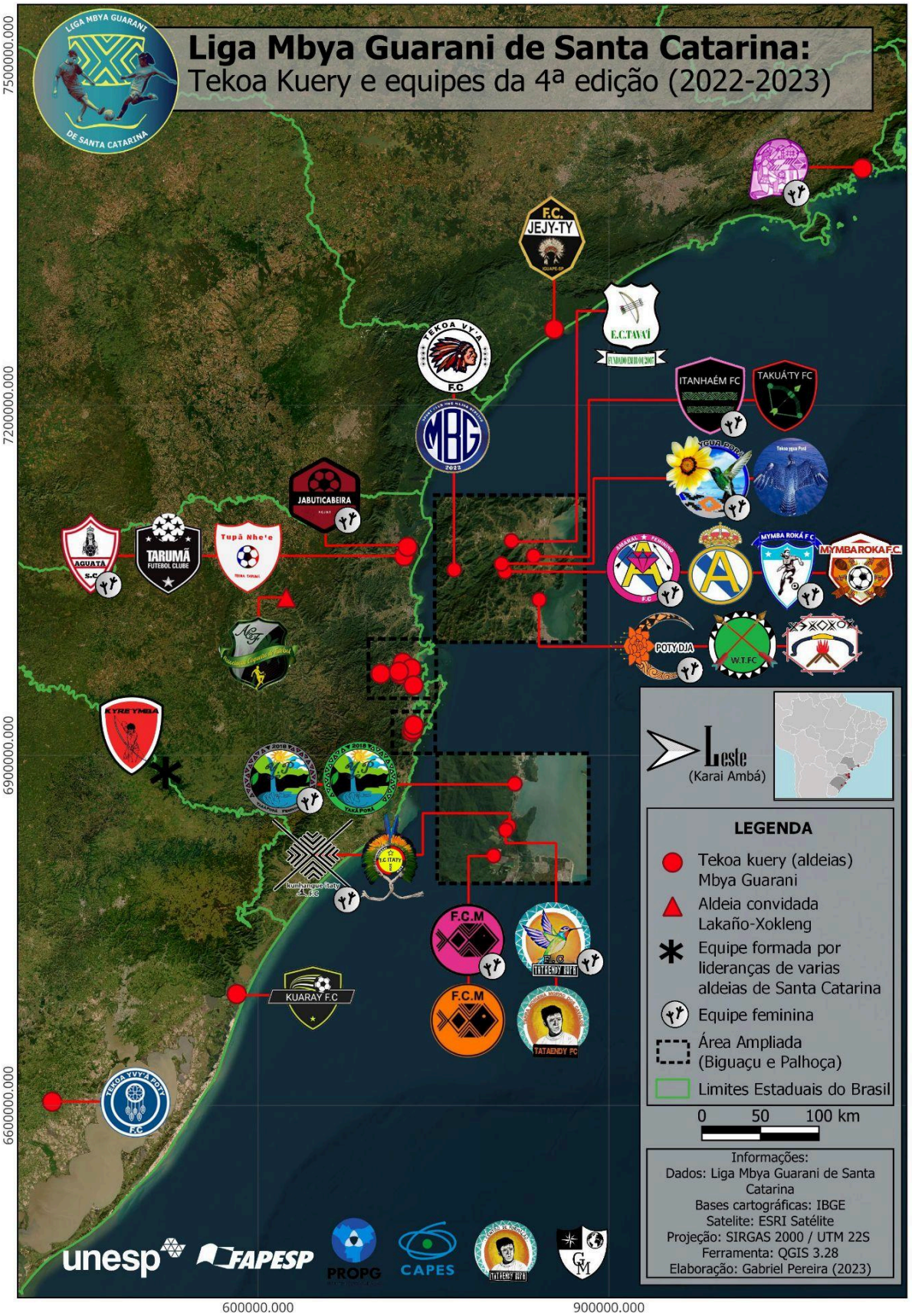
A disposição espacial de todos os *tekoa kuery* (aldeias) e equipes, femininas e masculinas, da quarta edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, pode ser observada na **Figura 54**.

A primeira rodada da quarta edição da Liga, aconteceu nos dias 10 e 11 de dezembro no *tekoa* Yynn Moroti Whera (M'biguaçu), município de Biguaçu. A abertura da Liga contou com uma cerimônia de abertura em homenagem ao *xeramõi* Graciliano, do *tekoa* Tarumã, que realizou a passagem para o *Amba*, terra de *Nhanderu* (nosso pai), entre a final da terceira edição - em que seu *tekoa* foi campeão - e o início da quarta edição. Essa cerimônia contou com a presença do coral *Yvytchim Ovy*, que de mãos dadas ao centro do campo, entoou cânticos (**Figura 55**). O *xeramõi* Graciliano, era muito respeitado e querido por todos, e estava sempre acompanhando as partidas da Liga. Eu o fotografei na final da terceira edição no *tekoa* Itaty - sua última rodada da Liga - quando ele se sentou bem próximo ao campo para acompanhar mais de pertinho a partida, a meu ver, demonstrando carinho pela competição e por sua equipe (**Figura 56**).

Logo após a primeira rodada, a página Liga Mbya Guarani SC (2022), no *Facebook*, postou o seguinte texto:

> Em 2018 iniciou a primeira edição da Liga Mbya Guarani Litoral SC com objetivo de reunir as aldeias Mbya Guarani do Litoral de Santa Catarina para promover simplesmente o futebol e diversão. E no último dia 10 e 11 de dezembro de 2022 na Tekoa Yynn Moroti Wherá - TI M'biguaçu foi realizado a [abertura da] quarta edição da Liga Mbya Guarani Litoral SC 2022-2023, desde 2018 a Liga vem crescendo em quantidade de times e aldeias que aderem o campeonato. A Liga Mbya Guarani Litoral SC além de promover o futebol, vem promovendo encontros e reencontros de crianças, jovens, Xeramõi kuery que ficam ligados nos jogos e torcem pelos seus times e de outras aldeias que torna a liga uma grande confraternização em família. Seguimos com espírito esportivo de fazer competições saudáveis para todos.

Figura 54 - *Tekoa kuery* (aldeias) e equipes da 4ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. Mapa elaborado em tamanho A1 para apresentação em rodadas do campeonato.



Fonte: o autor (2024).

Figura 55 - Homenagem a xeramõi Graciliano durante a cerimônia de abertura da 4ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Figura 56 - Xeramõi Graciliano assistindo sua última partida da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, bem próximo ao campo.



Fonte: o autor (2023).

A segunda rodada aconteceu nos dias 4 e 5 de março de 2023, do *tekoa* Mymba Roka, município de Biguaçu, e nem a intensa chuva atrapalhou os jogos e os encontros (**Figura 57**). A terceira rodada aconteceu nos dias 6 e 7 de maio de 2023, no *tekoa* Yvapuru, Município de Araquari. E a quarta rodada, que fechou a fase de grupos, aconteceu nos dias 3 e 4 de junho de 2023 no *tekoa* Pirá Rupa Maciambu, município de Palhoça.

Figura 57 - Segunda rodada da 4ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, *tekoa* Mymba Roka.



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Após a primeira fase, as 16 melhores equipes masculinas avançaram para as oitavas de finais, enquanto as 8 melhores equipes femininas avançaram para a fase eliminatória já na fase de quartas de finais. Apesar disso, a fase de oitavas de finais masculina foi muito especial para mim. Pela primeira vez fui convidado a jogar um jogo da Liga pela equipe Tataendy Rupa, da TI Morro dos Cavalos. Mesmo com o ligamento cruzado anterior do joelho esquerdo rompido e correndo riscos de novas lesões, não poderia deixar a oportunidade passar e aceitei entrar por alguns minutos na partida contra a equipe Itaty, também da TI Morro dos Cavalos (**Figura 58**). Apesar da derrota pelo placar de 5x2 foi uma experiência marcante.

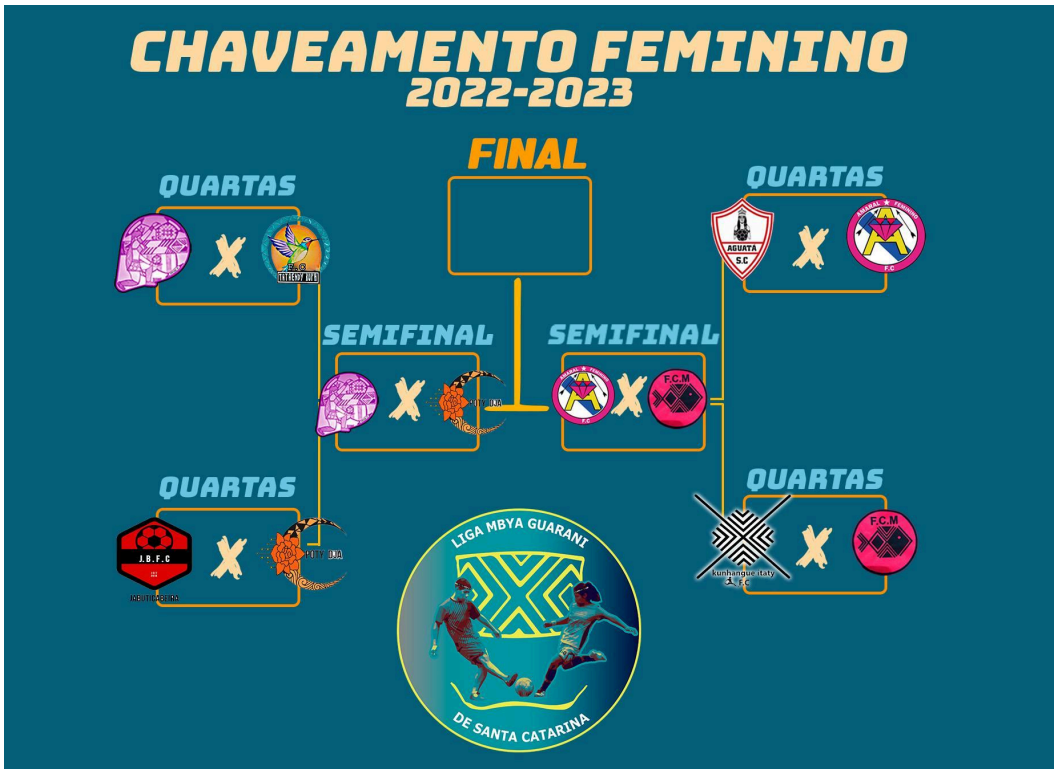
O campeonato seguiu com as quartas de finais, femininas e masculinas, no dia 05 de agosto de 2023, no *tekoa* Pirá Rupa (Maciambu), município de Palhoça. E, as semifinais aconteceram no dia 07 de outubro de 2023 no *tekoa* Itaty, TI Morro dos Cavalos, também município de Palhoça. Veja como foi o chaveamento da fase eliminatória até as finais nas **Figuras 59 e 60**.

Figura 58 - Participação do autor nas oitavas de finais da 4ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina pela equipe Tataendy Rupa[53].



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani SC (2023).

Figura 59 - Chaveamento feminino até a final da 4ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023) - adaptado.

[53] Da esquerda para a direita, o primeiro agachado.

Figura 60 - Chaveamento masculino até a final da 4ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023) adaptado.

A grande final, bem como as disputas pelo terceiro lugar, ocorreram no dia 02 de dezembro de 2023 no *tekoa* Mymba Roka. No masculino, o terceiro lugar ficou com o Maciambu, o segundo lugar com Tarumã e a grande equipe campeã foi Yvy'ã Poty, do Rio Grande do Sul, sendo a primeira equipe convidada a ficar com o troféu principal (**Figura 61**). No feminino o terceiro lugar ficou com Poty Dja, seguidas de Jaexa Porã (Boa vista) em segundo, e as meninas do Maciambu se consagrando tricampeãs da Liga em 3 participações (**Figura 62**).

Pela primeira vez, o troféu da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina foi uma réplica do troféu da Liga dos Campeões da Europa (*Champions League*). Além disso, ambos os campeões da quarta edição levaram para casa um prêmio em dinheiro no valor de R$ 15.000,00, superando muito as expectativas iniciais dos jogadores e organizadores. Os vice-campeões levaram R$ 7.000,00 reais, e os terceiros colocados R$ 4.000,00.

Figura 61 e 62 - Yvy'a Poty (masculino) e Maciambu (feminino) campeões da 4ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina (2022–2023)



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2022)

Essa quantia em dinheiro só foi possível devido ao apoio financeiro de terceiros que a organização conquistou nesta edição, além de uma maior organização financeira da própria organização, que nunca mediu esforços para realização do melhor campeonato possível. Em conversas com Jekupé (2022) antes do início desta edição do campeonato, ele contou:

> Hoje, por exemplo, como que funciona a premiação, né? Até nessa edição (terceira)… Na inscrição a gente tá fazendo toda a premiação. A inscrição ali, são revertidos [integralmente] para premiação [em dinheiro], n/é? Então... Por exemplo, a premiação do valor de dinheiro é retirada da própria inscrição, só que, por exemplo, o troféu, a medalha (além de bolas e redes)… O pessoal da organização se vira pra bancar, n/é? Então, por exemplo… na inscrição não é incluído, a confecção de troféu e nem medalha (...). A partir da próxima, a gente tá calculando já 20% do valor - do geral, do bruto ali - 20% pra fazer esses materiais, n/é? (...) A gente não colocou 10[%] pra não ficar igual o da igreja, né? A gente subiu para 20% pra ser diferente, né?(Risos) (...) A gente fez as contas e mesmo tirando os 20% dá aquele valor de 10.000 [reais] do primeiro colocado, n/é? Se não me engano vai ficar 5 [mil reais] no segundo e acho que mil [reais] no terceiro.

Após a final, mais uma vez a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina se encerrou em uma grande festa que contou com a presença de bandas como Batidão dos Garotos, Garotos Pancadão, Pancadão do Baile, Juliano Lopes e a cantora Guarani de Porto Lindo Japorã, Mato Grosso do Sul, trazida especialmente para o evento, Rozelaine Souza.

5.1.5 Quinta edição (2024) e o futuro

Em apenas 4 edições, a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina passou de uma simples competição amadora com poucas equipes e *tekoa kuery* (aldeias) envolvidas, com pouca infraestrutura e baixo recurso, a possivelmente uma das maiores ligas de futebol indígena do Brasil[54] e do mundo, e talvez esteja, inclusive, entre as maiores competições anuais independentes de futebol amador do Brasil incluindo indígenas e não-indígenas, considerando sua dimensão espacial e o número de equipes.

Para a quinta edição (2024) - que devido atraso no calendário deve começar em março de 2024 - já há a expectativa de haver mais equipes convidadas de outros estados, incluindo do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. Ao todo se espera pela participação de 25 equipes masculinas e 14 equipes femininas, além de mais infraestrutura e premiação. Além disso, prevê-se mais uma novidade: a estreia da categoria infantil para crianças de até 14 anos.

A quinta edição também marcará a estreia dos mascotes oficiais da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. Os mascotes foram elaborados pela artista Guarani do *tekoa* Tarumã, Ywa Nathy. Ambos os mascotes são pássaros de penas verdes, pernas grossas marrons, camiseta azul (em alusão a camiseta da organização da Liga), cocares grandes de penas azuis e vermelhas. As principais diferenças estão nos rostos e na posição da bola de futebol. O primeiro pisa sobre a bola como se estivesse a dominando; o segundo a segura com uma das asas na altura do peito. O que pisa sobre a bola tem a penugem do rosto em azul e vermelha, além de uma expressão séria e brava, no melhor estilo "canarinho pistola"[55]. O mascote que segura a bola com uma das asas, tem penugem verde como o corpo e uma expressão mais amistosa[56] (Figura 63). A publicação do *Facebook* que apresenta os mascotes, convida o público a sugerir nomes a eles.

> Orgulhosamente apresentamos a todos nosso mascote da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. A ilustração foi feita pela nossa parente Ywa Nathy (www.facebook.com/Ywanathyy) da Tekoa Tarumã. Como todos sabemos, em nossas aldeias existem jovens com grandes talentos em várias áreas, a ilustração é uma delas. Ficamos felizes e sempre reforçamos que o objetivo da nossa Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, é trazer os jogos de futebol com a interação geracional e

[54]Talvez apenas atrás do Campeonato Nacional de Futebol Indígena. Saiba mais em: https://campeonatoindigena.org/

[55] "Canarinho pistola" foi o apelido recebido pelo mascote da seleção brasileira de futebol devido sua expressão séria e brava. Ele foi criado em 2016 substituindo o canarinho de expressão mais amistosa.

[56] O mesmo que aparece na capa deste trabalho.

> mostrar para todos que, conseguimos nos divertir sem o alcoolismo, principalmente reconhecendo o talento da nossa juventude. No mundo do esporte temos a diversão com arte, o esporte que buscamos realizar é uma forma de resistência da nossa cultura. Reafirmando sempre que é possível viver nesse mundo com dois ou muito mais conhecimentos sem deixarmos de ser quem somos. Agora galera, assim como a Ywa Nathy criou nosso mascote, o desafio agora é nomeá-lo, como deve ser chamado? Comente as sugestões de nomes nesta publicação. (LIGA MBYA GUARANI DE SC)

Figura 63 - Mascotes da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.



Fonte: Ywa Nathy. Disponível em: Liga Mbya Guarani de SC (*Facebook*).

Há ainda um longo caminho a ser percorrido, que infelizmente envolve a busca por recursos financeiros para remunerar organizadores que hoje se dedicam voluntariamente, melhorar a infraestrutura dos gramados e entorno, fornecer material esportivo como bolas, redes, cartões, apitos e similares, custear ou subsidiar as viagens, que em alguns casos são excessivamente longas e custosas, custear ou subsidiar a produção de uniformes, e até mesmo financiar as premiações, de modo que a inscrição das equipes não seja mediante pagamento, ou tenham um valor reduzido. A busca por recursos financeiros, por sua vez, envolve a busca tanto por patrocinadores privados, quanto por incentivos estatais de fomento ao esporte, lazer e/ou cultura, que no momento não há.

Considerando que esta não é a única Liga ou competição Guarani no Brasil e no mundo, existindo outras, por exemplo, no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro,

Segundo Jekupé Mawe e Elizandro Antunes, já há, inclusive, discussões entre os organizadores para a criação de uma espécie de Super Copa ou Copa dos Campeões Guarani, onde os campeões de cada campeonato se classificariam para uma disputa nacional ou quem sabe continental, incluindo os parentes de toda a *Yvy Rupa*, território Guarani. Segundo Jekupé Mawe (2022), "a ideia mesmo de todo mundo, no início da liga, era fazer a liga dos campeões, né? Então juntaria, por exemplo, os campeões de cada estado, né, para fazer os jogos para ver quem que era o vencedor."

O grande empecilho para realização de um torneio desta dimensão é, sobretudo, a questão financeira que impacta nas viagens e na questão estrutural. Além disso, não há uma padronização dos campos e regras, sendo que algumas competições jogam o futebol de 7 jogadores, enquanto outras jogam o tradicional futebol de 11 jogadores.

Nos últimos anos, no entanto, os organizadores da Liga tem se esforçado na divulgação da competição e na captação de recursos via patrocinadores. Essa foi a saída encontrada para manter e ampliar essa competição que além do esporte, promove lazer, cultura, saúde física e mental.

5.2 Mbarete kunhangue: a força das mulheres na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina

Na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, bem como no cotidiano dos *tekoa kuery* (aldeia), a todo tempo se vê a força das mulheres. Nesse breve período de contato, já fui agraciado por conhecer mulheres sábias, fortes e inspiradoras, entre elas, Kerexu Yxapyry, (Eunice Antunes).

Se fossemos falar da trajetória desta mulher, deveríamos fazer outro trabalho, ou quem sabe um livro bibliográfico. Resumidamente, Kerexu Yxapyry, além de professora formada em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (UFSC), foi a primeira mulher Guarani a assumir posição de cacicagem entre os *tekoa kuery* (aldeias) e Terras Indígenas de Santa Catarina. Seu destaque na luta política e territorial, dentro e fora de sua aldeia, a levou ao governo federal, compondo o histórico primeiro Ministério dos Povos Indígenas[57] na posição de Secretária de Direitos Ambientais e Territoriais Indígenas. Mesmo com a agenda apertada, sempre que pode, Kerexu está na beira de campo acompanhando e

[57]O primeiro Ministério dos Povos Indígenas do Brasil foi criado no ano de 2023 durante o terceiro mandato (2023-2026) do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A primeira ministra foi Sônia Guajajara.

incentivando suas meninas, bem como praticando o bem viver entre seus parentes Guarani (**Figura 64**). Não tenho dúvidas que para muitas meninas e mulheres, ver a Kerexu a beira de campo, acompanhando os jogos são algo inspirador.

Mas Kerexu, apesar do maior destaque, nem de longe é a única entre essas mulheres sábias, fortes e inspiradoras na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. Entre elas, poderíamos citar sua própria irmã, Ara Mirim (Eliziane Antunes), que além de mulher, mãe, cantora, estudante universitária e professora, é jogadora e mesária na comissão organizadora da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina (**Figura 65**). Ara Mirim, me concedeu uma entrevista muito interessante, que ajudou entender o espaço feminino na Liga e no futebol Guarani.

Figura 64 - Kerexu Yxapyry (Eunice Antunes) assistindo uma partida da 3ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, *tekoa* Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos.



Fonte: o autor (2022).

Figura 65 - Em destaque, Ara Mirim (Eliziane Antunes), durante uma partida pela 3ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2022).

Ara Mirim, jogou duas edições da Liga pela equipe do *tekoa* Yakã Porã, e duas edições pela equipe Tataendy Rupa. Ao perguntar porque ela mudou de equipe e se havia rivalidade nessa mudança, ela me respondeu:

> Ara Mirim: Em alguns times tem essa rivalidade, n/é?... tipo… Quando o jogador é bom, mas no meu caso não foi (risos). Não, é porque eu vim embora pra cá [*tekoa* Tataendy Rupa], n/é ? Foi na época da pandemia que eu vim embora. Aí como eu tava morando aqui… Aí a Kerexu falou, "vai ter que jogar pro Tataendy agora… Quem mora aqui tem que jogar pro Tataendy".
>
> Gabriel: Então a Kerexu tem esse papel além de...treinadora…faz o'mercado da bola', faz as contratações.
>
> Ara Mirim: Kerexu é a nossa capitã.

Segundo Ara Mirim, as mulheres já se interessavam e de fato jogavam futebol há muito tempo, no entanto, não tinham tanto espaço dentro de campo. Segundo ela, os homens eram "fominhas"[58] e não abriam espaço para as mulheres. Provavelmente em razão disso, muitas mulheres eram desestimuladas e chegavam provavelmente a sentir algum certo medo ou vergonha de jogar. Nesse momento, aparentemente, sequer existiam os times femininos formados:

> Gabriel: E antes da Liga existir, você já jogava bola?
>
> Ara Mirim: Já.
>
> Gabriel: Mas já disputavam algum torneio ou só jogavam?...
>
> Ara Mirim: Sim. Antes, bem antes, eu jogava aqui no Morro [dos Cavalos] mesmo. Aí tinha um monte de mulheres que jogavam. Tinha...aí.. a gente jogava, mas tipo não era muito torneio assim…Era mais brincando mesmo.
>
> Gabriel: Mais brincando, tipo, não tinha… Não tinha premiação… Mas tinha os times já?
>
> Ara Mirim: Não, na época quando eu comecei a jogar, só tinha poucas mulheres que jogavam. Quando a gente ia em torneios assim, a maioria era torneio masculino. Aí não deixava muito assim, para as mulheres jogarem.
>
> Gabriel: Mas dentro das *tekoas* tinha alguma resistência para as mulheres jogarem?
>
> Ara Mirim: Tinha. Quando tinha algum torneio, tipo, eles deixavam lá para domingo… Aí tipo assim, aí nem era mais um torneio. Ai não… não… As mulheres também tinham um… Não jogavam também, tinham medo… não sei se tinham medo, sei lá. Porque sempre quando as mulheres iam jogar, os homens não deixavam. Aí os homens não deixavam. Os homens são bem fominhas, n/é?. Tipo no sábado já joga torneio, ai quando é no domingo, de novo, querem fazer aqueles

[58]Expressão comum no futebol que remete a uma pessoa que não passa a bola, neste caso, que não libera o campo.

> amistosos lá deles. Aí, tipo, às vezes não dava espaço para as mulheres. As mulheres acabavam deixando….
>
> Gabriel: Mas você acha que era mais coisa de "fominha"? Ou tinha alguma resistência? Tipo… os mais velhos… não sei… os *xeromõi*, os caciques, não achavam legal as mulheres jogarem? Ou os pais mesmo das meninas não achavam legal?
>
> Ara Mirim: Acho que era mais por causa dos homens que são fominha.

Elizandro apesar de afirmar que nunca presenciou qualquer tipo de resistência às mulheres jogarem, afirma que de fato os campeonatos femininos são uma novidade da Liga, e que isso atraiu o interesse de mais mulheres, incluindo mulheres adultas e mais velhas:

> Gabriel: E sobre as mulheres jogarem? Sempre jogaram?
>
> Elizandro: Não, isso foi uma novidade que aconteceu na Liga. Porque no começo, quando acontecia essas festas, não existia pra mulheres, era só homem.
>
> (...)
>
> Gabriel: Então, nesses torneios antes da Liga, não era comum as mulheres jogarem?
>
> Elizandro: Não.
>
> Gabriel: Nem por brincadeira, assim? Tipo jogar junto, no dia a dia, as peladas, assim?
>
> Elizandro: Tinha. Mas era mais as crianças, né? As mulheres mais… Mais de idade não participavam muito, mais daí, agora já não, agora é tudo, tem até mulheres de idade que estão jogando…

Ara Mirim, ainda me contou como a criação da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina foi importante para superar algumas adversidades e as mulheres definitivamente conquistaram seu espaço dentro de campo (**Figura 66**). Perguntei

> Gabriel: E a Liga ajudou nisso?
>
> Ara Mirim: A Liga ajudou. A Liga ajudou bastante, tanto que depois, agora, tipo, quando você vai a um torneio, sempre tem um torneio feminino e masculino. Até na Liga mesmo alguns falam, que… alguns capitães… chegam a falar… "porque não dá para deixar as mulheres só num dia", tipo, não misturar. Na Liga tem essa, n/é?... um jogo masculino, outro jogo feminino. Aí eu já ouvi isso também, tipo homens falam, tipo, "porque não colocam um dia só para as mulheres jogarem… não sei o quê"…
>
> Gabriel: E como você vê isso? Você acha isso….Tipo, você prefere que seja um dia só para os homens e um dia só para as mulheres, ou misturado mesmo?
>
> Ara Mirim: Misturado. É mais legal. Dá mais emoção.

Gabriel: Dá para jogar e torcer tudo…

Ara Mirim: Né… daí eles podem torcer pelo masculino e pelo feminino.

Figura 66 - Placa "ser mulher e jogar futebol é resistência", *tekoa* Marangatu durante rodada da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: Jekupé Mawe, disponível em: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Muitas destas jogadoras são mães, incluindo a própria Ara Mirim, mãe de dois filhos. Perguntei se existia algum tipo de dificuldade ou resistência para as mães jogarem:

> Gabriel: Outra coisa, é… As mulheres que têm filhos, assim, é tranquilo jogar, sempre tem alguém cuidando?
>
> Ara Mirim: É o que mais tem, a mulher jogando com filhos (risos);
>
> Gabriel: É, eu imagino… (risos)
>
> Ara Mirim: Aí um cuida do filho do outro. Aí a gente bota até os maridos cuidar do filho das outras meninas.

Jekupé Mawe também já havia me contado sobre esse cuidado com as crianças para que mães pudessem jogar futebol:

> Jekupé: Eu acho que depende muito da aldeia, mas no geral eu acho que não tem… Não tem impedimento assim, n/é? De ambos os lados, n/é? Até, por exemplo, a gente vê… quando as meninas, por exemplo, que vão jogar, n/é? As meninas, principalmente as que têm filhos, até a própria equipe mesmo ali do time masculina ou feminina, que vai estar na reserva ali olhando, cuida da criança… Isso é normal, né? O pessoal deixa ali, todo mundo faz a… Todo mundo cuida ali da criança para mãe jogar tranquila, né? Só quando a criança chora, tá com fome, aí, tipo, ai ela sai, substitui. Mas, no geral, não tem impedimento nenhum.

De fato, já presenciei cenas como essa, tanto em jogos, como em treinos. Nos treinos, inclusive, devido à menor quantidade de pessoas, isto parece ser mais evidente (**Figura 67**).

Figura 67 - Homem cuidando de criança durante o treino feminino, *tekoa* Itaty.



Fonte: o autor (2023).

Em um treino entre as equipes femininas Itaty e Tataendy Rupa, ambas da TI Morro dos Cavalos, algo muito interessante que notei, foi que homens e mulheres organicamente se revezam no campo. Os treinos são cronometrados, algo em torno de vinte minutos, e terminado esse tempo, há o revezamento sem nenhuma resistência ou reclamação. Ao fim de seu tempo, os homens sentam-se do lado de fora do campo e esperam sua vez de voltar ao gramado enquanto assistem às mulheres jogarem (**Figura 68**).

Figura 68 - Homens sentados assistindo o treino feminino, tekoa Itaty.



Fonte: o autor (2023).

Mas esse espaço foi conquistado, e a Liga foi importante para isso. Segundo conversas informais com uma das interlocutoras da pesquisa, já aconteceram, em tempos recentes, episódios desagradáveis envolvendo moradores de outros *tekoa kuery* (aldeias). Segundo essa interlocutora, na ocasião, os homens se recusaram a sair do campo e deixar as mulheres jogar, chegando a proferir ofensas como "vai fazer *xipá*[59]". Até que as mulheres, com toda a sua força, bateram de frente, os chamaram de machistas e os fizeram baixar a cabeça e deixar o campo.

Em alguns momentos, acontecem até mesmo alguns "rachões" mistos na qual homens e mulheres jogam juntos. Já presenciei e joguei um desses "rachões", e perguntei a Ara Mirim, se isso era comum:

> Gabriel: E quando tem os rachão ali em cima [campo da Itaty] (...). É comum jogar as meninas, os meninos, tudo junto? Ou não é comum?
>
> Ara Mirim: É comum.

Esse espaço conquistado por essa geração de mulheres, tem aberto portas e novos espaços para as mulheres que estão por vir. Segundo Ara Mirim, as meninas já se interessam mais pelo futebol (**Figuras 69 e 70**), buscando até mesmo escolinhas do esporte:

> Gabriel: E as crianças? Depois da criação da liga - às crianças meninas, eu digo - dá pra ver que elas estão mais interessadas [no futebol] ou não foi assim?
>
> Ara Mirim: Dá. Eu vi também essa… depois da liga, essa coisa, tipo, de escolinha. Tipo, procurar escolinha pras crianças jogarem.

Algumas equipes chegam a apresentar simbologias que remetem ao feminino, em seus uniformes e escudos. O uniforme (2023-2024) da equipe Tataendy Rupa, por exemplo, possui patas de saracura. A saracura é uma ave associada à força das mulheres na cultura Guarani, sendo utilizada inclusive em algumas cerimônias. A pata da Saracura, também é utilizada como um símbolo feminino em pinturas faciais tradicionais.

A equipe Imaruí, do *tekoa* Marangatu, que disputou a 3ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, utilizava um escudo inspirado no escudo do *Futbol Club* Barcelona (Espanha), no entanto, com a inserção de alguns elementos como uma bola de futebol, um *guyrapa* (arco-e-flecha) e um "salto" (sapato feminino). Esses símbolos justos, provavelmente representam o orgulho por ser mulher indígena e jogar futebol. (**Figura 71**)

[59]Prato típico e cotidiano Guarani feito a partir de uma massa frita.

Figuras 69 e 70 - Meninas participando da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Figuras 71 - Jogadoras da equipe Imaruí com a bandeira da equipe nas costas



Fonte: o autor (2022).

Há ainda outras equipes que remetem ao feminino, ou que, como Poty Dja, homenageiam *xejaryi* (avós/anciãs) importantes de uma determinada aldeia. Mas isto veremos no subcapítulo a seguir.

Outro exemplo da força das mulheres na Liga, foi a participação da equipe Jaexa Porã (Boa Vista), de Ubatuba-SP. As mulheres desta equipe/*tekoa* participaram da quarta edição da Liga organizando longas viagens todos os meses até *tekoa kuery* de Santa Catarina

que receberam os jogos. Elas chegaram até a final da Liga e foram vice-campeãs da quarta edição. Na final, segundo Marcos Tupã, cacique da aldeia Jaexa Porã, elas levaram duas vans de Ubatuba–SP até o *tekoa* Mymba Roka, em Biguaçu, Santa Catarina, em um trajeto de aproximadamente 1.000 quilômetros e mais de 12 horas de viagem apenas para ir. Deslocamentos similares aconteceram em todas as rodadas da Liga sem que houvesse uma equipe masculina do mesmo *tekoa* na Liga para dividir os custos de viagem.

Outro ponto interessante da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina é que nas últimas edições, a organização do campeonato se esforçou para igualar a premiação em dinheiro entre a modalidade masculina e feminina. Considerando haver um número maior de equipes masculinas participando da Liga e consequentemente pagando a taxa de inscrição, seria natural que houvesse alguma diferença entre os valores a serem pagos na premiação. No entanto, a organização tem se esforçado a manter a mesma premiação, algo que não acontece nem mesmo no futebol profissional. Isto, sem dúvidas, é um incentivo a prática feminina do esporte, mas provavelmente, também é fruto da resistência de mulheres jogadoras e organizadoras.

Apesar do futebol ser "apenas" um esporte, uma forma de diversão e integração, não tenho dúvidas o seu efeito simbólico é positivo na autoestima, na confiança, e imposição dessas mulheres, sobretudo jovens, que cresceram sem medo, sem abaixar a cabeça, reivindicando o seu espaço, assim como o exemplo de Kerexu Yxapyry e Ara Mirim. Para a educação dos meninos e homens, a presença das mulheres no futebol é igualmente importante para crescerem aprendendo a respeitar e dar espaço às mulheres.

E assim, diversas mulheres, encontraram na Liga e nos jogos de futebol, mais uma forma de demonstrar sua força, sua resistência, sua garra, sua sabedoria, sua habilidade e até mesmo o seu brilho. Muitas dessas mulheres, inclusive, entram em campo com muita elegância, usando maquiagem, laços, e em alguns casos até colares e pulseiras tradicionais. Outras impressionam pela garra, pela habilidade e assim por diante, conforme as particularidades de cada uma (**Figuras 72, 73 e 74)**.

Em resumo, "ser mulher indígena é já nascer guerreira, está no sangue, está na alma" como diria a própria Ara Mirim (Eliziane Antunes) na música *Ore Kunhangue* (nós[60] mulheres) (MBYA RESISTE, 2018), interpretada por ela.

[60] Em língua guarani há duas palavras para "nós", sendo "nhande/ñande" um "nós" abrangente e "ore" um "nós" mais restritivo a um determinado grupo.

Figuras 72 - Jogadora da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina caída em campo de lama



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2022).

Figuras 73 - Jogadora do Itaty jogando maquiada na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Figuras 74 - Jogadora domando bola de “chaleira” rodeada por 3 jogadoras adversárias, Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

5.3 *Tekó*: Cultura e cosmovisão na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina

Não é a intenção deste trabalho discutir o conceito de cultura. Pode-se entender cultura neste trabalho de forma ampla. Com base em Ralph Linton (1976), pode-se entender cultura como uma determinada variedade da herança social humana, transmitida de geração em geração. No entanto, não de forma estática ou imutável, mas se transformando conforme a necessidade ou mesmo interesse de quem a transmite. Essa variedade da herança social ou da cultura, envolve todo o conjunto de crenças, hábitos, técnicas e costumes de um grupo.

Nos subcapítulos anteriores, o leitor se deparou com uma série de uniformes e escudos das equipes com uma série de grafismos e elementos tradicionais da *tekó* (cultura) e *nhandereko* (modo de vida). Sobre os uniformes com elementos culturais Guarani, Jekupé (2022) me respondeu:

> Normalmente é isso, né? O pessoal copia muito de fora, assim, né? Os times. Aí, a partir da segunda edição, a gente mesmo, daqui, principalmente, a gente sempre tenta envolver esses elementos mais da questão cultural, n/é? Aí, a partir daí, o pessoal começou, em algumas aldeias também já inserir, assim, né? Então talvez nessa edição agora, talvez, acho que se não for todas, acho que 98% vai ser ser pra esse lado, assim… de ter esses elementos.

De fato, alguns desses uniformes e escudos carregam muito significado, e conhecê-los, torna os jogos ainda mais especiais e interessantes. Neste momento, apresentarei alguns dos escudos, que na minha opinião, a partir do conhecimento limitado que possuo, carregam grandes significados. Importante ressaltar que muitos desses escudos, bem como

logos da Liga, são obras de exímios artistas Guarani, como os próprios Jekupé Mawe e Elizandro Antunes, participantes diretos e já citados muitas vezes neste trabalho.

Alguns escudos carregam *kangua'a kuery* (cocares), como as equipes Itaty, Vy'a, Jejy-ty, e Imaruí (3ª edição) todas masculinas (**Figura 75, 76, 77 e 78**). O cocar, além de um símbolo de orgulho indígena, segundo Karai, um dos interlocutores da pesquisa, o cocar, espiritualmente, é ao mesmo tempo, um escudo e uma antena. Um escudo, pois protege de espíritos e coisas ruins, e uma antena que conecta a pessoa *Nhanderu* (nosso pai) e as boas divindades.

Figuras 75, 76, 77 e 78 - Escudos com presença de *kangua'a* (cocar) na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2022–2023).

Outro elemento que muito aparece nos escudos das equipes é o *guyrapa* (arco-e-flecha). Tava'i, Takua'ty e Wherá Tupã (todas masculinas), além de Imaruí feminino que jogou a terceira edição, são equipes que apresentam as flechas em seus escudos (**Figuras 79, 80, 81 e 82**).

Figuras 79, 80, 81 e 82 - Escudos com presença de arco-e-flecha na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2022–2023).

Além de representar o orgulho indígena, esse instrumento representa a força dos *xondaros* (guerreiros). Mas também as flechas tem significado cosmológico na criação dos seres humanos, e no espantar de espíritos ruins, conforme os depoimentos a seguir:

> "Os *xeramõi*, os nossos antepassados, falam que, quando nós utilizamos esse *popygua'i* dentro da casa de reza, afastam-se os maus espíritos. Esse instrumento sempre acompanha o *petỹgua* (cachimbo). Antigamente, nós também fazíamos flechas, muitas, e levávamos na *Opy* também para espantar espíritos do mal que estivessem rodeando a *Opy*. O tukumbo também servia da mesma forma. (*Xeramõi* Marcolino da Silva, Karai Tataendy Marangatu, do tekoa Araçai, Piraquara, PR. apud RAMO Y AFFONSO; LADEIRA, 2015, p. 84),

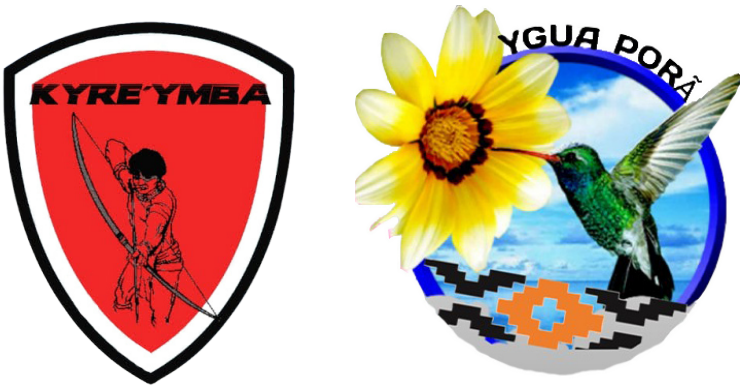
> No começo da Terra, antes de fazer a Terra, este mundo era só mar. Quando *Nhanderu* veio de seu *amba*, veio olhar. Ele caminhava no *tataxina* (fumaça) e no kuaray raxa (luz do Sol). Quando foi gerar a terra e o mato, com os animais e as frutas, foi que pensou em fazer o homem e a mulher. Quando pensou em fazer eles, foi ao mato e buscou uma madeira, *yvyra*, e fez um arco e flecha. Fez o arco, para ser um homem, e, para fazer a mulher, foi buscar *takuara* (bambu). Fez um balainho, que amarrou com *guembepy* (cipó), e, desse balainho, fez a mulher. [...] *Nhanderu* soprou o arco, e levantou o homem; soprou o balaio, e levantou a mulher. Os *xeramõi* (avós), quando estão na *Opy* (casa de rezas, de rituais), eles chamam os homens *guyrapa rete i*, "o ser do arco", corpo do arco. Assim que se usa na *Opy*. *Nhanderu* nos fez assim e, através disso, a gente é chamado. *Ajaka rete i, takua rete i*, "o ser do balaio", corpo do balaio, é como são chamadas as mulheres (Xeramõi Timoteo Oliveira – Karai Tataendy, Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC, apud RAMO Y AFFONSO; LADEIRA, 2015, p. 16)

Outro escudo que traz o arco-e-flecha, ou melhor, um guerreiro portando um arco-e-flecha, é a equipe *Kyre-ymba* (**Figura 83**). Trata-se de uma equipe formada por lideranças e jogadores de diversos *tekoa kuery* de Santa Catarina.

Segundo o professor Natan Almeida Evaristo (Karai Popygua), os *Kery'ymba* eram uma espécie de subgrupo ou clã dentro do grande e incrivelmente organizado *Yvy Rupa*, isto é, o grande território Guarani. Diferente dos *Mbya*, por exemplo, que eram os rezadores e não poderiam matar nenhuma vida, os *Kery'ymba* constituíam a classe de guerreiros e possuíam a permissão de *Nhanderu* (nosso pai) para caçar e matar se necessário. Para os Guarani, incluindo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Morro dos Cavalos (2021), a maior parte dos *Kyre'ymba* morrem em confrontos contra colonizadores, e os que restaram, hoje são classificados na literatura como Tupinambás.

O escudo da equipe Ygua Porã (belo local de águas) feminino, é um dos escudos mais bonitos esteticamente, devido ao grafismo, a flor amarela e o colibri, mas é também um dos mais repletos de significado, remetendo provavelmente a visão cosmológica Guarani de criação do mundo (**Figura 84**).

Figura 83 e 84 - Escudos das equipes Kyre'Ymba masculino e Ygua Porã feminino



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Kerexu Yxapyry, em um momento privilegiado de conversa, contou-me que no princípio de tudo, o mundo era composto apenas por água. *Nhanderu*, "nosso pai", o deus criador, era apenas um verbo, um fogo, que ainda não tinha corpo. Poderoso, *Nhanderu* começou a imaginar o mundo, e assim, conforme ele imaginava, foi sendo criado. Primeiro ele imaginou uma lança ou uma flecha de madeira que muito rapidamente veio do céu e caiu sobre as águas fincando-se nelas. Essa flecha de madeira, em contato com a água, gerou uma bela e cheirosa flor em sua ponta. Nesse momento, surge um pássaro pequeno que vem apreciar o seu perfume. Esse pássaro, *maino'i*, que conhecemos como colibri ou beija-flor, no seu intenso bater de asas tocou a ponta de uma de suas asas no fogo celeste e arremessou faíscas desse fogo sobre as águas. Nesse encontro entre fogo e águas, surgiu a terra firme. No PGTA da TI essa história também está presente:

> Como conta a liderança Kerexu Yxapyry, a origem do mundo começa com um estalo de luz na escuridão e a partir de uma explosão surge o nosso planeta. ***Nhanderu*** é a luz na escuridão e com seu bastão dá início à criação de vida dentro do planeta. Um dos primeiros seres foi o ***maino'i***, o beija-flor, que com seu intenso bater das asas concebe o encontro das águas com o fogo, e assim surgiu a terra (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 17).
>
> A partir de então, os vegetais são criados como uma roupa protetora da terra e das águas. Em seguida, chegam os animais dando continuidade à manutenção e expansão da biodiversidade. O ser humano chega como um guardião, protetor de todas as formas de vida nessas terras. Recebemos a sabedoria para ação e reparo na preservação das vidas (MORRO DOS CAVALOS, 2021, p. 17).

O *maino'i*, (beija-flor), aparece também no escudo do Tataendy Rupa feminino (**Figura 85**). Neste caso, segundo Rayanne Antunes, uma das jogadoras da equipe e neta de Karai Tataendy (Adão Antunes), o beija-flor na cosmovisão Guarani, quando visita uma casa

ou o *tekoa* (aldeia), pode também significar a visita de bons espíritos, incluindo antepassados que vem visitar a família. Neste caso, o beija-flor, representa a visita e a memória de Karaí Tataendy (Adão Antunes), seu avô.

A equipe masculina também homenageia e traz à memória Karaí Tataendy, no entanto, ao invés do beija-flor, estampa o seu próprio rosto (**Figura 86**). O próprio nome das equipes, que por sua vez é também o nome do *tekoa* (aldeia), já representam essa homenagem. Tataendy Rupa, pode ser traduzido como lar de Tataendy. Ou em uma tradução mais literal, lar do fogo acesso.

Figura 85 e 86 - Escudo das equipes Tataendy Rupa feminino e masculino.



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

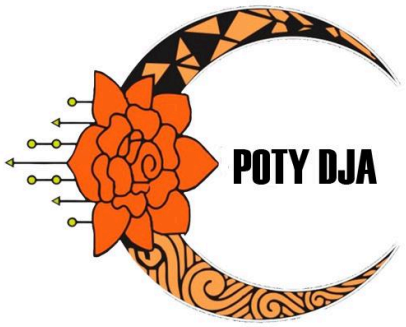
Karai Tataendy foi uma liderança importante por onde passou e viveu. Professor, sua principal pauta de luta foi a educação para os Mbya Guarani, segundo nos conta sua filha Kerexu. Karaí Tataendy partiu para a *Yvy marae'y*, terra sem males em 2015, deixando um grande legado ao seu povo, sobretudo a Terra Indígena Morro dos Cavalos e ao *tekoa* Pirá Rupa/Maciambu. Em 07 de agosto de 2015, o portal da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina publicou uma nota de falecimento na qual destacava seu legado:

> O professor Adão deixa um legado de reflexões sobre os possíveis desenhos para o currículo da escola indígena Guarani, contribuindo para a construção da Proposta Curricular de Santa Catarina, fazendo parte do Núcleo de Estudos Indígenas (NEI). Adão é também autor do livro "Palavras do Xeramõi" (Editora Cuca Fresca) (SANTA CATARINA, 2015)

Karai Tataendy, no entanto, não é o único homenageado na Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. Duas equipes do *tekoa* Yynn Moroti Whera, fazem homenagens a um casal de *karai* (líder espiritual) e *kunha karai* (líder espiritual feminina). São as equipes Wherá Tupã e Poty Dja (**Figuras 87 e 88**).

Figura 87 e 88 - Escudo das equipes Wherá Tupã e Poty Dja





Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Wherá Tupã e Poty Dja, são nomes de duas divindades na cosmologia Guarani. A primeira, uma das mais poderosas, relacionada a chuva, raios e trovões que limpam a terra dos espíritos maus e permite a agricultura. A segunda, segundo Timótio Ara'i (2020, p. 5)

> Poty Djá, a dona das flores. Suas asas representam o voo de liberdade para o céu das divindades Guarani. Também a transformação de seu corpo físico para o espiritual. Tem em suas asas a marca da vida e o Nhamandú (sol sagrado). A sua frente está um vaso de argila que guarda todo o seu conhecimento. As flores simbolizam o conhecimento que colheu durante sua jornada em vida. O barquinho no qual está sentada faz referência ao veículo de transporte que faz a passagem de todo o ser Guarani para o outro mundo além da vida.

No entanto, Wherá Tupã e Poty Dja também são os nomes espirituais de Alcindo e Dona Rosa (**Figura 89**). Esse casal de *karai* e *kunha karai* foi e ainda é tão importante dentro da comunidade, que não só os times de futebol carregam seus nomes, mas também a própria escola do *tekoa* Yynn Moroti Whera, cujo nome é: Escola Indígena Wherá Tupã Poty Dja. Sobre a *kunha karai,* Timótio Ara'i escreve:

> Dona Rosa, conhecida como Poty Djá (dona das flores), foi uma grande kunha karai da aldeia de M'Biguaçu. Uma anciã muito respeitada, considerada vó de todos na aldeia. Tinha um sábio conhecimento sobre a vida guarani e seus costumes. Era grande conhecedora da cosmologia feminina guarani.
>
> Foi essencial para a organização social da aldeia, pela qual tinha grande zelo. Conhecia a aldeia com a palma de sua mão, pois foi uma das fundadoras. E conhecia exatamente o solo onde estava a melhor argila que precisava para confeccionar seu Petynguá e para plantar suas medicinas. Foi com ela que tive o grande prazer de aprender a fazer cerâmica com desenhos ungulados.
>
> Conhecia cada pé das plantas que tinha na aldeia, fazia seus chás em função da cura do próximo. Mulher de força e rigor mesmo com tantos anos de idade ainda tinha força para trabalhar na roça, capinando e cultivando suas plantações com grande energia e motivação. Era um exemplo para todas as mulheres, mesmo com tantas lutas e obstáculos em sua vida conseguiu viver por muito tempo ainda. Mostrou que na vida tudo é possível.

> Repassava todos os seus conhecimentos para seus filhos e netos através da oralidade. Toda a sabedoria que tinha transmitia para as crianças da aldeia com carinho através da música, da dança dos conselhos e das rezas dentro da opy ou na sua própria casa. Era sábia, guardiã de muitos conhecimentos sagrados. Mesmo passando de seus cem anos era guerreira e mulher de fibra. Assim como quase todas as anciãs guarani, tinha a preocupação de cuidar da família e zelar pelo seu bem. Cultivava a tradição guarani com grande orgulho.
>
> Era muito religiosa e suas crenças eram também repassadas para os mais novos. Como uma verdadeira kunha karai. Tinha o dever de ensinar e guiar as meninas mais novas a seguir a verdadeira tradição guarani, o verdadeiro Nhanderekó. Tive orgulho de conhecer e conviver com Poty Djá na aldeia. Fez a passagem desse mundo para a terra sem males, mas deixou muitas sementes cultivando aqui nessa terra. E agora está lá em cima cuidando de nós ao lado de Nhanderu e Nhandetchy (TIMÓTEO ARA'I, 2020, p. 50 - 51).

Figura 89 - Alcindo (Wherá Tupã) e Dona Rosa (Poty Dja)



Fonte: *Facebook* Escola Indígena Wherá Tupã Poty Dja (2022).

Voltando aos escudos. O escudo da equipe Kunhangue Itaty, chama muita atenção por ser uma espécie de grafismo tradicional Mbya Guarani. Esse padrão é conhecido como "as quatro direções" (**Figura 90**).

Na cosmologia Mbya Guarani, cada um dos pontos cardeais é a morada de uma divindade. Segundo Ismael de Souza (2020) Nhanderu Tenonde, divindade central, criador e centro da vida é conhecido como Norte; Nhamandu, divindade que representa o sol, a luz e a vida, é conhecido como Leste; Tupã, deus do trovão e criador dos deuses é conhecido como Oeste; e Jakaira, deus da generosidade, felicidade e destruição, é conhecido como Sul.

Figura 90 - Escudo da equipe Kunhangue Itaty



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

Ainda segundo Ismael de Souza (2020), cada uma dessas direções têm significados diferentes no caminhar Guarani. O norte é o caminho da sabedoria, o Leste é caminho da paz e conexão, também é a direção da consagração do *petyngua* (cachimbo) e da *opy* (casa de reza). O Oeste é o caminho dos guerreiros, da força e ao encontro do medo. E o Sul é o caminho da fé, alegria, purificação e do despertar da criança interior.

Em minha opinião, um dos mais interessantes escudos da Liga é o da equipe Mymba Roka masculina. Isso porque traz três elementos importantes da cultura Guarani: *mbaraka mirim*, *petyngua* e o *avaxi* (**Figura 91**).

Figura 91 - Escudo da equipe Mymba Roka F.C. masculino



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

O *mbaraka mirim* é um chocalho feito com cabeça de porongo e sementes. "Segundo o *xeramõi* Timóteo de Oliveira Karai Mirim, o *mbaraka* não é dos Guarani Mbya: ele lhes foi emprestado pelos *Xiripa*, outro subgrupo dentro do grupo Guarani. Os Guarani

Mbya pegaram o *mbaraka mirim* para ajudar com o ritmo do *xondaro*" (DARELLA et al., 2018, p. 104). Hoje podemos dizer que o *mbaraka mirim* faz parte da cultura Mbya Guarani sendo utilizado inclusive em cerimônias na *Opy*, casa de reza.

O *petyngua* é o cachimbo tradicional Guarani. Seu nome é formado pela junção das palavras *Pety* = fumo, mais o sufixo *Gua* = lugar, local. O *petyngua* e sua fumaça apresentam diversos significados relacionados à espiritualidade Mbya Guarani que vão desde o contato com *Nhanderu* e outras divindades (DARELLA et al., 2018), até a cura física e espiritual. Sobre o contato com as divindades, inclusive em busca de conhecimento, encontramos relatos como:

> Quando a gente entrava na casa de reza e dançavamos, aqueles que iam fumar anunciavam a sua intenção aos *Karai* e *kunha Karai*. 'Eu sou um simples ser humano, imperfeito. Mesmo assim, vou fazer circular a fumaça do meu cachimbo aqui na *opy*, para que Nhanderu possa ver' (apud DARELLA et al., 2018, p. 41)
>
> No *Petynguá* utilizamos fumos de corda que produz o TATAXINA (fumaça Sagrada). Ela é a manifestação da divindade através do Karaí. Possibilita, por meio da concentração, a conexão com o Divino, a nós e seres imperfeitos (SILVA, 2015, p. 13)
>
> há ainda entre vocês aqueles que assim se conduzem, há ainda aqueles que, ao fumarem os seus cachimbos, fazem perguntas para *Jakaira*. Esses estão querendo saber coisas sobre cada pessoa que está aqui na Terra, esses são os que entram na casa de reza (apud DARELLA et al., 2018, p. 48)
>
> todo mundo pode entender as coisas, mesmo não sendo *Karai*. É preciso ir na *opy*, fumar e contar as coisas para *Nhanderu*." (apud DARELLA et al., 2018, p. 56)

O *petyngua* e sua fumaça também são vistos espiritualmente como instrumentos de proteção:

> Quando está anoitecendo, os xondaro pegam os seus *petyngua*, os seus cachimbos, e espalham a fumaça no pátio da casa de reza, ao redor dela, enquanto os *Karai* e as *kunha Karai* fumam dentro. Quando está anoitecendo, os *xondaro* levantam e fumam em volta da casa de reza para afastarem tudo aquilo que é ruim que fica em volta da gente. Quando se fala do *xondaro*, está se falando daqueles que fumam ao redor da casa de reza. Eles fazem o som com o *popygua*, que são aquelas varinhas de madeira dos *Yvyraija*, os líderes espirituais, para afastarem os inúmeros seres negativos que caminham na Terra e se espalham ao redor da aldeia. A função do xondaro é se concentrar para poder afastar aquilo que é negativo. Na casa de reza, aqueles que fumam, que conseguem se concentrar com força, prestando atenção, também são chamados de *xondaro* e *xondaria*. (DARELLA et al., 2018, p. 42)

Além do batismo das crianças, na cultura e espiritualidade Mbya Guarani acontece também o batismo de alguns alimentos como uma forma de agradecimento e em

alguns casos de fortalecimento das sementes para o próximo plantio. Nessas cerimônias o *petyngua* também se faz presente:

> Colhemos a banana do *guembé* ou cipó *imbé*, uma planta muito importante. Levamos esse fruto para o *opy*, pois ia acontecer o *nhemongaraí* do *guembé*. É o batismo, a consagração, como também acontece com a erva mate, o milho e outras sementes. Os frutos foram consagrados e para isso a fumaça é fundamental. Então fumamos o *petyngua* (DARELLA et al., 2018, p. 136).

A respeito do fumar enquanto cerimônia de cura, encontramos relatos como: "Aqueles que fumam na casa de reza cuidam da saúde das pessoas da comunidade e, ao mesmo tempo, fortalecem as lideranças, pois eles falam para *Nhanderu* sobretudo o que seus parentes estão precisando" (DARELLA, 2018, p. 50); "Vimos o bom trabalho, o belo fazer, dos ivyraija, dos Karai, aqueles que espalham a fumaça do cachimbo para curar os doentes" (DARELLA, 2018 p. 49) ou

> Quando a pessoa precisa, quando sente uma dor, ele vai ver o Karai que tira do corpo dessa pessoa aquilo que o está incomodando, como pequenas pedrinhas. Ele tira com o petỹgua (cachimbo) (Xeremõi Augusto da Silva - Karai Tataendy, apud
>
> Estou falando para aqueles que têm filhos ou filhas. Quando eles passarem mal, vocês têm que levá-los até o *xeramõi* e falar assim: "Eu trouxe aqui o meu filho para você curar." Não precisa ser sempre um Karai, um *ivyraija* ou alguém da *opy*, pois se eles não estiverem, vocês podem procurar alguma outra pessoa e ela pode ajudar se vocês confiarem nela. Ela vai fumar e pode ajudar vocês. Se a gente confiar na pessoa, ela pode tirar a doença, porque não é dela que vem a força. Não é o corpo dela que vai fazer isso. Quando a força vem lá de cima, mesmo que a gente nem conheça a pessoa, ela vai nos ajudar, vai nos fazer levantar. O jovem que está começando agora pode até fazer uma pessoa que está à beira da morte se levantar, porque é *Nhanderu* que está orientando-o (apud DARELLA et al., 2018, p. 50).

Diante de tantos usos importantes na espiritualidade Mbya Guarani, o *petyngua* é muito respeitado por todos. Segundo relatos organizados por Darella et al. (2018, p. 56) "a criança não pode fazer barulho nem gritar quando os mais velhos estão fumando".

O *avaxi*, ou os *avaxi kuery*, são milhos tradicionais Guarani cultivados a centenas de anos. Segundo o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos (2020, p. 48), o *avaxi* é a planta base de tudo, "consagra a terra e gera energia para fortalecer a biodiversidade", além de fundamental na alimentação e na preparação de pratos tradicionais como o *mbojape (*espécie de pão milho de assado na brasa), *mbyta,* (bolo de milho-cozido em folha de bananeira)*, avaxi ku'i* (farinha de milho)*, kaguijy,* (bebida de milho fermentada) e *rorá* (espécie de cuscuz) (DARELLA et al., 2018).

Os Guarani chamam seu milho de *axavi ete* ou *avaxi ete'i*, ou seja, milho verdadeiro. E, eles têm toda a razão com essa nomenclatura se considerarmos que o milho que nós, *juruá kuery* (não-indígenas), consumimos hoje, amplamente cultivados em sistemas de monocultivo, não se trata de uma semente verdadeira, mas sim uma semente modificada geneticamente em laboratórios mediante transgenia. Essa modificação genética do milho, além de esterilizar as sementes, impedindo o replantio e tornando o agricultor refém das grandes empresas e do modo de produção capitalista, ainda ajuda a sepultar a diversidade de sementes e variedades de milhos. Qual de nós, crescidos na cidade, teve a oportunidade de comer um milho vermelho, preto ou colorido? Os Guarani, por outro lado, afirmam:

> Conhecemos muitas variedades de milho, o milho das crianças, variedade que cresce em 60 dias, fica baixinha e pode ser colhida pelas crianças. ***Avaxi*** da canjica, espiga fina que rende muito e com a qual fazemos bolos e doces. Taqua, o mais alto, utilizado para fazer paçoca, farinha seca e flocos de milho, entre outras variedades com suas distintas cores e sabores (MORRO DOS CAVALOS, 2020, p. 48 - 49).

O *Avaxi* tem uma importância e um significado tão grande para o *nhandereko* (modo de vida) Guarani, sendo rezado e batizado em cerimônias dentro da *Opy* antes de ser consumido e cultivado:

> A semente do milho é rezada no ***Nhemongarai*** (batizado), e no dia seguinte é semeada, fortalecendo todas as sementes dentro da TI (Terra Indígena). Em nossa sabedoria, se o ritual é feito sempre cultivando a diversidade do milho, teremos alimento para todas as nações do mundo (MORRO DOS CAVALOS, 2020, p. 48).

> É só Tupã mesmo que, até hoje, dá o avaxi. É ele que sempre cuida. Nhanderu Tupã rega, molha a terra pra não ficar muito seca. Mas nós também temos que saber cuidar. Por isso, nós temos que batizar primeiro para poder plantar. Temos que fazer sempre o Nhemongarai. Assim que o meu irmão faz lá. Por isso, os milhos lá são bonitos (Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy apud RAMO Y AFFONSO (Org.), 2015, p. 25).

O *Nhemongarai* do *avaxi ete* (batizado do milho verdadeiro), além de preparar as sementes para a alimentação e um novo ciclo de plantio, também está relacionado com o batismo das crianças que recebem seus nomes espirituais nessas cerimônias:

> Tendo esse milho, antes de colher, ele reforça a saúde das crianças e também dos adultos. Os nossos *nhe'ẽ* ficam mais fortalecidos. Para isso, Tupã mandou o *avaxi* (milho) pra nós. Quando colhemos esse milho (em dezembro), as crianças que nasceram, mas ainda não têm nome na Terra, são batizadas através desse milho. Cada um põe um pouco de sementes, em um poronguinho, para cada criança; o *Karai* batiza isso e, depois, batiza todas as crianças. A gente já vem com o nome de

> lá dos *amba* dos *Nhanderu*, mas, aqui na Terra, ninguém sabe ainda. Batiza o milho que está na mão da criança e de todo mundo. Então, eles mesmos, os *nhe'ẽ*, se apresentam. Eles contam: "eu vim de tal lugar, de tal parte, e meu nome é assim". E o *Karai* conta o nome no outro dia de manhã (Xeramõi Augusto da Silva – Karai Tataendy, apud RAMO Y AFFONSO (Org.), 2015 p. 25 - 26).
>
> Se houver alguém que pode mostrar o nome em uma aldeia, então, temos que levar todas as crianças que não têm nome, sentarmos na *Opy*, para ouvirmos o nome de nosso filho, e chamá-lo pelo seu nome verdadeiro. Quando é assim, se abre o caminho e se vê quanto tempo vai levar para receber o nome. Aí, o *Karai* (líder espiritual) vai falar: "agora está quase chegando o dia para fazer o Nhemongarai". Para dar o nome precisa ter *mbojapei* (pão de milho). Quando o *avaxi* (milho guarani) começa a florescer, então, já é para dar o nome (Xeramõi Aristides da Silva – Karai, apud RAMO Y AFFONSO (Org.), 2015 p. 27).

O *Avaxi ete* é considerada a principal semente Guarani e portadora de tanta importância e significado muito em função da cosmovisão Guarani. Acredita-se que essa semente foi criada pelo filho de *Nhanderu Tupã* para manter o *Nhe'ẽ* (espírito) aqui na terra. *Nhanderu Tupã* ainda tem papel importante na manutenção das roças:

> Assim que *Nhanderu Tupã* teve o filho aqui na Terra, ele já criou *avaxi etei* (milho verdadeiro). *Nhanderu Tupã* é o dono do milho, por isso que, se você não batizar as sementes antes de plantar, como faz o jurua, o *avaxi etei* pode desaparecer; pode crescer, mas sem as espigas. [...] O *avaxi* é para o *nhe'ẽ* ficar na Terra. Foi pra isso que *Nhanderu* criou o *avaxi*. Hoje em dia, mesmo quando fazemos alguma coisa errada, o *nhe'ẽ* não nos deixa. Eles ficam porque ainda existe o *avaxi*, *nhe'ẽ* fica através do *avaxi*. Por isso que, hoje em dia, mesmo que seja pouquinho, você tem que plantar o milho. Mesmo um pouquinho, tem que plantar (Xeramõi Augustinho da Silva – Karai Tataendy Oka, apud RAMO Y AFFONSO (Org.), 2015 p. 25).

Poderíamos ficar por dezenas, e mais dezenas de páginas desvendando e descrevendo cada simbologia, cada grafismo, cada significado dos nomes das equipes que participam ou já participaram, da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina[61]. No entanto, neste momento, gostaria de destacar apenas mais duas equipes: *Aguatá*, do *tekoa* Tarumã e *Kunha Guata Porã* do Tekoa Porã (**Figura 92 e 93**).

Apesar de conterem vários elementos simbólicos para cultura Guarani, destaco essas equipes menos pelos escudos, e mais pelos seus nomes. *Aguatá*, pode ser traduzido como "eu caminho" e *Kunha Guata Porã* como "belo caminhar feminino". Ambas equipes, portanto, demonstram como o caminhar (*guatá*) é um elemento importante na cultura e cosmovisão Guarani. Essa questão do caminhar, da mobilidade, da fluidez e assim por diante, está diretamente relacionada com a hipótese central deste trabalho. Tais elementos, inclusive, já foram citados no capítulo 3.2, e será novamente levantado no subcapítulo seguinte (5.4).

[61] O que de fato pretendo fazer em momentos futuros.

Figura 92 e 93 - Escudos das equipes Aguatá e Kunha Guata Porã, ambas femininas



Fonte: *Facebook* Liga Mbya Guarani de SC (2023).

5.4 Djaguatá, nhemboaty ha'e vy'a: mobilidade, encontros e alegria

No subcapítulo em que abordamos o mapeamento e o histórico da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, fiz questão de levantar e descrever o *tekoa* (aldeia) que sediou cada uma das rodadas da Liga. Em sua página no *Facebook*, a organização da Liga (2022) aponta que "tem como objetivo fazer os rodízios dos jogos nas aldeias para promover o bom relacionamento entre as aldeias". Na mesma publicação, a organização da Liga agradece a cacica Andreia Moreira do *tekoa* Tarumã, por aceitar sediar "e receber todas as equipes das aldeias do litoral sul e norte" (de Santa Catarina), para a abertura da 3ª edição.

O ato de visitar e receber visitas, em uma espécie de reciprocidade, é muito valorizado na cultura Mbya Guarani. Com base em Assis (2006), Quezada (2007, p. 88) aponta:

> familiares Mbyá se mantém em constante relacionamento com outros grupos (e com os próprios parentes) noutras aldeias, que por sua vez, são a residência de membros reconhecidos dentro de seu grupo parental, conformando uma "rede local". Isto permite a visitação ou *po'u*[62] que além de ser a principal via para a efetivação da economia de reciprocidade, é um mecanismo político, pois quanto mais são os hóspedes recebidos maior é o prestígio representado por uma liderança na aldeia receptora; entre mais itens sejam trocados e mais oferecimento de boa estadia (oferecimento inicial de beber *ka'a* – chimarrão-, comida, fumar o *petygua*, etc.) maior é o êxito da visita (Ibid, 67). Assis também observou que as festas (...) e os jogos de futebol, estruturam uma série de deslocamentos massivos, onde o convite a uma aldeia tem como finalidade a obtenção de prestígio do cacique.

[62] *Po'u* = Visitação (ASSIS, 2006).

Segundo Jekupé Mawe, a organização da Liga tenta balancear as rodadas nos diferentes *tekoa kuery* (aldeias), também em função de um equilíbrio de gastos de deslocamento entre as equipes e dos torcedores que acompanham o evento. Cada *tekoa* (aldeia) se organiza para realizar as viagens e deslocamentos, até o *tekoa* que receberá a rodada do campeonato.

Jekupé Mawe aponta que a princípio, na primeira edição da Liga, era comum que apenas os jogadores fossem aos jogos, geralmente em carros particulares, mas com o sucesso do campeonato, as comunidades começaram a se mobilizar para participar, assistir e torcer pelas suas equipes, além de muitos, irem motivados em rever parentes, amigos, fazer churrasco, ou participar de festas depois dos jogos:

> Gabriel: Eu tinha perguntado sobre as rivalidades. E pelo contrário, as festas, os encontros…
>
> Jekupé: Então, é muito bom… A gente tinha até no início um receio de… Na verdade a gente não imaginaria que seria do jeito que tá hoje… Porque antes, normalmente, como eu falei. No início ia só os jogadores. Um carro, umas sete pessoas ali, faziam o jogo e voltavam. Aí a partir da segunda edição, não, o pessoal já começou… Começaram a ver que se a comunidade se mobilizou para ir, né, não era só o time. Aí já havia, por exemplo, as torcidas, já os mais velhos para fazer a torcida ali. Agora na terceira, ai já, já virou time de torcida organizada, então já vai todo mundo, **quando marca a data de algum jogo é feriado… (risos) É feriado nas aldeias, vai todo mundo**. Hoje, por exemplo, muitas pessoas que vão pra esse jogo, que não jogam…. Aproveitam para conversar com os familiares, que não vê há muito tempo, para conversar, para atualizar as coisas, fazer churrasco, essas coisas… Socialização mesmo com todo mundo, que é o objetivo da Liga, então hoje, todo mundo mesmo vai, desde criança até os mais velhos [grifos meus].

De modo similar, Ara Mirim (Eliziane Antunes) afirma que mesmo após a desclassificação de seu time, continua frequentando os jogos motivada nos encontros:

> Gabriel: Vocês já aproveitaram as viagens de algum torneio para encontrar pessoas que nem jogam bola, ou para encontrar um xeramõi, ou algo assim. É comum isso?
>
> Ara Mirim: Uhum. Acho que quem não joga a maioria vai pra isso.
>
> Gabriel: Vai pra isso? Vai mais para encontrar as pessoas?...
>
> Ara Mirim: Eu mesmo, por exemplo, até quando eu saio [eliminação], da Liga, o meu time sai da Liga, continuo indo nos jogos.

Jekupé Mawe chega a apontar que nesses deslocamentos, o pessoal da Terra Indígena Morro dos Cavalos - que envolve três *tekoa kuery* (aldeias): *Itaty, Yakã Porã e Tataendy Rupa*, e é a Terra Indígena mais populosa de Santa Catarina - geralmente vão

participar das rodadas do campeonato com um ônibus alugado, ou pelo menos duas vans, e mais uns 10 carros particulares. Independentemente do *tekoa* que sedia a rodada, diversos carros, vans e até ônibus geralmente compõem a paisagem do entorno.

Na fase de oitavas de final da 4ª edição da Liga, além de participar entrando em campo por alguns minutos pela equipe Tataendy Rupa, como relatei anteriormente, ainda vivenciei essa forma de deslocamento. Saindo em duas vans, às 07:00 horas da manhã da Escola Indígena Itaty, do *tekoa* Itaty, TI Morro dos Cavalos, Palhoça, Santa Catarina (**Figura 94**), em direção ao *tekoa* Yynn Moroti Wherá, no município de Biguaçu. Foi um trajeto relativamente curto, de cerca de 50 quilômetros, que custou de R$ 20,00 por passageiro.

Durante o trajeto, que durou pouco mais de uma hora, apesar das conversas acontecerem predominantemente em língua guarani - e eu ainda pouco entender - era nítido a sensação de entusiasmo, alegria e, ao mesmo tempo ansiedade pelas partidas eliminatórias que aconteceriam naquele dia, incluindo o clássico local entre Itaty e Tataendy Rupa (**Figura 95**).

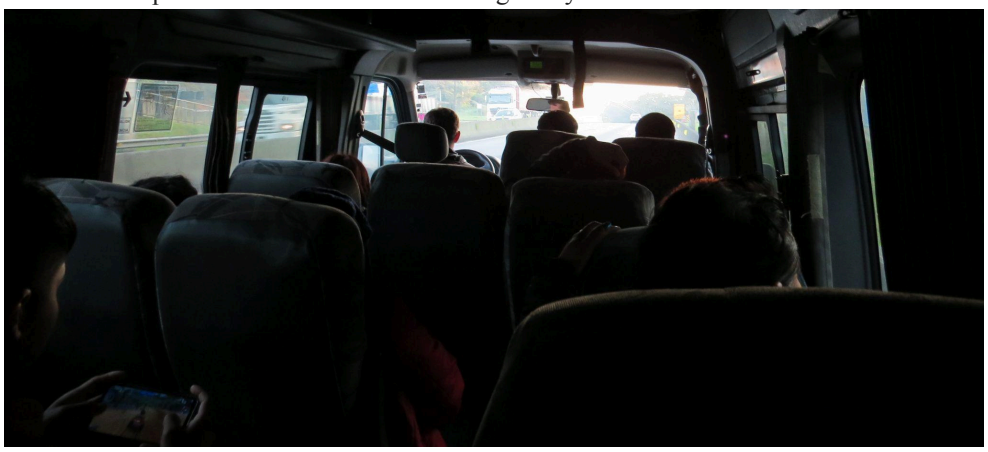
Ao chegar, todos desceram da van e juntos caminharam avançando a porteira com a placa de "Terra Protegida". Um lugar lindo, de frente para a praia e com a estrada rodeada de mata nativa (**Figura 96**). Virando à direita na trilha, a mata se abria quase que totalmente e o campo de futebol se destacava na paisagem. Ao chegarmos, já havia algumas pessoas se instalando, procurando os melhores lugares para se acomodarem durante todo aquele dia. E assim, mais e mais grupos foram chegando e se acomodando, sobretudo, nas sombras das árvores para fazerem piqueniques e churrascos, praticando o bem viver entre amigos e parentes.

Figura 94 - Saída de caravana do *tekoa* Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos, rumo ao *tekoa* Yynn Moroti Whera, para acompanhar as oitavas de finais da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina -



Fonte: o autor (2023).

Figura 95 - Caravana do *tekoa* Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos, rumo ao *tekoa* Yynn Moroti Whera, para acompanhar as oitavas de finais da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina -



Fonte: o autor (2023).

Figura 96 - Chegada ao *tekoa* Yynn Moroti Whera, para acompanhar as oitavas de finais da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2023).

A prática do churrasco, relatada por Jekupé e muito presente em todos os jogos da Liga, tem um fator interessante. Pissolato (2018, p.) aponta que o alimentar (*omungaru*), "é uma prática central de "alegrar" quem se quer aparentar". Isso porque, segundo a autora, há uma espécie de "comensalidade", na qual o dar de comer, o aceitar a alimentação, e o comer junto, seriam práticas fundamentais para criação de vínculos e de parentesco. Em outras palavras, as pessoas se tornam parentes a partir da prática de compartilharem alimentos, comerem juntas e se alegrarem.

A alegria (*vy'a*) e o humor também são elementos fundamentais nas relações de amizade e parentesco. Em Heurich (2011) e Santos (2021) encontramos a "comensalidade do riso", na qual o rir junto é marca da aproximação e produção do parentesco. "Alguém é - torna-se - parente porque faço piada com ele e não o inverso (HEURICH, 2011, p. 75). O

humor, a piada, o riso, a todo tempo está presente nos jogos da Liga. Ri-se dos adversários de jogo, do próprio time e de si, proporcionando interações de bem viver.

Mas o bem viver e a integração não é praticado somente ao redor do campo. Durante uma das partidas da mesma rodada, saí um pouco dos arredores do gramado e fui dar uma olhada na praia. Confesso que naquele momento, não tinha quaisquer pretensões científicas, e se quer havia levado a câmera. No entanto, fui surpreendido por belas cenas de *kyringue kuery* (crianças) brincando e se divertindo (**Figuras 97 e 98**). Voltei correndo para dentro da *tekoa* para buscar a câmera e registrar o momento, afinal esse momento, era mais uma prova da integração e bem viver que os encontros da Liga proporcionam para além do futebol.

Figura 97 - Crianças brincando na praia em frente ao *tekoa* Yynn Moroti Whera, Biguaçu.



Fonte: o autor (2023).

Figura 98 - Crianças brincando na praia em frente ao *tekoa* Yynn Moroti Whera, Biguaçu.



Fonte: o autor (2023).

Após o fim de todos os jogos, por volta das 18:00 horas, as pessoas começaram a se retirar. A estreita rua entre *tekoa* e praia, estava tomada por pelo menos 6 vans que esperavam as comunidades se organizarem para retornar aos seus *tekoa kuery* (**Figura 99**). Um misto de sentimentos rondava entre a decepção dos eliminados e a felicidade dos classificados. Na volta, já a noite, a van em que eu estava, parou em um restaurante/lanchonete de um posto de gasolina para todos lancharem antes de retornar ao *tekoa*. Por fim, já de noite, chegamos novamente à Escola Indígena Itaty, onde se encerrava mais uma rodada da Liga.

Figura 99 - Vans estacionadas em frente ao *tekoa* Yynn Moroti Whera, após a rodada da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2023).

É importante citar que esses encontros, além de encontros geográficos, são também encontros geracionais, onde crianças, jovens, adultos e anciões interagem de forma leve e descontraída. Jekupé Mawe, destaca a participação dos *xeremõi* (anciões, avô) nos jogos. Para ele, ver os "velinhos" nos jogos é algo muito legal, pois passa confiança à organização do campeonato e as lideranças que recebem os jogos em seus *tekoa kuery* (aldeias). Além de permitir brincar e interagir com eles fora do ambiente sério da *Opy* (casa de reza), por exemplo, onde geralmente são muito cobrados. Nos jogos, ao contrário, são eles que cobram os mais novos.

> Jekupé: Você vai perceber agora na final, quem mais torce são os velhinhos. Os velhinhos ficam lá no canto, correndo, xingando os jogadores deles e é muito bom ver eles né, empolgados ali né… e da própria confiança com a organização, por exemplo. Ver eles assim… Eles têm uma confiança e isso é bom né? Talvez se não

fosse eles não estariam participando nesse momento. É muito bom ver o retorno, de ver eles.

(...)

Gabriel: Além das festas, vocês já aproveitam que a galera está reunida e fizeram algum tipo de cerimônia religiosa?

Jekupé: Não. É só futebol mesmo. É exclusivamente para futebol. Não tem nenhuma questão de cerimônia. Até isso, por exemplo, dos mais velhos, dos *xeramõis* (...) Até isso, por exemplo, a gente tem esse outro lado deles de diversão. A gente vê muito, por exemplo, a questão da *Opy*, o pessoal sério ali… O pessoal que está ali direto… A gente tem também esse outro tratamento, por exemplo, por questão de respeito ali [na Opy (casa de reza)], que, por exemplo, se fosse fora disso (do futebol), não poderia estar brincando com eles. Então ali é um momento também que o pessoal sente a vontade pra essa troca de brincadeira mesmo, saudável. Então… é até bom pra eles também, acho que pra todo mundo, sair desse lugar deles… onde é sempre cobrado pelas coisas.

Gabriel: Aí eles que cobram no campo? (risos).

Jekupé: É, aí eles que cobram! (risos).

De modo geral, na cultura Guarani, os mais velhos são muito respeitados (**Figuras 100 e 101**), afinal, eles são bibliotecas vivas, portadores de muito conhecimento e sabedoria. Esse respeito e esse carinho é demonstrado, por exemplo, no emprego das palavras *xeremõi* e *xejaryi*, que em uma tradução literal seria algo como "meu avô" e "minha avó". Dentro da comunidade guarani, todos os mais velhos são considerados *xeremõi* e *xejaryi*.

Figura 100 - *Xeramõi* (ancião) chegando ao *tekoa* Yynn Moroti Whera para acompanhar a rodada da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.



Fonte: o autor (2023).

Figura 101 - *Xeramõi* Dario Tupã acompanhando a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, *tekoa* Yynn Moroti Whera, Biguaçu.



Fonte: o autor (2023).

De modo parecido, o professor Kennedy Karai, em uma roda de conversa na Semana Cultural da Escola Itaty de 2023, apontou que na comunidade Guarani, todas as crianças são consideradas *nhande ray kuery*, isto é, "nossos filhos". Ou seja, toda a comunidade é responsável pelo cuidado e educação das crianças, não apenas os seus pais biológicos. Isso permite, por exemplo, que as crianças brinquem e explorem mais livremente os espaços sem que os pais biológicos necessariamente fiquem por perto por todo o tempo, afinal, se houver um adulto próximo, este será responsável pelo cuidado das crianças.

Durante os jogos é nítida a liberdade e a diversão das crianças, que mesmo de diferentes *tekoa kuery* (aldeias) interagem, brincam e se divertem entre si, geralmente também jogando futebol nas margens dos campos ou no próprio campo durante os poucos minutos de intervalo, ou entre o fim de uma partida e o início de outra (**Figuras 102 e 103**). Há ainda aquelas crianças mais velhas, quase adultas ou mesmo jovens adultos, que preferem ficar próximos à equipe, acompanhando os jogos e sonhando em entrar em campo pela Liga.

Figura 102 - Crianças brincando durante intervalos da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2022).

Figura 103 - Crianças brincando durante intervalos da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina



Fonte: o autor (2022).

Não poderíamos deixar de destacar os jovens e adultos, afinal, aparentemente são eles os principais entusiastas das festas que acontecem muitas vezes depois dos jogos. A respeito destas festas, tive a oportunidade de participar de uma, logo após a final e da cerimônia de premiação da 3ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, realizada no salão do Centro de Formação Tataendy Rupa, da TI Morro dos Cavalos, Palhoça, Santa Catarina.

Recebi o convite para participar de alguns amigos da TI Morro dos Cavalos e confesso que a princípio fiquei um pouco receoso, afinal, em conversas prévias, Jekupé Mawe já havia me informado que não era comum *juruás* (não-indígenas) participarem destas festas e confraternizações. Mas, após confirmar com Jekupé Mawe se poderia ficar, acabei participando e conhecendo um pouco mais do extra-campo proporcionado pela Liga (**Figura 104**).

Figura 104 - Festa de encerramento da 3ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina - Centro de Formação Tataendy Rupa, Terra Indígena Morro dos Cavalos, 2022.



Fonte: o autor (2022).

Mesmo sendo talvez o único *juruá* (não-indígena) da festa, me senti muito bem recebido e acolhido, tanto pelas pessoas que já me conheciam da TI Morro dos Cavalos, inclusive a então cacica Kerexu Yxapyry, quanto por outras pessoas de outros *tekoa kuery* (aldeias), que puxaram conversa, ofereceram bebida, e até me chamaram para dançar em alguns momentos.

A festa é tocada ao som predominante do forró. Jovens e adultos dançam, conversam, dão risada e paqueram como em qualquer festa *juruá* (não-indígena). Trata-se realmente de um dos principais momentos de descontração e integração. Nesta festa, jovens do *tekoa* Amaral, do município de Biguaçu, foram convidados para comandar a música ao vivo e animar a festa. Mas segundo Jekupé Mawe, em alguns casos, basta uma caixinha de som e um *pendrive* para que a festa e integração aconteçam da mesma forma. Ara Mim (Eliziane Antunes) contou que mesmo a princípio não jogando futebol, sempre participou das festas:

> Gabriel: Vocês [mulheres] sempre participaram das festas também que tinha depois dos jogos?
>
> Ara Mirim: Da final? Eu sim. (risos)
>
> Gabriel: Mas é um hábito, assim, das meninas sempre participarem? Isso na liga, né? Isso na festa da liga?
>
> Ara Mirim: uhum
>
> Gabriel: E antes da liga, quando tinha aqueles torneios menores, era comum participar ou não? Era coisa só de homem?
>
> Ara Mirim: Todo mundo participava.

> Gabriel: Era uma festa de várias aldeias mesmo, assim? Não só de quem jogava bola…
>
> Ara Mirim: Uhum. Da festa, tipo, todo mundo participava.

Segundo Quezada (2007, p. 132):

> Por sua parte, mais que um esporte e uma diversão para os Mbyá, o futebol é um motivo para organizar visitas ás aldeias, efetivando a mobilidade e a circularidade no território, assim como dos objetivos acima apontados. A projeção de algum campeonato, conseguir um ônibus e a visitação a uma aldeia, tendo como objetivo o jogo, concretiza uma série de práticas culturais, como o intercâmbio de mercadorias, o arranjo de matrimônios e a obtenção de prestígio, entre outros aspectos. Na prática, o futebol e as festas são indissociáveis, mas tendo este esporte uma fundamentação mitológica[63].

A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, e tudo que ela envolve, vem cumprindo com o seu objetivo principal descrito em seu regulamento e site oficial, isto é "promover o bom relacionamento entre as aldeias, os atletas e população em geral, proporcionando uma forma de lazer aos desportistas e oportunizar a formação do cidadão na sociedade" (LIGA MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA, 2022) (**Figura 105**). Além disso, a partir do caminhar (guatá), da circulação de terras, do encontro (*nheamboaty*) conexão de *tekoa kuery* (aldeias) e pessoas, mantém a territorialidade viva, em constante movimento.

Figura 105 - Placa de "Permito torcer, rir, festejar, respeitar", *tekoa* Marangatu, Imaruí-SC.



Fonte: Jekupé Mawe (2021). Disponível em: *Facebook* Liga Mbya Guarani de Santa Catarina (2021).

[63] Eu diria cosmológica. Essa questão foi trabalhada no capítulo 4.

A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina - além de outros campeonatos e torneios de futebol Guarani - trazem o *vy'a*, isto é, a alegria, e a alegria, segundo Pissolato (2018), pode ser considerada uma das molas propulsoras da movimentação Mbya Guarani pelo seu território. Ou seja, a mobilidade e a visita podem trazer a alegria, e a alegria impulsiona a movimentação e novas visitas.

Assim, o território, muitas vezes visto como fragmentado pela visão ocidental/colonial, se conecta e se torna um. Nas palavras de Ladeira (2001, p.): "o território Guarani enquanto um espaço de uso e construção, não é fragmentado porque suas aldeias não sobrevivem isoladas umas das outras".

Neste sentido, com base em Ladeira (2001), Marcos Tupã (2018) e Pierri (2018), entre outros autores, poderíamos dizer que a demarcação das terras indígenas Guarani, é fundamental não para restringir a mobilidade, a plasticidade e a circulação, mas pelo contrário, garanti-la pelo amplo território, *Yvy Rupa*, seja essa movimentação para os mais diversos fins, incluindo o encontrar parentes e amigos, e alegrar-se com eles na reciprocidade, na dança, na reza, no batismo (*nhemongarai*), na comensalidade, no humor, no riso e no futebol. Independente de qual fator impulsione o caminhar, o importante é que ele aconteça conectando pessoas e o próprio território.

"Cultura não se resgata, cultura se aprende"

Karai Tataendy (Adão Antunes)[64]

[64] Apud Conexão Itaty (2024).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura - Criança observando mapa da 4ª edição da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.



Fonte: o autor (2023).

Diante do até aqui exposto, retomo a hipótese central da pesquisa: teria o futebol - enquanto atividade cultural e possivelmente ancestral na *teko* (cultura) Guarani, desde seu período pré-colonial, até sua organização e prática contemporânea via ligas e campeonatos Guarani, como a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina - contribuído para a manutenção da *guatá* (caminhar Guarani), e da constante construção de uma rede de relações e de intercâmbio cultural que a partir da mobilidade e fluidez formam a própria concepção de território Guarani (*Yvy Rupa*)? Responderemos estas questões por meio de cada um dos objetivos.

O primeiro objetivo, portanto, foi o de sintetizar informações históricas a respeito do *Manga Ñembosarái* (jogo de bola) Guarani, para compreender a relação cultural e, possivelmente, ancestral dos Guarani com o futebol.

Através do levantamento e revisão bibliográfica e documental, que incluiu livros históricos, trabalhos acadêmicos, vídeo-documentários, periódicos e artigos digitais, além das conversas que realizei com a comunidade Guarani em momentos de campo, é possível afirmar que o povo Guarani, antes da invasão europeia, já praticavam o "futebol", ou ao menos, um jogo de bola jogado exclusivamente com pés, singularmente similar ao futebol moderno inglês, e que possivelmente influenciou este último. Sendo assim, podemos considerar o futebol um patrimônio cultural imaterial e ancestral dos povos Guarani, estando relacionado inclusive com a cosmovisão dos mesmos segundo alguns relatos.

Os Guarani inventaram o futebol, como afirma Meliá (1999 apud ROMANATTO, 2010), Romanatto (2010) e Ybañez (2014), entre outros? Esta é uma pergunta difícil de responder, afinal, há de considerar que outros elementos (sobretudo as traves ou balizas) foram incrementados ao esporte tradicional Guarani para chegar ao futebol moderno que conhecemos e praticamos hoje. Essa questão dependerá muito do que entendemos como "futebol". Portanto, ainda há espaço para mais pesquisas e contribuições sobre o assunto.

No momento, no mínimo há de se creditar aos Guarani ao menos parte desta "invenção". Há de se considerar que tais textos jesuítas chegaram à Europa antes do futebol moderno inglês ser oficialmente regulamentado, sem dizer que, é perfeitamente possível que vários outros missionários, apesar de não terem deixado relatos escritos sobre o esporte, tenha-o visto, jogado, aprendido, e relatado oralmente, ou até mesmo jogado na volta a Europa. É perfeitamente possível supormos isto, uma vez que, as práticas esportivas ou recreativas não eram o foco dos relatos de missões naquele momento, portanto, não precisam

de fato serem relatadas. Se na própria etnografia/antropologia clássica elementos esportivos foram negligenciados, o que imaginar de relatos de cunho religioso.

O segundo objetivo deste trabalho foi analisar a Liga de Futebol Mbya Guarani de Santa Catarina do ponto de vista de sua distribuição espacial e mapeá-la, a fim de compreender seu papel no caminhar e nos intercâmbios culturais Guarani que formam a própria concepção de *Yvy Rupa*, território guarani.

Essa análise foi realizada através, tanto do levantamento bibliográfico, bem como dos trabalhos de campo que incluem observação participante com conversas e entrevistas. Mapas foram produzidos identificando as equipes e os *tekoa kuery* (lugares de morar, aldeias) participantes de todas as 4 edições da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina até o momento. A partir destes mapas, a visualização da rede/teia (*kya*) de contatos e intercâmbios culturais é mais facilmente visualizada. Cada *tekoa* que aceita sediar uma determinada rodada da Liga, assume a função de nó, que "amarra" e interliga culturalmente esse pedaço da *Yvy Rupa*, Território Guarani através da mobilidade (*guatá*) e encontro (*nheamboaty*) das demais pessoas participantes.

No momento, a questão carece de novas pesquisas identificando outras possíveis redes (*kya kuery*) de contatos regionais proporcionadas ou facilitadas por outros campeonatos de futebol, como, por exemplo, os campeonatos Guarani do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros. Se confirmadas essas novas redes, além de uma possível sobreposição das mesmas, será possível afirmar uma conexão maior e mais intensa formada pela sobreposição e interligação redes/teias regionais. Essa é uma questão que buscarei trabalhar nos próximos trabalhos.

O terceiro objetivo foi o de identificar elementos culturais do *Nhandereko* (modo de vida guarani) presentes ou que se relacionem com o futebol guarani e com a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, a fim de discuti-los no contexto das práticas esportivas, desde os escudos das equipes até mesmo as atividades extra campo que envolvem o campeonato.

Esse objetivo se cumpriu mediante levantamento bibliográficos, observação participante e conversas. Entretanto, seria impossível descrever todos os grafismos, todas as simbologias e todos os seus significados neste trabalho. A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, de fato, está repleta de sabedoria e elementos culturais, desde a prática do futebol, o relacionamento nos entorno do campo, até mesmo nos nomes, escudos e uniformes utilizados pelas equipes de futebol.

O quarto e último objetivo proposto foi examinar a Liga de Futebol Mbya Guarani de Santa Catarina e sua relação com a comunidade externa, a fim de identificar meios de promover visibilidade à existência, à resistência e à cultura Guarani.

Este objetivo só o tempo poderá concretizar (ou não). Entre as estratégias pensadas estão: apresentações a comunidades Guarani, participação em eventos científicos, exposições de fotografias em museus e casas culturais, palestras e seminários, oficinas, publicação em forma de livro, produção de vídeo-documentário, pedido de reconhecimento do futebol Guarani como patrimônio cultural imaterial junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), entre outras.

Para não concluir, afirmando que este é um trabalho inacabado. Apesar da dedicação sincera e comprometida a ele nos últimos dois anos, entrego-o com a sensação de que deveria ter feito mais: ter lido aquele livro, ter visitado aquele *tekoa*, ter conversado com aquele *xeramõi*, e assim por diante. E este incômodo é a garantia de que ele não termina por aqui. *Aguyjevete*!

Ñande mbaraete´i katu
Pavê´i jupivegua´i
Ñamonhendu´i katu
Mborai javy´a awã
Javy´a awã

Vamos, sim, nos fortalecer
Todos juntos.
Vamos, sim, cantar nossos cantos
E ser felizes.

(Memória Viva Guarani, 2004[65])

[65] Disponível em plataformas como *Spotify* e *YouTube.*

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Fotografia. In: DOURADO NEWS. **Bloqueada, Perimetral vira campo de futebol para crianças indígenas**. 21 de julho de 2014. Disponível em: https://www.douradosnews.com.br/dourados/ainda-bloqueada-perimetral-norte-vira-campo-de-futebol-para-criacas-i/605214/ Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais:** Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. 2. ed. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999.

AMPARO, S. S. Da invisibilidade da questão indígena na geografia: relato de participação no V Simpósio Nacional e I Internacional sobre Espaço e Cultura. In: **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.253-277, dez. 2007.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica:** um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.

ASSIS, V. S. de. D. **Mercadoria e pessoa: as trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani**. Tese. Doutorado em Antropologia Social. UFRGS: Porto Alegre. 2006. 325 p.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS (AAB). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**: contribuição para o estabelecimento de uma terminologia arquivística em língua portuguesa. São Paulo, CENEDEM, 1990.

AVAÑE'E. **Dicionário Guarani - Português** (aplicativo para sistema operacional Android). Disponível em: Play Store. Acesso: 05 de março de 2024.

BBC News Mundo. **Vea partes del documental "Los guaraníes inventaron el fútbol"**. 29 de agosto de 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/video_fotos/2014/08/140828_video_futbol_guarani_wbm Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

BERGAMASCHI, M. A. **Nhembo'e - enquanto o encanto permanece**: processos e práticas de escolarização nas aldeias guarani. 272 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005.

BOND, R. **A saga de Aleixo Garcia**: o descobridor do império Inca. Rio de Janeiro: Coedta. 2004.

BOND, R. **História do caminho de peabiru** – descobertas e degredos da rota indígena que ligava o Atlântico ao Pacífico. Rio de Janeiro: Ed. Aimberê, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. 1988.

BRASIL. **Decreto 1775 de 8 de janeiro de 1996**: Dispõe sobre o procedimento administrativo de demarcação das terras indígenas e dá outras providências. Brasília, DF. 1996.

BRIGHENTI, C. A. **Integração e desintegração**: análise do tratamento dispensado pelo Estado aos povos indígenas - Santa Catarina e Misiones no caso Guarani. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BRIGHENTI, C. A. Povos indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando (org.). **Etnohistória, História Indígena e educação**: contribuição para o debate. Porto Alegre: Palotti, 2012. p. 37-65.

BRIGUENTI, C. A. **Estrangeiros na própria terra**: Presença Guarani e Estados Nacionais. Florianópolis/Chapecó: E. UFSC/Argos, 2010, 282 pp.

CABEZA DE VACA, A. N.. **Naufrágios & comentários**. São Paulo: L&PM, 1999.

CAMBRIA, V. **Etnomusicologia aplicada e pesquisa-ação participativa**: reflexões teóricas iniciais para uma experiência de pesquisa comunitária no Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:
https://docplayer.com.br/9994636-Etnomusicologia-aplicada-e-pesquisa-acao-participativa reflexoes-teoricas-iniciais-para-uma-experiencia-de-pesquisa-comunitaria-no-rio-de janeiro.html Acesso em: 15/ jul./2021

CARVALHO, J. A. **Território e trajetória Krenak –** o olhar geográfico de uma disputa de narrativas**.** Monografia (Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Técnologias - UNESP. Presidente Prudente, p. 101. 2023.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

COLAVITE, A. P.; BARROS, M. V. F. **Geoprocessamento aplicado aos estudos do Caminho do Peabiru**. Revista da ANPEGE, v. 5, p. 86 - 105, 2009. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6590 Acesso: 04 de out. 2023.

COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. B. **A técnica de entrevista na pesquisa social**. Cadernos de sociologia. Porto Alegre. v. 9. p.143-159. 1998.

CONEXÃO ITATY. Página no *Facebook*. Disponível em: https://www.facebook.com/ConexaoItaty Acesso: 29 de jan. 2024

CONEXÃO ITATY. **Construção da Opy Miri**. Blogspot. Disponível em: https://conexaoitaty.blogspot.com/2016/08/construcao-da-opy-miri.html

CONMEBOL. **Guaraníes jugaban al fútbol cuando llegaron los jesuitas en el siglo XVII**. 9 de setembro de 2014. Disponível em: https://www.conmebol.com/sin-categorizar/guaranies-jugaban-al-futbol-cuando-llegaron-los-jesuitas-en-el-siglo-xvii/ Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

CORNELLI. G. **Platão e os Guaranis:** utopias transatlânticas na obra De Administratione guaranica comparata ad Rempublicam Platonis commentarius de José Manuel Peramás. Revista de estudos de cultura. nº 6. p. 125-136. setembro de 2016.

CORRÊA. V. **Caminho do Peabiru**: um resgate cultural para o turismo. Dissertação de

Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Universidade da Região de Joinville, Joenville, 2010.

CORREIA, M. da C. B. A observação participante enquanto técnica de investigação. In: **Pensar Enfermagem** Vol. 13, Nº 2, 2º Semestre de 2009.

CRUZ. D. G. da. **Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná**. Dissertação (mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo. 2008. 171p. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-06082009-155257/publico/tdeCruz.pdf Acesso em: 13 de out. 2023.

CULLIN, S. **Games of the North America Indians**. New York. Dover Publications Inc., 1975.

DARELLA, M. D. P. et. al. (Org). **Tape Mbarete Anhentengua:** Fortalecendo o Caminho Verdadeiro. Florianópolis. 2018. 181p.

DESCOLA, P. **Ecologia e cosmologia.** In: DIEGUES, A. Carlos (Org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: HUCITEC– NUPAUB: USP, 2000.

DIÁRIO DE NAVARRA. **Los guaraníes inventaron el fútbol, según un documental**. Magazine: Sociedad. 03 de agosto de 2014. Disponível em: https://www.diariodenavarra.es/noticias/mas_actualidad/sociedad/2014/08/03/guaranies_inventaron_futbol_segun_documental_169969_1035.html Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

DIEGUES, A. C.. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

DOOLEY, R. A. **LÉXICO GUARANI, DIALETO MBYÁ**. Summer Institute of Linguistics (SIL), 2006. Disponível em: https://www.sil.org/system/files/reapdata/16/91/89/169189115652017518143129200809439098203/GNDicLex.pdf Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

DOOLEY, R. A. **Vocabulário do Guarani**. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1982.

DUNNING, E. Football in Civiling Process. Anais do **V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS , N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa. Difel, 1992.

ESCOBAR, A. **Territorios de diferencia: Lugar, movimentos, vida, redes**. Editorial Universidad del Cauca (UC). 423 p. 2010.

ESPN. **Documentário paraguaio defende que índios Guaranis inventaram o futebol**. 05 de agosto de 2014. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/430273_documentario-paraguaio-defende-que-indios-guarani

s-inventaram-o-futebol Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

EXAME. **Jesuítas dizem que índios guaranis inventaram futebol no século XVII**. Caderno: Ciência. 20 de junho de 2014. Disponível em: https://exame.com/ciencia/jesuitas-dizem-que-indios-guaranis-inventaram-futebol-no-seculo-xvii/ Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

FASSHEBER. J. R. M. **Etno-Desporto Indígena:** A antropologia social e o campo entre os Kaingang. Brasília, DF. 2010.

FERREIRA, A. de O. **Futebol, Tecnologia e Aprendizagem:** Corpo, Performance e Criatividade. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP,). 2010.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Editora: Jorge ZAHAR. 2005.

FUNAI. **Conheça o Rõkrã, esporte tradicional da etnia Kayapó**. Ministério dos Povos Indígenas. Brasil. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/conheca-o-rokra-esporte-tradicional-da-etnia-kayapo Acesso: 21 de ago. de 2023.

G1. **Fogo destrói mais de 500 hectares de vegetação no Parque Estadual Serra do Tabuleiro**. 11 de set. de 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/09/11/prefeitura-decreta-situacao-de-emergencia-em-palhoca-apos-incendio-no-parque-estadual-serra-do-tabuleiro.ghtml Acesso em: 04 de out. de 2023;

GALEANO, E. **El fútbol a sol y sombra**. Editora: Siglo XXI editores. 1995.

GALLOIS, D. T. **Apropriação e gestão de uma terra: a experiência Waiãpi** (Amapá, Brasil). São Paulo: [s.n.], 1997.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GEERTZ, C. **Works and lives:** the anthropologist as author, California, Stanford University Press. 1988.

GIASSI, M. **Almas do Brasil**. Editora: da autora. 2017. 96 p.

HERNANDEZ, P. P. **Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía De Jesús.** Barcelona, Espanha, 1913. Disponível em Internet Archive, 2023: https://archive.org/details/organizacinsocia01hern/page/308/mode/2up?view=theater Acesso 05 de set. de 2023

HERNANDEZ, P. P. **Organización social: doctrinas guaraníes de la compañía de Jesús - Misiones del Paraguay**. Compañía de Jesús. Barcelona, Espanha, 1913. Disponível em: http://www.fondazioneintorcetta.info/pdf/biblioteca-virtuale/documento452/Paraguay2.pdf Acesso: 05 de set. de 2023.

HEURICH, G. O. **Outras alegrias:** parentesco e festas mbya. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.

INGOLD. T. **Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia**. Revista Educação. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

ISA. **Demarcações.** Instituto Socioambiental. 2024. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Demarca%C3%A7%C3%B5es Acesso: 19 de fevereiro de 2024

ISA. **Línguas**. Instituto Socioambiental. 2023. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas Acesso: 05 de julho de 2023.

IVARRA ORTIZ, R. MACHADO, A. M. **Na estrada da terra sem mal: história, memória e cosmologia**. FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.5, nº2, p. 244-261, jul.-dez., 2018.

LA LIGA. **Los guaraníes y el origen del fútbol: el 'manga ñembosarái':** La Universidad de Salamanca repasa el origen del fútbol en varios juegos de pelota que practicaban pueblos indígenas americanos. 19 de janeiro de 2017. Disponível em: https://www.laliga.com/noticias/los-guaranies-y-el-origen-del-futbol-el-manga-nembosarai Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

LA LIGA. Los guaraníes y el origen del fútbol: el 'manga ñembosarái'. 2017. Disponível em: https://www.laliga.com/noticias/los-guaranies-y-el-origen-del-futbol-el-manga-nembosarai Acesso: 18 de set. de 2023

LACOSTE, Y. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas. Editora Papirus, 17º Ed. 1988.

LADEIRA, M. I. **Espaço Geográfico Guarani-Mbya**: significado, constituição e uso. 2001. Tese de Doutorado em Geografia Humana – FFLCH/ Universidade de São Paulo - USP. Edição de Publicação. São Paulo: EDUEM / EDUSP, 2008

LADEIRA, M. I. **O caminhar sob a luz: o território mbya à beira do oceano**. 1992. 230 f. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

LE MONDE. **Et si les Guarani avaient inventé le football?**. Caderno: Football. 07 de novembro de 2014. Disponível em: https://www.lemonde.fr/football/article/2014/11/13/les-indiens-guarani-sont-ils-les-inventeurs-du-football_4523295_1616938.html Acesso: 25 de janeiro de 2024.

LEÃO. L. de A. Origem e História do Futebol no Mundo. 2017. Disponível em: https://docplayer.com.br/60646899-Origem-e-historia-do-futebol-no-mundo.html Acessado em: 23/ set./ 2021.

LIGA MBYA GUARANI DE SC. Página no Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/ligaguaranisc Acesso: 26 de janeiro de 2024.

LINTON. R. **O homem**: uma introdução à antropologia. 10 ed. Martins Fontes. São Paulo, 1976.

LOPES, J. S. L. Esporte, Emoção e Conflito Social. **Revista MANA** . V.1. N.1. Rio de Janeiro: Contra Capa, outubro de 1995.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MARTINEZ, A. N. **Parámetros de preservación del área histórica de San Ignacio Guazú.** Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA). Foz do Iguaçu, Paraná. 78 p. 2017. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/3332?show=full. Acesso: 01 de setembro de 2023.

MARTINS, M. C. B. **José Cardiel, Trajetórias de Viagens**. Revista IHGB, v. 443, p 57-86, Rio de Janeiro, 2009. Instituto Histórico e Geográfico Braseleiro. 2009. Disponível em: https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-443/item/108456-jos%C3%A9-cardiel,-trajet%C3%B3rias-de-viagem.html Acesso: 05 de set. de 2023.

MASCARENHAS. G. de J. **À geografia dos esportes. Uma Introdução.** Scripa Nova. Revista Eletrónica de Geografia u Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. 1999.

MBYA RESISTE. ***Ore Kunhangue*** (videoclipe musical). Vida sonora. Cufa-SC. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m--0o3MTswI Acesso: 25 de janeiro de 2024.

MELIÁ. B. **El Guarani**: experiencia religiosa. Asunción-Paraguay: CEADUC-CEPAG, 1991.

MEMÓRIA VIVA GUARANI. **Nhande Mbarete'i katu** (música). Nhande Arandu Pygua (álbum) - MCD, 2004. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MtjCPuoYCHY Acesso: 25 de janeiro de 2024.

MONTOYA, A. R de. ***Tesoro de la lengua guaraní***. Madrid, Espanha, 1639. Disponível em Internet Archive: https://archive.org/details/tesorodelalengua00ruiz/page/n13/mode/2up Acesso 10 de ago. de 2023.

MONTOYA, A. R de. ***Tesoro de la lengua guaraní***. Madrid. 1639. Disponível em: https://repositorio.bpm.parquedelconocimiento.com/ Acesso: 10 de ago. de 2023.

MONTOYA, A. R. de. **Vocabulario y tesoro de la lengua guarani, ó mas Bien Tupi**. Paris: Maisonneuve, 1876..

MORRO DOS CAVALOS. **Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos**: Eko-Etno-Movimento. 2021.

MOURA, G. R. **"De Vuestro Humilde Capellan": a formação do jesuíta criollo Antonio Ruiz de Montoya, S.J**. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. V, n.15,

jan/2013. ISSN 1983-2850. Disponível em http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html

MUSEU DO FUTEBOL. **Museu do Futebol de São Paulo–SP**, Brasil. Estádio do Pacaembu (Rua Charles Miller s/nº). Visitas em: setembro de 2022.

NASCIMENTO. R. **O Futebol Munduruku:** um jogo estratégico nas relações interétnicas e interculturais em Juara - MT. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Cuiabá. 2015. Disponível em: https://ludopedio.org.br/biblioteca/ Acesso em 17 de ago. de 2023.

NIMUENDAJU, C. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Hucitec,1987.

NOELLI, F. S. **As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 7-53, 1996.

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Teko**. Em busca de um modelo etnoarqueológico da Aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacui RS. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (1993).

NUNES. O. J. **Teoria da multiescalaridade do Torus-Mestre e o método para etnoplanejamento ambiental e territorial indígena**. 2022. 220 p. Tese (Doutorado em Planejamento Territorial). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. 2022.

OLIVEIRA, R. C de. **O trabalho do antropólogo**: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1996. v. 39 nº1.

OLIVEIRA. A. U. de. **A geografia das lutas no campo**. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando a Geografia). 1999.

PARAGUAY. SECRETARÍA NACIONAL DE CULTURA. Entregan película documental "Manga Ñembosarái" para el Papa Francisco. Disponível em: http://www.cultura.gov.py/2015/07/entregan-pelicula-documental-manga-nembosarai-para-el-papa-francisco/ Acesso: 01 de setembro de 2023.

PARAGUAY. SECRETARÍA NACIONAL DE CULTURA. Lanzan documental "Los guaraníes inventaron el fútbol". 19 de junho de 2014. Disponível em: http://www.cultura.gov.py/2014/06/lanzan-documental-los-guaranies-inventaron-el-futbol/ Acesso: 01 de setembro de 2023.

PARAGUAY. SECRETARÍA NACIONAL DE CULTURA. Presentan "Manga Ñembosarái", el documental que profundiza la historia entre los guaraníes y el fútbol. 01 de julho de 2015. Disponível em: http://www.cultura.gov.py/2015/07/presentan-manga-nembosarai-el-documental-que-profundiza-la-historia-entre-los-guaranies-y-el-futbol/ Acesso: 01 de setembro de 2023.

PELEJA. **O garoto indígena que enganou a fifa.** Peleja. 2021. Disponível em: https://www.peleja.com.br/articles/o-garoto-indigena-que-enganou-a-fifa Acesso: 06 de julho de 2023.

PERAMÁS. J. M. **La República de Platón y los Guaraníes**. Tradução: Francisco Fernández Pertiñez, Bartomeu Meliá. Editora: Centro Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5X5sAAAAMAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_similarbooks Acesso: 17 de out. 2023.

PEREIRA, D, L, T. **Expansão dos Tupi-Guarani pelo território brasileiro**: Correlação entre a familia linguistica e a tradição cerâmica. Tópos (UNESP. Presidente Prudente), v. 3, p. 1, 2008

PERRI, D. C. (coord.) **Projeto Mapa Guarani Digital**. Realização: Centro de Trabalhos Indigenistas (CTI), Comissão Guarani YvyRupa (CGY) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). 2024. Disponível em: https://guarani.map.as/#!/ Acesso em: 05 de janeiro de 2024.

PIERRI, D. C. **A caminho do sol**. 2018. In: GALLOIS, D. T; MACEDO, V. Nas Redes Guarani: saberes, tradições e transformações. São Paulo: Hedra. 374 p. 2018

PISSOLATO, E. **Parentesco e emoções**. In: GALLOIS, D. T; MACEDO, V. Nas Redes Guarani: saberes, tradições e transformações. São Paulo: Hedra. 374 p. 2018

PORTAL R7. **Filme mostra invenção do futebol pelos guaranis; diretor tenta convencer Fifa**. Caderno: Mais Esporte. 13 de janeiro de 2015. Disponível em: https://esportes.r7.com/mais-esportes/filme-mostra-invencao-do-futebol-pelos-guaranis-diretor-tenta-convencer-fifa-13012015 Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

POUPAT. B. Les Guaranis ont-ils inventé le football?. **Le Temps**. Genebra, Suíça. 06 de janeiro de 2020. Disponível em: https://www.letemps.ch/sport/football/guaranis-ontils-invente-football Acesso: 01 de setembro de 2023.

QUEZADA, S. E. C. **A terra de Nhanderu:** organização sociopolítica e processo de ocupação territorial dos Mbyá-Guarani em Santa Catarina, Brasil. 164 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMIREZ, H. Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 2, n. 2, 2010.

RAMO Y AFFONSO, A. M.; LADEIRA, M. I. (Org.) . **Guata Porã - Belo Caminhar**. 1. ed. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2015. v. 1000. 96 p.19

RAPOSO, P. *Manga ñembosarái*: os guaranis inventaram o futebol. **Latinoamérica21**. 11 de março de 2021. Disponível em: https://latinoamerica21.com/br/manga-nembosarai-os-guaranis-inventaram-o-futebol/ Acesso em: 01 de setembro de 2023.

RAPOSO, P. Paraguai reivindica a paternidade do futebol. **Folha de São Paulo**. 12 de março

de 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/latinoamerica21/2021/03/paraguai-reivindica-a-paternidade-do-futebol.shtml Acesso em: 01 de setembro de 2023.

REBELO. A. **Palmeiras X Corinthians 1945: O jogo vermelho.** 1ª Edição. Editora Unesp. São Paulo. 2010.

ROCHA FERREIRA, M. B. et al. Jogos tradicionais indígenas. In: COSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 35-36.

RODRIGUES, L. B. **A prática do futebol entre indígenas de Dourados - MS**. 2014. 112 p. Dissertação (Mestrado em Historia) Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2014.

ROFFO, J. ¿Y si los guaraníes inventaron el fútbol? **CLARÍN**. Cultura. 09 de setembro de 2014. Disponível em: https://www.clarin.com/cultura/futbol-guarani-paraguay-inglaterra_0_SyU56Fqw7x.html Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

ROMANATO, G. ***Del calcio inventarano anche le scommesse***. *L'Osservatore Romano*. Vaticano. 19-20 de jul. de 2010b. p.5.

ROMANATO, G. ***Quando i guaraní inventarano il calcio***. *L'Osservatore Romano*. Vaticano. 11 de jul. de 2010a. p. 5.

ROULET, F. **La resistencia de los Guarani del Paraguay a la conquista española** (1537-1556). Argentina: Editorial Universitaria, 1993.

SANTA CATARINA. **Nota de falecimento - Professor indígena Adão Antunes Karaí Tataendy**. Portal Secretaria de Educação, 2015. Disponível em: https://www.sed.sc.gov.br/secretaria/imprensa/noticias/26604-ascomsed Acesso em: 02 de maio de 2023.

SANTOS, N. M. dos. **O brincar na natureza é uma aventura para as populações Guarani do Paraná?**. Universidade Estadual de Maringá (UEM). 2010. 9 p. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127757/O-BRINCAR-NA-NATUREZA.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso: 06 de setembro de 2021.

SÁ-SILA, J; ALMEIDA, C. D; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009. Disponível em: https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351 Acesso: 08 de Ago. de 2023.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 1974. SCHMIDEL, Ulrich. Voyaje Curieux au Rio de La Plata (1534-1554). Paris: UNESCO, 1998.

SETTI, K.. **Os índios Guarani-Mbya do Brasil**: notas sobre sua história, cultura e sistema musical. In: OVERATH, Johannes (Ed.). Musices aptatio jahrbuch 1994/95/liberannuarius. Colonia: Luthe, [1995].

SHIVA, V. **Monoculturas da mente.** Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Editora: Global. 240 p. 2003.

SILVA. A. **O grafismo e significados do artesanato da comunidade Guarani da Linha Gengibre**: desenhos na cestaria. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (Departamento de História) - Unversidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. 2015. 31 p.

SMINK, V. ¿Quién inventó el fútbol: los ingleses o los guaraníes?. In: **BBC NEWS MUNDO**. 29 de agosto de 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias/2014/08/140827_deportes_futbol_guarani_vs Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

SOARES, A. A. **Ritual Tikuna e o corpo-aproximações com o desporto.** 1a. ed. Porto-Portugal: Editora da Fac. de Ciências do Desporto e Educação Física, 2004. v. 1. 108p .

SOUZA. I de. **Nhamandu: histórias e narrativas Guarani.** Monografia (Trabalho de conclusão de curso) Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2020, 61 p. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/7494 Acesso 15 de out. 2023.

SUSNIK, B. **Cultura material**. In: Los Aborigenes del Paraguay. Asunción: Museo Etnografico Andres Barbero, 1982. t. 4.

SUSNIK, B. **El indio colonial del Paraguay**: el Guarani colonial. Asunción: Museo Etnografico Andres Barbero, 1965.

SUSNIK, B. Los aborígenes del Paraguay In: **Etnohistória de los guaraníes, época colonial**. Assunción: Museu etnográfico Andrés Barbero, 1980.

THIOLLENT, M. – **Metodologia da Pesquisa–Ação.** 1947, 17°ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TIMÓTEO ARA'I. G. M. **Kunhangue arandu rekó, tá'anga re a'egui nhembopara: sabedoria dos ciclos de vida das mulheres Guarani em pinturas e palavras.** Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 55 p. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204678 Acesso em: 31 de maio de 2023.

TORREALBA, Elvis E. Ramírez. **Una aproximación histórica al desarrollo de la Educación Física en la América Prehispánica**. Editorial Universidad de Concepción, p. 116, 2012.

TUPÃ, M dos S.. **Aguyjevete pra quem luta**. 2018. In: GALLOIS, D. T; MACEDO, V. Nas Redes Guarani: saberes, tradições e transformações. São Paulo: Hedra. 374 p. 2018.

VIANNA. F. de L. Brito. **Boleiros do Cerrado:** índios xavantes e o futebol. São Paulo. Annablume/Fapesp. 2008.

WHITAKER, D. C. A. **Análise das entrevistas em pesquisas com histórias de vida**. Caderno CERU. Série 2, n. 11, 2000. Disponível em:

https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75078 Acesso: 12 de out. de 2023.

WHITAKER, D. C. A. et al. **Transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura?**, 1996. In: WHITAKER, D. C. A. Análise das entrevistas em pesquisas com histórias de vida. Caderno CERU. Série 2, n. 11, 2000. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75078 Acesso: 12 de out. de 2023.

YBAÑEZ. M. **Manga Ñembosarái**: Los Guaraníes inentaron el fútbol - parte II. San Ignacio Guazú. Secretaría Nacional de Cultura - Republica del Paraguay, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IWDkuL3rSMQ Acesso: 18 de set. de 2023.

YBAÑEZ. M. **Los Guaraníes Inventaron el Fútbol**. San Ignacio Guazú. Secretaría Nacional de Cultura - Republica del Paraguay, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NtjJ-qXrqlQ Acessado em: 20 de set. de 2021. (10 min).

ZECA PAGODINHO. **Deixa a vida me levar** (música). Álbum: Deixa a vida me levar (53 min). 2002.